

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23191

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEXTA-FEIRA 2 MARÇO 90 60\$00

EDITORIAL

A técnica do golpe de rins

Em Dezembro, Eurico de Melo bateu com a porta - e levou Cavaco a remodelar. «Mais depressa», disse este. «Precipitadamente», disseram os restantes.

Em causa estavam ... os militares: remunerações, nomeações, mal-estar.

O Presidente da República ouviu os militares, ouviu o primeiro-ministro, terá conciliado um com os outros - e salvo a face mais a Cavaco que aos militares.

Mas se Eurico de Melo, ao demitir-se quando obrigado a dar o dito por não dito, agiu, em termos castrenses, «como um homem», o seu substituto cedo revelou não ter o perfil indicado para o cargo.

«Passámos a ser chefiados por um sargento», dizia-se nos quartéis, onde as questões de hierarquia nunca perderam importância. Ao lamentar, «se se confirmasse», a saída de Eurico de Melo, quando, como se tornaria evidente mais tarde, não poderia deixar de já a saber, Brito revelou falta de frontalidade - uma qualidade de que os militares gostam de reclamar-se. Ao ceder à depressão, coisa aceitável em qualquer civil, não se mostrou à altura de uma chefia militar. Ao escusar-se a um debate sobre defesa e segurança na Europa, deu provas de «falta de visão».

O primeiro-ministro cederá aos militares, mas não o suficiente. A Força Aérea vivia o mais grave clima de indisciplina jamais chegado ao conhecimento do cidadão comum. O ministro da Defesa, incapaz, era em si mesmo um insulto à dignidade militar. Falou-se de novo em reuniões castrenses, imediatamente desmentidas. Apontou-se, como data, o dia 3 de Março.

No dia 1, o primeiro-ministro exonera, por motivos de saúde, Carlos Brito - e põe na Defesa o homem forte do Governo. «Um homem de visão», como admitem alguns generais. «Um amigo do Príncipe».

Em desporto, dir-se-ia talvez: Militares-2, Primeiro-ministro-0. Nas relações militares-Governo, outra fonte poderá fornecer nome mais apropriado: da técnica do golpe de Estado passámos à técnica do golpe de rins.

Diana Andringa

Segunda remodelação em dois meses

Nogueira é a defesa de Cavaco

Ao transitar da pasta da Justiça para a Defesa, Fernando Nogueira, o «delfim» de Cavaco Silva, fez jus ao nome: sem poder esperar mais pela recuperação de Carlos Brito, o primeiro-ministro nomeou quem tinha mais à mão. Esta é, pelo menos, a opinião dos partidos de oposição e de analistas políticos que o DL contactou.

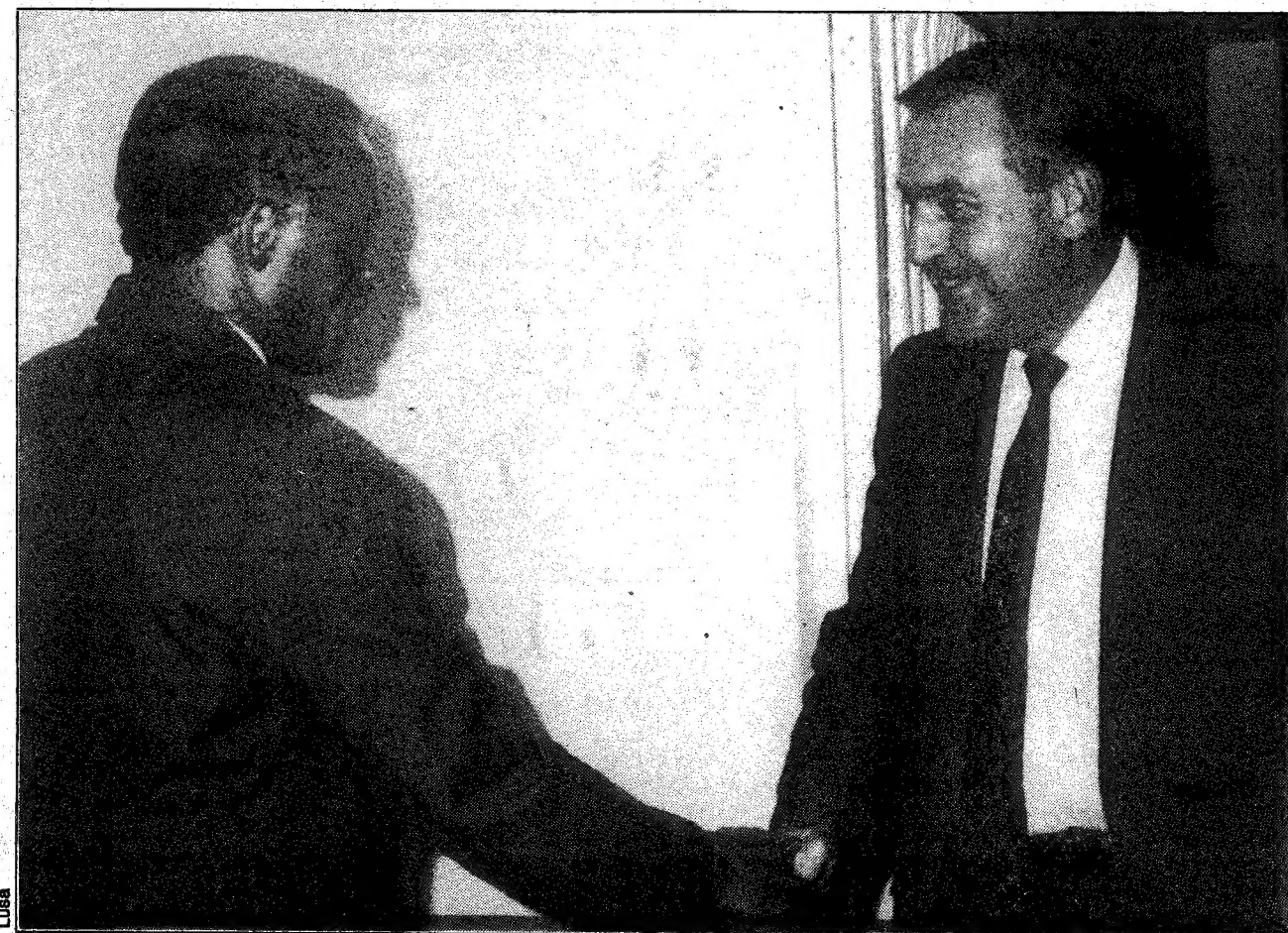
«O Governo já só consegue remodelar-se dentro de si próprio», disse Freitas do Amaral ao DL. Jorge Sampaio disse que, ao ter de remodelar de novo, o primeiro-ministro demonstrou que a alteração feita há dois meses, esgotou, em tão pouco tempo, a sua eficácia política. Mais duro, Vasco Pulido Valente chama a

Nogueira o «ministro-bombeiro» e Nuno Brederode Santos diz que esta foi a última remodelação de Cavaco já que a próxima «será feita pelo eleitorado».

Mas a ascensão de Fernando Nogueira já tinha sido confirmada na remodelação de Janeiro, com a nomeação de ministros da sua área de influência. Próximo

de Cavaco Silva desde o congresso da Figueira da Foz, presidia às reuniões semanais de secretários de Estado, onde se prepara a actividade legislativa. A escolha para a Defesa tem consistência, segundo fontes governamentais também contactadas pelo DL, pois conhece bem os «dossiers» deste ramo.

Págs. 2 e 3



A longa marcha dos críticos

INES dá mais um passo

O Instituto de Estudos Sociais (INES) elege amanhã a primeira direcção e tenta contemplar todas as tendências: Veiga de Oliveira, Raimundo Narciso, Fernando Loureiro e Manuel Lopes são alguns dos nomes propostos, enquanto Vital Moreira, José Luís Judas, Barros Moura, José Magalhães e José Saramago foram remetidos para cargos mais discretos e ficam no conselho geral.

Dizem os organizadores que assim querem evitar que os comunistas (mesmo críticos) dominem o novo organismo, e dissipar a ideia de que se pretende formar um grupo de pressão dentro do PCP. Págs. 16 e 17

Luanda e Pretória apertam as mãos

A África do Sul poderá vir a desempenhar o papel de medianeira no conflito que opõe as autoridades angolanas à UNITA. Esta hipótese é o resultado da visita-relâmpago que o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof 'Pik' Botha, efectuou ontem a Luanda, onde se reuniu com Eduardo dos Santos (que o cumprimenta, na foto) e o seu homólogo, Van-Dunen. À proposta angolana para uma cooperação trilateral (Pretória, Luanda, Windhoek), 'Pik' Botha respondeu que ela só será possível com a eliminação dos focos de tensão existentes na região. O ministro sul-africano disse ainda que o sistema de partido único terá de ser eliminado em Angola. Entretanto Luanda anunciou, para o próximo Congresso do MPLA, importantes alterações, entre as quais a criação do cargo de primeiro-ministro. Pág. 9

Skins sob suspeita

Assalto com fogo posto a uma escola do Barreiro

Pela segunda vez em duas semanas, a Escola Secundária do Barreiro foi assaltada, pela calada da noite, e alvo de fogo posto. A sala dos professores sofreu prejuízos sérios provocados pelas chamas que foram combatidas por duas corporações de bombeiros. Nas paredes,

os intrusos deixaram inscrições intimidatórias: «Morte aos pretos» e «Tenham cuidado, nós voltamos». Segundo alguns professores, a repetição sistemática deste tipo de acções e as ameaças que têm por objectivo afastar os alunos de cor, indicam a presença de skinheads. Pág. 12



Victoria de Los Angeles aplaudida de pé em S. Carlos

Pág. 21

Miró: visita guiada pelo DL à Casa de Serralves

Pág. 20

Camião-bomba: foram violadas todas as leis

Pág. 14

Caso Taveira: julgamento começa na quarta-feira

Pág. 13

Política de A a Z

Pág. 6

Lotaria Nacional

1.º 62 531 2.º 53 084 3.º 64 461

A Mosca pica em suplemento

Cavaco esperou pela recuperação de Carlos Brito e quando viu que nada havia a fazer escolheu um «homem de diálogo» para a pasta da Defesa. Esta é a visão optimista da remodelação, mas para os partidos da oposição o primeiro-ministro «baralhou e tornou a dar», por falta de alternativas

Fraqueza psicológica de Carlos Brito traiu Cavaco Silva



Freitas do Amaral: «Governo só se remodela dentro de si próprio»



Jorge Sampaio: A alteração feita há um mês «já esgotou a sua eficácia»

Oposição quase unânime

«Mexida» revela crise do Governo

Crise. Falhanço. Duas palavras-chave nos comentários da oposição à remodelação governamental. A actual «mexida» é analisada em relação directa com a anterior - em termos políticos e até pessoais - consoante as forças partidárias.

«Não estando em causa as pessoas, esta remodelação demonstra que a operada há pouco mais de um mês de esgotou na sua eficácia política. É ditada pela força das circunstâncias, tal como a anterior». Esta a reacção de Jorge Sampaio, contactado ontem à noite pelo «DL».

O secretário-geral do Partido Socialista fez questão de avançar uma apreciação de carácter pessoal - à sua consideração por Carlos Brito, na situação em que se encontra. «A política deve comportar o apreço pelas atitudes que decorrem de situações pessoais vividas com dificuldade», sublinhou.

As declarações de Sampaio foram produzidas num momento em que era já do conhecimento público a reacção oficial do PS aos acontecimentos. Marques da Costa, porta-voz oficial, aludiu também, ao «bruto falhanço» das escolhas feitas em Janeiro por Cavaco Silva. «Não se compreende - concluiu - que face à complexa conjuntura internacional no âmbito da defesa, o ministro estivesse incapacitado de exercer funções».

CDS comenta actuação de Nogueira

Para os centristas, os acontecimentos revelam fundamentalmente a crise que o Executivo atravessa. Freitas do Amaral afirmou ao nosso jornal que, afectado por tal crise, o Governo «já só se consegue remodelar dentro de si próprio». O líder do CDS avança, no entanto, uma dura apreciação a respeito do comportamento político de Fernando Nogueira. Freitas espera que não seja «tão mau ministro» da Defesa como foi da Justiça. «Deixou-a num caos. Toda a gente sabe que há uma crise grave na Justiça. Era bom que não

houvesse também uma na Defesa».

Também o PCP usa o termo «falhanço» para caracterizar as alterações introduzidas no elenco governamental. Em nota do gabinete de Imprensa divulgada pela agência Lusa, o partido considera falhada a tentativa de «conseguir um novo fôlego, através da anterior atribulada remodelação, altura em que, irresponsavelmente, foram nomeadas para cargos ministeriais pessoas sem condições».

Os comunistas afirmam, por outro lado, que a remodelação confirma as «sérias dificuldades» do Governo e indicia «mais acentuadas dificuldades futuras».

Muito menos crítico se revelou o PRD. Os renovadores recordaram que, aquando da anterior remodelação, a consideraram «precipitada», o que agora se confirma. Porém, Carlos Beato, secretário-geral, observou que «pelas provas dadas Fernando Nogueira tem todas as condições para assegurar um bom desempenho das suas funções, numa área tão sensível como é a defesa nacional».

Centrais sindicais: que segurança na Defesa?

As centrais sindicais tomaram posições quase opostas, sobretudo quanto à avaliação do desempenho de Nogueira na pasta da Defesa. Enquanto a CGTP, pela voz de Manuel Lopes, considera que a remodelação mostra que «não existe a grande segurança com que o Governo, durante algum tempo, pretendia iludir o País», Rui Santos Alves, da UGT, achou a nomeação de Fernando Nogueira, «uma escolha que permite às Forças Armadas manterem um grau elevado de estabilidade». Santos Alves congratulou-se, por outro lado, com a indigitação de Laborinho Lúcio para a pasta da Justiça. O dirigente sindical sublinhou que se trata de «um dos membros do Governo que sempre teve uma posição de abertura ao diálogo».

Lusa/«DL»

Cavaco Silva empreendeu ontem a nona remodelação do seu Governo e a segunda no curto espaço de dois meses. Em Janeiro, Fernando Nogueira surgiu como o delfim escolhido pelo primeiro-ministro, ontem repôs o número dois da hierarquia governamental na tutela das Forças Armadas. Eram cerca de 18 e 30 quando o Gabinete de S. Bento revelava que Carlos Brito, o ministro da Defesa Nacional, tinha pedido a demissão «por motivos de saúde». Para o substituir surgia Fernando Nogueira que assim abandonava a pasta da Justiça para se assumir como ministro da Defesa e da Presidência. O titular da Justiça passou a ser Laborinho Lúcio, o homem que Nogueira conquistou há dois meses para secretário de Estado da Administração

Judiciária. Em simultâneo, o primeiro-ministro confirmava a manutenção em funções do secretário de Estado da Defesa, Eugénio Ramos, e do secretário de Estado Adjunto da Justiça, Borges Soeiro.

Durante a manhã Cavaco Silva presidiu ao Conselho de Ministros, mas nada comunicou aos presentes. A decisão e o timing couberam-lhe por inteiro, tendo dado conhecimento prévio apenas a Fernando Nogueira e a Marques Mendes, os dois membros mais influentes do Executivo.

O reforço de Nogueira

A ascensão de Nogueira tinha já sido confirmada na remodelação de Janeiro com a nomeação de ministros da sua área de influência. É um «homem da primeira hora» desde a eleição de Cavaco

Silva no Congresso da Figueira da Foz. Cavaco Silva aprecia-lhe a lealdade, a facilidade de diálogo e o trabalho empreendido na última revisão constitucional - confidenciava ontem ao DL um colaborador do primeiro-ministro. Fernando Nogueira preside às reuniões semanais de secretários de Estado, onde se prepara toda a actividade legislativa do Governo. Conhece bem os *dossiers* da Defesa e tem uma preparação político-jurídica que o colocam em condições privilegiadas para assumir este pelouro - assegurou a mesma fonte. A solução encontrada permite também melhorar a imagem do Executivo na área da justiça, alvo de grande polémica com a introdução de algumas reformas no sistema judiciário. Laborinho

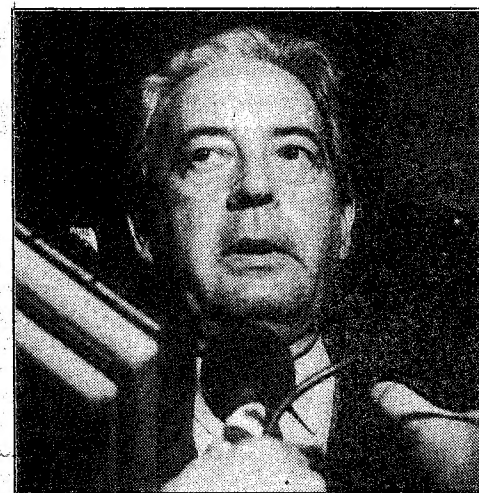
Eurico de Melo: o primeiro a saber

Eurico de Melo foi o primeiro elemento do PSD alheio à área do Governo a saber da nova remodelação. O antigo ministro da Defesa almoçou, ontem, com o ministro demitido o qual, quando aceitou substituí-lo há um mês, «não sabia» que Eurico deixaria o Executivo.

«Um acto de honestidade moral», eis como Eurico de Melo classificou o facto de Carlos Brito ter aceitado suceder-lhe, salientando o facto de se encontrar «bastante deprimido» com os resultados das autárquicas, ter sido indicado para uma pasta que desconhecia, sentir-se isolado na capital (a viver num forte militar, sem a família) e ter estranhado a mudança para Lisboa. «Foram muitas coisas juntas», acrescentou Eurico de Melo.

A nomeação de Fernando Nogueira demonstra, na óptica de Eurico de Melo, que o PSD «tem várias pessoas com capacidade» para o lugar.

Membro da Comissão Parlamentar de Defesa em representação do partido do Governo, Pacheco Pereira considerou inevitável a substituição de Carlos Brito, visto



Eurico de Melo: PSD tem soluções

tratar-se de «um problema de doença».

Na opinião daquele deputado estava-se perante uma situação que não podia ser protelada, porque a Defesa Nacional é uma área que Fernando Nogueira tem acompanhado de perto, como ministro de Estado.

J. R.

Pulido Valente: Um ministro «apaga-fogos»

Uma remodelação sem força, sem coragem e sem imaginação. Esta é a ideia base de vários comentários recolhidos pelo DL relativamente às alterações verificadas ontem no Governo. Segundo Vasco Pulido Valente, ficou provado que Fernando Nogueira é «o ministro apaga-fogos, o ministro bombeiro» de Cavaco Silva. No entender de Medeiros Ferreira, o antigo responsável pela pasta da Justiça foi parar à Defesa «como um remendo ditado por uma infeliz escolha anterior», enquanto para Nuno Brederode Santos o que se passou ontem não foi sequer

uma remodelação pois «a próxima terá que ser o eleitorado a fazê-la».

«É significativo, pela inteligência do dr. Cavaco, que que ele tenha feito uma remodelação tão planeada, tão meditada, tão longamente esperada e que ao fim de menos de três meses já não tenha politicamente um ministro e um secretário de Estado - Fernando Nogueira e Pedro Santana Lopes - e um ministro realmente, Fernando Real», considera Pulido Valente.

Para Medeiros Ferreira, o chefe do Executivo «podia ter dado a esta remodelação

no Ministério da Defesa uma resposta de estadista e limitou-se a dar uma modesta resposta de chefe de partido, optando pela sugestão de querer gerir a ordem unida».

A interpretação de Brederode Santos é de que esta remodelação «é um puxão de orelhas do primeiro-ministro a Cavaco Silva para que este não torne a usar os poderes daquele para resolver questões internas do PSD». Este comentador político vai, aliás, mais longe, concluindo: «É visível que as relações entre Cavaco e o chefe do Governo estão cada vez mais tensas».

D. S.

GRANDE ANGULAR



Cavaco traído pela debilidade do homem que escolheu

Lúcio goza de um prestígio consensual e pode ser um bom mediador para garantir a continuação das reformas. A juntar a isto, refira-se que a sua meteórica promoção significa o reforço do sector liderado por Nogueira.

Um erro de cálculo

Dois meses foram suficientes para Cavaco concluir que a escolha de Carlos Brito tinha redundado num significativo erro de cálculo. Ao escolher o derrotado das eleições autárquicas no Porto, o líder do PSD preocupou-se em escolher um vice-presidente do partido. Tinha mais duas hipóteses: Correia Afonso ou Fernando Nogueira. Preferiu Brito porque, tal como Eurico de Melo, é uma «figura do Norte» e - asseguram-nos algumas fontes governamentais - Cavaco Silva queria continuar a ter um homem nortenho no Executivo. Brito tinha um perfil «discreto» e, segundo as

mesmas fontes, «as Forças Armadas precisavam de mais gestão e menos política». Aos olhos de Cavaco Silva parecia uma boa escolha. Não contava é que a fraqueza psicológica do novo ministro tivesse a dimensão que veio a revelar, nem que a hierarquia das Forças Armadas se sentisse desconsiderada por deixar de ter a tutela de um número dois do Governo. Carlos Brito chegou à Defesa num momento em que algumas questões «quentes» agitavam o meio castrense. Os novos vencimentos e a situação dos pilotos da Força

Aérea foram algumas das matérias a que não soube responder.

Vítima de esgotamento nervoso, Brito retirou-se para o Forte de S. Julião da Barra, tentando recuperar. Cavaco Silva ainda esperou que a recuperação fosse rápida. Tal não aconteceu. «As dificuldades nas Forças Armadas estavam a acentuar-se» - disse ao DL uma fonte do Gabinete do primeiro-ministro. E uma imagem de fraqueza estava a invadir esta área estratégica da política governamental. Não havia tempo a perder e Cavaco repôs o número dois

do Executivo, que já era Fernando Nogueira, na pasta da Defesa. A partir de agora o Norte do País perdeu uma figura de destaque na Administração. Montalvão Machado é o único que resta em lugar de relevo parlamentar. A posse dos novos responsáveis pela Defesa e pela Justiça tem lugar na manhã de segunda-feira. Foi isso que Cavaco Silva acordou ontem com Mário Soares, quando lhe deu conhecimento de mais uma remodelação. A próxima poderá ser a dos governadores civis.

António José Teixeira

Fernando Nogueira: político entre tecnocratas

Se havia quem duvidasse da proeminência do ministro da Presidência Fernando Nogueira no actual Governo, essas dúvidas ter-se-ão ontem dissipado com a indigitação dele para o exercício cumulativo da pasta da Defesa, cargo delicado que passa de mãos pela terceira vez em dois meses, depois de ter sido desempenhado pelo segundo mais importante membro do gabinete de Cavaco Silva, o chamado super-ministro Eurico de Melo.

Esta indigitação não pode efectivamente deixar de ser encarada como mais um passo na por ora sempre ascensional carreira política deste homem de 40 anos, que só começou a ter notoriedade há sete, quando foi secretário de Estado do Bloco Central.

Joaquim Fernando Nogueira, de seu nome completo, nasceu em Matosinhos em 26 de Março de 1950, é casado e pai de quatro filhos. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, exerceu aí funções docentes, como assistente, e foi membro de conselhos directivos.

Eleito vice-presidente da comissão política nacional do PSD no congresso da Figueira da Foz, em que Cavaco Silva passou a ocupar a presidência do partido, foi escolhido pelo novo líder, depois da vitória social-democrata nas legislativas antecipadas de Julho de 87, para ministro-adjunto e para os Assuntos Parlamentares. Já então, a sua figura foi apontada como a do político num elenco de tecnocratas.

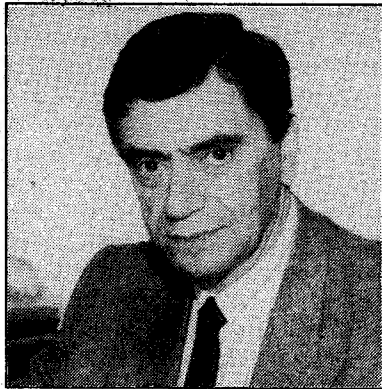
Cumulativamente, assume em Junho de 1988 os cargos de ministro-adjunto da Presidência e de ministro da Justiça, arvorando-se, por outro lado, em principal negociador do acordo de revisão constitucional entre o seu partido e os socialistas.

Tido por pessoa afável, simpática e com jeito para a negociação, Fernando Nogueira deverá contudo a uma personalidade forte e afirmativa, segundo quem o conhece de perto, esta escolha para o cargo que o vice-presidente do PSD Carlos Brito tão fugazmente ocupou, após a remodelação ministerial de Janeiro.

Interrogado certa feita sobre o segredo da sua ascensão política, Fernando Nogueira retirou dela qualquer mistério, dizendo que decorria, apenas, de «uma postura, da opção e gosto de servir a causa pública e ser útil aos outros».

Familiares recordam-no como «um menino muito bem comportado», cujas disciplinas preferidas eram a história, a matemática e a geografia, e definem-no hoje como um amante da natureza, sobretudo do mar e da montanha, pouco inclinado para a vida mundana, e um apreciador da cozinha tradicional portuguesa.

Redacção DL / Lusa



Laborinho Lúcio: simpático à esquerda

Cavaco Silva escolheu para substituir Fernando Nogueira o elemento do seu gabinete com maior conotação progressista ou, pelo menos, com mais simpatias junto da esquerda: Álvaro Laborinho Lúcio, desde 9 de Janeiro passado, secretário de Estado da Administração Judiciária. Nascido em 1942 na Nazaré, Laborinho Lúcio licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, onde completou também o curso complementar de Ciências Jurídicas. Director da Escola da Polícia Judiciária, delegado da Sociedade Internacional de Criminologia e presidente da Assembleia Geral da Associação Portuguesa para o Direito de Mnores e Família, foi como director do Centro de Estudos Judiciários, cargo que desempenhou entre 1980 e 1989, cumulativamente com o de adjunto de Procurador da República, que o novo ministro mais se distinguiu.

Nesses dez anos, Laborinho Lúcio desempenhou um papel reconhecidamente inovador na formação de magistrados, quer pelos métodos utilizados durante o estágio, quer pela componente humanista dos programas ministrados.

Redacção «DL» / Lusa

O preço da jactância

No princípio de Janeiro, Cavaco Silva remodelou o Governo. Em entrevista à RTP e, posteriormente, ao «Expresso», gabou-se da rapidez com que conseguira executar alterações que, estando previstas, foram aceleradas pela inesperada demissão de Eurico de Melo. Nessa altura, com alguma arrogância, Cavaco garantiu não ter recebido nenhuma recusa e ter encontrado as pessoas que pretendia, fazendo silêncio sobre as muitas críticas que recebeu pela nomeação de Carlos Brito para a pasta da Defesa, até então ocupada pelo número dois do Governo (Eurico de Melo era vice-primeiro-ministro, recorde-se). Carlos Brito não só não tinha a categoria institucional de Eurico de Melo como se lhe desconheciam curriculum adequado ao lugar. De Carlos Brito sabia-se, sobretudo, ter acabado de ser derrotado na Câmara do Porto sem qualquer honra para o partido, conheciam-se divergências com dirigentes nortenhos do partido e, em verdade, nada que abonasse a sua ascensão política, não servindo de justificativo o facto de ser vice-presidente do PSD.

Empossado, Brito deparou com um mar de problemas. Não resolveu um só. Mário Soares interveio decisivamente, recorde-se, na questão do estatuto dos militares, problema que nem o inexperiente ministro nem o irredutível primeiro-ministro conseguiam sanar. Com a Força Aérea surgiram os problemas que levaram, agora, à desactivação dos Asas de Portugal. Do ministro, nem novas nem mandados, a não ser notícias esparsas que o davam ou como doente, ou como centro de conflito com o PSD da sua terra, ou até, impiedosamente, como um homem desde sempre conhecido por ser incapaz de tomar decisões. Nos salões dos quartéis, os generais viviam sem ministro, o que, não sendo vital para a boa condução dos assuntos de Defesa era, obviamente, desprestigiante.

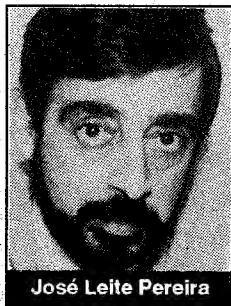
E foi assim que um primeiro-ministro avesso a remodelações se viu obrigado a, dois meses depois, invocando a saúde do ministro, proceder a nova alteração.

A questão é que sendo certo que o decreto de exoneração mencionará para a História a frágil saúde do ministro agora afastado, o imediato da vida política assinala que o primeiro-ministro se enganou ao proceder à primeira nomeação. Falhou porque escolheu o homem errado, errou porque pôs na Defesa um ministro que não era o número dois da hierarquia governamental (o que agora corrigiu nomeando Fernando Nogueira) e errou ainda porque, como se vê, em Janeiro remodelou sob a pressão da demissão de Eurico de Melo e não em obediência a prazos há muito definidos.

A passagem de Fernando Nogueira para a Defesa permitirá ao Governo recuperar algum caminho: politicamente, Nogueira tem a experiência que faltava a Brito e um prestígio, pessoal e institucional, que as Forças Armadas apreciarão, a menos que a sua intervenção seja mais política do que técnica, o que a verificar-se desagradará aos militares e muito mais ainda a Dias Loureiro e ao seu grupo para quem esta ascensão de Nogueira é um duro revés. E se é verdade que a política, os resultados políticos, dependem dos programas, não é menos verdadeiro que um bom ministro pode fazer um bom lugar. Numa ocasião em que na Europa, e por força dos acontecimentos do Leste, tudo está em discussão, nomeadamente no campo da Defesa, Fernando Nogueira tem condições para desempenhar um papel firme nos aerópagos internacionais, onde até hoje as crónicas não rezaram uma única ideia, uma única frase do ex-ministro Brito.

A alteração permitiu ainda a Cavaco Silva elevar Laborinho Lúcio a ministro. O até agora secretário de Estado tem um perfil e um prestígio junto dos magistrados que, à partida, são uma boa garantia.

Mas se, aparentemente, Cavaco fez, desta feita, uma boa escolha, o que ressalta desta remodelação é o erro inicialmente cometido. Cadilhe e Beleza demoraram a cair apesar de, durante largo tempo, terem prejudicado a imagem do Governo. Essa lição, Cavaco parece ter aprendido, ainda que possa afirmar em sua defesa haver grande diferença entre um homem doente e um político queimado pela Opinião Pública. Para o primeiro-ministro fica no entanto o ónus de, durante dois meses, ter mantido um ministro cujo valor e eficácia foram iguais a zero.



José Leite Pereira

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção:
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Braderode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Mariana Tadeu, Mariana Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandeira

Gráficas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção:
Maria Eduarda Soutello
Secretária de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade:
Luís Valadas

Gestor de Informática:
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

A VIRTUOSA

Lucie, a virtuosa. Lembra-se dela? Entreparece, apetecível como uma cascata no Verão, numa das cartas de Fradique. Mulheres, só as francesas! - decretava, escuro e dúbido, o pobre do Mendibál, exaltando a escoreiteza, a pulcritude, os inumeráveis merecimentos da consorte, enquanto nos braços embalava um ramoludíbrio de flores odorosas. De camélias, adulteremos. Não o tocavam as gelhas de estupefacção na testa dos companheiros. Nem o fremir do silêncio expectante, orvalhado de volúpia, que emergia nos sobressaltos da conversa. O destino é, por vezes, cruel para os inocentes e os sátiros. No instante mesmo dos grandes derriços proclamatórios, a *cousa amada* busca alhures *amador* com mais poderoso dote...

Que a pátria de Villon continua iluminando mundos ninguém ignora. Talvez por isso, quando se curou de inumar constitucionalmente o Conselho de Comunicação Social - parte de um conúbio moroso e obscuro -, alguém pôs faro no vento e foi às margens do Sena alumbrar-se com o esplendor de uma Alta Autoridade ornada de viço e pudicícia. Enamoramento e paixão não excluem, sabe-se, humanos equívocos, nem, nos agentes perversos, jogos de miúda natureza dissimulatória. Pelo caminho, apagou-se o rosto dos entes mal queridos, com cláusula resolutoria a termo, e, assim, o Conselho de Imprensa, cuja lembrança mordia no fígado, acabou exposto às feras ou coagido a murchar sem glória.

Figurante de painéis oníricos, promovendo expectativas ou, num limiar comedido, auspícios a haver, a eleita fez enlevar o discurso de cônjuges, prosélitos e herdeiros que, em sucessivos arroubos, lhe rosaram o de vir. Puro e ledó engano, como então se advertiu. Na voz rija de uns, no rumor corrosivo ou oblíquo de outros, cedo se disse, ao ouvido relapso do nubente iludido e do compassivo, que o Chambray espadaúdo e forte recorria, na antecâmara, o corpo cantado da adúltera, dele se servindo sem grandeza nem escrúpulo. «Detracção! Vil calúnia! Raiva exacerbada de quem, não sendo partícipe de fruições animosas, se fecha no reduto da má fé!» - bradou-se, em réplica.

Chegados à estação do ensejar dos frutos, explodem as evidências: a louvada, afinal, porque volúvel e incontinente, ganhara o repúdio dos compatriotas, revelando-se espécime em segunda ou terceira mão, e achava-se, de facto, à inteira mercê das apetências libidinosas de um concorrente libidinoso. Intenda-se, na consequência e num golpe de asa rasante, salvar-lhe a imagem: esbatendo ângulos venais e tonalidades encardidas; restaurando quanto possível a robustez desejada; introduzindo factores de credi-

bilização ética. De modo imperfeito, apesar de voluntarioso (como é uso escrever-se, em português gafado, de certos queixos)...

Fábula à vista, eis o retrato em torno da criação da tão célebre Alta Autoridade. O Governo, insaciável no apetite pelo controlo férreo dos órgãos da Administração Pública e seus similares, vai-se à matriz originária, envoca o pacto lavrado com o PS aquando da reforma da Lei Fundamental do País, aperta a malha e, contadas as cabeças que o prolongam, reclama, angélico, o direito de cooptar os quatro cidadãos a quem incumbirá a representação da opinião pública, da cultura e da comunicação social. Uma aberração! - protestam as oposições. E os socialistas, deslembados do ramalhete de aromas com que se postaram (toldados de embevecimento) à espera do leito consagratório, reforçam, adjectivo flamejando na apóstrofe justa: Uma aberração *inaceitável*!

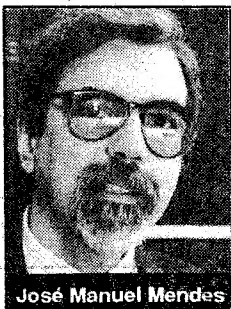
Entram em cena irrecusáveis personagens argumentativas: perverte-se a regra da maioria quando, hipertrofiada esta em si própria, se desrespeitam equilíbrios elementares do sistema; desloqueie-se a sociedade civil em toda a extensão, consignando aos sindicatos, associações e entidades colegiais de prestígio a prerrogativa de indicar os membros cuja via de designação se não acha previamente estabelecida; não se pisoteie a moral, a democracia participativa, a honorabilidade do exercício do poder; abaixo o despudor da legislação autodestinada, da partilha de limosos interesses, do embaçamento (com véus galhardos) de acordos de tordeshilhas celebrados a ocultas! E mais, e mais.

Só que, olhinho lúbrico babujando o troféu em propícia época adregado, sem o espertilho sequer de uma votação qualificada para aceder à consumação legal do vício, o PSD faz orelhas de mercador e assevera ao mundo - que, por incurável miopia, vê principiar na Buenos Aires e de pronto fenecer na Gomes Teixeira - em estilo grosso: Sim, sim, cumpriremos o nosso programa sem hesitações. O povo, que em nós confia, sufragará as levandades que nos movem, por mais depravadas e deletérias.

Nisto andamos.

E, contudo, exigir-se-ia menos descaro ou turbidez, transporte amorudo ou impudica contumácia e mais precisão, mais sério inteligir - além das imediatas contingências de um desfrute eleitoral irrepitível - dos imperativos de transparência institucional.

A Alta Autoridade que se vai indiciando, se os seus governamentalíssimos fruidores não emendarem o tosco e ignaro gesto em que persistem, será, pior do que Lucie, uma virtuosa... vergonha! Quem afagará, num tal rosário de brumas e ambiguidades, as lânguidas pétalas de um coração traído?



José Manuel Mendes

PERVERSÕES NA DEMOCRACIA (1)

OS MALEFÍCIOS DO «ESTADO LARANJA»

Por Artur Castro Neves

Comecemos pela metodologia! Que é o «Estado laranja»?

É o resultado de mais um sobressalto para-institucional do regime político: o fim do «bloco central».

De um momento em que uma comissão mista decidia a partilha dos cargos na Administração e nas Empresas Públicas, transitou-se para a nomeação destes por um Governo assente numa cómoda maioria parlamentar.

Esta transição produziu um grande mal-estar, que tem duas raízes:

Uma *accidental* - os grandes grupos económicos manifestaram, e manifestam, uma preferência persistente pelas práticas políticas do «Bloco Central» (o que é dos fenómenos mais interessantes na história do «cavaquismo», e que bem merecia uma análise politológica!);

Uma outra *essencial* - o Governo, apesar da afirmação liberal, não soube resistir à apetência carreirista pública dos quadros do partido maioritário, e permitiu que certas práticas derivadas de uma concepção agressiva de alternância se estendessem em áreas que se devem manter neutras, tal como a Comunicação Social.

A chamada e falada manipulação da informação atingiu limites de tal modo caricatos que produziu um efeito democraticamente grave: a ausência de indignação.

Quando a Imprensa transpirou, o desabafo de dirigentes da oposição ao verem chegar os repórteres da RTP, suspirando pelo aparecimento de televisões privadas, então entra-se numa das vias que designarei de perversa, na forma de encarar a liberdade - a objectividade e o pluralismo - da Informação.

Só algo parecido com o «Estado laranja» pode conduzir a uma tal atitude, porquanto as televisões privadas não parecem ser a condição desta liberdade; bem pelo contrário, um *caderno de encargos* deve impor a estas a tal objectividade e pluralismo. A garantia de uma informação livre encontra-se numa televisão pública, independente (do Governo, dos partidos, dos interesses...)

A entrega da exploração de canais de televisão a interesses privados justifica-se na medida em que os vários interesses coincidem, ou seja, que aquela exploração seja de utilidade pública. Isso não quer dizer que não seja necessário proteger a objectividade e a neutralidade da Informação. É o que demonstra a prática das democracias europeias.

A grande batalha que se adivinha em defesa do meio ambiente explica bem a necessidade deste tipo de precauções (que não são teóricas: os meios governamentais ligados à área florestal já se queixam da sua falta de meios para combater a concorrência dos interesses que se opõem a um reflorestamento racional e equilibrado, em proveito de «árvores de crescimento rápido», eufemismo para designar o eucalipto!).

As Rádios Locais

Quando tomamos conhecimento da regulamentação recente sobre as Rádios Locais, congratulamo-nos com o enunciado de medidas que nos pareciam destinadas a impedir a «nacionalização» daquelas Rádios, através de uma articulação clandestina de interesses monopolizantes nacionais e, normalmente, logo a seguir, europeus.

As Rádios Locais pareciam-nos instrumentos preciosos de descentralização, de regionalização, de Poder Local.

Qual não foi o nosso espanto, quando vimos surgir uma onda de indignação e subir um coro de protestos contra a manobra do Governo a calar a voz da liberdade e a boca da Oposição!

Ouvimos com prazer os noticiários e as reportagens ao vivo da TSF e da Rádio Nova, que tanto apreciamos pela sua qualidade e independência. Tanto mais que, confessamos, os noticiários «oficiais» (cada vez mais em mais sentidos do termo) desmoralizam a nossa curiosidade cívica pela actualidade.

Mas, igualmente, não queremos enganar-nos ao ponto de considerar que:

- a confusão crescente entre as vozes não-oficiais e as das oposições é uma perversão do «Estado laranja» e, sobretudo,
- a ganância e o medo daqueles que o praticam na Comunicação Social, são de facto factores do «mercado» que favorecem o sucesso das Rádios Locais. Parece-nos urgente desgovernamentalizar o serviço público nacional da Informação.

O que se está a passar é uma tentativa - oportuna - de camufladamente, entregar a radiodifusão local a interesses privados nacionais.

O realismo político das oposições não deveria escamotear este problema; até porque o «Estado laranja» é uma questão de alternância e a Comunicação Social uma questão permanente.

FORUM

A NÓDOA BRANCA

O resultado das eleições na Nicarágua e a morte de Sandro Pertini tudo abafaram, este fim-de-semana. Por isso, a reunião de Kinshasa foi preterida pelos que estabelecem a hierarquia da Informação nos diferentes países, designadamente Portugal. O que não retira, em nada, importância à cimeira e, muito menos, significado.

Frederik De Klerk já se havia encontrado, e reunido, com os Chefes de Estado de Moçambique, Costa do Marfim, Zaire e Zâmbia. Mas a reunião de Kinshasa, que também decorreu em pleno Carnaval, marca a primeira ocasião em que o Governo de Pretória é convidado para um encontro africano do mais alto nível. E se o convidante foi Mobutu, os outros presidentes não terão deixado de concordar com a presença da RAS como se dispuseram, eles próprios, a sentar-se à mesma mesa, o que tão formal e claramente seria impensável, seis meses atrás.

Devolvendo Mandela à liberdade, Pretória obteve a comutação de penas que a condenaram ao isolamento. Se Pretória negocia com Mandela e reconhece o Congresso Nacional Africano, organismo oficial de resistência negra na RAS, fica credenciada para um diálogo com os outros Estados africanos, os quais mantinham até agora uma formal (em muitos casos aparente) e estudada atitude de hostilidade.

Se o Mundo se comove com o que acontece no Leste Europeu, só por ignorância ou desinteresse pode deixar de compreender a diferença abissal que separa a África de Lumumba da África de Klerk.



Joaquim Letria

A jovem e esperançosa África dos anos 60, virgem de ilusões, sonhos e utopias intactas (a África da Tricontinental, de Amílcar Cabral, de Nyerere, de Lumumba), é hoje um conjunto de nações cuja forma actual atinge a média idade no meio duma opressiva perda, traumáticos choques, sufocadora incapacidade e inexistente esperança. Os sonhos voaram, como flamingos ao pôr-do-sol. Nos tempos de Lumumba era tudo mais simples. A ideologia respondia a tudo e nela se moldavam as nações que davam as primeiras braçadas depois de cortadas as amarras do colonialismo.

Nos anos 70, os Palop's tentaram apanhar o mesmo comboio na sequência da derrocada do império português. Nkrumah, Sekou Touré, Nyerere mantinham-se líderes históricos do futuro que haveria de se construir com a ajuda da URSS, o «aliado natural» dos povos em desenvolvimento, como estabelecia o movimento dos Não-Alinhados.

Olimpicamente, os afrikaners resistiram às pressões e foram uma vasta nódoa branca em tecido escuro, preparando-se para controlar o futuro, desestabilizando cada dia, beneficiando da hipocrisia das falsas sanções económicas sempre não-respeitadas à custa do argumento do lucro fácil.

Voltando à conferência de Kinshasa, o conflito entre a «República Branca» e todos os seus vizinhos mantém arestas muito afiadas. Mas já permitem que se possa dialogar assim, abertamente, e à mesma mesa.

O continente africano parece escapar, assim, àquilo que há poucos anos se previa como o «confronto final». Ainda bem. Os africanos já sofreram de mais.

CARTAS PERSAS

IMPORT - EXPORT

Vejo todas as tardes um amigo velho num bar que não frequentamos, nem o amigo na verdade existe. Fazendo de conta que, sentados sempre à mesma mesa, do canto, conversamos. É na Rua de São Manuel, à beira do Chiado para ser mais preciso; ou onde havia de ser?...

Assim, diz ele, digo eu, a conversa corre, com o interesse que as conversas têm, sobre isto e mais aquilo - que há-de a gente fazer, se assim for - ou fosse?

De muitas coisas, se não de tudo, este amigo velho sabe mais do que eu, e sobretudo da pátria que nos pôs, por leitura paciente de jornais e escuta de televisão. Enfim, cada qual é para o que nasce, diz ele também, preocupado, por exemplo com a CEE. Disso importa falar aqui, como se de Pérsia fosse - que acaba sempre por ser. Foi ainda ontem a conversa que me apressa a repetir porque me pareceu importante, tanto ao nível da conjuntura (ai dela) como da estrutura que ai de nós.

«Só é de acreditar na entrada nacional no mercado comum», disse então o meu amigo, após longuíssima re-



José Augusto-França

flexão, «quando virmos dez mil japoneses no País, chegados ao mesmo tempo para trabalhar, metade deles na função pública». O Japão não faz parte da CEE? A essa minha aliás vaga observação, o meu amigo replicou-me severamente: «Ah! Você antes queria alemães?...»

Eu compreendi rapidamente a vantagem dos asiáticos que logo se distinguem, mesmo à distância, evitando confusões, miscigenações e ilusões. De resto, é menor, hoje, a distância de Tóquio a Lisboa que outrora da Fenícia. Dez mil será muito? Dez mil, repetiu o meu amigo. Ou não será pouco? Dez mil, insistiu ele, definitivamente. E em quanto tempo? Quanto menos melhor...

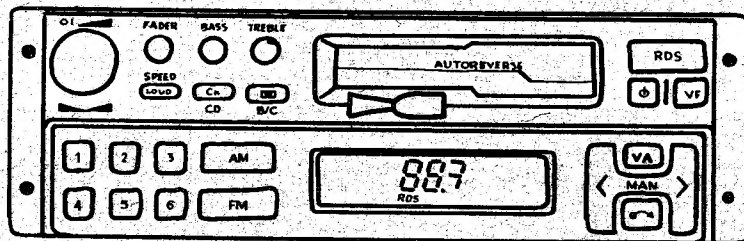
Foi cava o tom da resposta. A medo (era já obscuro o interior do bar) pergun-

tei: E não haverá solução alternativa? Que sim que há e uma única; o ministro das Finanças já o sabe. É vender o Tejo à Arábia Saudita, sob reserva de usufruto.

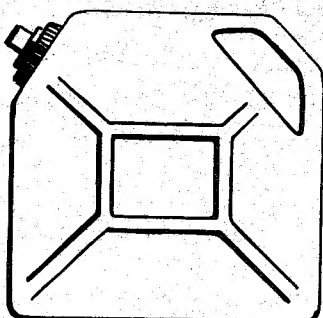
... À noite, da minha janela, olhando as águas preciosas, disse, recolhidamente, de mim para mim: «Já estás!...»

MUITA MÚSICA ou MUITA GASOLINA ATÉ 30 DE MARÇO

NA COMPRA DE QUALQUER ESCORT* ou ORION A FORD OFERECE-LHE UM



RÁDIO LEITOR DE CASSETES



OU, LEIA BEM,
**350
LITROS
DE GASOLINA**

**NÃO SE DEMORE!
VÁ JÁ AO SEU
CONCESSIONÁRIO FORD**



QUALIDADE E INOVAÇÃO

Encargos anuais - Consumo: de 106.587\$00 a 143.520\$00 • Seguro Obrigatório: de 17.003\$00 a 19.110\$00
• Impostos: de 2.840\$00 a 4.680\$00 (Base: 15.000 Km, Outubro 1989)

* OFERTA VÁLIDA PARA AUTOMÓVEIS LIGEIROS DE PASSAGEIROS - Consulte as condições específicas desta campanha no seu Concessionário FORD.

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

UMA NOVA FORMAÇÃO POLÍTICA?

Das prosas que sobre a política corrente se publicam, independentemente da roupagem literária e das ocasionais referências a doutrinas e autores, muitas não são comentários escritos com o distanciamento que a reflexão exige, muitas não disfarçam a precária isenção. São escritas com um objectivo claro. São recados, advertências, mensagens.

Recados de Cavaco Silva para Mário Soares. Advertências de Mário Soares a Cavaco Silva. Mensagens do PSD para o PS, avisos do PS ao PSD. Jorge Sampaio, secretário-geral do Partido Socialista, já tem sido destinatário de mensagens; mas, em relação ao Partido Social Democrata o destinatário é sempre Cavaco Silva, sem atender ao cargo partidário. Descontados os termos e as oportunidades, uma ou outra vultu de estilo, um adjetivo fresco, um pormenor, esta correspondência por interpostas pessoas - os comentadores, os analistas, os preopinantes -, é impressionantemente repetitiva. Reflete uma áspera disputa do poder sob o manto diáfano da paz institucional. E, sem querermos ser desagradáveis, não é possível desconhecer, e referir, que a constituição partidária do PSD/PPD, exorbitando do espírito dos fundadores (Francisco Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão, Joaquim Magalhães Mota), lhe imprimiu um carácter de «União Nacional».

No partido coabitam os saudos da ordem passada e os servidores da ordem presente, os conservadores (nos quais se incluem os puros reaccionários) e os liberais (nos quais se incluem muitos conservadores), alguns sociais-democratas (a quem repugna o socialismo e os socialistas fazem urticária), sobreviventes dos ideais democráticos do 25 de Abril e renitentes nas orientações autoritárias de 24 de Abril, povo de argentários, carreiristas, negociastas, os vocacionados para o poder (central e regional), os vocacionados para fazer fortuna com manifestações ostensivas ou cuidadosa ocultação.

Imperioso é reconhecer que alguns destes traços não caracterizam, em exclusivo, o perfil do «social-democrata», filiado ou eleito da «união nacional» que Cavaco Silva lidera. Também, noutros parti-

dos, o carreirismo e o negociismo se implantaram. Mas, no PPD/PSD, a mazela converteu-se em surto epidémico, a mancha alastrou, tornou-se a cor dominante. Se nos grandes centros se descortinam, com maior ou menor nitidez, as clivagens políticas, no país interior, rural, retardatário (embora não completamente parado), o passado organizou-se política e economicamente para resistir ao desenvolvimento socio-político.

Não queremos atribuir ao presidente nacional do PSD a reconstituição dessa espécie de «união nacional» que absorveu o enunciado programático dos fundadores, iludiu, pelo súbito crescimento eleitoral, a política de alianças de Francisco Sá Carneiro, inviabilizou a renovação do «bloco central», conferiu ao partido um posicionamento à direita, ressuscitou o autoritarismo, adoptou a arrogância e a suficiência, e ofereceu terreno amanhado para o cultivo dos ímpetus de um liberalismo que é o último (cronologicamente) grito do «capitalismo real».

O partido ganhou base eleitoral, mas perdeu estratégia. É uma «união nacional» que a governação vem desgastando e para a qual o isolamento tático se converteu em isolamento estratégico. A anunciada desistência de não apresentar um candidato contra Mário Soares, na eventualidade deste decidir recandidatar-se, é a expressão inofensiva desse isolamento tático e da inexistência de uma estratégia de movimento. O PSD está remetido à defensiva.

Esgotado, nos seus intencionais efeitos, o acordo de Cavaco Silva - Vítor Constêncio que proporcionou a revisão constitucional, entre o Partido Socialista (com Jorge Sampaio) e a direcção do Partido Social Democrata, hamletianamente dividida entre o ser Governo ou ser directório partidário, é a guerra. Conflito aberto pela disputa da governação da República. O PSD, a ressentir-se da erosão governativa, a dar

mostras de recuo eleitoral; o PS a tirar benefício de ser a primeira força de oposição, a pre- valecer-se de vantagens no terreno eleitoral, a creditar a seu favor a história anticomunista dos dirigentes do PSD.

Para sermos rigorosos: de uma falange seguidista, incriticada, de dirigentes e deputados do PSD lembramo-nos que, ao contrário do incauto Dias Loureiro, um Fernando Nogueira soube distanciar-se, escudar-se em nuances. Nem todos os oradores do PSD se sentiram obrigados a repetir, com o mesmo dramatismo, a mesma indignação, o mesmo acento de mistério e de escândalo, o discurso terrível, revelador, terrorista, de Cavaco Silva no tristíssimo comício-festa de Faro. Mas o erro tonto, se produziu seguidores, teve os seus resultados perversos: aprofundou a distância do PSD e do PS, aproximou, com aspectos negativos e positivos, o PS e o PCP. Não criou a Frente Popular, mas enterrou o «bloco central».

Do «centro-esquerda», o PSD deslocou-se para posições de «centro-direita». Situou-se entre o Partido Socialista e o CDS, e assumiu na prática política, mas com realce para as eleições autárquicas, a disputa ao CDS do espaço eleitoral da direita conservadora e ordeira. Os polémicos aliciamentos de autarcas que mudaram de emblema, e de eleitores que mudaram o voto, reforçou o hibridismo de uma «união nacional» saudosa do passado e timorata quanto ao futuro. A reacção da maioria do CDS, afecta a Diogo Freitas do Amaral, surpreendeu. O próprio Freitas do Amaral vestiu pele nova e deu expressão a um grande desembaraço tático: qualquer parceiro, com a excepção do PCP e o reconhecimento do incerto destino do PRD, lhe serve. O objectivo estratégico é o regresso à área do poder. Decidido a dar novo impulso ao CDS, não tem, contudo, ilusões. Sabe que terá que participar numa aliança. Vai a preferência (pessoal de Freitas) para o PS, mas não lhe repugna subir apoiado no PSD. Para sermos exactos: como apoio do PSD.

A hipótese não pode ser afastada liminarmente, mas é remota. E, tanto o CDS como o PSD, estão sujeitos à quebra de dinâmica eleitoral relativa às eleições legislativas, se não apresentarem candidatos próprios às eleições presidenciais. Mas aqui, também, temos posições diferentes. Enquanto o PSD, pelo menos as suas estruturas continentais, se conformam

com a intenção anunciada por Cavaco Silva, quanto ao CDS só se sabe que Diogo Freitas do Amaral se declara indisponível para disputar a Mário Soares a Presidência da República. A possibilidade de uma candidatura democrata-cristã não é incompatível com a eventual candidatura da direita. Ou, por outras palavras, não é inimaginável uma candidatura da direita - entenda-se da direita para além do PSD - que tenha o apoio militante do CDS e a benção de Diogo Freitas do Amaral.

Afirmando que, na «fluída realidade portuguesa», o «sistema partidário está bloqueado e dessincronizado», um analista sagaz, José Miguel Júdice, considera, num artigo recente, que «a eleição presidencial de 91 será a ocasião em que nos anos 90 provavelmente estarão reunidas mais condições para que a formação de uma nova força política seja possível». Irá a direita (à direita do PSD), o CDS nela compreendido, apesar do voluntarismo centrista (ou melhor: de centro-esquerda) de Diogo Freitas do Amaral, dar colaboração a uma candidatura que possa ser a rampa de lançamento de uma «nova força política»?

A direita (para além do PSD e distinta do CDS) tem os seus candidatos. Destes salienta-se o deputado europeu e da Europa democrata-cristã mensageiro, Francisco Lucas Pires. Não se oferece para o sacrifício na ara de eleições presidenciais nas quais Mário Soares seja candidato. Não se expõe às correntes de vento da criação de uma «nova força política». Tem ambições, mas defende-se. Em entrevista recente ao «Diário de Notícias» disse: «Eu nunca falei em criar um novo partido. Se ele aparecer é porque é necessário».

Mas existem transformações sociais que devem ser tidas em conta. Seria muito estranho que, enquanto lá fora tudo está a mudar, em Portugal tudo ficasse na mesma.

É preciso renovar o sistema partidário no seu conjunto e o CDS tem de tomar isso em conta».

Na linha do horizonte - com as eleições presidenciais - a oportunidade em que «estarão reunidas mais condições para que a formação de uma nova força política seja possível». Uma advertência a Mário Soares. Um aviso a Cavaco Silva. Uma mensagem para Freitas do Amaral.

CARTAS NA MESA

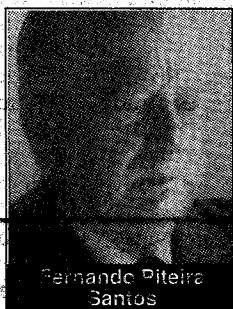
A democracia no Sindicato dos Professores

Em resposta à carta do colega António Rodrigues, publicada em 20-2-90, quero, em primeiro lugar, contestar vivamente o apelo de «radicais» em relação ao movimento que se gerou no seio do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (SPGL), uma vez que, em termos ideológicos, este movimento encerra professores de quadrantes muito diversificados, o que não se poderá dizer da actual direcção do SPGL que, na sua grande maioria, pertence a um mesmo sector ideológico e seus satélites (normalmente ditos «unitários»). Somos minoritários, não contestamos tal facto mas, em democracia, é tão importante a maioria como a minoria que, aliás, teve cerca de 38% nas últimas eleições em 1989.

Em relação à democracia, gostaria de acrescentar que fui dirigente sindical, pertencente ao Departamento do Ensino Preparatório/Secundário do SPGL durante 2 anos e pude verificar muito sectarismo, a democracia de «braço no ar» e como são conduzidos alguns processos eleitorais. Afastei-me um ano antes de acabar o meu mandato e escrevi na ocasião uma carta ao Departamento ao qual eu pertencia a explicar as razões da minha demissão, com pedido de leitura no referido Departamento. Como era de esperar a carta nunca foi lida e foi democraticamente arquivada.

É evidente que o Estatuto de Carreira Docente (ECD) foi mal negociado em determinadas ocasiões, nomeadamente naquela tão tristemente célebre «acta» assinada nas vésperas das eleições para o Parlamento Europeu e que veio a condicionar todo o processo posterior. Esta situação desmobilizou a classe e levou em muitos casos ao não pagamento de quotas e mesmo a dessindicalização, o que não acho correcto, mas reflecte um mal-estar no seio dos professores.

Luís Marques da Silva,
professor em Vale de Milhaços



Fernando Piteira Santos

POLÍTICA

Começou hoje em Varsóvia

Deus Pinheiro visita oito capitais do Leste

O ministro dos Negócios Estrangeiros é hoje recebido pelo presidente polaco Wojciech Jaruzelski, seguindo depois para Moscovo onde terá conversações com Eduard Shevardnadze, durante uma «digressão-relâmpago» pelas capitais do Centro e Leste Europeus. Deus Pinheiro viaja acompanhado por Catherine Lalumière, secretária-geral do Conselho da Europa, organismo ao qual Portugal preside, este semestre.

O futuro das relações inter-europeias domina e justifica esta viagem: Deus Pinheiro visitará, depois de Varsóvia e Moscovo, Bucareste, Sófia, Belgrado, Budapeste e Praga, sucessivamente. Hoje mesmo deverá estar na capital soviética.

Polónia apresentou pedido em Janeiro

Deus Pinheiro encontrou-se ontem com o seu homólogo polaco. Em questão esteve o pedido formal de adesão que a Polónia apresentou ao Conselho da Europa e que foi depositado na sede da organização, em Estrasbur-

go, pelo primeiro-ministro Mazowiecki, em Janeiro passado.

A evolução dos acontecimentos na Polónia e nos países do centro e Leste europeus - bem como o futuro alargamento do Conselho da Europa - estiveram em foco, nas conversações de Deus Pinheiro com os dirigentes daquele país.

João Deus Pinheiro efectua esta deslocação na dupla qualidade de chefe da diplomacia portuguesa e de presidente do Comité de Ministros do Conselho da Europa, acompanhado, nesta última condição, pela secretária-geral Catherine Lalumière, entre outros.

O ministro Deus Pinheiro viaja num avião executivo «Falcão 50», da Força Aérea Portuguesa, e terá a seu lado, além de Lalumière, altos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Conselho da Europa, no qual estão representados 23 países. Integram a comitiva o director-geral dos Negócios político-económicos e o director dos serviços dos as-

suntos multilaterais, respectivamente José Maria Macedo e José Tadeu Soares.

Antes de se apresentar, esta tarde, em Berlim, o ministro dos Negócios Estrangeiros português esteve em Estrasburgo, onde chegou ontem à tarde. Varsóvia, Moscovo, Bucareste, Sófia, Belgrado, Budapeste e Praga são as restantes capitais a visitar por Deus Pinheiro, depois de Berlim. Uma curiosidade, desde já: o facto de algumas dessas capitais e dos países a visitar se encontrarem às portas de eleições livres, pela primeira vez nos últimos quarenta anos.

Dentro de dias, justamente a 18 do corrente, haverá eleições livres na RDA. Será notam os observadores - um dos mais significativos escrutínios do Leste europeu, visto que os vencedores da votação terão a responsabilidade das decisões políticas que deverão conduzir a República Democrática da Alemanha a uma unificação com a RFA.

Na maior parte dos casos, as forças da oposição que se

apresentarão sufrágio directo e universal, são grupos ou movimentos de criação recente, animados pela esperança, em muitos casos fundada, de poderem arrear do poder os partidos comunistas há décadas instalados.

Entre os países que visitará, apenas a Polónia realizou já as suas primeiras eleições gerais em liberdade desde a instauração de um regime comunista há quarenta anos. O «Solidariedade», na oposição, conquistou o poder ao Partido Comunista, com o apoio de ex-aliados deste.

Esta deslocação destina-se, fundamentalmente, a recolher elementos informativos sobre os processos de reformas políticas e económicas em curso nos países a visitar e a preparar uma reunião especial do Comité de Ministros do Conselho, que decorrerá em Lisboa em 23 e 24 do corrente. Nela participam, como o DL a seu tempo anunciou, alguns ministros do Leste europeu.

Lusa/«DL»

B R E V E S

PCP interpela Governo em Abril

Abril foi o mês escolhido pelo Grupo Parlamentar do PCP para interpelar o Governo sobre questões comunitárias, nomeadamente sobre a aplicação dos fundos da CEE. Segundo Carlos Brito, presidente da bancada comunista a interpelação será feita no dia 3 do próximo mês.

Primeiro-ministro sueco em Portugal

Ingvar Carlsson, primeiro-ministro da Suécia, visita Portugal de 7 a 9 de Março a convite de Cavaco Silva. Os dois chefes de governo vão debater as relações entre a CEE e a EFTA. A evolução da situação no centro e leste da Europa, a unificação da Alemanha e as repercussões na nova arquitectura neste continente, assim como a situação na África Austral e na América Central e Latina, serão também abordadas.

Cimeira entre Cavaco e Jardim

O Governo Regional da Madeira já ultimou os «assuntos pendentes» que serão objecto de discussão mais pormenorizada a 12 de Março, em Lisboa no decorrer de uma cimeira com o Governo da República. As delegações dos executivos da república e insular serão presididas por Cavaco Silva e Alberto João Jardim e as questões prioritárias a abordar serão de natureza «financeira».

Maria Barroso no colóquio da Civitas

A mulher do Presidente da República, Maria Barroso participa hoje e amanhã no colóquio «Nos duzentos anos da Declaração dos Direitos do Homem», promovido pela Civitas, no Ateneu Comercial do Porto. O encontro visa apresentar a Civitas na capital nortenha e conta com a presença dos seus dirigentes nacionais, major Vítor Alves, Helena Cidade Moura, Teresa Costa Macedo, Magalhães Mota, Fernando Amaral, Nuno Grande, e Vasco Vieira de Almeida. A «Dinâmica dos Direitos Humanos», «A Liberdade», «A Igualdade» e «A Fraternidade», são os temas a debater durante o colóquio.



Mota Amaral com a oposição açoriana

O PS pediu o adiamento da reunião prevista para hoje com o chefe do executivo açoriano no âmbito de uma série de audiências convocadas por Mota Amaral, devido à ausência do arquiepiscopo dos dirigentes do PS/Açores, Carlos César e Martins Goulart. De facto, o chefe do Executivo açoriano, tinha previstas para hoje em Ponta Delgada audiências com os líderes dos três partidos da oposição com assento no Parlamento Regional. Após o adiamento do PS, Mota Amaral receberá ainda em audiências separadas, no Palácio de Santana, os dirigentes açorianos do PCP, José Decq Mota, e do CDS, Rui Meireles. Os encontros visam, segundo fontes oficiais, analisar questões de «alto interesse» para a região autónoma pendentes de decisão do Governo da República.

Modernização administrativa no Conselho de Ministros

Considerada como «objectivo estratégico da acção do Governo», a modernização da Administração Pública foi um dos pontos dominantes no Conselho de Ministros de ontem, no decorrer do qual o primeiro-ministro aprovou o plano de actividades do Secretariado para a Modernização Administrativa para 1990. No âmbito da simplificação administrativa preconizada pelo Executivo foram deliberadas algumas medidas de carácter prático. Assim, de acordo com o decreto-lei ontem aprovado, quando os cidadãos se dirigirem aos serviços públicos já não serão obrigados a usar o papel azul de 25 linhas. Em alternativa poderão ser utilizados, o papel de formato A4 branco, o papel contínuo de computador e o papel timbrado dos agentes económicos.

Julgamento segunda-feira em Coimbra

Luta por associação de classe leva sargento a tribunal

O sargento ajudante Álvaro Neves vai ser julgado, segunda-feira, no Tribunal Militar de Coimbra, num processo que meios civis e militares consideram «verdadeiramente kafkiano». O Estado-Maior do Exército segue este e outros casos com interesse, até porque Firmino Miguel é referido num deles. A Associação Nacional de Sargentos denuncia todos esses casos como «uma onda de ódio que investe contra a classe».

Visto, em Novembro do ano passado, a afixar na sala de sargentos da sua unidade - Agrupamento Base de Santa Margarida - uma fotocópia do «Diário da República» com a legalização da ANS, Álvaro Neves foi acusado de insubordinação pelo respectivo comandante.

O coronel Ribeiro do Amaral ordenou que lhe fosse levantado o respectivo auto, remetendo o caso para o a Polícia Judiciária Militar de Coimbra, que instruiu o respectivo processo. Apesar do juiz instrutor, civil, desaconselhar que o processo subisse a tribunal, assim não o entenderam os responsáveis militares.

Aquele sargento recorreu, entretanto, a um advogado do foro civil, incumbindo-o de processar um sargento-mor da ABSM (Agrupamento Base de Santa Margarida), por entender que a sua citação no processo configurava crime de denúncia. A carta redigida pelo seu defensor e por este enviada ao superior

hierárquico do sargento-ajudante, serviu de pretexto ao comandante da unidade - coronel Álvaro Neves - para este ordenar um segundo processo contra aquele.

Carta a sargento-mor dá dez dias de prisão

Também à revelia do Regulamento de Disciplina Militar, sem competência para tal, puniu o sargento visado com dez dias de prisão disciplinar, de que este recorreu para o chefe do Estado-Maior do Exército, ficando a pena suspensa. No dia 20 mandou para o posto da GNR da Barquina a notificação para Álvaro Neves comparecer no Tribunal Militar de Coimbra, uma vez que ele fora entretanto transferido para o Distrito de Recrutamento Militar de Abrantes.

O que aconteceu foi isto: a GNR apareceu, sem razões para tal, na sua residência de «G-3» em mão, «como se eu fosse um criminoso, quando o canal normal para me avisar seria o chefe de serviços ou o comandante da unidade. Foi para me humilhar, claro», diz Álvaro Neves.

A Associação Nacional de Sargentos tomou, entretanto, posição e outros casos, acusando o comandante do Agrupamento Base de Santa Margarida de abuso de poder.

«Os sargentos de todo o País estão a sentir e a manifestar a mais viva repulsa

por aquilo que consideram ser uma acção concertada e persecutória contra os seus camaradas que, de alguma maneira, tenham manifestado simpatia ou apoiado a constituição da sua associação de classe», refere um comunicado da Associação Nacional de Sargentos. Além deste facto, a ANS refere o do sargento Garcia, que, necessitando de adquirir um enxoval para um filho que ia estudar para o seminário, requereu um empréstimo aos serviços sociais das Forças Armadas.

Mas o comando, «contrariando o disposto nos regulamentos militares, impediu o seguimento legal dessa petição, evocando estar farto de assinar papéis».

Um outro sargento, com «uma brilhante folha de serviços onde se incluem louvores, um dos quais de general», sublinha o mesmo comunicado da Associação Nacional de Sargentos, ao ser proposto para a Medalha de Mérito Militar, recebeu, na conclusão do processo, informação negativa, algadamente por «Firmino Miguel estar descontente com os sargentos, por estes andarem muito activos», acrescenta o mesmo documento.

O caso é do conhecimento do Estado-Maior do Exército, que, todavia - soube o DL - ignora essa alegação, se ela de facto foi feita, uma vez que o general Firmino Miguel tem tratado o problema dos sargentos do ramo que chefia de acordo com os limites próprio da sua competência.

Júlio Rodrigues

O Governo aproveitou a boleia da Alta Autoridade para revogar disposições da Lei de Imprensa que tinha por mais incómodas, como as que atribuíam aos jornalistas uma certa capacidade de intervenção no sector

Governo mexe na Imprensa

A intenção de afastar os jornalistas, o mais possível, do controle e acompanhamento do processo produtivo da Informação era já visível na proposta original da lei da Alta Autoridade, nomeadamente, pela eliminação do Conselho de Imprensa. Foi, agora, confirmada por uma alteração introduzida em sede de especialidade e que deroga a competência dos Conselhos de Redacção para emitir pareceres sobre admissão, sanções disciplinares e despedimentos dos jornalistas profissionais.

Isto significa que um jornalista objecto de processo disciplinar, por qualquer artigo que desagrade aos seu director ou à sua administração, já não dispõe de possibilidade de recurso para o Conselho de Redacção ou para o Conselho de Imprensa. Restam-lhe os tribunais que, esses, a lei da Alta Autoridade não ousa revogar, como revoga, de facto e às escondidas, algumas das disposições da Lei de Imprensa que tinha por mais incómodas.

Confirmou-se, também, na Comissão especializada da Assembleia da República que o Governo não aceitou nenhuma das propostas de emenda apresentadas pela oposição nem foi minimamente sensível aos argumentos do Conselho de Imprensa e do Sindicato dos Jornalistas expostos em várias fases do processo legislativo em curso. Ao contrário e com

a revogação de mais uma alínea do art. 22º da Lei de Imprensa (alínea d se que os autores da proposta se tinham esquecido) mais radicalizou o afrontamento aos jornalistas assumido a pretexto da entrada em funcionamento da Alta Autoridade para a Comunicação Social. Assim, o texto final que vai ser votado já na próxima terça-feira mantém todas as disposições originais que governamentalizam a Alta Autoridade, afasta os jornalistas, em absoluto e de modo definitivo, da sua composição e, aproveitando a boleia, marginaliza ainda mais os jornalistas profissionais nas reuniões em que trabalham.

O Governo assume também o odioso de dar à luz um novo órgão rigorosamente

governamentalizado e dependente, quando a Lei Fundamental lhe exige independência. Isto é: mantém a cooptação como método de escolha dos quatro membros da Alta Autoridade não designados pela Constituição e com isso consegue a proeza de reunir, para os treze membros que a compõem, uns dez escolhidos por si ou por quem o representa no Parlamento.

Quem aceitar o lugar representa-se a si próprio

Pior: o texto que vai ser votado na próxima terça-feira desrespeita compromissos publicamente assumidos pelo deputado do PSD encarregado da defesa desta proposta no plenário. Nuno Delerue, é de se que se trata, mostrou-se sensível, durante a discussão na generalidade, à designação vinculativa de um jornalista, pelo menos, para a Alta Autoridade. Em debate sobre esta matéria, organizado pela Associação dos Jornalistas Parlamentares, o compromisso foi renovado mas o resultado final apurado no filtro da Comissão diz-nos que o Governo deixou cair as intenções do seu deputado e não lhe honrou os compromissos publicamente assumidos. Mesmo que o Governo admita, por sua livre iniciativa, vir a convidar um jornalista profissional, o Presidente do Sindicato dos Jornalistas, João Mesquita, informou os membros da Comissão, na última au-

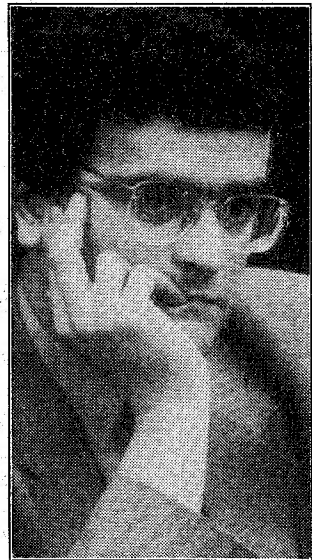
diência concedida no quadro desta falácia de diálogo proposto ao Sindicato, que vai ser amplamente divulgada entre a classe a seguinte posição:

«O Sindicato dos Jornalistas não tem nada a ver com as soluções adoptadas pelo Governo nesta matéria e vai insistir para que nenhum jornalista aceite o eventual convite para pertencer à Alta Autoridade. E se alguém o aceitar, o Sindicato fará saber que o eleito não representa mais ninguém que a si próprio e o Governo que o escolheu».

Em resumo, a Lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social começou ontem a ser votada, na especialidade, na Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias e vai ser submetida à votação final global, na sessão plenária da próxima terça-feira, mantendo o essencial do texto proposto pelo Governo.

Os quatro indivíduos que faltava escolher sê-lo-ão por cooptação dos nove designados constitucionalmente (um magistrado, três indicados pelo Governo e cinco eleitos na Assembleia da República, pelo método de Hondt), acabam o Conselho de Imprensa e as competências dos Conselhos de Redacção para emitir pareceres sobre a nomeação de directores dos órgãos de Comunicação Social e sobre admissões, sanções disciplinares e despedimentos de jornalistas profissionais.

Daniel Reis



Nuno Delerue

Rebello de Sousa sem dívidas

Marcelo Rebello de Sousa liquidou, no último dia de Fevereiro, todas as despesas referentes à campanha das Autárquicas de 1989, em Lisboa.

No total, o montante pago por Rebello de Sousa ronda os 140 mil contos, parte dos quais veio de donativos de apoiantes à sua candidatura a presidente do município lisboeta.

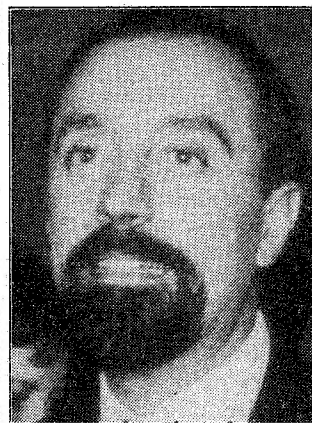
«O que faltava saldar eram dívidas pequenas, cerca de dois mil e tal contos», informou o ex-candidato. Dinheiro do seu partido para financiar a campanha, o actual vereador social-democrata garante que não viu nenhum: «O PSD só pagou as últimas contas de telefone, cerca de 300 contos. Outra coisa não esperava. Ao contrário do professor Freitas do Amaral, não fiquei nada ressentido com o facto de não me terem dado dinheiro para a campanha», acrescentou.

De facto, o professor universitário, também autarca, confessou que, desde o lançamento da sua campanha, sabia que o PSD não o iria ajudar financeiramente.

Do seu bolso Marcelo Rebello de Sousa diz ter pago cerca de 12 mil contos que, no decorrer da campanha, financiaram «um fax e vários telefones», instalados na antiga sede dos social-democratas na Buenos Aires agora desaparecidos.

Apesar de não ter ganho as eleições, Marcelo Rebello de Sousa contou com o apoio de

simpatizantes que o quiseram financiar, «a ele mas não ao partido», por isso desde sempre garantiu que não precisaria de «lavar pratos» para liquidar as dívidas. Segundo disse, foram jovens empresários, «com idades compreendidas entre os 25 e os 45 anos» que mais ajudaram o candidato da coligação «Viver melhor em Lisboa» a regularizar os débitos. Agora que já não tem este peso sobre os ombros, Marcelo Rebello de Sousa encontra-se, todos os meses, no Grémio Literário com estes jovens apoiantes ligados a pequenas e médias empresas, não só para confraternizar mas, referiu ao DL, «também para auscultar a opinião pública».



Desde esta manhã, nas jornadas parlamentares

O PSD em clausura algarvia à procura da sua identidade

As principais cabeças pensantes do Governo e os deputados da maioria debatem, desde esta manhã em Lagos, no Algarve, a estratégia do PSD no Parlamento e vão amanhã discutir a sua própria identidade, enquanto partido social-democrata, e a acção política a desenvolver na perspectiva das eleições legislativas de 1991.

Simultaneamente, o Grupo Parlamentar da maioria começa a equacionar o programa partidário cuja revisão, como se sabe, foi entregue a um grupo constituído, nomeadamente, por Durão Barroso, Pedro Roseta, Fernando Nogueira e Duarte Lima. O presidente do partido e primeiro-ministro, Cavaco Silva, encerra o conclave para as 17.30 de amanhã. Esta clausura reflexiva dos

cérebros do Governo e da quase centena e meia de deputados social-democratas decorre num cenário de pressão do Partido Socialista sobre os votos, o programa e as iniciativas do partido maioritário. É em função dessa pressão que o PSD prepara a sua demarcação do previsível programa com que o PS se vai apresentar ao eleitorado e avalia a forma prática de corresponder ao apelo à iniciativa política recentemente dirigido por Cavaco Silva ao seu Grupo Parlamentar.

Um debate prévio do programa do PSD

As discussões programadas para estas Jornadas Parlamentares do PSD foram organizadas em torno de três grandes temas, cada um com o seu moderador e os seus intervenientes designados

pela direcção da bancada social-democrata no Parlamento. Assim é durante o dia de hoje, vão estar em causa a acção e estratégia parlamentares, com Mário Raposo a moderador, e o programa social-democrata, este último tema moderado por Leonor Beleza. Participam como intervenientes no primeiro debate, convidados pela direcção do Grupo Parlamentar, o secretário de Estado Carlos Encarnação e os deputados Fernando Condeço, Pedro Pinto e Correia Afonso; o segundo painel conta com a intervenção directa do ministro Fernando Nogueira, do secretário de Estado Durão Barroso e dos deputados Mário Maciel, Carlos Coelho, Nuno Delerue, Ângelo Correia e Arménio Santos.

Amanhã à tarde é a vez de a identidade partidária e a

acção política centralizarem o debate moderado por Leonardo Ribeiro de Almeida e animado pelo ministro Dias Loureiro e pelos deputados José Pacheco Pereira e Rui Machete. Do discurso de encerramento das jornadas e da apresentação das suas conclusões foi encarregado Duarte Lima, director do Povo Livre e vice-presidente do Grupo Parlamentar, que recebe assim uma espécie de aval oficioso à sua candidatura ao lugar de secretário-geral do PSD.

O primeiro-ministro dirigirá-se às cabeças pensantes do seu Governo e ao seu pessoal parlamentar logo a seguir, antecedendo o jantar de encerramento marcado para o mesmo hotel, na praia D. Ana, onde desde esta manhã decorrem as Jornadas Parlamentares do PSD.

Minorias do PS com moções em carteira

As diversas minorias socialistas lançaram-se numa vaga de contactos por interpostos militantes, enquanto se olham de través, na esperança de saberem quais é que arriscam a apresentação da primeira moção de estratégia ao Congresso de Maio próximo.

A minoria liderada por João Soares tem tido várias reuniões, quer locais, quer nacionais, e tudo indica que apresentará uma moção própria. Há consenso quanto ao evitar o unanimismo previsível num Congresso que não porá o líder em causa. E ainda recentemente, em entrevista ao «Diário de Notícias», Jorge Sampaio declarava: «Pela minha parte apresentarei uma moção cujo signatário conhecido é um sou eu».

Até fins de Abril, deverão ser apresentadas as moções de estratégia que, depois de votadas nas secções, indicarão o número de delegados de cada uma à reunião magna dos socialistas. Só poderão ser discutidas, no entanto, as moções que tenham levado ao Congresso um mínimo de cinquenta delegados.

São pacíficos os prazos de Abril para as moções ao Congresso que terminará em 27 de Maio. As candidaturas aos órgãos nacionais sairão, de resto, do próprio Congresso, soberano nessa e noutras matérias.

Mas o que as minorias do PS contestam é a realização dos congressos federativos depois do Congresso Nacional.

Alegam que a prática em causa sempre foi contestada quando era Mário Soares quem estava à frente do PS e consideram-se no pleníssimo direito de agora contestarem idêntica atitude dos ex-contestatários. E perguntam que prazos existirão para a eleição dos delegados aos próximos congressos federativos, uma vez que terão que ser designados num prazo muito curto, dado que estas reuniões deverão terminar antes dos fins de Junho.

No dia 1 de Julho, tudo estará terminado, ficando fora de questão a antecipação do Congresso Nacional e na ordem do dia um adiamento eventual dos congressos federativos.

J. I.

INTERNACIONAL

Enquanto o MPLA anuncia reestruturação, "Pik" Botha, que ontem visitou Luanda, disse que o sistema de partido único em Angola deverá ser eliminado

África do Sul poderá mediar o conflito angolano

A África do Sul poderá a partir de agora desempenhar um papel importante na mediação do conflito angolano. Este é sem dúvida um dos aspectos relevantes da visita que o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof «Pik» Botha, que ontem foi recebido de «forma calorosa», em Luanda.

Segundo fontes do «DL» na capital angolana, a visita de Botha a Angola, a primeira desde a independência do país, «abriu a possibilidade de Pretória poder desempenhar um papel de mediador entre o Governo de Luanda e a Unita».

Angola quer cooperação com África do Sul

Apesar do discurso oficial ter incidido, sobretudo, nos aspectos da cooperação económica entre os dois países Botha sublinhou que o desenvolvimento das relações económicas entre a África do Sul e os países

da região só poderia efectuar-se depois de serem eliminados os focos de tensão, que persistem na região austral do continente africano. Botha referia-se sobretudo ao conflito angolano: «o conflito interno de Angola afecta-nos a todos e tem de terminar», disse. Esta questão poderá ter sido um dos principais temas do encontro entre «Pik» Botha e o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, sobre o qual não foi feito qualquer comentário em termos públicos.

No encontro entre o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros e o seu homólogo, Pedro de Castro Van-Dunem, «Loy», Luanda avançou com uma proposta de cooperação trilateral entre a África do Sul, a Namíbia e Angola, sobretudo nas áreas da exploração das riquezas naturais e no domínio tecnológico.

Num discurso considerado franco e aberto Botha fez notar que à semelhança do que aconteceu com o apartheid na África do Sul,

o sistema de partido único em Angola tem de ser eliminado.

Alterações na estrutura do MPLA

Esta questão foi, aliás, um dos motivos que agitou os meios políticos angolanos, ontem, após a apresentação por parte de Roberto de Almeida, ministro para a esfera Ideológica do MPLA, das teses que irão estar em discussão no próximo congresso do partido a realizar ainda este ano.

Entre as conclusões apresentadas, as fontes contactadas pelo «DL» deram como praticamente certa a criação do cargo de primeiro-ministro, nomeado pelo presidente da República. Também o cargo ocupado pelo chefe de estado vai ser submetido a algumas alterações. A principal diz respeito à separação dos poderes do presidente da República e do presidente da Assembleia do Povo, car-

gos que, até aqui, se encontravam intimamente associados. Por seu lado, a direcção do MPLA irá estar submetida a uma limitação dos mandatos, cuja duração, ainda por definir com exactidão, poderá ir até dois ou três anos. Em termos oficiais as alterações incidem, sobretudo, a nível da estrutura do MPLA, mas as fontes contactadas pelo «DL» afirmam que no congresso do partido será também levantada, com muita probabilidade, a limitação do mandato presidencial. Para já, segundo as propostas anunciadas ontem, este aspecto tocará sobretudo os cargos de governador de província, municipais e comunais. Mais, o governador de província deixará de ser nomeado administrativamente e por inerência para o cargo de primeiro secretário da Assembleia do Povo. Este último passará a ser eleito localmente por sufrágio... directo ou indirecto. Está ainda em discussão.

Redacção «DL»

Em proposta ontem divulgada

RDA quer da RFA posição conjunta sobre unificação

Embora todos digam que a unificação se faz ainda este ano, continuam a subsistir grandes dúvidas sobre o modo como as duas Alemanhas se tornarão num só país. No plano internacional, os limites fronteiriços do novo Estado levantam receios sobretudo entre os países vizinhos. Num documento ontem divulgado, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da RDA pediu à RFA a tomada de uma posição conjunta para ser apresentada nas negociações internacionais sobre o assunto.

A RDA quer que essa posição conjunta seja tomada «quanto antes» para ser incluída nas conversações com as quatro potências e com os 35 países da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE).

Ao contrário dos alemães-federais, a RDA pretende convidar para as conversações os países vizinhos, entre os quais se destaca a Polónia que possui territórios integrados depois da derrota alemã na Segunda Guerra Mundial, posição também incluída no documento.

O chanceler Helmut Kohl continua sem assumir nenhuma posição sobre as questões fronteiriças, remetendo para um futuro Governo de uma Alemanha unida uma decisão definitiva. Segundo diversos analistas,

esta posição de Kohl visa não afastar os votos da extrema-direita - que preconiza a recuperação dos territórios polacos - nas eleições de Dezembro.

Dumas critica Kohl

Ontem, durante uma visita a Berlim Ocidental, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Roland Dumas, criticou a indefinição de Kohl e apelou ao Governo alemão-federal para que assinasse com os Aliados da Segunda Guerra Mundial, um tratado de paz que garanta o respeito «eterno» pelas fronteiras polacas do pós-guerra.

Em Varsóvia, o Governo polaco também insistiu ontem na necessidade de um tratado rejeitando como irrelevante a promessa feita por Kohl de que apoiaria uma declaração conjunta dos parlamentos da RFA e da RDA reconhecendo as fronteiras ou que o futuro parlamento da Alemanha unida trataria da questão.

«Não é razoável adiar a resposta (alemã) até à constituição de um único parlamento», considerou Roland Dumas, numa alocução proferida no Clube de Imprensa de Berlim ocidental. «O que impede hoje os parlamentos das duas Alemanhas de resolverem a questão?», perguntou.

A inflexibilidade da RFA



O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Roland Dumas, quer tratado que garanta respeito «eterno» às fronteiras polacas

parece não ter eco no Governo leste-alemão que propôs no documento uma reunião com especialistas dos 35 países da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) para preparar a próxima cimeira entre as duas Alemanhas, prevista ainda para este ano. Nessa cimeira, ainda segundo o documento, deverá ser elaborada uma declaração sobre a inviolabilidade das actuais fronteiras europeias.

Aos 35 países da CSCE, diz o Ministério dos Negócios Estrangeiros da RDA, seriam comunicadas todas as iniciativas dos dois Governos no processo de unificação.

No projecto de declaração a RDA propõe ainda que os dois Estados não disponham de meios militares superiores às suas exigências de defesa e propõe-se renunciar às armas nucleares, químicas e biológicas.

Redacção «DL»/Lusa

Economia brasileira tem «superministra»

O Presidente eleito do Brasil, Fernando Collor de Mello, cuja posse está marcada para o próximo dia 15, anunciou ontem o nome de quem irá ocupar a mais cobiçada pasta do seu Governo, a da Economia. Trata-se de uma mulher de 36 anos, Zélia Cardoso de Mello, que já vinha assessorando Collor nesta área desde do lançamento da sua candidatura em meados do ano passado.

O Ministério da Economia, já por si importante num país que atravessa uma grave crise, terá ainda uma influência maior porque o novo Presidente decidiu concentrar nele os poderes dos dois ministérios que sempre se ocuparam do sector: Plano e Fazenda (Finanças, em Portugal). Zélia Cardoso de Mello aparece assim como uma «superministra» depois de terem sido ventilados vários nomes, ligados a grupos de pressão, numa disputa de bastidores pouco clara que incluiu golpes baixos como o lançamento de boatos na Imprensa para «queimar» aqueles que pareciam ter mais chances de ocupar o poderoso cargo.

Embora considerada à partida como uma das favoritas, Zélia Cardoso de Mello (que não tem nenhum laço de parentesco com Collor de Mello), teve que esperar pelo desgaste de nomes de maior peso como o do social-democrata José Serra, o favorito dos empresários de São Paulo, do «jovem génio» Daniel Dantas ou de ex-ministros dos Governos militares como Mário Henrique Simonsen e Afonso Celso Pastore, para finalmente ser escolhida.

Ao apostar numa jovem professora de Economia, apenas com experiência em cargos públicos de pouca importância e com um passado ligado à esquerda (Zélia foi simpatizante do Partido Comunista quando estudante), Collor parece mais uma vez fiel ao seu lema de renovar a classe dirigente brasileira, demonstrando ser pouco permeável às influências dos tradicionais grupos de pressão. A pergunta que fica é se conseguirá governar o Brasil sem eles.

D.C./Lusa

INTERNACIONAL

B R E V E S

Tempestade agrava-se na Europa

Ventos glaciares e fortes nevões agravaram nas últimas 24 horas os rigores do mau tempo na Europa, onde as tempestades já causaram 82 mortos e vários feridos. Cidades inundadas, casas destruídas e aldeias isoladas pela neve são o cenário dominante em grande parte do norte da Europa. O total de mortos em França eleva-se a 19, na Grã-Bretanha, a 18 e, na Alemanha Federal, 16 pessoas perderam a vida.

Soviéticos adiam retirada militar da Hungria

As negociações sobre a retirada militar soviética da Hungria terminaram ontem sem qualquer acordo, com Moscovo a recusar-se a sair no prazo pretendido pelo Governo húngaro. Estava prevista para o dia 10 a assinatura de um acordo que as delegações dos dois países desejavam preparar, em dois dias de negociações. No ano passado saíram do território húngaro 10 mil soldados soviéticos, dos 65 mil nele estacionados desde 1956, o ano de um levantamento popular esmagado pelos tanques da URSS.

Letónia legaliza alternativa a serviço militar

O Parlamento letão aprovou ontem uma alternativa civil em serviço militar - a primeira medida deste tipo a ser adoptada por uma república em toda a história soviética. Enquanto a Letónia aparenta juntar-se ao crescente desafio báltico perante o poder central soviético, responsáveis da Lituânia e da Estónia reuniram-se para coordenar esforços no seu propósito de adquirirem a independência de Moscovo.

IGESTUR — INICIATIVA E GESTÃO TURÍSTICA SA

Sede: Rua do Conde de Redondo 53-B - 1100 LISBOA
Capital Social: Esc. 50 000 000\$00
Número de Pessoa Colectiva: 500136408
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 36 733

ASSEMBLEIA GERAL**Convocatória**

De harmonia com o disposto na Lei e nos Estatutos convoco os Senhores Accionistas desta Sociedade para se reunirem em Assembleia Geral a realizar na sede social pelas 15 horas do dia 31 de Março de 1990 e com a seguinte ordem do dia:

- 1.º Discutir e votar o Relatório, o Balanço e Contas da Administração e o Relatório e Parecer do Conselho Fiscal, bem como a proposta de aplicação de resultados relativos ao exercício de 1989;
- 2.º Ratificação da substituição por cooptação de dois membros do Conselho de Administração;
- 3.º Eleição dos membros dos órgãos de Administração, Fiscalização e Mesa da Assembleia Geral para o triénio de 1990/1992;
- 4.º Aumento de capital para Esc. 65 000 000\$00 reservado a accionistas pela emissão de 15 000 novas acções;
- 5.º Outros assuntos de interesse para a sociedade.

Encontram-se à disposição dos Senhores Accionistas para consulta na sede social, a partir da data desta convocatória os elementos mencionados no art.º 289 do Código das Sociedades Comerciais.

Lisboa, 2 de Março de 1990

O Presidente da Assembleia Geral
Dr. José Francisco Leitão de Carvalho

MUDANÇAS

TRANSPORTES DE PIANOS - COFRES
SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL

LISBOA - SINES

PESSOAL ESPECIALIZADO

A TRANSPORTADORA IDEAL DE ST. ISABEL
LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)

☎ 53 26 37 - 57 74 79

Mesmo com amianto

Comissão da CEE negocia compra do Berlaymont

Do nosso correspondente em Bruxelas

A Comissão europeia está a negociar com o Estado belga a compra do Berlaymont, o edifício em estrela, cujo arrendamento ascende a 150 mil contos por mês. Não se sabe qual o volume das verbas em jogo, mas conhecem-se os problemas que enferma o edifício-sede da Comissão, sujeito a 445 análises anuais para controlo das percentagens de fibras de amianto na atmosfera.

O problema de amianto no Berlaymont, suscitado pelo «DL», em Janeiro último, voltou a ser abordado na quarta-feira por um portavoz da Comissão ao esclarecer um jornalista britânico que não havia perigo para a saúde dos funcionários.

As autoridades comunitárias solicitaram já o estudo sobre a existência de grandes quantidades de amianto na estrutura do edifício. A empresa dinamarquesa a quem o trabalho foi adjudicado ainda não se pronunciou mas, de facto, as medições efectuadas permitem garantir a ausência de perigo imediato para os funcionários das doze nacionalidades que ali trabalham. Todavia, o ministro do Emprego e Trabalho da Bélgica afirmou, ainda recentemente, que os cancros de origem profissional representam vinte por cento da mortalidade imputável à doença. O longo período de incubação desta (dez a 50 anos) impede o estabelecimento exacto da relação entre o tempo de exposição ao amianto e o desenvolvimento dos tumores.

Entretanto, todas as obras, com excepção das estritamente necessárias (caso de um bar para os jornalistas!) estão no Berlaymont. Na perspectiva de uma fonte bem colocada na Comissão, a decisão de retirar o amianto



Berlaymont, o ex-libris da CEE, ameaçado pelo amianto

está assente. Para isso, dezenas de funcionários serão gradualmente transferidos para outros edifícios, enquanto se procederá à extracção do amianto, uma operação extremamente cara e com alguns riscos. Há sectores do Parlamento e das organizações dos trabalhadores que são apologistas da tese de demolição do edifício. Mas não parece ser esta a opinião da Comissão, que entende ser possível remover o amianto, encarando de forma optimista a compra do edifício que lhe custa anualmente um milhão e 80 mil contos.

Medições

O Berlaymont, uma espécie de ex-libris da CEE alberga a esmagadora maioria dos dez mil eurocratas que trabalham

na Comissão europeia. A sua localização privilegiada, em Bruxelas, confere-lhe um valor comercial dificilmente avaliável, pelo que, na perspectiva dos responsáveis, o terreno pode suplantiar a desvantagem do material utilizado na sua construção.

A existência no Berlaymont é «uma evidência». As análises que estão a ser feitas com regularidade, em colaboração com o Comité de Segurança e Higiene no Trabalho, têm registado resultados optimistas. Nenhuma das análises mostrou a presença de fibras de amianto em percentagens superiores à taxa prevista pela legislação europeia (uma fibra por centímetro cúbico), nem sequer à que estipula a lei belga (0,25 fibras por centímetro cúbico). Mais de

85 por cento das análises apresentaram valores inferiores ou iguais a 0,01 fibras por centímetro cúbico.

O amianto utilizado na construção de muitos prédios na década de 60, é reconhecidamente responsável por cancros nas vias respiratórias. A lã de pedra é o produto que o veio substituir e, segundo o cientista René Van Essche, é menos perigosa que o amianto, mas não garante a sua inocuidade.

Mesmo com amianto, decorrem os contactos entre a Comissão e o Estado belga para alienação, por parte deste, do Berlaymont. Resta saber quem vai ganhar com o negócio: se a Comissão, o Estado ou os funcionários que vivem com o amianto.

José Rui Cunha

Judeus soviéticos não encontram trabalho em Israel

Milhares de judeus soviéticos recentemente emigrados para Israel vêm-se neste país confrontados com a falta de trabalho, especialmente os que têm cursos superiores.

É o caso de uma astrofísica chegada da União Soviética que pediu para trabalhar como mulher-a-dias no laboratório do professor Herman Branover, quando soube que não havia vaga nos quadros científicos.

“Vou sentir-me em casa”, argumentou, na esperança de, nas horas vagas, poder ainda fazer investigação.

A actual situação, nada famosa, poderá ainda vir a piorar no futuro.

O Ministério israelita da Ciência calcula em 60.000 o número de cientistas,

engenheiros e médicos que vão chegar nos próximos dois ou três anos a Israel, ao abrigo da nova política de emigração de Moscovo.

O Governo calcula que vai precisar de três biliões de dólares nos próximos três anos para ajudar a instalar os soviéticos, mas a verdade é que grande parte deste dinheiro destina ao ensino e à construção de casas.

Apenas 100 milhões de dólares serão aplicados na reciclagem profissional e na criação de novos empregos.

Mais de mil imigrantes por semana

Nos subúrbios de Telavive, por exemplo, dois físicos estavam esta semana

entre as várias dezenas de imigrantes soviéticos que trabalhavam numa fábrica de empacotamento de bolachas.

Anatoly Roeburg, um cardiologista da Moldávia, disse aos jornalistas: “Israel é um grande país, o único inconveniente é não conseguirmos arranjar um emprego adequado”.

“Se isto continua assim, não vou ficar cá”, acrescentou.

Ao contrário da onda de imigrantes que chegaram nos anos 30 e 40, os recém-chegados enfrentam uma economia em fase de estagnação, com uma taxa de desemprego próxima dos nove por cento e poucas vagas nas universidades e nas instituições de investigação.

Redacção “DL”/AP/Lusa

INTERNACIONAL

Com Mitterrand a dominar, o PS realiza o seu congresso neste mês, numa medição de forças entre os possíveis sucessores

Socialistas franceses reúnem-se em «grande missa»

Do nosso correspondente em Paris

De 15 a 18 de Março reúne-se em Rennes, a capital bretã, o congresso do Partido Socialista Francês. Apogeu de uma campanha que já dura há vários meses, o congresso de Rennes será, como de hábito, uma «grande missa» de louvor a «Deus», encarnado em François Mitterrand, Presidente da República cujo prestígio é tal, mesmo entre não socialistas, que é esse o epíteto que lhe é atribuído hoje. Foi Mitterrand quem fez renascer das cinzas o socialismo democrático francês, foi ele que, ganhando duas eleições presidenciais, permitiu que o Partido Socialista, de partido «sociológico», representante de uma classe e de uma geração, se tornasse partido de Poder e o principal partido francês, o núcleo central da vida política francesa.

Mitterrand porém, paira mais alto do que nunca, cumprindo o seu segundo e último mandato presidencial. Assim, face a uma oposição de direita dividida e ameaçada pelo partido extremista da Frente Nacional de Jean Marie Le Pen, face à derrocada comunista, o Partido Socialista encontra-se diante de um vasto espaço político a preencher, tanto mais que as eleições legislativas de 93 ainda estão relativamente longe. Em consequência, ao contrário do que aconteceu nos últimos congressos de Lille e de Toulouse, o congresso de Rennes não será apenas uma «grande missa», destinada a garantir de uma forma ou de outra a adequação entre a base partidária e o exercício do Poder.

Medição de forças

Em Rennes vão medir-se as forças e os homens que desenharão os contornos do futuro político do país, colocar-se também os primeiros marcos da sucessão presidencial. Sob esse ponto-de-vista o congresso de Rennes assemelha-se ao de Metz, em 1979, quando se estruturaram as grandes tendências ainda hoje em jogo, que assistiu ao embate entre Mitterrand e Michel Rocard, actual chefe do Executivo, e a vitória do primeiro, que reuniu então as forças «mitterrandistas» que lhe permitiram, dois anos mais tarde, ganhar a eleição presidencial. Homens e tendências não faltam hoje ao partido socialista. Embora o ex-primeiro-ministro Laurent Fabius tenha razão ao responder à crítica de um militante que «nunca vi ideias andarem sós sobre as suas pernas», a verdade é que a campanha que precedeu a votação das moções apresentadas ao congresso se aparentou mais a um combate de galos do que a um debate de ideias. Os apoiantes das sete moções concorrentes permitiram-se todos os golpes. Georges Frêches, «maire» de Montpellier, da tendência Mauroy-Jospin, foi intitulado «o Ceausescu da região» pelo secretário da federação regional do partido, que aposta na tendência Fabius. Os militantes foram inundados de propaganda que incluía fotografias truncadas e alusões pífidas.

Mitterrand apoia Fabius

O próprio Mitterrand, apesar de oficialmente neutro, não deixou de se imiscuir na contenda, ao desaconselhar que o ministro das Relações Exteriores, Roland Dumas, apoiasse a lista Mauroy-Jospin, dando um sinal inequívoco do seu apoio a Laurent Fabius, cuja moção foi subscrita também por Gilbert Mitterrand, filho do Presidente e primeiro secretário da federação do PS da região de

Bordéus. Por outro lado, é evidente que a coerência dos grupos de apoio às diversas moções, sobretudo o que se constitui à volta da moção A, tem muito mais a ver com a tática das carreiras individuais do que com a estratégia de um ideário político. Como explicar que Jacques Delors, o social-centrista presidente das Comissões Europeias, politicamente próximo de Rocard, se encontre na mesma lista de Henri Fizbin, ex-membro do Partido Comunista, senão pelo facto de ambos, Rocard e Delors serem os mais populares candidatos à sucessão de Mitterrand?

Essas divisões, finalmente contingentes do ponto-de-vista ideológico, tenderão a apagar-se para que se chegue a um acordo entre duas das listas que se reclamam do «mitterrandismo» (a de Mauroy-Jospin e a de Fabius), e até a de Michel Rocard, para quem, como primeiro-ministro, o controlo da máquina do Partido interessa menos que o eleitor.

Mais quatro listas

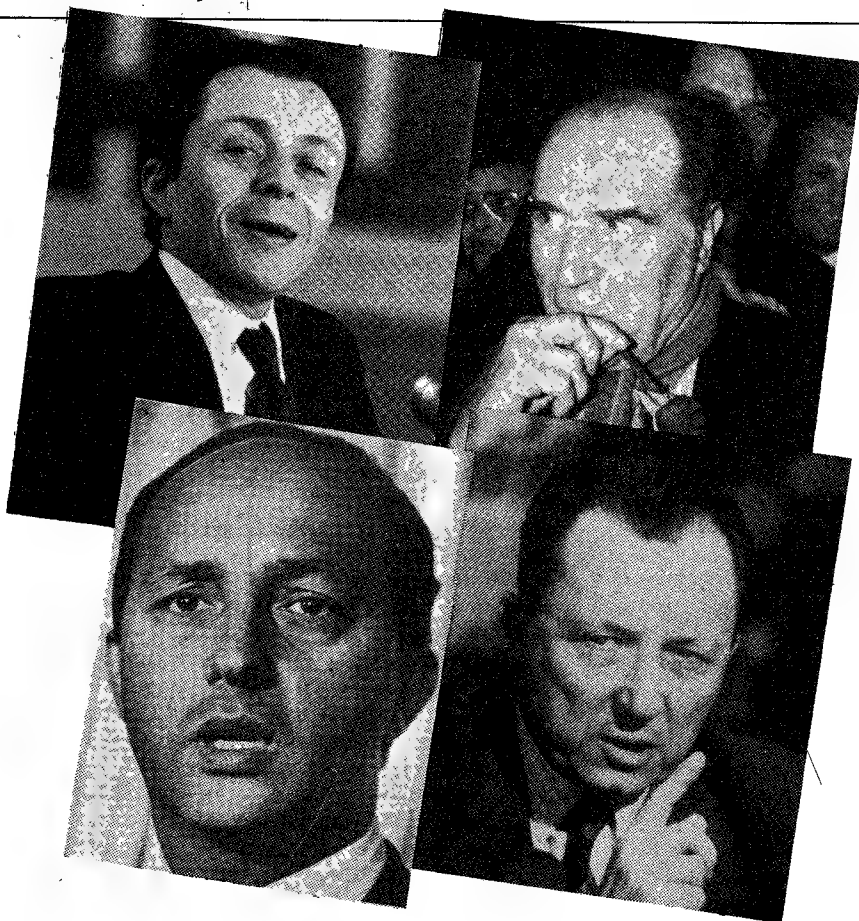
As outras quatro listas: a do «mitterrandista» de esquerda Poperen, a de Jean Claude Chevènement, «nacionalista» de esquerda, e duas outras que no contexto actual do partido são consideradas como «esquerdistas», não têm peso suficiente para alterar de forma significativa as relações de poder no partido.

Mas se cada barão do partido vai medir as suas forças na votação das moções que se prolonga até 12 de Março, será que o mesmo acontecerá com as ideias? A verdade recomenda que se diga que as ideias parecem ter passado para segundo plano. Como é do conhecimento geral que um congresso do PS se ganha «à esquerda», abundam discussões sobre a integração dos excluídos da prosperidade francesa, incluindo certa insistência sobre a velha ideia de outorgar aos imigrantes o direito de voto nas eleições locais, sobre a justiça fiscal e as exorbitantes vantagens da remuneração do capital em detrimento da remuneração assalariada, como se os socialistas se deleitassem em sublinhar as questões que em sete anos de Governo foram incapazes de encarar. Rareiam no entanto propostas consistentes sobre a política externa, quando a presença da França em África parece estagnar-se, sobre a política europeia, quando a aliança franco-germânica, eixo da construção europeia, estremece, abalada pelos acontecimentos do Leste e a reunificação alemã, cedendo passo a reacções musculares próximas da xenofobia.

Burocracia e mercantilismo

Rareiam as ambições, nomeadamente aquele velho sonho socialista de mudar a vida, agora suspenso ao realismo que o exercício do Poder impõe, como se o poder político, e ainda mais o partidário, já não conseguissem vestir outras roupas que não as da burocracia e do mercantilismo triunfantes, que transformam o programa comum da esquerda de 1981 em peça de museu revolucionário. O congresso do PS não destoa do panorama cinzento da política francesa, não desperta curiosidade nem empenho por parte do francês comum, mesmo que vote socialista. O maior desafio com que se defrontam os protagonistas do congresso de Rennes é precisamente o de identificar e saber responder à expectativa difusa dos franceses diante de uma situação que já não comporta o recurso às receitas políticas tradicionais.

Pedro de Souza



Para enfrentar Fabius, o herdeiro de Mitterrand, os populares Rocard e Delors fizeram uma aliança entre os seus grupos de apoio

ADMISSÃO DE PESSOAL

MOTORISTAS

Oferece-se:

- Remuneração compatível com a função;
- Subsídio de refeição;
- Facilidades de transporte;
- Outras importantes regalias sociais.

Pretende-se:

- 4.ª classe como habilitação mínima;
- Carta de condução de Automóveis Pesados de Mercadorias, dando-se preferência aos titulares que já possuam averbamento para condução de Automóveis Pesados de Passageiros;

- Local de residência numa das seguintes localidades: Almada, Sesimbra, Seixal, Barreiro, Montijo ou Lisboa.

Os interessados deverão contactar pessoalmente ou por escrito para a morada abaixo indicada, referindo a idade, habilitações, tipo de carta e experiência profissional na função:

**RNIP — Rodoviária Nacional,
Investimentos e Participações, S.A.
CEP 07, Divisão de Pessoal
Quinta de St.º Amaro, Impasse 6 — n.º 41E
Laranjeiro — 2800 ALMADA — Tel. 2537010**

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

QUOTIDIANO

Esta tarde será decidida a continuação das paralisações parciais, mas a possibilidade de greve total não está excluída

Pilotos dos portos ameaçam com greve total

Os pilotos dos portos e barras discutem esta tarde uma proposta da estrutura em que estão filiados, o Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado, no sentido de prolongarem a greve parcial que terminou ao meio-dia de hoje.

Segundo afirmou ao «DL» o presidente do sindicato, Bettencourt Picanço, aqueles profissionais poderão «continuar a greve, ainda a tempo parcial, mas desta vez prolongando o número de dias de paralisação».

Novos vencimentos da Função Pública

Os pilotos dos portos e barras não excluem a hipótese, «caso continue a não haver diálogo e o Conselho de Gerência persista na sua posição», de realizarem mesmo uma greve total.

Aqueles 100 trabalhadores, que terminaram ao fim da manhã uma greve parcial de quatro dias que contou com uma adesão total, reivindicam que «o novo sistema retributivo aprovado para os quadros da Função Pública lhes seja aplicado».

Greve afectou 30 navios

A greve afectou a entrada ou saída de 30 navios nos portos portugueses. Para além dos navios que foram obrigados a esperar até ao final dos períodos de paralisação, muitos outros não requisitaram os serviços dos pilotos dos portos por já contarem com a espera, afirmou Bettencourt Picanço.

Os atrasos nas entradas ou saídas dos navios aumentam os custos de permanência nos portos e «causam diariamente

um prejuízo cujo montante daria para pagar os vencimentos dos pilotos durante um ano», acrescentou o presidente do sindicato.

Durante a greve, cujas paralisações foram realizadas entre as zero e as 12 horas de cada dia, foram cumpridos os serviços mínimos, que prevêm o movimento de navios de e para as regiões autónomas, navios de guerra portugueses ou estrangeiros e situações de emergência.

Esta classe tinha já paralisado parcialmente entre os dias 13 e 15 de Fevereiro.

Ferrovários à porta de S. Bento

Reivindicações salariais estiveram também na origem da manifestação dos trabalhadores ferroviários, que ontem se concentraram junto à residência oficial do primeiro ministro.

meio ministro.

«Os trabalhadores ferroviários lutam para que os seus salários reais e o seu poder de compra não sejam reduzidos, pelo que exigem a reposição mínima do poder de compra e um aumento intercalar relativo ao ano de 1989», afirmam numa moção aprovada durante a concentração, promovida pela Federação de Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses (CGTP).

Demissão do conselho de gerência

A Federação reafirmou ainda a sua exigência da demissão do Conselho de Gerência da CP, bem como a disponibilidade do Governo para o diálogo e para a «negociação efectiva com a apresentação de propostas construtivas».

«Público» sai segunda-feira

O novo matutino «Público» «estará nas bancas de Lisboa e Porto às 7 horas da manhã da próxima segunda-feira», disse esta manhã ao «DL» Nuno Vitorino, presidente da direcção da empresa proprietária do jornal.

Segundo este responsável, «foram feitas ontem as últimas experiências com as rotativas do Porto e Lisboa e o resultado foi positivo. Agora nada mais pode falhar, e no próximo dia cinco o jornal estará mesmo na rua».

Recorde-se que o «Público», um empreendimento editorial do grupo Sonae, adiou a sua publicação, prevista inicialmente para dois de Janeiro, na sequência de uma falha na rotativa do Porto, provocada pelas intempéries.

Poluição no Mondego volta a preocupar

O leito velho do rio Mondego voltou a apresentar elevados índices de matérias poluentes, particularmente na zona de São Silvestre (entre Coimbra e Montemor-o-Velho), numa situação que pode ter sido originada por descargas de unidades industriais realizadas nos últimos dias.

Esta foi, pelo menos, a hipótese sustentada por um técnico da Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais - delegação de Coimbra - que, de visita ao local, afirmou que as características da água fluvial «fazem supor» que ela tenha sido contaminada por efluentes industriais.

Segundo um médico local, a água, muito escura, exala um cheiro nauseabundo e transporta à superfície grandes quantidades de espuma, chegando mesmo a ocasionar, na zona de São Silvestre, lagos de água estagnada onde pululam mosquitos e outros insectos.

Aliás, já há perto de um ano, centenas de peixes foram dizimados numa região a jusante daquela, o que, na ocasião, motivou vivos protestos da população de Montemor-o-Velho.

Calcula-se que, diariamente, são lançadas para o leito velho do rio Mondego aproximadamente sete toneladas de detritos (domésticos e industriais) produzidos em Coimbra, problema que só poderá vir a ser solucionado com a entrada em funcionamento de uma estação de tratamento de águas residuais, actualmente em fase de construção.

B R E V E S

Chamada de atenção encerra oftamologia de Coimbra

A consulta externa de oftamologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra encerra hoje, pela segunda vez consecutiva, devido à grande afluência de doentes. Uma fonte hospitalar afirmou que a medida visa alertar as entidades competentes para o problema da superlotação da consulta externa. «Verifica-se diariamente a concentração de elevado número de doentes numa área exígua, situação a que não será estranha a fama de que goza o serviço», acrescentou a mesma fonte.

Caldas das Taipas introduz medicina física

Um centro de medicina física e de reabilitação destinado a tratamentos de cinesioterapia, micro-ondas, raios laser e correntes magnéticas começa hoje a funcionar no estabelecimento termal das Caldas das Taipas, Guimarães. Chefiado pelo fisiatra Armando Martins de Barros, é uma realização da Taipas Turitermas, que procedeu à abertura do complexo termal, encerrado durante anos.

Antropólogo português recebe Prémio Hidalgo

O antropólogo português Olímpio Nunes foi distinguido com o Prémio Hidalgo atribuído pela associação espanhola Presença Gitana, pelo seu trabalho de investigação e promoção da cultura cigana. A entrega do galardão será feita no próximo sábado, em Madrid, onde também é entregue o prémio nacional atribuído ao guitarrista andaluz Paco de Lúcia.

Associação da PSP acusa comando de Almada

A direcção distrital de Setúbal da Associação Sócio-profissional da PSP acusou o comando de Almada de ter instaurado três processos disciplinares a agentes que participaram num jantar da ASP/PSP. Segundo um comunicado, os processos foram instaurados no dia 10 de Fevereiro. No entanto, o comandante de Almada disse à Lusa ser «totalmente falso que haja qualquer processo disciplinar, apesar de haver razão para os levantar». Acrescentou que um agente utilizou uma viatura para se deslocar ao referido jantar.



A sala dos professores era esta manhã objecto de limpeza, depois do fogo ontem ateado por desconhecidos

Cabeças rapadas sob suspeita

Assalto com fogo posto a Secundária do Barreiro

A Escola Secundária do Barreiro foi ontem assaltada por desconhecidos que incendiaram instalações e deixaram mensagens de índole racista, ameaçando reincidir se o estabelecimento não afastar todos os alunos de cor.

O vandalismo exigiu a comparência dos bombeiros, que extinguiram o fogo ateado na sala dos professores da escola, onde ficaram danificados mobiliário, documentos e o equipamento do pequeno bar anexo, segundo revelou ao DL a presidente do Conselho Directivo, Manuela Rodrigues.

Desde o princípio do ano que a Escola Secundária do Barreiro vem sendo repetidamente assaltada, suspeitando os professores que por «cabeças-rapadas».

Trata-se da segunda acção com fogo-posto, tendo a primeira destruído parcialmente a biblioteca do estabelecimento,

de acordo com Manuela Rodrigues.

Além de pintarem nas paredes inscrições rezando «Morte aos pretos e ciganos», os assaltantes, segundo a mesma fonte, têm deixado expresso o seu objectivo em missivas onde ameaçam com a destruição total da escola, se ali continuarem a ser admitidos alunos de cor.

O fogo de ontem foi extinto por dez elementos dos Bombeiros Voluntários do Barreiro e dos Bombeiros do Sul e Sueste, chefiados pelo comandante-adjunto Jorge Pires, da primeira destas associações.

Segundo Jorge Pires, os assaltantes penetraram na escola por arrombamento de uma janela.

O combate ao incêndio, iniciado pelas 7.30 horas, durou poucos minutos.

Trabalhadores da administração local convidaram os ministros para comer uma dobrada na rua apelando ao diálogo com o Governo. Os deficientes físicos juntaram-se à manifestação

Protestos unidos frente a S. Bento

Deficientes físicos e trabalhadores locais manifestaram-se, ontem à tarde, em frente à Assembleia da República, para reivindicar melhores condições de assistência e de trabalho. Decorria, em S. Bento, a reunião semanal do Conselho de Ministros.

A manifestação dos deficientes - que entregaram uma exposição ao Primeiro-Ministro - foi promovida pela União Coordenadora dos Organismos de Deficientes (UNCOD) que protesta contra uma directiva do Ministério da Saúde lesiva do apoio médico que esses cidadãos usufruíam. Os trabalhadores da administração local prepararam uma dobrada com feijão branco, convidando os ministros a partilhar a refeição.

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) pretendeu, com esta «brincadeira» apelar ao diálogo com o Governo. Pretende aumentos de 12 por cento e a satisfação de outras reivindicações relacionadas com a aposentação, segurança de emprego e valorização de carreiras.

Os sindicalistas anunciaram que «se o governo não se dispuser ao diálogo e não alterar o comportamento que tem adoptado até agora», organizarão uma nova manifestação, mas de âmbito nacional, a 9 de Março.

Tirar o que já era pouco

A situação dos deficientes agravou-se bastante segundo a UNCOD: os hospitais civis de Lisboa, que eram os únicos a fornecerem próteses e ortóteses, deixaram de o fazer porque o ministério decidiu descentralizar a concessão desses materiais para os cen-



Os trabalhadores da Administração Local querem diálogo com o Governo. Até uma dobrada prepararam em frente ao Parlamento

tros de saúde que, segundo aquela organização, não têm verbas para corresponder a essas novas responsabilidades. Na prática, afirmam os deficientes, «ficamos sem benefícios que tínhamos há muitos anos». Além disso, acrescenta um comunicado da UNCOD, «assistimos, nestes últimos anos, à redução e corte de comparticipação em medicamentos essenciais

à vida dos deficientes, bem como à não actualização de comparticipações em material compensatório». Por exemplo, «os insuficientes renais têm problemas com a utilização de vitaminas, os escariados têm-nos com medicamentos de cicatrização e os doentes com incontinência urinária (caso da Spina Bifida) ficam impossibilitados de sair de casa porque as fal-

das não são comparticipadas».

Os deficientes lamentam ainda que o abono complementar a crianças e jovens deficientes que era concedido aos portadores de hemofilia tenha sido cortado em 1988, enquanto «as condições económicas dos que vivem unicamente da pensão social e complementar de grande invalidez têm-se agravado progressivamente».

Ministros estudam transporte de materiais perigosos

As circunstâncias que rodearam o desastre ocorrido quarta-feira com a explosão de um contentor em Lisboa, que provocou um morto e três feridos, foram debatidas ontem em Conselho de Ministros, tendo o Governo encarregado três dos seus membros de estudarem toda a legislação relativa ao transporte de materiais perigosos. Segundo o porta-voz do Conselho, Luís Marques Mendes, «pensamos que muitas vezes, em acidentes desta natureza ou de natureza semelhante há razões que têm a ver com alguma insuficiência de fiscalização».

Soares preconiza dinamismo nas universidades

O Presidente da República afirmou ontem, em Coimbra, que Portugal «só será um país moderno se tiver universidades modernas e dinâmicas». Mário Soares falava na sessão solene comemorativa dos 700 anos da Universidade de Coimbra, acto em que também usaram da palavra o reitor, Rui Alarcão, o ministro da Educação, Roberto Carneiro, o presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Manuel Machado e o presidente cessante da Associação Académica, José Manuel Viegas.

Lei contempla segurança dos sistemas informáticos

As normas sobre a segurança dos sistemas informáticos que prevêm a protecção de «todos os dados e programas contra indiscrições, fugas, violações ou descuidos» constam de legislação publicada ontem no «Diário da República». O conjunto de disposições é flexível, «de forma a deixar à Autoridade Nacional de Segurança», entidade responsável pela segurança dos sistemas informáticos, a apreciação das medidas a aplicar em cada caso.

Medicamentos veterinários sujeitos a debate

Os eurodeputados socialistas vão apresentar propostas de alteração da legislação comunitária em vigor sobre medicamentos veterinários. A iniciativa será concretizada até à próxima quarta-feira, segundo o teor dum comunicado emitido na sequência de uma audiência pública realizada para debate das propostas de alteração. Na sessão participaram os eurodeputados João Cravinho, Torres Couto, Maria Belo e Pedro Canavaro e representantes da Ordem dos Farmacêuticos, Associação Nacional de Farmácias, Faculdade de Farmácia de Lisboa, Apifarma, Direcção-Geral de Veterinária, Groquifair e sindicatos Nacional de Veterinária e da Agricultura (UGT). Segundo o texto do comunicado, «verificou-se que não são coincidentes as posições das classes médico-veterinárias e farmacêutica», embora se tenham registado opiniões «unâimes quanto à questão da necessidade de defesa da saúde pública».

Julgamento de Taveira começa quarta-feira

Testemunhas do arquitecto Tomás Taveira no processo contra o director da revista que divulgou «o escândalo das cassetes», cujo julgamento começa na próxima quarta-feira, disseram que o arquitecto «envelheceu 20 anos».

Tomás Taveira exige a André Manuel Libório Neves, director da revista «Semana Ilustrada», 75 mil contos por alegado lucro ilícito, com a divulgação de fotos de uma videocassete sobre a vida sexual do arquitecto e 150 mil contos por perdas e danos.

A revista foi publicada em Setembro e Outubro de 1989.

André Neves declarou em instrução criminal que «não comprou filmes nem fotos». Eles foram enviados para a sede da revista, alega.

Segundo aniversário da TSF

A TSF assinalou ontem o seu segundo aniversário com uma emissão especial cuja natureza se revelou coincidente com a imagem que o público construiu desta rádio local. Oito repórteres visitaram Lisboa, das 7 da manhã às 9 da noite, cumprimentando os responsáveis de diversas instituições e perguntando-lhes o que faziam e qual o papel por aquelas exercido. Nas 14 horas de reportagem, interrompida apenas pelos habituais espaços noticiosos e um número muito reduzido de rubricas, os homens e mulheres da TSF puseram no ar as vozes de gente do DL, do Ginásio Clube Português, da Crinabel, da CGTP, do São Carlos, da Casa Pia, do procurador-geral da República e muitas outras.

Nesta hora de balanço, Fernando António, secretário-geral da TSF, recorda ao DL que a sua emissora quando arrancou com as respectivas emissões, «era ilegal» e, ao fim de três meses, afirmava-se já «como a quinta rádio ouvida em Lisboa». Agora, a equipa da TSF olha para o futuro. Para além do jantar que vai reunir esta noite, num restaurante do Parque Mayer, todos quantos trabalham na estação (excepto os que estejam de serviço), prometem projectos novos, um dos quais será revelado dentro de dias. De resto, o sonho dourado permanece intacto: «conseguir uma frequência nacional». Segundo Fernando António, «é por isso que lutamos», estando sem dúvida «ao nosso alcance, se não houver jogadas menos limpas». Pela passagem deste aniversário o DL apresenta felicitações a todos quantos trabalham na TSF, desejando que as suas aspirações se concretizem, como prémio pelo trabalho persistente e pela preocupação na qualidade.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MÉRTOLA

CÓDIGO POSTAL 7750

MOÇÃO

- Considerando que para viver, todos precisamos de água, mas limpa;
- Considerando que a poluição da água é um dos atentados à Vida;
- Considerando que se encontra em curso, uma Campanha Nacional para a Defesa dos Recursos Naturais;

A Assembleia Municipal de Mértola, reunida a 17 de Fevereiro de 1990, vem protestar contra a descarga de poluentes da Minas de Neves-Corvo, que neste momento se encontra a poluir a Ribeira de Oeiras, e consequentemente pondo em perigo o equilíbrio do Rio Guadiana já de si tão sujeito a atentados desta natureza.

Mértola, 22 de Fevereiro de 1990

O Presidente da Assembleia Municipal
Mário Alberto Figueiredo Sousa

QUOTIDIANO

O fósforo, as munições e a pólvora são três tipos de produtos que a lei proíbe expressamente que sejam transportados no mesmo veículo

Lisboa: contentor explosivo violava todas as leis

O contentor que anteontem, cerca das seis horas da tarde, explodiu na Avenida Infante D. Henrique, encontrava-se em situação totalmente ilegal face à legislação existente sobre transporte de produtos explosivos. Os diplomas existem há mais de dez anos. Todavia, ninguém parece muito disposto a assumir as culpas. Uma tarefa ingrata, portanto, para Carlos Mosqueira, Xavier Fernandes, José Portel e José Ferreira Franco, escolhidos entre os funcionários das di-

recções-gerais de Viação e dos Transportes Terrestres para apurarem responsabilidades, e que deverão apresentar o seu veredicto ainda hoje, em relatório preliminar.

Claro que o bom senso deveria ser suficiente para impedir que se juntassem no mesmo contentor fósforos, pólvora, ácido sulfúrico e cartuchos. No entanto, não confiando nesse dom que todos julgam possuir, a lei é bem clara: «Os produtos explosivos classificados em grupos de diferente compati-

bilidade e que pertençam a classes diferentes ou a categorias diferentes dentro da mesma classe não poderão ser transportados em conjunto no mesmo veículo». Ora, no artigo 2º da portaria número 367/86 verificamos que a pólvora pertence à primeira categoria, as munições à segunda e o fósforo à terceira.

Este caso veio chamar a atenção da opinião pública e dos próprios motoristas destes camiões para as «bombas ambulantes» que, muito provav-

emente, circulam todos os dias nas estradas e ruas portuguesas. «A partir de agora vou querer saber o que vai dentro dos contentores que transporto», afirmou ao DL um desses profissionais.

Na verdade, este é um direito que já lhes assiste, embora na prática as coisas sejam bem diferentes: a falta de tempo e o receio de serem despedidos impede-os de exigirem - como poderiam - que lhes seja mostrada a carga que vão transportar. «A gente nem sempre assiste ao carre-



Quando as cargas são muito variadas, as guias frequentemente não as discriminam e os motoristas não sabem o que transportam

gamento do contentor, que nos é entregue já selado», conta um dos motoristas.

«Então e as guias, não discriminam o conteúdo do contentor?», perguntamos. O que parece acontecer é que, quando existem muitos produtos diferentes, estas apenas se referem a «carga diversa», que pode ser tudo. Um dos motoristas dá-nos um exemplo: «No outro dia transporte um contentor com colchões, batatas, cebolas, vinho e chapa e a guia só mencionava o vinho e as batatas».

Fiscalização: uma incógnita

O problema da fiscalização é outra incógnita. Os motoristas desconhecem qual a autoridade encarregue de verificar as condições de segurança dos contentores. «As vezes aparece um guarda no armazém que assiste ao carregamento e acompanha o transporte, mas isso não é certo nem tem a ver, penso eu, com o material a transportar», diz um motorista com quem o DL falou.

A culpa, para os profissionais que contactámos, é totalmente de quem carregou o contentor, neste caso a empresa Monaso. «São eles que metem as coisas lá dentro como querem e lhes dá jeito e depois o motorista é que corre os riscos». O DL tentou contactar, durante

todo o dia de ontem, com o gerente da empresa, Jacinto Cardoso. No entanto, nenhum dos responsáveis da Monaso parece saber quem carregou o contentor explosivo. A desculpa é sempre a mesma: «Os dados foram entregues à comissão de inquérito».

A única coisa que estes profissionais sabem relativamente ao transporte de explosivos é que os que o fazem são obrigados a possuir uma carta especial. «Quem não tiver essa carta pode ser multado, mas a verdade é que não há muitos que a tirem pois custa à volta de oitenta contos», explica um dos profissionais. Ao descuido e falta de interesse parece sobrepor-se agora uma atenção redobrada. A própria Câmara Municipal de Lisboa, que não dispõe de nenhum regulamento municipal sobre a matéria, prepara-se agora para elaborar um plano sectorial relativo à circulação de mercadorias perigosas. Vasco Franco, vereador socialista da edilidade lisbonense, disse ao DL que propôs há duas semanas a discussão do referido assunto, uma vez que a cidade não possui um plano de emergência para situações deste tipo. «Claro que a existência do plano não teria evitado o acidente, mas teria permitido, pelo menos, actuar com maior rapidez», conclui.

Redacção «DL»

UM, DOIS, TRÊS,
Cola Cao®

OUTRA VEZ!

GANHE
1 AUTOMÓVEL
1 BICICLETA
TODAS AS SEMANAS

Um, dois, três... é desta vez!
Concorra e ganhe com COLA CAO.
Todas as semanas, no programa UM, DOIS, TRÊS, ganhe **um automóvel e uma bicicleta**. Recorte um rótulo de COLA CAO. No verso, com letra bem legível, escreva o seu nome completo, morada e número de telefone. Envie pelo correio, dentro de um sobrescrito, para:

Nutrexpa
Grande Concurso Cola Cao
Apartado 8177
1802 Lisboa Codex

Quanto mais sobrescritos enviar, mais probabilidades tem de ganhar. Participe. COLA CAO ajuda com força... a ganhar!

NUTREXPA

* São admitidos a concurso todos os sobrescritos recebidos até ao dia anterior ao do sorteio.

Lotaria Nacional

NUMEROS PREMIADOS
62.531 - 100 000 contos
fracção privilegiada 4 - +5 000 contos
53.084 - 15 000 contos
64.461 - 4 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO
62.530 - 1 000 000\$00
62.532 - 1 000 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PREMIO
53.083 - 500 000\$00
53.085 - 500 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PREMIO
64.460 - 246 250\$00
64.462 - 246 250\$00

PREMIOS DE 1 250 CONTOS

9.632; 24.369; 36.213; 38.547; 48.646; 60.829;
65.120; 65.566; 69.174 e 69.463.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS
1 250 000\$00 - 7.976 Fracção nº 6
450 000\$00 - 531
80 000\$00 - 084
40 000\$00 - 461
20 000\$00 - 048; 344; 602; 629 e 631
10 000\$00 - 1 e 2

PREMIOS DE CENTENAS

35.000\$00 - 62.501 a 62.600
15.000\$00 - 58.001 a 58.100
12.500\$00 - 64.401 a 64.500

QUOTIDIANO

Portugal desperdiça e maltrata a água

A utilização e consumo da água em Portugal estão sem rei nem roque. Todos a usam, poucos a respeitam. Agressões à saúde e ao ambiente são o resultado de conflitos de interesses de cuja arbitragem o Estado se tem demitido

Cientistas e técnicos de hidrologia estão descontentes com a situação a que chegou em Portugal a gestão dos recursos hídricos - esta uma das conclusões genéricas de um debate que se estabeleceu no final de mais uma conferência organizada pela Comissão Nacional da UNESCO e dedicada ao tema «A Água: gestão científica de um recurso vital».

O convidado principal era Stefan Bruk, um cientista jugoslavo, mas foi um cientista português exilado em Bruxelas ao serviço da NATO, antigo ministro da Educação, Luís Veiga da Cunha, quem deu mais vivacidade à sessão.

Foi ele quem afirmou que Portugal, um país pobre em recursos naturais, não se pode dar ao luxo de desprezar, como o tem feito, a riqueza da água que possui. As suas declarações e as de outros técnicos presentes confirmaram o teor da reportagem que o «D.L.» publicou na quinta-feira da passada semana, acerca do desinteresse dos serviços oficiais, em especial dos órgãos de decisão política, pelos problemas de gestão da água.

Veiga da Cunha ilustrou esse desinteresse ao revelar que, durante sete anos de associação de Portugal ao Programa Hidrológico Internacional da UNESCO, nunca ter sido possível realizar uma única reunião com os responsáveis oficiais portugueses. Um técnico estatal haveria de acrescentar que, apesar da legislação sobre gestão e qualidade da água estar elaborada há três anos, nunca foi publicada por falta de decisão política. Ninguém conseguiu ou quis adiantar uma explicação para este laxismo governamental, embora

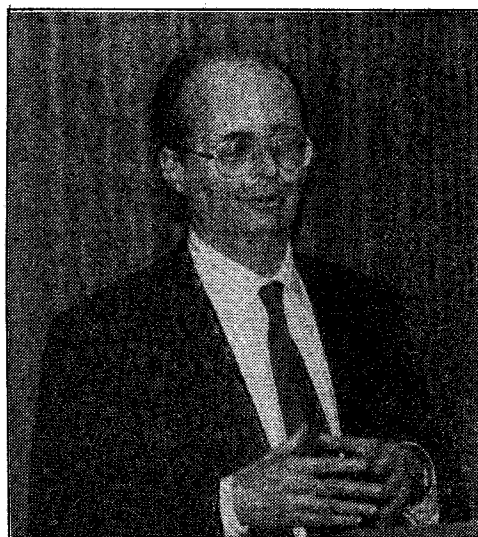


Alzira Santos: «Faltam melos financeiros e humanos»

tivesse ficado subentendido que os interesses em conflito são múltiplos, alguns poderosos e não tem havido vontade de os arbitrar.

Ficou claro que é ao Estado, em conjugação com os utentes, que compete esse papel arbitral, como forma de gerir conflitos entre interesses económicos, sanitários, ecológicos, turísticos, de produção energética etc., que a utilização da água suscita.

Como afirmou Veiga da Cunha uma boa gestão da água tem por finalidade fazer face às necessidades presentes sem comprometer



Veiga da Cunha: «Portugal não se pode dar ao luxo de desprezar os seus recursos aquíferos»

as necessidades das gerações futuras, ser capaz de lhes transmitir uma herança hídrica sem custos gravosos. Custos que se podem traduzir em poluição e em alterações climáticas, cuja gravidade leva alguns a por estas questões em termos dramáticos do Dia do Juízo Final.

Essa regulação deixou de ter uma escala local e regional para passar a escalas continentais e até globais pois, como chamou a atenção ainda Veiga da Cunha, os problemas se internacionalizaram e pela relação entre o ar e a água adquiriram uma dimensão maior.

Deu o exemplo das mudanças climáticas que poderão causar alterações que transformem zonas férteis em zonas estéreis e vice-versa, com profundas consequências geoeconómicas e até geoestratégicas.

Uma investigadora do LNEC e técnica da Direcção Geral dos Recursos Naturais, Alzira Santos, afirmou que há um divórcio entre os técnicos e os órgãos políticos responsáveis pela administração da água e entre a Universidade e os utilizadores. A legislação é antiquada, data de 1919 e a administração pública não põe ao dispor dos gestores da água os meios financeiros e humanos suficientes.

Disse ainda que, por falta desses meios, não existe um conhecimento rigoroso dos sistemas hídricos, o que não permite traçar cenários de utilização racional nem fazer planos de gestão, de modo a programar o uso da água, em função dos recursos disponíveis.

Para isso chamou a atenção o cinetista jugoslavo, ao afirmar que existem riscos de uma crise do sistema, quando a exponencial se cruza com a falta de água para todas as necessidades ou com o conflito entre a água-bem de consumo e os valores ambientais, a qual só poderá ser resolvida pela cooperação e negociação entre todos os parceiros que utilizam os recursos hídricos para os mais diversos fins. Stevan Bruk disse ainda que os métodos políticos de administração dos recursos hídricos devem ser intelegíveis e transparentes, com resultados acessíveis, não só aos especialistas, mas também aos utilizadores finais do sistema de água, o público em geral.

A.C.

ADMISSÃO DE PESSOAL MECÂNICOS DIESEL

Oferece-se:

- Remuneração compatível com a função;
- Subsídio de refeição;
- Facilidades de transporte;
- Outras importantes regalias sociais.

Pretende-se:

- Experiência em viaturas pesadas Diesel;
- 4.ª classe como habilitações mínimas;
- Carta de condução de Viaturas Pesadas (preferencialmente);
- Local de residência numa das seguintes localidades: Almada, Sesimbra, Barreiro, Seixal, Montijo ou Lisboa.

Os interessados deverão contactar pessoalmente ou por escrito para a morada abaixo indicada, referindo a idade, habilitações, tipo de carta e experiência profissional na função:

**RNIP — Rodoviária nacional,
Investimentos e Participações, S.A.
CEP 07, Divisão de Pessoal
Quinta de St.º Amaro, Impasse 6 — n.º 41E
Laranjeiro — 2800 ALMADA — Tel. 2537010**

ADMISSÃO DE PESSOAL ELECTRICISTAS AUTO

Oferece-se:

- Remuneração compatível com a função,
- Subsídio de refeição,
- Facilidades de transporte,
- Outras importantes regalias sociais.

Pretende-se:

- Experiência em Electricidade Auto,
- 4.ª classe como habilitações mínimas,
- Carta de condução de Viaturas Pesadas (preferencialmente),
- Local de residência numa das seguintes localidades: Almada, Sesimbra, Seixal, Barreiro, Montijo ou Lisboa.

Os interessados deverão contactar pessoalmente ou por escrito para a morada abaixo indicada, referindo a idade, habilitações, tipo de carta e experiência profissional na função:

**RNIP-Rodoviária Nacional,
Investimentos e Participações, S.A.
CEP 07, Divisão de Pessoal
Quinta de St.º Amaro, Impasse 6-n.º 42 E
Laranjeiro — 2800 ALMADA — Tel. 253 70 10**



RODOVIÁRIA
NACIONAL



RODOVIÁRIA
NACIONAL

Fernando Loureiro e Manuel Lopes vão ser propostos para uma direcção maioritariamente não-comunista

INES: a prova dos nove

A primeira direcção do INES, a eleger na assembleia constituinte marcada para a tarde de amanhã em Lisboa, será formada maioritariamente por não-comunistas, caso vingue a proposta que se dispõem a apresentar os seus principais activistas.

Segundo apurou o «DL», os membros dos grupos de trabalho formados na sessão de lançamento do INES, a 13 de Janeiro, procuram, deste modo, dissipar a ideia de que o instituto constitui apenas um grupo de pressão no interior do Partido Comunista, usado pelos chamados «críticos» para impôr as suas teses.

Por outro lado, a proposta tem como objectivo a criação de condições para que o INES possa de facto funcionar como fórum de debate das grandes questões que hoje se colocam à esquerda portuguesa, «não hegemonizado por aparelhos partidários ou áreas ideológicas fortemente caracterizadas», no dizer de um dos seus fundadores.

Veiga de Oliveira, membro do «Grupo dos Seis», Raimundo Narciso, ligado à «Terceira Via», o socialista Fernando Loureiro e o sindicalista Manuel Lopes são algumas das personalidades propostas para a direcção, de nove membros,

Outros destacados membros do grupo dinamizador do INES, como José Luís Judas, Vital Moreira, Barros Moura, José Saramago e José Magalhães deverão entrar para o Conselho Geral, previsto no ante-projecto de estatutos, a submeter à assembleia. Este órgão, constituído por um mínimo de 51 sócios, deverá integrar ainda, entre outros, Zita Seabra, Ivo Madeira Nobre, Gomes Canotinho, Orlando Carvalho e os socialistas Armando Bacelar e Edmundo Pedro.

Privatizações: debate a 17

Os primeiros corpos gerentes do INES serão sufragados apenas pelos presentes

na reunião de amanhã, no Instituto Franco-Português, em Lisboa. O seu mandato esgota-se no final do ano (ver texto nestas páginas), opção justificada pelo «elevado grau de indeterminação sobre o caminho a seguir» pelo Instituto, segundo fonte consultada pelo nosso jornal.

Na hora da oficialização do organismo, proliferam núcleos informais, espontaneamente criados. No Porto, Coimbra, Fundão, Caldas da Rainha, Barreiro e Marinha Grande realizaram-se já reuniões, sendo «bastante grande» o número de adesões. Os núcleos de Lagos e Covilhã têm, por ora, menor expressão.

O Instituto prepara, paralelamente, novas iniciativas. Para o dia 17, também em Lisboa, está marcado um seminário sobre privatizações, para o qual serão convidados economistas de diversas áreas. António Mendonça, professor do Instituto Superior de Economia, deverá ser o

moderador. Segundo apurou o «DL», está em estudo a realização de outros debates, sobre temáticas tão diversas como a regionalização e a integração europeia.

No início era revista

Nascido no interior do PCP, por iniciativa de militantes que se destacaram pelas suas posições críticas em relação à direcção do partido, o INES poderia ter sido apenas uma revista política e talvez hoje alguma intelectualidade - e a Imprensa mais atenta às transformações no partido de Cunhal - conhecesse a «Campo Grande», nome sugerido por José Saramago.

Espaço aglutinador de sensibilidades tão distintas como o «Grupo dos Seis» - cujo primeiro documento crítico, nunca tornado público, data de 24 de Março de 1987 - e a «Terceira Via», esteve para «sair» antes das eleições europeias do ano passado.

Porém, manteve-se em

«banho maria». E quando foi anunciado publicamente, o INES corporizava uma ambição maior: instituir-se em fórum de debate, aberto à participação de gente de esquerda, exterior ao PCP, independentemente do seu engajamento ou não a organizações partidárias. Membros do instituto garantem, apesar dos desmentidos oficiais, que a direcção comunista teve conhecimento do processo desde o início.

A «sombra» do PCP

À beira de assumir personalidade jurídica, chegou a «hora da verdade» do INES, a sua verdadeira «prova dos nove». Grande parte dos membros deseja que consolide a sua vertente de espaço de reflexão ideológica no seio da esquerda. Tem, porém, consciência de que terá de libertar-se do seu «pecado original», o nascimento a partir do PCP. Este é o grande dilema.

«Se o INES for apenas grupo

INES - INSTITUTO

Primeiro debate promovido pelo

de pressão no interior do PCP, morrerá a prazo», afirma Miguel Portas, para quem seria desejável que exercesse pressão, mas «sobre os partidos de esquerda, no plural». Portas coloca, assim, o dedo numa ferida: toda a esquerda precisa de renovação e não apenas o PCP. Daí que a (co)existência de opiniões distintas num mesmo espaço de debate seja vantajosa.

Em sentido idêntico apontam declarações de José Gândara, jovem ex-funcionário do PCP hoje ligado ao INES. Na sua óptica, «as grandes questões não se colocam apenas aos comunistas».

Uma direcção para dez meses

A primeira direcção do Instituto de Estudos Sociais (INES) vai gerir os destinos daquela organização até ao dia 1 de Janeiro de 1991, ou seja, por menos de um ano.

De acordo com o anteprojecto dos estatutos, a que o DL teve acesso, a direcção será constituída por nove membros e representada pelo presidente, eleito pelos restantes elementos da direcção. O referido documento preconiza que o mandato deste órgão seja válido por dois anos e renovável por duas vezes, o que acentua o carácter provisório da direcção que os membros do INES vão eleger na reunião da Assembleia Geral, marcada para o próximo sábado.

Uma das preocupações expressas neste anteprojecto prende-se com a a definição do INES como um espaço de diálogo, «não visando definir plataformas político-programáticas nem concorrer para a organização do poder político». O novo pnesamento e a nova cultura política, as principais mutações em curso na sociedade e as acções e lutas dos trabalhadores e dos vários movimentos sociais constituirão, segundo o documento, os grandes temas de debate do instituto.

Constituído por sócios efectivos, correspondentes e honorários, o INES só concede, porém, aos primeiros o direito de eleger ou de ser eleitos para os corpos gerentes do instituto. Nas eleições serão admitidos os votos por correspondência (segundo regras a definir posteriormente) embora neste primeiro escrutínio essa modalidade não esteja prevista.

Para concorrer aos órgãos dirigentes - As-

sembleia Geral, Conselho Geral e Direcção - é necessário apresentar à Assembleia Geral constituinte uma lista subscrita por um mínimo de 50 sócios e na qual constem as declarações de aceitação dos candidatos.

Embora a sede do INES se situe em Lisboa, os estatutos prevêem a possibilidade de serem abertas delegações ou núcleos de apoio em qualquer ponto do território nacional, muito à semelhança do que se verifica nos partidos políticos.

No que se refere ao património do instituto, os estatutos referem que este será constituído por um capital inicial de 250 mil escudos, ao qual se juntarão as quotizações mensais dos sócios, possíveis subsídios, donativos ou doações e o produto da prestação de serviços.

Estes serviços consistirão, essencialmente, na cooperação com entidades de fins e natureza similares, bem como em iniciativas editoriais, designadamente a publicação de uma revista que os estatutos definem como «um fórum de debate aberto dos princípios e objectivos do instituto».

Elaborado por Orlando de carvalho, José Magalhães e Barros Moura, este estatuto prevê ainda a sua publicação num jornal diário de expansão nacional, acompanhado da convocatória da Assembleia Geral Constituinte. Recorde-se que o INES surgiu da iniciativa de vários membros considerados como pertencendo à ala crítica do PCP, contando, porém, com elementos que fazem parte de outras formações partidárias, especialmente do PS, e personalidades independentes interessadas nestas matérias.

Crise a crise os críticos a

Tudo começou à volta da mesa: cinco amigos, ex-deputados comunistas reuniam-se para jantar e trocar opiniões sobre o partido. Uma noite surgiram as primeiras críticas ao funcionamento interno do PCP e à orgânica do congresso.

A Leste sopravam os ventos da «perestroika», e o «Grupo dos Seis» - formado por Vital Moreira, Vitor Louro, Veiga de Oliveira, Silva Marques, Silva Graça e, mais tarde Dulce Martins - neles se apoiou. Preparava-se o XII Congresso do PCP, surgiram teses alternativas, entretanto outros grupos se formaram e novas formas de contestação apareceram. Esta é a evolução das várias tendências críticas no PCP (em parte já publicada pelo «Expresso», em Novembro de 1988) e nela radica a formação do INES.

1987 - Março - Álvaro Cunhal recebe um primeiro documento do «Grupo dos Seis»;

Junho - José Magalhães e João Amaral, em artigos publicados em «O Diário» apelam a um debate interno e a reflexão sobre o resultado obtido pelo PCP nas legislativas;

Setembro - Cunhal anuncia o congresso para Outubro e preconiza «renovação

na direcção», numa entrevista ao «Avante!»;

Novembro - O «Grupo dos Seis» entrega novo documento ao secretário-geral do PCP, pedindo alterações na orgânica do congresso, o Comité Central é informado da existência de tal documento mas a reunião do executivo comunista é adiada por um mês por alegada deficiência dos trabalhos preparatórios;

Dezembro - Vêm a público divergências na reunião do Comité Central, é adiado o congresso e há uma primeira referência, não explícita, ao «Documento dos Seis».

1988 - Janeiro - O «Jornal» publica, na íntegra, o «Documento dos Seis», a direcção do PCP reage e os críticos são acusados de «crise de consciência comunista»; um relatório interno, atribuído a Domingos Abrantes, refere uma festa de fim de ano em casa de José Luís Judas, considerando-a «hostil ao partido»; tal documento veio a ser fundamental na expulsão de Zita Seabra;

Fevereiro - Zita Seabra apresenta à Comissão Política propostas para preparação do XII Congresso (eleição por voto secreto e listas mais amplas), é atacada e acusada de ser porta-voz dos «Seis»;

nova reunião do Comité Central adia o congresso para Dezembro de 1988; Domingos Abrantes elabora um «dossier» sobre fraccionismo; a então dirigente comunista abandona os trabalhos;

Abril - O «Grupo dos Seis» elabora e entrega outro documento sobre a necessidade de actualização do programa; o texto é divulgado no «Expresso»;

Maio - O «caso Zita Seabra» domina sucessivas reuniões do Comité Central, aparece uma primeira proposta de suspensão, mais tarde retirada; Vitor Neto, responsável pela SIP, pede a demissão do Comité Central, por «razões políticas»;

Junho - Um documento subscrito por José Saramago, António Hespanha, Gomes Canotinho, Borges Coelho e António Teodoro (com mais 500 militantes) é entregue à direcção do PCP e discutido no interior do partido, criando-se assim a chamada «Terceira Via»;

Julho - Um grupo de militantes da Marinha Grande propõe a realização de uma conferência extraordinária do PCP; não se conhece reacção pública da direcção deste partido; o «Grupo dos Seis» e a «Terceira Via» tentam uma aproximação que não chega a consumar-se;

CONCESSIONÁRIOS

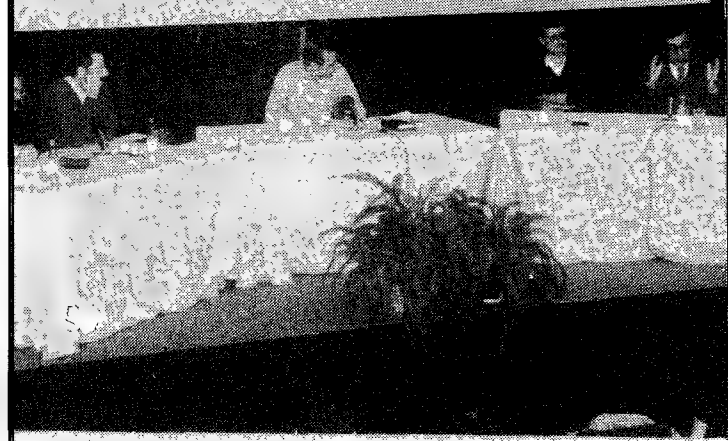
TOITORRES



TOYOTA

Edifício Toitorres E.N. 8 - Km 43,9 - Telef. 25171/2/3/4 - 2560 TORRES VEDRAS

INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIAIS



ovido pelo INES: a pluralidade de opiniões é objectivo em si

CP, É a Leste, com efeito, que estão a ocorrer as grandes transformações e está a ser posto em causa um modelo de sociedade. Só que «os efeitos não se fazem sentir apenas no movimento comunista».

Debelar a tentação partidária

O instituto cresceu rapidamente. «Misturou» diversas tendências de «críticos» do PCP, militantes expulsos do partido, como Zita Seabra e Francisco Simões, trotskistas, como Francisco Louçã e Heitor de Sousa, socialistas, como Edmundo Pedro, e

muitos independentes. Como conciliar esta pluralidade de matrizes ideológicas, conservando a eficácia?

Não há uma só resposta, naturalmente. Para Raimundo Narciso (ver entrevista nestas páginas) a questão é muito simples: a pluralidade é desejável. Ao que apurámos, há membros do INES que o encaram como embrião de uma futura organização partidária. Os seus principais dinamizadores, contudo, parecem dispostos a debelar tal «tentação».

António Mendonça, um dos críticos da direcção comunista, tem a este respeito uma

posição clara: «Evoluir para partido político, é algo absolutamente fora de questão, quer pelo conjunto diversificado de opções políticas e de filiação partidária, quer pela sua declaração de princípios, quer agora pelos estatutos que irão ser postos à consideração».

Os outsiders

Apesar da atitude de abertura patenteada pelos principais membros do INES, várias personalidades independentes de esquerda continuam a olhar a experiência de soslaio. Boaventura Sousa Santos, que esteve envolvido na campanha presidencial de Lourdes Pintasilgo, afirmou ao «DL» não tencionar filiar-se no instituto.

«Não faz sentido aderir formalmente a uma discussão de ideias. É limitativo e tem sempre o ar de contar espingardas», sublinhou, salvaguardando que tal postura não o impede de ter interesse em participar no debate, até porque considera que o INES pode funcionar como «estímulo para outros fóruns».

Paulo Martins

Veiga de Oliveira e Raimundo Narciso, provenientes de distintas correntes críticas no interior do PCP, estão entre os membros do INES propostos para integrar a primeira direcção eleita. Aqui ficam duas visões de uma mesma problemática: a renovação da esquerda

Veiga de Oliveira: «Só temos a certeza de ter muitas dúvidas»

Diário de Lisboa- Foi um dos membros do Grupo dos Seis que, há quatro anos, abriu o processo de contestação no interior do Partido Comunista. Nos últimos tempos tem mantido uma acção relativamente discreta. Porquê?

Veiga de Oliveira- Porque eu sempre desejei ser discreto, não é por mais nada.

DL- A discreção é mais eficaz para um trabalho desta natureza?

VO- É uma questão temperamental. Eu não sou daqueles que gostam das luzes da ribalta. Mas também não fujo quando é necessário.

DL- Acha possível, tendo em conta os condicionamentos políticos internos e externos, realizar-se neste momento a renovação do PCP nas suas estruturas?

VO- Acho possível, necessário e indispensável. Resta saber se será um processo fácil e que ajuda pode ser dada a partir de fora, de pessoas que não estão inseridas na linha de organização. É obrigação cívica de qualquer um de nós dar a contribuição que julgue estar ao seu alcance, mesmo quando ela se revelar negativa.

DL- O dr. Alvaro Cunhal já



Veiga de Oliveira

anunciou que as questões de direcção, programáticas e estatutárias não serão discutidas, no próximo congresso extraordinário em Maio.

VO- O partido não começa nem acaba no Congresso de Maio. Nem o partido, nem a vida, nem os problemas que a vida põe e continuará a pôr. Trata-se de um trabalho de longa duração, uma tarefa de fôlego. Quem começa hoje a desenvolver uma actividade que julga ser procedente e concreta em relação à renovação do PCP não o deve fazer partindo do pressuposto de que vai conseguir rapidamente os resultados.

DL- Essa é uma visão op-

timista. Não lhe parece que o arrastar das situações poderá ser prejudicial à própria evolução do Partido Comunista?

VO- Sim. A ideia que eu tenho é de que quanto mais tempo passar mais difícil será recuperar o que se perde. Mas nem por isso me posso deitar a afogar. Tudo o que posso fazer é pacientemente insistir nos aspectos que me parecem correctos e ao mesmo tempo alargar o debate, sem angústias, sem precipitações, quaisquer que sejam as dificuldades que o arrastar do tempo nos reserva.

DL- Que papel poderá desempenhar o INES não só na renovação do PCP como na da esquerda, globalmente encarada?

VO- O INES não pode directamente desempenhar um papel na renovação do Partido Comunista, quem o pode fazer são os próprios comunistas, dentro do partido. Tem que ver mais com a esquerda em geral, com o espaço democrático da esquerda do que propriamente com a renovação do PCP, que deve passar pela actividade interna dos militantes.

P.M.

s avançam

Setembro - Cunhal escolhe a festa do «Avante!» para pronunciar um discurso violento sobre os críticos; alguns membros da «Terceira Via» criticam em público o conteúdo do discurso do secretário-geral;

Outubro - O «Avante!» começa a publicar uma secção de «cartas de leitores», primeira tribuna aberta para a preparação do congresso; as «Teses» a apresentar naquela reunião têm dois votos contra na reunião do comité central;

Novembro - O «Grupo dos Seis» publica novo documento sobre a preparação do congresso, nele se faz também uma avaliação crítica de todos os documentos elaborados pelo executivo comunista; no final do mês, Zita Seabra é afastada do comité central, não tendo sido aceite, na altura, uma proposta para a expulsão do PCP.

Dezembro - Realiza-se no Porto o XII Congresso do PCP; José Luís Judas é derrotado ao pedir voto secreto; Raimundo Narciso e António Graça contrários à expulsão de Zita Seabra, saem do comité central;

1989 - Janeiro - Doente, Álvaro Cunhal vai tratar-se para a União Soviética;

Março - Vital Moreira aban-

dona o Tribunal Constitucional e volta à vida académica, em Coimbra; Cunhal regressa a Lisboa;

Abril - Os ventos de renovação atingem a JCP e tornam-se patentes no congresso; Rogério Moreira é afastado dos órgãos directivos;

Junho - Francisco Simões, membro do «Grupo dos 24», é expulso;

Agosto - Jorge Lemos aceita a suspensão do mandato de deputado, por seis meses; José Luís Judas sai do comité central; Silva Graça demite-se em carta enviada à direcção do partido;

Setembro - O «Grupo dos 24» manifesta o seu apoio à candidatura socialista à Câmara de Almada;

Novembro - O Comité Central toma pela primeira vez posição sobre os acontecimentos na RDA e noutros países socialistas; atribui a situação ao facto de as cúpulas se terem afastado das bases, enfraquecendo a natureza popular do poder político; Vital Moreira afirma, em entrevista ao «Diário de Notícias», que Álvaro Cunhal é obstáculo à renovação do partido;

Dezembro - O «Diário» fala da existência do Instituto de Estudos Sociais; o gabinete de imprensa considera «estranho que membros do

PCP procurem, sem conhecimento e à margem do partido, criar uma organização»; o INES divulga um manifesto, subscrito por 308 personalidades, para debater «uma nova cultura de esquerda»; Cunhal anuncia congresso extraordinário para primeiro semestre de 1990 e afirma que o INES «não é grupo fraccionista, mas tem uma pequena minoria de fraccionistas»; o comité central condena a repressão na Roménia;

1990 - Janeiro - Zita Seabra é expulsa do PCP; João Labescat, chefe de gabinete do grupo parlamentar, é destituído de funções; Cunhal traça, em entrevista ao «Avante!», o perfil do seu sucessor e diz que o caso do INES se tornar uma organização partidária, «será legítimo considerar a incompatibilidade com a qualidade de membro do partido dos seus aderentes»; o INES é lançado em Lisboa; o PCP anuncia congresso extraordinário para a primeira quinzena de Maio;

Fevereiro - Jorge Araújo escreve sobre o INES no «Avante!», afirma que a adesão ao instituto não deve, por si só, «ser considerada ruptura».

M.G.L.

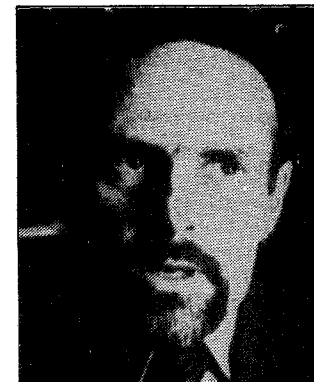
Raimundo Narciso: «Não dependemos de alterações no PCP»

Diário de Lisboa- O INES é composto por comunistas membros da Terceira Via, Grupo dos Seis, grupo de Almada, militantes de outros partidos, independentes. É possível conciliar tão diferentes tendências da esquerda?

Raimundo Narciso- É bom que um instituto deste tipo tenha pessoas de vários quadrantes políticos com opiniões diversificadas, porque garante à partida a pluralidade do debate. Naturalmente, julgo que muitos dos grupos de que falou, ou alguns deles, não têm qualquer expressão orgânica, existem mais por inércia, do que devido a uma estruturação. O debate alargado pode beneficiar das diferentes correntes de opinião.

DL- O INES não nasceu de uma estrutura partidária mas de alguns militantes do Partido Comunista. Subsiste a imagem de ligação a conflitos no interior do partido. Corre o risco de se restringir a um grupo de pressão dentro do PCP?

RN- Na realidade, na origem desta iniciativa está um grupo de comunistas que tem a pretensão de discutir de uma forma mais aprofundada uma vasta temática não só da área comunista, mas da esquerda em geral. Essa fase inicial foi



Raimundo Narciso

ultrapassada.

DL- Admite que uma profunda transformação na direcção do PCP possa esvaziar o sentido desta iniciativa?

RN- Julgo que essa questão não está na ordem do dia. Transformações nos partidos são processos lentos e neste momento as pessoas que participam no INES não o fazem a pensar que isso tenha um impacto decisivo ou fundamental na transformação deste ou daquele partido. Suponho que uma alteração, mesmo profunda, que houvesse na orientação do PCP, o que eu não creio que esteja a acontecer, não alteraria o objectivo e o interesse da existência do INES.

DL- Não teme que faça escola no interior do PCP a ideia de que há fraccionistas no INES e, portanto, os seus elementos são perversos, como disse?

RN- Isso é um facto adquirido até pelos elementos escritos já disponíveis, nomeadamente no «Avante!». Há uma ideia já formada em relação ao INES, mas há também o benefício da dúvida.

P.M.



Auto Monumental do Alentejo
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ECONOMIA

Cardoso e Cunha
defende âmbito mais vasto
do programa comunitário

Alargar Europarceria aos países do Leste

Portugal vai ser, em 1991, o país onde será desenvolvido o programa Comunitário Europarceria, que tem por objectivo estimular o crescimento económico nas regiões menos desenvolvidas e afectadas por indústrias em declínio, mediante a criação da cooperação entre empresas seleccionadas na CEE. Cardoso e Cunha, ao falar sobre este programa, disse que deverá ser alargado aos países do Leste europeu.

O programa Europarceria, em curso no País de Gales até 15 de Junho, levou empresas galesas a procurarem cooperação em sectores como a electrónica, alimentação, biotecnologia, construção, química e produtos farmacêuticos, plásticos, têxteis e vestuário e serviços.

O comissário português, que é responsável pela política de empresa na CEE acrescentou, na sessão de apresentação de um catálogo com as propostas de cooperação de 171 empresas galesas, que a Comissão quer aumentar o número de programas feitos anualmente, mediante iniciativas regionais mais restritas, em complemento das acções a nível comunitário.

Cardoso e Cunha considerou igualmente que foram um sucesso os dois anteriores programas, realizados na Irlanda e na região espanhola da Andaluzia e destacou, como balanço do Europarceria/89, que dos 2048 contactos feitos entre empresas, já foram assinados cem, estando 200 em fase de negociação.

Os objectivos do programa, conforme disse Cardoso e Cunha, visam a inserção de um conjunto de acções no quadro da nova geração de políticas comunitárias para fomento da cooperação como alternativa à concessão de subsídios. O comissário garantiu, igualmente, que a «Comissão Europeia vai ser mais selectiva e mais restritiva na selecção das empresas concorrentes, de forma a aumentar a eficiência do programa».

Telemercado alcança sucesso à primeira

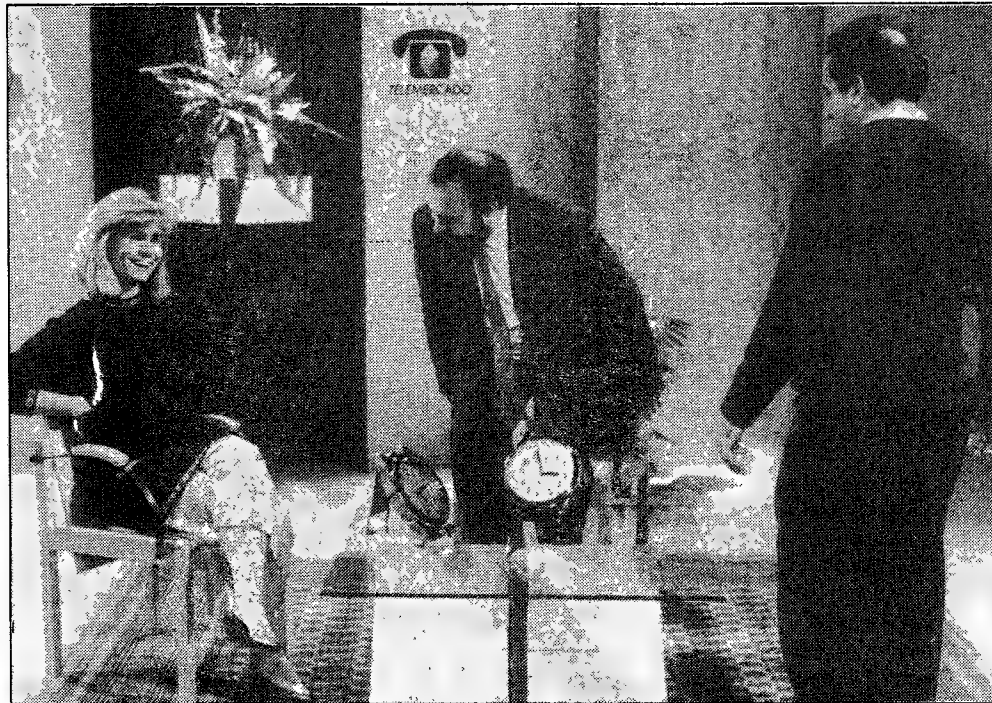
Apenas uma hora depois de ter terminado a primeira emissão do Telemercado, as encomendas feitas ultrapassaram as três centenas.

Estreado ontem, este programa televisivo possibilita a compra pelos espectadores dos vários produtos apresentados e tem por objectivo alcançar vendas diárias de três a quatro mil contos, o que ultrapassará o milhão de contos por ano.

Classificado pelos seus promotores como a maior operação de «telemarketing» feita em Portugal, o Telemercado divulgará, em cada dia, quatro a seis produtos, cujo género não andará longe do de ontem (conjunto de cozinha, queimador eléctrico, fato de ginástica e conjunto de atalhados): produtos pessoais e para o lar.

Daí o seu horário de emissão: das 14.30 às 14.55 horas. Durante este horário, o programa, que decorre em período experimental, será apresentado por Helena Ramos, Luís Arriaga, Júlia Pinheiro, Manuel Ryder e José Manuel Nobre.

Realizado por uma equipa da Telecine-Moro, dirigida por José Carlos Gorjão, este novo espaço televisivo deve a sua existência a João Soares Louro e Miguel Magalhães,



Helena Ramos, Luís Arriaga e José Carlos Gorjão durante as gravações

que trazem, desta forma, para Portugal, um programa existente em vários Estados europeus e nos EUA, aqui há cerca de dez anos.

Investimento de 500 mil contos

Depois de mais de um ano de preparação, foram constituídas as empresas Telecompra e Teleprodutos que, em

associação com a empresa líder do mercado de vendas por catálogo, a Ramirez & Raúl, Lda, investiram cerca de 500 mil contos. No horizonte já se perfilam outros projectos, como o de estudos de mercado, estudos pós-vendas e publicidade telefónica.

No programa, qualquer comerciante poderá ver os

seus produtos anunciados, desde que pague uma quantia estabelecida para o efeito.

A Telecine, além do Telemercado, está a realizar o «Vivamusica», o «Haja música» e o «Chegar, apostar e vencer», enquanto ultima a realização de mais dois programas, de carácter cultural: «Leituras» e «Em busca da memória».

COTAÇÕES Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49820	55820
ALEMANHA FED. (marco)	86870	87890
ÁUSTRIA (selim)	12430	12450
BÉLGICA (franco)	38980	48230
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	124880	127830
(notas de 5 a 1000)	125830	127880
DINAMARCA (coroa)	22860	23800
ESPAÑHA (peseta)	18318	18438
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148855	152905
(notas de 5 a 1000)	149805	152855
FINLÂNDIA (marka)	37800	37860
FRANÇA (franco)	25845	26835
HOLANDA (florin)	77800	78810
IRLÂNDIA (libra)	231890	235890
ITÁLIA (lira)	8107	8122
JAPÃO (iene)	8941	8996
NORUEGA (coroa)	22860	23810
REINO UNIDO (libra)	248860	253810
SUÉCIA (coroa)	24810	24860
SUIÇA (franco)	98880	100830
VENEZUELA (bolívar)	38152	38952

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Ajudas do Estado à Quimigal aceites pela Comunidade

A urgência do saneamento financeiro obrigou a empresa a avançar antes da Comissão se pronunciar

A Comissão das Comunidades considerou que o projecto de ajudas estatais a favor da Quimigal, que ascenderam a 48 milhões de contos, não falseia ou ameaça falsear a concorrência, pelo que fica inteiramente normalizada a acção daquela empresa durante 1989 com vista ao seu saneamento financeiro e consequentes reestruturação e relançamento, bem como posterior abertura ao capital privado.

Segundo disse uma fonte da Quimigal ao DL a decisão agora tomada apenas dá cobertura a um projecto que se começou a desenvolver no ano passado e que implica a realização de diversos negócios que englobam fusões, diversificação, reestruturação e abandono de actividades. Recordar-se que uma das iniciativas com mais impacto diz respeito à criação de um parque empresarial.

«A decisão das Comunidades não significa entrada de dinheiro (este já entrou) nem vem alterar a situação», disse a mesma fonte, que comenta: «O saneamento financeiro era inevitável e, portanto, pois sem ele não se poderia

ultrapassar a difícil situação em que a empresa se encontrava».

Processo difícil

De qualquer forma, o Ministério da Indústria considera que a aceitação das ajudas estatais à Quimigal envolveu algumas dificuldades para se provar que elas não iriam contra o o princípio estatuido no Tratado de Roma, que proíbe este tipo de auxílios.

As negociações duraram um ano e foi a primeira vez que a Comissão Europeia aceitou os justificativos do Estado português que permitem ultrapassar favoravelmente a fase de pré-contencioso que tinha sido aberta pela Direcção-Geral IV, entidade responsável por velar pela correcta aplicação dos mecanismos da concorrência. Valeram os argumentos de que a Quimigal desempenha um papel fundamental na economia portuguesa e que assume uma importância significativa no plano social e regional, com várias unidades fabris numa região que enfrentou uma crise de desemprego bastante acentuada.

Fundada em 1977, a Quimigal estava

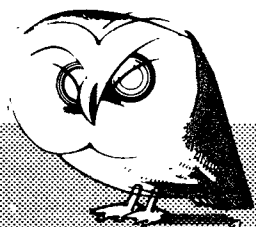
a acumular prejuízos desde 1980 e que viriam a atingir um máximo de 18,5 milhões de contos em 1988, ano em que os encargos financeiros representavam 24,8 por cento da facturação.

No final de 89 possuía cerca de 6400 trabalhadores, uma facturação directa na ordem dos 62 milhões de contos. Contava ainda com 22 associações que, no seu conjunto, detinham um volume de negócios de 60 milhões de contos e tinham três mil empregados.

Com a nova estratégia aberta pelo auxílio do Estado, a Quimigal autonomizou diversos negócios e criou as empresas Atlanport, Agroquisa, Nutasa, Quimiparque, Cuf-Têxteis e Plasquisa, esperando alcançar resultados positivos já no corrente ano.

Segundo o Ministério da Indústria, esta dimensão, que lhe dá quotas de mercado superiores a 30 por cento em alguns produtos e um sensível significado nas trocas comerciais intra-comunitárias, tornaram mais difícil provar à Comissão Europeia que a ajuda estatal não iria influenciar as trocas entre os Estados-membros e falsear a concorrência.

CULTURA



olhar de mocho

Lírica burlesca

Tudo ou quase tudo era lírico na Lisboa que o «Vamos Jogar no Totobola» nos apresentou para falar de Lisboa e do Cesário Verde. Possivelmente o realizador do pequeno filme pretendeu elogiar Lisboa e Cesário foi apenas pretexto, tanto mais que se falou de outras pessoas, todas interessadas em se «apaixonarem por Lisboa, tornando-a mais bela ainda». Poderíamos desfiar a ponta do novelo e encher páginas enciclopédicas sobre as belezas da capital e chamando a atenção dos mais distraídos para o bulício e o bucolismo da cidade. Nada mais justo que a TV, sobretudo quando sediada em Lisboa, nos apresente postais ilustrados em forma de filme e procure vender o produto a nacionais e estrangeiros. Até aqui, tudo certo - digamos sim à lírica, à poesia arquitectónica, à elegia da urbe. Mas o pior foi que o caldo ficou totalmente entornado quando a mesma TV e no mesmo canal nos apresentou uma reportagem, igualmente digna de todos os encómios que um espectador atento e interessado deve dispensar, sobre a situação caótica que se vive nessa mesma Lisboa: ruas permanentemente engarrafadas, peões nas ruas e carros nos passeios dos peões, cargas e descargas que nenhum político democrático consegue disciplinar, enfim, uma Lisboa porca, velha, suja, intragável, pasto de abutres, onde os direitos cívicos dos cidadãos são, cada dia que passa, ainda mais espezinhados pelos barões da indústria automóvel e por quem os apadrinha. Nessa noite de quarta-feira, onde ficámos, então: na Lisboa lírica do Cesário Verde ou na da reportagem do Telex? Qual das duas Lisboas é que vale?

As vezes o fenómeno televisivo preganos partidas deste género: escolher entre uma lírica que preferimos mas não temos e um burlesco que odiamos mas somos obrigados a aceitar. É o fenómeno lírico burlesco, talvez mesmo lírico caótico, lírico mas poluído e intragável.

Para sair do impasse o mocho recorda aqui a solução de um grande poeta da Antiguidade. Virgílio que morria de amores pela cidade de Tróia, que cantou essa cidade dos Dardanelos com uma harpa parecida à de Cesário Verde, resolveu o problema da opção com um verso de apenas duas palavras e que é um dos mais notáveis monumentos à poesia lírica: *Troia fuit*. São só duas palavras latinas mas a tradução é difícil: Tróia foi-se, Tróia acabou, Tróia deixou de ser, Tróia fugiu para sempre, Tróia foi engolida pela eternidade - tudo traduções possíveis, embora nenhuma acerte em cheio no lirismo de Virgílio.

O mocho está desconfiado que o caos urbanístico de Lisboa, o terrorismo do tráfico automóvel, o banditismo dos ruídos e dos cheiros, se estão a transformar numa segunda edição da Guerra de Tróia, desta vez, passada na foz do Tejo. Só nos falta é um novo Virgílio para cantar em verso lírico a morte de Lisboa.



José Sousa Monteiro

Não a assaltaram «ganas vulcânicas». Natália Correia, ontem, na Sociedade Portuguesa de Autores, leu, com redobrada alma, a sua própria poesia, no ciclo «O Poeta na Casa dos Autores». Um tom estranhamente doce numa voz habitualmente irreverente

Reviver o sagrado no feminino

Não houve a agitação costumeira, mas antes a comunicação serena de um percurso poético farto e, desde sempre, revelador de grande maturidade. Não obstante ignorado. Natália Correia é, desde os tempos da sua juventude, uma poetisa de corpo inteiro.

São quinze os títulos publicados, pela autora, nesta área e a carga profundamente simbólica e ritual, que os envolve, deixa-se ocultar, por vezes, pela pessoa impulsiva que lhes deu vida. Personalidade reconhecida, com produção literária divulgada sobretudo nas áreas do teatro e ensaio, onde a dimensão exterior do diálogo é mais evidente, a sua poesia não tem, no entanto, o êxito que seria de esperar. Ela própria o aceita, peculiarmente, sem complexos: «Tenho o prazer de ver ignorada a minha obra poética, o que me dá um gozo extraordinário». Nas palavras de Fernando Dacosta, o apresentador da escritora, na sessão de ontem, Natália Correia, só pode ser idolatrada ou odiada. A sua escrita é habitualmente esquecida, propositadamente posta de lado, e apenas «A Pécora», polémico texto dramático, ainda em cena no teatro da Comuna, em Lisboa, «se salvou», devido aos louros recolhidos por terras de França.

Precisamente, polémica e «provocadora», a autora, reflecte essa faceta na escrita. Os temas são arriscados e Natália Correia é uma das poucas protagonistas desse debate, que leva ao questionamento das verdades e faz a criação das ideias. E a proposta de trabalho não é

modesta. Pretende, segundo o apresentador, «a recuperação do feminino, existente na mulher e no homem; a recuperação do politeísmo, do sagrado, do ritual, do mistério». Para a poetisa, «os homens só serão unidos, quando acreditarem nos deuses e, mais importante que os deuses existirem, é acreditarmos neles». Note-se, deuses, no plural. Afrontase a religião monoteísta, «fonte de todas as ditaduras», e a secularização ateuista, com o pluralismo do espírito. Feminino, e não feminista. Cultivando a flébil sensibilidade. Pretende também, segundo Fernando Dacosta, «o repúdio da crucificação da cultura, do sofrimento do sacrifício, das mentalidades formigueiras e coelheiras do consumismo», porque «o cristianismo da cruz é a sombra onde se perdeu o cristianismo da vontade da vida».

Apelidada, na juventude, de «barroca», tão na moda hoje, e, por isso mesmo, epíteto recusado, a sua poesia integra-se no projecto romântico, onde espera, diz-nos, «ser incinerada». Sob o signo romântico, o signo do mistério feminino, o signo do mistério da origem. Pelo feminino chega à «Mátria», nome de pátria, em Creta. É a mãe ilha. «E sempre que os dedos evanescentes da mater me tangerem, saíam poemas em forma da mãe ilha, onde nasci». Nasceu em S. Miguel, Açores, a 13 de Setembro de 1923.

A Europa, «uniformizada num supermercado», «comboio de corda no infantilismo dos tecnocratas», desiludiu-a. Desenganada pelo «fas-



Natália Correia

cismo sacrista», que a leva a tribunal, diz: «Não sou daqui!» Chega à «heresia» máxima. Ao culto do Espírito Santo, aliás, «Espírito Santa», do género feminino no hebraico, «antiga heresia perseguida na Idade Média, e posição defendida hoje por uma minoria de teólogos. Tal como afirmou o Papa João Paulo I, que reinaria apenas 33 dias, Deus não se chama Pai mas sim Mãe. Entra então na «Guerra Santa». «Não estou aqui para que Deus me ignore. Mas nem por isso lhe sou solícita». Requer para si um estatuto à parte. Citando Novalis, «os poetas e os sacerdotes na origem eram um só».

Hermética, difícil e irrever-

ente. Recusou-se a ler um poema, porque a poesia que se tornou muito popular não vem muito a seu gosto. Silenciar-se-á, como forma de protesto, no próximo dia 8 de Março, na Assembleia da República, onde é deputada independente, porque os deputados, se esqueceram de agendar o tema. «Não dedicaram a sessão à mulher, o que é uma outra forma de censura». Assim, não haverá mulheres, no dia 8, na Assembleia. Nessa outra assembleia, que foi, ontem, a sessão de leitura de poemas de Natália Correia, na S.P.A., havia, por sinal, muitos homens.

Manuela Baptista

SEC dá subsídio ao Teatro de Portalegre

Por despacho do secretário de Estado da Cultura acaba de ser atribuído, ao Teatro de Portalegre, um subsídio de apoio à montagem do espectáculo «Autos das Fadas e da Índia», sobre os autos homónimos de Gil Vicente.

Este espectáculo conta com dramaturgia e encenação de José Mascarenhas, sendo a cenografia e os figurinos da responsabilidade de Vladimiro Franklin. A interpretação estará a cargo de Conceição Gonçalves, Fátima Reis, José Figueiredo Martins, Lígia Duarte, Victor de Freitas e Victor Pires. A estreia está prevista para o próximo dia 8, no salão do Convento de Santa Clara, em Portalegre. O subsídio atribuído ao Teatro de Portalegre, à semelhança dos que têm sido concedidos a outras companhias da chamada «descentralização teatral», foi de 4 mil contos.

«A Condessa Descalça» domingo na RTP

«A Condessa Descalça» de Joseph Mankiewicz será transmitido no próximo domingo pela RTP 1 às 15 horas. Realizado em 1954, este filme conta com as interpretações de dois

«monstros» sagrados: Ava Gardner e Humphrey Bogart, para além de Edmond O' Brien e Rossano Brazzi. O tema é mais uma viagem ao universo do espectáculo, através da história trágica de uma actriz de sucesso, assassinada pelo marido sexualmente impotente.

O domingo cinematográfico na RTP não se fica por aqui. A obra-prima de Mankiewicz acrescenta-se «El» de Luís Buñuel, a transmitir no Canal 2 às 21.30. Trata-se de um filme inédito em Portugal, tomando como tema o ciúme em que um aristocrata se consome até ao fim dos seus dias.

«A Chorus Line» de Richard Attenborough, com Michael Douglas e Audrey Landers será o filme a transmitir na «Lotação Esgotada» de quarta-feira. Dotado de grandes meios, como, aliás, é habitual nas películas de Attenborough, «A Chorus Line» debruça-se sobre os desejos e frustrações do quotidiano do principal corpo de bailarinas da Broadway.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

«Um quadro não tem princípio nem fim, não tem antes nem depois. Alguns pintores, como Zubaran, souberam perceber isto a tempo.» A partir de hoje, o público da Casa de Serralves tem a excepcional oportunidade de poder compreender a exaltante expressão do mestre catalão

Viva Miró!

Sugestivamente intitulada *Mirós de Miró*, a exposição compõe-se de 108 trabalhos (óleos, desenhos, obra gravada e *grafittis*) feitos nos últimos trinta anos, e foi organizada pela Fundação Pilar e Joan Miró, para uma curta itinerância que a levou a Roma, Verona e Barcelona.

Escolhida como refúgio durante os anos obscurantistas da segunda guerra mundial, e terra natal de sua mulher, Palma de Maiorca seria também a cidade eleita para o pintor viver os últimos anos de uma vida que conheceria o epílogo na noite de Natal de 1986.

Trinta anos distavam da construção do atelier (pelo arquitecto José Luís Sert, também autor do Museu Miró, de Barcelona, e Fundação Maeght, no *midí* francês) que, doado ainda em vida à cidade, é, por assim dizer, a primeira pedra da Fundação. Só concluída, quando em 1992 se tiver recuperado o edifício que Miró destinou para a escultura e litografia (sendo dessas paredes os quatro *grafittis* expostos em Serralves), e terminar a construção do edifício sede (biblioteca, auditório, atelier para bolseiros, sala de exposições temporárias e uma permanente de Miró), projectado pelo arquitecto Raphael Moneo, nem mais nem menos que o autor do Museu de Mérida.

Como curiosidade, refira-se que, com o intuito de angariar fundos para a concretização desse projecto, ainda em Dezembro de 1986, a viúva entregou 46 obras à Sotheby's, de Madrid. O leilão teve lugar no Hotel Ritz, e as percentagens da Sotheby's reverteram a favor de uma bolsa que testemunha a ligação da casa leiloeira com a Fundação Pilar e Joan Miró. São dessa fabulosa colecção

as 108 obras que nos permitem o fascínio, aproximação e estudo, devendo-se à particular atenção do director do Museu de Arte Moderna, Fernando Pernes, que soube conjugar a efemeridade da itinerância com as disponibilidades da Fundação de Serralves e entidades espanholas concorrentes.

No primeiro piso, mostram-se óleos (muitos, de grandes dimensões, e alguns inacabados), seis técnicas mistas, com particular destaque para *Personnage et Oiseau*, de 1976. Trata-se de um óleo que tem por suporte lixa de vidro, e onde o próprio suporte (ou melhor, as costas impressas) funciona, por vezes, como elemento cromático, adquirindo simultaneamente a volumetria procurada em elementos apostos (madeira pintada e madeira pregada). Destaque também para um outro trabalho (sem título, do lado esquerdo do anterior), onde Miró parece perseguir uma pintura que se desdobra como nunca na que Fernando Pernes descreve como "dimensões diferentes de austeridade e agressividade, mas pelas quais emerge o mesmo ardente vitalismo que reconhecemos noutras suas imagens, melhor marcadas de pleno virtuosismo executivo".

Mais sete óleos são mostrados na escada que nos leva ao segundo piso, reservado para os desenhos, obra gravada e a instalação dos quatro *grafittis*. O cuidado que Etheline Rosas (ex-directora do Museu de Soares dos Reis) investiu na montagem da exposição, não impede que o cansaço, e alguma monotonia se instale, sobretudo nas salas atribuídas ao desenho e obra gravada. Da obra gravada, patentes duas litografias da série *Mallorca* (preto e branco) e três da série *Joan Prats* (1976).

Nos desenhos, a multiplicidade das técnicas mistas utilizadas (e inventadas) dificilmente os diferenciam dos trabalhos como tal referenciados e já vistos no primeiro piso. É a brutalidade do cartão prensado (duas prováveis pastas de desenho); o imediatismo expresso a carvão sobre esferovite, uma qualquer chapa de esferovite; é o reencontro com o dadaísmo quando o suporte são duas folhas abertas de um jornal (22/7/75 e 8/6/76); a colagem enquanto *object trouvé*.

São Mirós de um Miró que se interroga, questiona os materiais até à exaustão e reinventa uma escrita, uma caligrafia, de exaltante vibração cromática. É um pintor mediterrânico que, como nenhum outro, soube dizer de que cor é a Espanha que, imposta como uma e indivisível, se reparte pelo arco-íris nos cornos do minotauro, ensanguentada no bréu de um miúda.



"Sem título", tinta-da-china, guache e lápis, sobre papel

Ficaram para o fim os *grafittis*. Felipe Fuster, comissário da exposição *Mirós de Miró*, disse-nos que estes são apenas um apontamento das centenas que o pintor deixou espalhados um pouco por toda a superfície de quatro salas. E são também quatro,

retirados da pele (cal) da parede e enxertados na urgência da hipnótica eternidade. E se aqui nos é dado reencontrar a vertigem que qualquer criança exprimenta ao riscar uma parede branca, tráz-nos também "o máximo de nudez expressiva junto da

maior eloquência lírica que discurso algum poderá traduzir". Onde, ainda segundo Fernando Pernes, "o antiquíssimo sentido comunicativo da arte como que brota, prenhe de frescura juvenil".

Jorge Fallorca

Consequência da vitalidade que as galerias atravessam ou de uma calendarização desatenta, assistimos a uma simultaneidade de inaugurações que, se nos quiser acompanhar neste périplo urbano, talvez não dê o esforço por inglório

Pintura para toda a semana

Breve passagem pela Galeria Leo (Trav. da Queimada, 48). Ao contrário dos aniversariantes, para assinalar a passagem do seu 10º ano de actividade, a Leo oferece-nos uma exposição não comercial, onde retrospectiva obras significativas de exposições ali efectuadas. (Ver «DL» de dia 20).

Se a temática do auto-retrato o interessa, sugerimos-lhe a exposição organizada pela Galeria Cómicos/Luís Serpa. Sugestivamente intitulada a partir de Rimbaud, «*Je est un autre*», tem um carácter nitidamente museológico (não necessariamente exaustivo) colocando a actividade da galeria acima dos imediatos conceitos de mercado.

Tema preferido de alguns artistas que hoje constituem referência obrigatória nos manuais de História, seria praticamente impossível nomear todas as obras em que se fizeram representar nos seus próprios trabalhos. Desde os escultores/canteiros da Antiguidade aos pintores medievais, da Renascença ao Romantismo e toda a época Moderna possuem inúmeros exemplos da projecção do artista enquanto ele próprio.

E, se os mais conhecidos podem ser Durer, Rembrandt ou Goya, outros, como Cézanne ou Van Gogh, são certamente exemplos que jamais esqueceremos, dada a profusão de imagens que vêm reproduzidas em revistas e

livros de Arte. E é a imagem (como meio de reprodução) e portanto a fotografia, que ganhou lugar de honra na arte, a partir da utilização sistemática dos meios de comunicação, desde livros, revistas, jornais ou o vídeo e o cinema.

Seleccionada a partir de obras de reputados artistas internacionais, propõe um olhar atento sobre a auto-representação, constituindo-se esta primeira exposição, de obras essencialmente fotográficas de Boyd Webb, Chuck Close, Cindy Sherman, Clegg & Guttman, John Coplans, Lucas Samaras, Jorge Molder e Thomas Ruff.

Contribuindo de forma positiva para o enriquecimento do (actual) panorama das exposições entre nós, a segunda parte (com obras de Andy Warhol, Christian Boltanski, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Brothaers, Michaelangelo Pistoletto e Tony Cragg, onde a fotografia é parte integrante de objectos que ainda escapam à noção de escultura) será apresentada na Fundação da Casa de Serralves (Museu de Arte Moderna, do Porto) durante os meses de Junho e Julho. Última referência para a edição de um catálogo (a cores e a preto e branco) com ensaios de Chaké Matossian, John Yau e Pedro Miguel Frade, que contribuem para o esclarecimento da problemática do auto-retrato

e da auto-representação.

Mesmo ao virar do quarteirão, fica a Galeria S. Mamede. Victor Belém reúne em exposição cerca de 20 trabalhos dos últimos dois anos. Intitulada *Anamnésia* (reencontro de memórias perdidas), confrontamo-nos com paisagens metafísicas de matéria em transformação onde fragmentos dispersos desafiam a lei da gravidade, ruínas de civilizações perdidas, aparições num mundo primordial ou para além de um grande cataclismo, onde deuses, homens e matéria partilham da mesma substância.

Jogando com o binómio caos/geometria (linha subjacente ao percurso de Victor Belém) os quadros organizam-se a partir da mensagem formal contida no gesto e posta a nú por uma ocultação/desocultação, propiciando, através de planos de luz cor ou linhas perspectivantes, uma leitura em profundidade. Cruzeiro Seixas, prefacia o catálogo da exposição. (Ler entrevista na «Mosca»).

Na Galeria Módulo (Calçada dos Mestres, 34), continuam as exposições de pintura (quanto a mim, onomatopaica...) sobre papel, de Marta Wengorovius, e esculturas de Baltazar Torres.

A pintura de Marta, regista ainda alusões sonoras, interjeições. Para a apresentação em Lisboa do escultor portuense Baltazar Torres, a

direcção da galeria terá optado por mostrar peças que, embora volumetizem propostas de *design*, são percorridas por uma intensa ironia e poética.

O «reaparecimento» de Teresa Magalhães, veicula-se através da Galeria Nasoni (Praça de Espanha). Entenda-se reaparecimento individual, depois de uma intensa participação o ano passado e mesmo este ano (Heidelberg e Macau), em significativas exposições colectivas. São 27 trabalhos dos últimos dois anos (incluídos os da representação portuguesa à 19ª Bienal Internacional de S. Paulo, em 1987), de «uma pintura que se auto-devora e auto-restitui, num recomeço imparável que vai de um sentido ao outro», no entender de Fernando de Azevedo.

Em Cascais, duas exposições a ver: aguarelas de Nuno Félix da Costa, na Galeria Arcada, e na Galeria Arcadas do Parque, desenho pintado sobre papel de Joaquim Carvalho.

Dois universos distintos: a truculência de Nuno, resolvida em superfícies que remetem para as iluminuras de um «Livro de Horas» delirante; ou a economia expressiva de Joaquim, em dipticos iluminados pela ruptura entre duas superfícies brancas (folhas de papel), apostas ao branco da cartolina (suporte)

J.F.

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, SA

Rua Nova do Carvalho, 66 — LISBOA
Capital social de 50 000 contos
Matriculada na Conservatória do Registo
comercial de Lisboa sob o n.º 10 276

ASSEMBLEIA GERAL

Convocatória

De harmonia com o disposto na Lei e nos estatutos, convoco os Srs. Accionistas desta Sociedade para se reunirem, em Assembleia Geral, na Praça de S. Paulo, 12 — 3.º Escada Esquerda (instalações sociais da empresa), no próximo dia 30 de Março de 1990, pelas 19 horas e 30 minutos, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Deliberar sobre o relatório e contas do exercício de 1989;
- 2.º — Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade;
- 3.º — Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a sociedade;
- 4.º — Proceder a eleições que sejam da sua competência, nomeadamente as que se prendem com o Conselho Geral.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1990

O Presidente da
Mesa da Assembleia de Empresa
Eduardo João dos Santos Meneses

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Victoria de Los Angeles aplaudida ontem de pé no São Carlos

Um título de glória

Suponho que não incorrerei num excesso de pessoalismo se disser que - para os aficionados lusos da arte vocal pertencentes a gerações que há muito ultrapassaram os 50 anos - Victoria de Los Angeles permanece, aqui e agora, um dos deslumbramentos e uma das grandes referências da nossa memória colectiva. Reitero a expressão «aqui e agora», porque os alvares da carreira da admirável e célebre cantora, nascida na Catalunha, foram testemunhados como uma revelação, ainda nos idos da década de 40, por esta Lisboa, então talvez um pouco mais pacata musicalmente; e desde essa data a presença de Victoria na capital portuguesa foi sempre desejada e saudada como um evento artístico marcante.

Aliás, as primeiras actuações lisboetas constituíram, afinal de contas, o verdadeiro início do périplo internacional de Victoria de Los Angeles, honra que vem a propósito acentuar, até porque no mesmo palco do Teatro de São Carlos - onde se realizou o recital de ontem à noite - é que tal acontecimento se deu. Uma referência, pois, a recordar como um dos muitos títulos de glória do nosso São Carlos, e que infelizmente não vinha consignada no curriculum constante do programa.

Mas debruçemo-nos sobre este concerto, aguardado com enorme expectativa e que se impôs, indiscutivelmente, como uma lição de bom gosto interpretativo e de fino sentido estilístico, assim como a eloquente manifestação de uma técnica vocal de superior gabarito. Claro que, ao cabo de 45 anos de carreira prestigiosa como poucas - e extremamente preenchida e desenrolada no mais elevado tablado mundial, com a colaboração e o aplauso também de muitas celebridades musicais do nosso tempo - a voz perdeu um tanto em volume e até em «brilho». Mas conserva uma fundamental pureza e mesmo uma firmeza que a colocam ao abrigo de qualquer tremura (aquilo que, no calão profissional, costuma designar-se por «chevroteamento»).

Victoria mostrou, ontem à noite, que sabe servir-se primorosamente dos meios que possui, graças a uma escola perfeitíssima, a qual lhe permite cantar, de maneira tão impressionante, a meia voz, «smorzar». Curiosamente, será lícito até afirmar que, para lá de qualidades maiores que sempre a distinguiram nos mais diversos géneros - o bom gosto, a intencionalidade, a nitidez de dicção, a ausência de qualquer acentuação exagerada -, verificou-se, na arte de Victoria de Los Angeles, um aprofundamento interpretativo ainda mais subtil em terrenos porventura menos recordados a seu respeito: em Schubert, por exemplo.

Pôde apreciar-se aqui - talvez com certa surpresa de alguns espectadores - real capacidade de obter uma gama notavelmente diferenciada quanto a climas ou no capítulo da caracterização psicológica. **Wiegenlied**



Nuno Barreiros

resultou uma delícia e Die Forelle teve a apropriada leveza. No trecho extraído da *Mignon* goetheana («Nur wer die Sehnsucht kennt») foi traduzida, de facto, a desolação do poema. E Victoria de Los Angeles não receou abordar a forte dimensão dramática de dois expoentes do «lied» schubertiano, *A Morte e a Donzela* e *O Rei dos Álamos*, com um sentido intenso do dramatismo dessas páginas e do simbolismo das personagens. Refiro este aspecto do seu recital porque se tornou uma pedra de toque quanto à maleabilidade interpretativa de uma artista de excepcional quilate, mas citada sobretudo noutro tipo de repertório. O recital iniciava-se, de resto, com trechos de operistas italianos dos séculos XVII e XVIII. E com que finura se evocou a ténue ironia de *Le Violette de Scarlatti*! A bem conhecida passagem da *Serva Padrona* de Pergolesi («Stizzoso, mio stizzoso») foi, por outro lado,

transmitida com um modelar equilíbrio expressivo, entre a desenvoltura e a admoestação.

Em peças mais consentâneas com aquilo que se tem considerado um terreno em que Victoria de Los Angeles é, a bem dizer, imbatível, puderam usufruir-se vivências verdadeiramente inesquecíveis: em Granados, na lírica canção tradicional *La Dama d'Arago*, e ainda nas *Canções de Falla*, em que transpareceu um sentido visceral desta música cálida e empenhativa, ainda que, no caso de *Polo*, ligeiramente acima das actuais virtualidades da voz da célebre cantora. Em Fauré houve igualmente muito de grandemente impressionante. Refira-se apenas *Tristesse*, que mergulhou, de verdade, na melancolia, na «tristesse affreuse» de que fala o poema.

Fiquemo-nos por aqui. Um recital que acabou por pôr a sala ao rubro, com todo o público a aplaudir de pé. Mas seria injustiça não salientar a preciosa participação do pianista Manuel Garcia Morante, um colaborador admirável e requintado, de excelente musicalidade.

B R E V E S

Portugal e os Jogos Olímpicos de Barcelona

O Governo vai lançar «um vasto programa de animação cultural permanente» nas regiões fronteiriças com a Espanha, durante todo o ano de 1992 - anunciou, em Bruxelas, o secretário de Estado da Cultura.

O Objectivo do programa, segundo Pedro Santana Lopes, é desenvolver ao longo da fronteira acções de promoção da cultura portuguesa que constituam polos de atracção dos numerosos visitantes que acorrerão a Espanha durante o ano de 1992, por ocasião dos Jogos Olímpicos, em Barcelona, e da Expo 92, em Sevilha.

Ramos Rosa no «Courrier» belga

O poeta Ramos Rosa vai ser homenageado em Lisboa de 7 a 8 de Março, na mesma altura em que a revista belga «Courrier» lhe dedica um número especial - segundo informação do Centro nacional de Cultura. A apresentação da revista, que tem a colaboração de Urbano Tavares Rodrigues e José Saramago, entre outros, realiza-se dia 7 na Galeria Sotrip.

CD aumentam de venda

A venda de CD em Portugal aumentou no ano passado 56,49 por cento relativamente ao ano anterior - soube a Lusa junto da Associação Fonográfica Portuguesa. Este aumento foi o único registado na indústria discográfica portuguesa que continua a ver diminuir as vendas de outros formatos: singles (menos 55,68 por cento), cassettes (menos 21,16 por cento) e LP's (menos 15 por cento).

Fantasporto

O Fantasporto, Festival Internacional de Cinema Fantástico do Porto, foi considerado um dos 16 maiores certames da cidade pelo jornal norte-americano «Variety». O próximo Fantasporto decorrerá em 1991 de 8 a 17 de Fevereiro, estando já previstas retrospectivas sobre cinema e banda desenhada, cinema da Catalunha e brasileiro.

Em memória de John Lennon

Mais de uma dezena de vedetas participarão no dia 5 de Maio, em Liverpool, «berço dos Beatles», num concerto organizado em memória de John Lennon - anunciaram os organizadores.

3.º e ÚLTIMO MÊS

O Regresso de Bucha e Estica

Rua da Glória, 57
1200 LISBOA
Telef. 32 51 40

MAIS DE 4 MIL ESPECTADORES
JÁ SE RIRAM E DANCARAM CONOSCO
NA RUA DA GLÓRIA. TEM SIDO A NOSSA
GLÓRIA!!! MARQUE JÁ A SUA MESA PARA
5ª, 6ª ou sábado às 21.30h
Sábados e Domingos às 16 horas
SONOS A SURPRESA DO ANO DA CRÍTICA
E DO PÚBLICO!!
TEL. 325440



CULTURA E ESPECTÁCULOS

Grandes títulos, cor, erotismo ou mistério, no cinema tudo começa pelo cartaz. Hoje, os colecionadores disputam entre si estes pedaços de nostalgia, cuja cotação sobe cada vez mais no mercado da arte. Uma exposição nos arredores de Paris mostra uma centena destes objectos mágicos

A primeira imagem

Olhares de papel, peitos opulentos, criaturas de sonho atormentadas por vampiros de beijos sanguinolentos. Uma única imagem, um grande título e algumas cores: é preciso chamar a atenção, sugerir uma história sem a desvendar. No cinema, tudo começa pelo cartaz. Ele deve dar ao transeunte mais distraído a mais imperiosa vontade de se enfiar no cinema mais próximo. Após a palavra fim, o cartaz permanece na rua e deixa ainda cair algumas recordações até que venha o próximo colador de cartazes. O Centro Cultural de Boulogne-Billancourt reuniu uma centena de belas peças dos anos 30 aos anos 50, provenientes da colecção dos Filmes Christian Fechner. De uma só vez, ressurgem do esquecimento perto de cem filmes.

Logo de entrada, sacodem-nos a memória oito obras que elogiam os méritos de «Enfants du Paradis». E eis-nos na senda do crime com Arletty, Jean-Louis Barrault ou Pierre Brasseur. Mais à frente, uma pomba imaculada empalada em arame farpado sobressai junto de um soldado prussiano. O cartaz de «A Grande Ilusão» de Bernard Lancy é um dos mais conhecidos do cinema francês.

Não há nada que valha uma cena de amor

Os cartazes falam de si próprios, tendo em fundo canções das estrelas dos anos 30.

Evidentemente, para criar um cartaz de cinema é preciso talento,

um grande sentido da publicidade e muita intransigência: o êxito de um filme depende também do seu impacto. Os mais importantes criadores de cartazes da época, Bernard Lancy, Jacques Fourastié e René Péron, optam pelo realismo - muito eficaz -, na mais pura tradição do naturalismo pictorial do final do séc. XIX. Agarra-se uma personagem, muitas vezes até ao limite da caricatura: Schpountz ou Nais, Fernandel parece ser uma das «vítimas» favoritas dos artistas. Michelins Presle, Gérard Philipe ou Luis Juvet «vendem» por si próprios. E, para apanhar o freguês, agarra-se na cena chave do filme e não há nada melhor que uma cena de amor, como o desvairado abraço de Simone Simon e Jean Gabin em «La Bête Humaine». Marcel Pagnol encontra nos desenhos de Dubout a truculência mediterrânica das personagens de «César», «Marius» ou «Fanny».

No começo dos anos 50 a imagem complica-se. Aparece a fotomontagem e os símbolos são mais numerosos, a exemplo das obras de Raymond Gid, cujos dois cartazes das «Diabólicas», com silhuetas, um olho e medonhas marcas sangrentas, dão maravilhosamente a ambiência do filme de Henri-Georges Clouzot. Alguns vendem-se a si próprios. Noel-Noel desenhou-se a si mesmo em «Le Père Tranquille». para «Orfeu», Jean Cocteau, realizador e desenhador, propõe um serviço do produtor ao con-

sumidor.

Hoje em dia, estes cartazes não proporcionam apenas lufadas de nostalgia aos cinéfilos. Solidamente implantados no mercado da arte, a sua cotação sobe alegremente, como o provam as vendas em leilões cada vez mais numerosos.

Em Maio de 1987, em Paris, um exemplar de «A Grande Ilusão», avaliado em cerca de 8000 francos, foi adjudicado por cerca de 17.000. A cotação dos «Fanny», «Marius» e «César» varia actualmente entre os 2500 e os 5000 francos. É preciso ter entre 800 e 1500 francos para poder adquirir uma primeira edição de um dos três desenhos das «Diabólicas», de Raymond Gid. O flamejante cartaz de «A Bela e o Monstro», de Jean-Denis MacLé, que podemos admirar em Boulogne, está avaliado em 11.000 francos. Em 8 de Dezembro último, na sala Drouot, um cartaz original de «Metrópolis», assinado por Boris Bilinski, foi vendido por 131.000 francos. Criado para a estreia do filme de Fritz Lang, é o único exemplar que se conhece. Nunca um cartaz de cinema tinha ultrapassado a barreira dos 100.000 francos.

Benédicte Mathieu
Serviço exclusivo
«Le Monde»/«DL»

Tradução de Maria Otília Moreira

Esta exposição está patente ao público no Centro Cultural de Boulogne-Billancourt até 8 de Abril.



Toda uma época

«Dali»: interpretação de Quinn júnior

A estreia mundial do filme «Dali», que narra importantes passagens da vida do pintor espanhol Salvador Dali, realizou-se domingo à noite no Teatro Hitchcock, dos Estúdios Universal, nos Estados Unidos.

«Dali», uma película de 93 minutos, dirigida pelo catalão Antoni Ribas, mostra o pintor - interpretado pelo actor Lorenzo Quinn - em Nova York, Barcelona, Paris e Lisboa.

Gala Dali - interpretada por Sarah Douglas - surge junto ao pintor como mulher que sofre os piores excessos do seu génio e lhe serve de amante, ou confidente, numa relação quase maternal.

Quinn, filho do actor Anthony Quinn, disse antes da estreia que representar o ar-

tista foi um trabalho difícil, porque Dali era um grande excêntrico e a sua recriação exigiu de si muita coreagem.

O jovem actor referiu que na sua interpretação enfatizou a necessidade que Dali tinha de vencer a insegurança pessoal, ao mesmo tempo que dava asas ao insaciável desejo de ser rico e famoso.

Lorenzo Quinn procurou, como Salvador Dali, alcançar a maior perfeição em tudo o que fazia.

No decurso da acção, Dali encontra-se com o poeta espanhol Federico Garcia Lorca, cuja imagem ficou a cargo do actor Nikola Stefanof.

No elenco deste filme estão também os actores Boris Lukanof (no papel de pai de Salvador Dali), Michael Cat-

lin (como repórter da revista «Time»), Tom Maloney (que convence o pintor a divulgar os segredos da sua vida excêntrica) e Katherine Wallach (como Caresse Crosby, dama de sociedade que apresentou o artista e Gala à «nata» da sociedade nova-iorquina).

O filme começa com a chegada de Dali e Gala a Nova York, em 1940, e com as confissões que o pintor fez da sua vida a Maloney, factos que conduzem, como pontes, à narrativas de factos do passado.

Sucedem-se encontros com Lorca, Henry Miller, Pablo Picasso e Luis Buñuel, assim como com os duques de Windsor e outras personagens históricas. A película documenta não só a personalidade de um homem excepcional,

mas é igualmente um espectáculo cinematográfico de enorme envergadura, rodada em 53 diferentes localidades de quatro países.

Intervém neste filme, que foi rodado ao longo de 14 semanas, em 1989, cerca de 50 actores principais e 1150 actores secundários e duplos.

Os produtores, Vito e Ricardo de Bari, admitiram que, salvo algumas entrevistas concedidas por Quinn e Douglas, o filme teve muito pouca publicidade antes da sua estreia.

A estreia decorreu no âmbito do Festival da Associação do Mercado norte-americano de cinema (conhecida em inglês pelas iniciais AFM), que se encarrega da sua promoção internacional.



Viaturas Usadas

GARANTIA TOTAL DE 6 MESES		
CRÉDITO RENAULT GEST		
Renault	4 GTL	1984/86/88
Renault	5 GTL 3P e 5P	1985/86
Renault	5 GTL	1988
Renault	5 TD (Diesel 5L)	1987
Renault	9 GTL	1983/85
Renault	11 GTL	1985
Renault	11 GTD	1986
Renault Express	Gasolina 1.1	1986
Renault Express	Gasolina 1.4 (Vi- drada)	1987
Renault Trafic	TB 13 (3L)	1985
Renault Trafic	TB 43 (7L) Tecto	1986
Ford Escort	1.1	1985
Opel Corsa	1.3 GT	1986
Seat Ibiza	Junior	1986

PORTAS ABERTAS
 DIAS ÚTEIS: DAS 9 ÀS 20 HORAS. SÁBADOS: DAS 10 ÀS 18 HORAS
 — A GARANTIA QUE VOCÊ QUER —
SACAVENAUTO
 E. N. 10 — N.º 69 — SACAVÉM • ☎ 942 50 40 - 942 52 40

RENAULT

DESPORTO

Processo do Famalicão volta à cena

O Conselho de Disciplina remete o caso para o Conselho de Justiça, manda abrir inquérito aos incidentes de Portimão e instaura processo disciplinar a Pimenta Machado

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol apoiou por unanimidade, a reabertura do «processo Famalicão», revelou um porta-voz daquele órgão federativo.

O parecer favorável baseou-se na recente condenação judicial de António Veiga que acusou o Famalicão de suborno há dois anos, quando era presidente do Macedo de Cavaleiros, retratando-se depois em tribunal.

A decisão do Conselho de Disciplina da FPF transitará agora para o Conselho de Justiça, a única entidade que pode mandar reabrir o processo que relegou os famalicenses da primeira etapa para a terceira divisão nacional.

O órgão disciplinar da FPF, que reuniu em Tomar decidiu ainda instaurar um inquérito aos incidentes verificados após o jogo Portimonense-FC Porto, no último sábado, referente à 21.ª jornada da Nacional da Primeira Divisão.

O Conselho de Disciplina ordenou também a abertura de um processo disciplinar a Pimenta Machado, presidente do Guimarães, por declarações do dirigente vimaranense a um jornal desportivo.

Mais castigos

O técnico do Estrela da Amadora, João Alves, e o treinador adjunto do Portimonense, Mário Narciso, foram suspensos por 10 dias e multados em cinco mil escudos cada pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol.

João Alves foi suspenso na sequência do jogo de desempate da quarta eliminatória da Taça de Portugal, frente ao Sporting de Braga, durante o qual, foi advertido com o cartão amarelo. Além de João Alves, o Estrela da Amadora viu ainda dois dos seus jogadores suspensos por um jogo cada, Dúlio e Caetano que já cumpriram entretanto os castigos podendo defrontar domingo, o União da Madeira.

A sanção aplicada a Mário Narciso, adjunto de Quinho no Portimonense surge na sequência do encontro entre os algarvios e o FC Porto.

O órgão disciplinar da Federação Portuguesa de Futebol puniu ainda seis jogadores com dois jogos de suspensão e outros tantos com uma partida por actos registados na última jornada do Campeonato da Primeira Divisão. Os futebolistas suspensos por dois encontros foram: Casaca (Boavista), Macaé (Belenenses), Quim (Tirsense), Pinto (Feirense), Heitor (Nacional) e Skoda (Portimonense). Com um encontro de suspensão foram castigados Rogério e Tanev (Chaves), Rui Neves e Bobó (Estrela da Amadora), Resende (Feirense) e Chico Zé (Portimonense).

Grácio-Federação acordo à vista

A conciliação entre César Grácio e a Federação Portuguesa de Futebol conheceu um novo passo, com a realização de uma reunião que decorreu no Quinto Juízo do Tribunal do Trabalho.

Segundo disse o advogado da FPF, Hugo Velosa, César Grácio apresentou uma proposta de entendimento no sentido de evitar uma decisão judicial. Esta proposta que Hugo Velosa se recusou a pormenorizar alegando questões de ética, será apresentada na próxima reunião da direcção da Federação Portuguesa de Futebol, dia 13 deste mês e do que ficar decidido, será dado conhecimento a César Grácio no dia 5 de Abril, altura em que os representantes das duas partes se reunirão de novo, no Quinto Juízo do Tribunal do Trabalho.

Para Hugo Velosa, o facto de César Grácio ter apresentado uma proposta de resolução para o litígio, é um passo para a resolução do diferendo entre as duas partes, que se arrasta desde há mais de um ano, quando a presidência da FPF pertencia a Silva Resende.

Portistas unidos

A direcção da Associação de Futebol do Porto (AFP) manifestou-se solidária com os dirigentes do Futebol Clube do Porto, agredidos, sábado, em Portimão, «exigindo» um «rigoroso inquérito a tudo quanto se passou».

Em comunicado, a AFP exige ainda que «os agressores venham a ser exemplarmente punidos», apelando também às autoridades policiais no sentido de «tomarem as devidas providências para que ocorrências idênticas sejam banidas dos campos de futebol».

Elvas sem direcção

Manuel Mendão, presidente de «O Elvas» apresentou a sua demissão, sendo, de imediato, seguido de idêntica atitude por parte dos seus colegas de direcção. Na base de tal posição, segundo declarações de Manuel Mendão está o não-cumprimento das promessas feitas pela Câmara Municipal de Elvas.

O vice-presidente demissionário, José Eduardo Gonçalves afirmou que à excepção de Manuel Mendão, os restantes elementos do elenco directivo mantêm-se em funções de gestão até à resolução da actual crise directiva, tendo acrescentado que, até final de Março, decorrerá uma assembleia geral para oficializar a eleição de uma comissão administrativa, que dirigirá o clube durante este ano.

Juniões perdem

Os juniores «B» de Portugal perderam (3-2) com a selecção da União Soviética em jogo de futebol com carácter particular disputado em Quarteira. Ao intervalo as duas equipas estavam empatadas a dois tentos, tendo os golos sido apontados por Filipe e Eusebio, por Portugal e, Kosovsky e Tshudim (2) pelos soviéticos.

Sob a arbitragem de Rosa Santos as equipas alinharam:

Portugal: Paulo Morais; Pereira, Alexandre, Ribeiro, Hugo Costa (Litos, 22) e Porfírio (Luisinho, 12); Gomes (Guia, 12), Filipe, Rovira e Eusebio; Afonso e Rui Miguel.

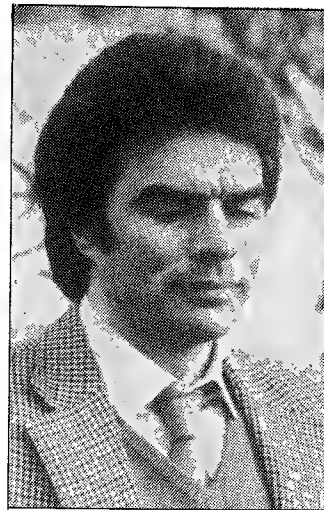
URSS: Afanasimk (Petrojam, 17); Papov, Kovalenko, Stepanov e Karataev; Kosovsky, Petrov, Akeno e Tshudim; Lebed e Bezershko.

Violência por cá

A Guarda Nacional Republicana registou um total de 14 incidentes nos dez jogos em que foi chamada a intervir no passado fim-de-semana, informou o seu gabinete de relações públicas.

A GNR divulgou que quatro desses incidentes foram invasões de campo e três de arremesso de objectos para dentro dos recintos, assinalando ainda duas agressões a árbitros. Verificou-se também uma agressão a um fiscal de linha, uma tentativa de agressão ao árbitro e uma alteração da ordem entre espectadores e outra entre jogadores.

Desses 14 incidentes, dez registaram-se no distrito do Porto, dois em Lisboa e outros dois em Aveiro.



Pimenta Machado: mais um processo disciplinar

Cartão Jovem

Sete encontros da 22.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão, irão beneficiar de bilhetes especiais, que poderão ser adquiridos pelos portadores do Cartão Jovem.

Os encontros entre o Futebol Clube do Porto e o Sporting e o Penafiel - Benfica serão os únicos jogos da jornada em que os ingressos não beneficiarão de qualquer desconto.

A lista dos encontros em que o Cartão Jovem possibilitará descontos na aquisição de

ingressos é a seguinte: Estrela da Amadora - União da Madeira; Belenenses - Boavista; Vitória de Setúbal - Tirsense; Guimarães - Feirense; Beira Mar - Braga; Nacional - Marítimo; e Portimonense - Chaves.

Grupo dois do Europeu já tem calendário

Os dirigentes das diversas federações nacionais, já estabeleceram os convenientes acordos com vista aos encontros integrados no Grupo 2 da fase de qualificação para o Europeu-92.

O calendário está assim ordenado: Suíça-Bulgária e Escócia-Roménia (dia 12-9-90), Roménia-Bulgária e Escócia-Suíça (17-10-90), Bulgária-Escócia e San Marino-Suíça (14-11-90), Roménia-San Marino (5-12-90), Escócia-Bulgária e San Marino-Roménia (27-3-91), Suíça-Roménia (3-4-91), Bulgária-Suíça e San Marino-Escócia (1-5-91), San Marino-Bulgária (22-5-91), Suíça-San Marino (5-6-91), Suíça-Escócia (11-9-91), Bulgária-San Marino e Roménia-Escócia (16-10-91), Escócia (16-10-91), Escócia-San Marino e Roménia-Suíça (13-11-91) e Bulgária-Roménia (20-11-91).

EM AGENDA

ATLETISMO: domingo (10 horas) disputa-se, em Cascais, a tradicional corrida Mil a Correr que deverá ter a participação de mais de mil atletas das diversas categorias e escalões etários.

HÓQUEI EM PATINS: amanhã terão lugar encontros para as competições europeias e três jogos a contar para o Nacional da I divisão. Monza - FC Porto para a Taça dos Campeões (20 horas em Monza), Benfica - Dronenberg para a Taça CERS (18.30 na Luz), Nantes - Oquei de Barcelos e Seregno - Oliveirense para a mesma competição. Por cá, teremos: Académica - Grundig (17.30), Sporting - Valongo (19 horas) e Paço de Arcos - Parede (21 horas). O encontro Benfica - Tomar realizar-se-á no domingo pelas 17.30 horas.

RÁGUEBI: CDUL - Académica, Cascais - Direito e CRAV - Agronomia. No domingo (15 horas) terá lugar o confronto Benfica - Belenenses.

ANDEBOL: prossegue a Taça de Portugal com a realização (amanhã) dos jogos Benfica - Belenenses e ABC - Estrelas da Avenida, a partir das 15, horas no pavilhão Francisco da Holanda, realizando-se a final, no domingo, no mesmo recinto.

VOLEIBOL: hoje realiza-se, na Luz, o confronto Benfica - CDUL com começo marcado para as 20.30 horas.

HÓQUEI EM CAMPO: amanhã terão lugar os jogos Lousada - Viso (15h), Canelas - Ramaldense (14), Benfica - Belenenses (15.30) e F. Benfica - Lamas (15).

BASQUETEBOL: amanhã decorrerão os encontros referentes à 18.ª ronda do Nacional com o seguinte programa: Benfica - Guifões, Ginásio - Illiabum, Ovarense - Imortal, Estrelas - Esgueira, Beira Mar - Sporting e Porto - Barreirense.

SEAT TERRA
MAIS CARGA POR MENOS
DESDE 1.077.000 ESC.



SEAT
Grupo Volkswagen

Importador exclusivo: SOCIEDADE HISPÁNICA DE AUTOMÓVEIS, S.A.

Encargos anuais globais de 136.448 a 177.083 Esc. Base: 15.000 Km/ano. Dezembro 1989

GARAGEM VICTÓRIA,
Automóveis, Lda.

Lisboa • Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA
Telefs. 65 81 31/2/3/4/5/6 • Fax 60 34 12 • Telex 13371 GARVIT P
Cascais • Av. 25 de Abril, 901 R/C Esq. • 2750 CASCAIS
Telefs. 284 73 92 • 284 74 17 • Fax 284 74 42

DESPORTO

É, talvez, o mais duro e violento dos desportos, com as suas quedas, os múltiplos acidentes que podem ocorrer numa viragem de caminho, na subida de uma serra como na descida para um vale. Ao fim e ao cabo, os ciclistas fornecem o único espectáculo servido gratuitamente à porta do melhor cliente do mundo: o Povo

Ciclismo: uma face de quem pedala (2)

Certa alegria (não tanta como se esperaria) rodeou, nas cercanias do lisboeta Campo Grande, as primeiras pedaladas do Grande Prémio de Lisboa, com um dos irmãos do veterano Venceslau (António Fernandes) a vestir uma camisola amarela que tentará ainda envergar quando os ciclistas atingirem a meta final da prova (domingo) e, dos 113 atletas de 13 formações, que começaram o despique, a sobrevivência assinalar os mais bem preparados para uma temporada cheia de bons fmanas.

António Fernandes (Orima/Cantanhede) funcionou em estilo de figura primordial da homenagem prestada a Aristides Martins, que, aos 73 anos de idade, recebeu aplausos de quantos, ao lado do vereador Rego Mendes, presenciaram o festival do ciclismo lisboeta desfilando dentro das suas paredes. O Hotel Altis deu um prémio de 10 contos para quem cumprisse a volta mais rápida: coube o engodo a Luís Moreira (Lousa) e isso valeu ao antigo presidente benfiquista Fernando Martins (proprietário da unidade hoteleira promotora) a honra de vestir a António Fernandes o «jersey» sol que foi tentar defender, nas duas etapas de ontem, até Arruda dos Vinhos (48 quilómetros) e daí a Lourenhã (99 km).

Não está no terreno o melhor pelotão: Joaquim Gomes (Sicasal/Acril) e Carlos Pereira (Ruquita/Philips/Feirense) ficaram dando óleo às suas máquinas o que, especialmente em relação à ausência do vencedor da última Volta a Portugal, logo roubou boa

quota de interesse à competição.

Montra de figuras

Porém, que caras e ideias estão nos ciclistas que vão sair para as estradas superiores, enquanto o maior de momento (Acácio da Silva) continua lá por fora a fazer valer os seus créditos de um dos 20 melhores velocipedistas mundiais?

Peguemos no Ruquita/Philips/Feirense, comandado por



Manuel João Preto: o empresário que trouxe para o ciclismo mais uma equipa (Tensal) e um GP de qualidade

dois homens que conseguiram colocar o seu nome na galeria dos imortais voltistas: Fernando Mendes e Joaquim Andrade, qualquer deles vencedor de um «tour» caseiro. No Algarve, tanto Jorge Silva como a sua formação venceram o troféu RDP/Rádio Algarve, corrida disputada entre Faro e Vilamoura, na distância de

127 quilómetros. Santa Maria da Feira confia nas suas representações sobre a bicicleta: em relação ao futuro do grupo e, paradoxalmente, é céptico Luís Silva, que foi presidente do Feirense e chefe do futebol da cidade. Diz:

— É exacto que temos nas nossas fileiras o melhor ciclista português de momento (Fernando Carvalho, vencedor da Roda de Ouro/89) e que algumas excelentes revelações estão ao nosso serviço. Contudo, no próximo ano poderemos deixar de fazer ciclismo, tal como aconteceu com a equipa do Garcia Joalheiro. É que (por exemplo) a Televisão não liga nenhuma a certos ciclistas e equipas. Em análise geral, a Comunicação Social só fala de alguns conjuntos: os outros não existem. Muitos jornalistas escolhem os seus favoritos e só os citam nas suas crónicas: os outros atletas, os outros homens que os colocam sobre as bicicletas, não existem. Repito: se não nos prestarem a mesma atenção que a outros grupos sempre endeusados, este é o adeus do Ruquita/Philips/Feirense ao ciclismo.

Seria pena: Fernando Carvalho deseja ganhar uma Volta. Vai fazer 30 anos, começou aos 13 no S. Félix da Marinhã, passou a profissional pela Ovarense, quando lá estava Joaquim Andrade, um ganhador que está neste momento na dupla de chefes que o dirige. Fernando Carvalho com uma belíssima carreira, muitos sucessos pelo percurso: Lousa, Louletano, espanhóis da Teka, novamente Loulé, sempre como porto de abrigo a casa em S. Paio de Oleiros.

— Salvo o devido respeito por



Joaquim Gomes para os jornalistas Ribeiro Cristóvão e Neves de Sousa: «desde que apanhei um grande susto passei a usar sempre capacete protector»

gente igualmente conhecida, já venci tudo: falta-me uma Volta. É para isso que estou trabalhando.

A mesma ideia tem Paulo Silva, uma década mais novo:

— Como sou um bom «sprinter», se colocarem bonificações na Volta, vou tentar um sucesso final...

A conversa entre dois dos chamados conjuntos de topo (Sicasal e Lousa) pode proporcionar subida da concorrência menos dada como alta favorita? Fernando Mendes

responde:

— Ainda que arranquemos para a temporada sem qualquer designado chefe de fila, essa rivalidade pode ajudar-nos a vencer provas importantes. É o pensamento do dirigente José Machado, do nosso médico (José Bastos) do massagista Francisco Barbosa, do mecânico Francisco Araújo (longos anos companheiro das aventuras de Joaquim Agostinho), dos seccionistas Manuel Sá, Fernando Mocho e Manuel Leite e, obviamente, dos nossos patro-

cinadores (calçado Ruquita e Philips). Juntámos um bom conjunto de ciclistas: Orlando Neves, 22 anos; Vítor Teresinho, 27 anos (ex-Sangalhos); José Mendes, 24 anos; Paulo Silva, 20 anos; Fernando Valente, 24 anos (ex-Sicasal); Benjamim Carvalho, 29 anos (ex-tavira); Viriato Duarte, 22 anos; Fernando Carvalho, 27 anos (ex-Louletano); Alfredo Carvalho, 25 anos (ex-Centro Ciclista de Loulé); Carlos Moreira, 23 anos; Amílcar Neves, 21 anos (ex-Orima/Cantanhede); Manuel Neves, 27 anos (ex-Sicasal/Torrense) e Carlos Coelho (ex-Garcia Joalheiro). Agora, coloquemos a equipa em andamento e esperemos o futuro mais próximo.

Xadrez em força

José Santos, professor de Educação Física e treinador do Recer/Boavista tem outro ponto de vista:

— Mantemos contactos com a Uniplic e estamos muito tentados em ir à Vuelta. Nas nossas fileiras temos uma figura para (com toda a categoria já firmada) vencer a próxima Volta: é Delmino Pereira, o mais pretendido dos nossos ciclistas deste momento. Na última temporada a minha formação teve bons êxitos: 3.º, 4.º e 5.º lugares na Volta a Portugal, triunfos nos GP «Correia da Manhã» e «O Jogo», tal como no campeonato nacional por equipas. E agora?

«Não adormecemos sobre os louros conquistados: foram contratados António Rodrigues (ex-Santa Marta de Portuzelo) e Pedro Silva (que estava no Louletano). Os dirigentes Tavares Rijo e José Luís e os meus colegas igualmente de muito tra-



Sicasal/Acril a partir da esquerda: Fernando Fernandes, António Pinto, Jorge Silva, Serafim Vieira, Manuel Abreu, Cássio Freitas, Manuel Correia, o treinador Orlando Alexandre, Joaquim Gomes e Joaquim Andrade



Vigor/Lousa: os dirigentes Carlos e Maduro, Paulo Pinto, Antonino Araújo, Manuel Cunha, José Rosa, Paulo Couto, Francisco Carvalho, Luís Moreira, Joaquim Salgado, Eduardo Correia, José Xavier e o técnico António Brás

DESPORTO



A turma da Tensai/Sontlec/Etrel: Manuel Rodrigues, João Silva, Ricardo Felgueiras, Joaquim Sampalo, Rui Bela, Carlos Faria, José Oliveira, João Almeida, Paulo Ferreira, Luís Machado e António Barros

balho (os massagistas Fernando Maia e Rui Sevilh, mais o mecânico José Monteiro) tudo temos feito para que a Recer/Boavista não desmereça dos louros a que começamos estando habituados. Nesse sentido reunimos bons ciclistas: trepadores, rola-dores, «sprinters»: creio que posso dispor de boa matéria-prima para dar alegrias às gentes do Bessa. Se possível também com boa figura no estrangeiro.»

José Santos (filho do antigo campeão Império dos Santos e director-resistente do mensário «Ciclismo») confirma:

— Gostaria que a minha equipa se exibisse por aí fora: Espanha, Bélgica, Holanda, Áustria e Inglaterra. Especialmente (como é lógico) na Volta: de 24 de Abril a 15 de Maio. De qualquer modo, a sorte começou a ser lançada no GP Tensai. Daqui para diante, estou receptivo a todos os acontecimentos.

Juízo de valores

Volta: negócio para 460 milhões de pesetas (leitor, se quiser fazer as contas, é fácil: cada peseta está a 13/14 tostões. Por cá, temos a corrida-rainha. Precisamente: a 52.ª edição da Volta onde Joaquim Gomes se apresenta (nova-

mente) como favorito superior. José Santos mete travão:

— Já o afirmei publicamente:

Joaquim Gomes só ganhou a última Volta, não correu toda a temporada. Delmino Pereira está perfeitamente no seu plano. E, ao longo da época vai demonstrar o seu valor. E não apenas ele: ainda não podemos deixar de contar com Marco Chagas, Fernando Carvalho, Manuel Cunha, Jorge Silva, o brasileiro Cássio Freitas, obviamente que com o próprio Joaquim Gomes. Mas ele é apenas uma figura no melhor naipe e, não podemos duvidar: este ano, os novos vão criar cabelos brancos aos mais conhecidos, dar-lhes água pela barba: Carlos Moreira, Orlando Neves, Delmino por claro. Aposto muito no Jorge Silva, mas o Orima/Cantanhede tem o Marco Chagas (desejoso de completar a carreira ficando para toda a história do ciclismo), o Ruguita / Philips / Feirense dispõe do Fernando Carvalho e o Lousa contratou o Manuel Cunha, que é homem para discutir todos os postos de honra.

Recer/Boavista: um naipe que sai para a rua com o médico Preza Fernandes tratando da saúde de bons atletas.



A formação F. Mota/Portigrupo/Ferbar: Rui Catarino, Carlos Carneiro, Abílio Ribeiro, Fernando Oliveira, Rui Soares, Luís Mota, Manuel Prazeres e Paulo Magalhães, com o técnico F. Mota

Veja-se: Luís Santos (nascido em S. João da Madeira, há 23 anos, vindo do Ruquita/Philips/Feirense), José Santiago (nascido em Vila Nova de Gaia, há 23 anos, antigo representante da Sicasal), Manuel Zeferino (da Póvoa de Varzim, 29 anos, já vencedor da Volta a Portugal, que desfilou nas turmas do FC Porto, Sporting, Mako Jeans, Lousa e lá por Espanha), António

Alves (33 anos, natural de Vila Nova de Gaia, campeão nacional que chegou a defender as cores leoninas), Carlos Moreira (nascido em Vilarinho do Bairro, há 23 anos, antigo sangalhense), David Assunção (de Santa Maria da Feira, 22 anos, oriundo da Travanca), Pedro Silva (de Mortágua, 23 anos, recrutado no Louletano/Vale do Lobo), José Ferreira (nascido em Chaves, 27



Henrique Castro (presidente federativo) e o jornalista Serafim Ferreira (director do jornal «O Jogo» e, de há anos a esta parte, também comandante de provas ciclistas da envergadura dos GP «JN» e «O Jogo» e da Volta a Portugal

anos, ex-representante do Alguerra), António Rodrigues (há 31 anos, nascido na Póvoa de Varzim, contratado no Tensai/Santa Marta de Portuzelo), Manuel Vilar (27 anos, natural de Santa Maria da Feira, ex-sangalhense) e Delmino Pereira de estrela do elenco (natural de Vila Real, com 22 anos de idade).

Lau, Lau

Esse teimoso guerreiro que é Venceslau Fernandes, não lhe importando o grande percalço físico que ocorreu durante a realização do GP Tensai, teima em persistir sobre a bicicleta, em andamento de corridas formal:

«O este ano ando cá com uma certa fé: porque é que não vou novamente, vencer a Volta?»

Está como chefe de fila e treinador do Alguerra/Componauto. Morou a um passo de ir comandar a Salgueiros/Landimar: preferiu ficar por Vilar de Andorinho. Saneados os problemas que fizeram clivagem entre o promotor da equipa (Alexandre Guerra) e a Federação, o empresário da Metalúrgica não esteve com meias conversas: vamos com a equipa para a frente! E ao lado de Alexandre Guerra, está outro dirigente (Manuel Gonçalves), o experiente e respeitado Venceslau Fernandes e um bom naipe de estradistas: Manuel Fernandes (ex-Sangalhense), José Dias (ex-Lousa), José Passos, José Rodrigues e Joaquim Fernandes (todos ex-Garcia Joalheiro), Salvador Alves (ex-Travanca), Jorge Henriques e António Gonçalves (ambos ex-Pesca Nova de Vigo). Cadetes: Nuno Alves, José Rodrigues, Bruno Clemente e Luís Queirós. Juvenis: Nuno Pereira, Hélder

Silva e Luís Lopes. (Director desportivo: Franquelin Queirós.)

Basicamente, esta turma do Alguerra/Componauto/Aralmolde procura ser um bloco em torno de Venceslau Fernandes que, com 45 anos de vida, muitos sofrimentos no pelo, um bom conjunto de recordações, mas também muitas quedas e algumas desilusões pelo caminho, merece um adeus, enquanto estiver como grande figura do pelotão — diz Alexandre Guerra, sonhando já poder equipar (em 1992) da melhor equipa portuguesa de ciclismo. Acrescenta: a minha organização tem muitos pontos de comum com a Europa e eu desejo ver os nossos ciclistas lá por fora!

Venceslau rasga o leque das recordações mais recentes:

— Estive para tomar conta do Salgueiros por causa da ligação de amizade com o Telmo Nascimento, mas a situação do ciclismo no clube não era muito animadora. Um problema que toca à porta de todos: aparecem clubes ou empresas que nos contratam, que prometem mundos e fundos, que atiram para a frente com todos os cifrões e garantias e, de repente, fica tudo em águas de bacalhau. Num ano cai tudo pela base: e somos novamente obrigados quase a andar de mão estendida. Esgota-se o dinheiro dos investidores que vieram cair no ciclismo sem saber os encargos a que estavam sujeitos e escoa-se a nossa paciência.

Uma longa história, para contar, a de Venceslau Fernandes.

No fim de contas, bem vistas as coisas, ele é o último moicano presente nas fileiras da pedalada activa. Até quando?

Neves de Sousa

A seguir: Turmas em desfile. Quem vai colher os louros?

CANTANHEDE: uma turma que promete cartas na mesa. Orima/Cantanhede apresentará na estrada um bloco de nomes firmados: Marco Chagas, António Silva, Joaquim Carvalho, António Fernandes, Diamantino Marques, Alberto Parente, Carlos Marta, Luís Domingos, Jacinto Paulinho e João Paulo.

O homem que, até ao momento, detém maior número de triunfos em Voltas a Portugal (Marco Chagas: quatro sucessos oficiais e dois perdidos no controlo antidoping) prepara a retirada tentando levar até ao pódio algum dos seus mais jovens parceiros. Formação com alicerces para boas proezas.



DESPORTO



Sporting: corrida para as Antas

Calendário futebolístico

Pólo de atracção nas Antas

Naturalmente que o principal pólo de atracção da jornada n.º 22 do campeonato nacional da 1.ª divisão, está centrado no Estádio das Antas, onde estarão presentes dois candidatos ao título (Porto e Sporting). Em Penafiel (jogo marcado para as 21 e 30 de amanhã, com honras de TV) ficará o Benfica, outro parceiro na corrida para o centro do pódio, enquanto o Vitória de Guimarães (igualmente na fila dos maiores) poderá ter uma tarde calma, no seu palco, frente ao vizinho Feirense.

Outros jogos da ronda: Beirense - Boavista (domingo, pelas 19 horas e também a transmitir directamente pela RTP-2), Setúbal - Tirsense; Estrela - União; Portimonense - Chaves; Beira Mar - Braga e Nacional - Marítimo. Os encontros de Guimarães e da Madeira começarão às 16 horas, enquanto os restantes decorrerão a partir das 15 horas. Vejamos o calendário relativo às divisões secundárias:

II Divisão

Zona Norte: Rio Ave - Maia; Freimunde - Vianense; Joaze - Vizela; Infesta - Fafe; Gil Vicente - Felgueiras; Desportivo das Aves - Famalicão; Marco - Paços de Ferreira; Trofense - Varzim e Leixões - Bragança. **Zona Centro:** Caldas - Salgueiros; Mirense - Covilhã; Académica - Espinho; Guarda - Mangualde; Académico de Viseu - Marialvas; União de Lamas - Lousanense; Oliveira do Bairro - União de Leiria; Benfica de Castelo Branco - Peniche e Oliveirense - Águeda. **Zona Sul:** Silves - Olhanense; Estoril - Louletano; Olivais e Moscavide - Lusitano de Évora; Sintrense - Samora Correia; Portalegre - Barreirense; Juventude - Atlético; Torreense - Seixal; Lusitano de Vila Real - AD Verca e Farense - Elvas. Todos a partir das 15 horas de domingo, excepto Rio Ave - Maia e Infesta - Fafe, que terão lugar amanhã.

III Divisão

Na 3.ª divisão, **Série A:** Ponte da Barca - Lanheses; Maria da Fonte - Atlético de Caminha; Amares - Santa Maria - Prado - Moreirense; Vieira - Esposende; Valpaços - Delães; Macedo de Cavaleiros - Arcos de Valdevez; Vila Pouca - Celoricense e Rio Tinto - Mirandela. **Série B:** Cinfães - Sandinenses; Amarante - Leça; Lixa - Paredes; Sanjoanense - Valonguense; Vila Real - Lusitânia; Santa Maria - Lousada; Ermesinde - Paivense; Valdevez - Régua e Ribeirão - Pedrouços. **Série C:** Mealhada - Gouveia; Anadia - Valecabrense; Tabuense - Alba; Santacombadense - Oliveirinha; Argus - Mortágua; Associação Desportiva Valonguense - Sabugal; Oliveira do Hospital - União de Coimbra; Ovarense - Luso e Seia - Estarreja. **Série D:** Marrazes - Ferrel; Mirandense - Marinhense; Torres Novas - Alcains; Castelo de Vide - Nazarenos; Alcobaça - Estrela de

Portalegre; Naval - União de Tomar; Sertanense - Alcanenense; Bombarralense - Desportivo de Fátima e Alfeizense - União de Santarém. **Série E:** Futebol Benfica - Vilafranquense; Odivelas - Sacavenense; Cartaxo - Fanhões; Lusitânia - Portosantense; Oriental - Praiense; Borbense - Cacém; União de Almeirim - Câmara de Lobos; Campomaiorense - Santa Clara e Fronteirense - Loures. **Série F:** Amora - Imortal; Estrela de Vendas Novas - Esperança de Lagos; Quimigal - Leões; Desportivo de Beja - União de Santiago do Cacém; Vasco da Gama - Moura; Trafaria - Palmelense; Almancilense - União de Montemor; Quarteirense - Montijo e Sesimbra - Pescadores.

Os jogos Rio Tinto - Pedrouços; Quimigal - Tavira e Almancilense - Santiago, realizam-se amanhã a partir das 15 horas.

Dniepre
aposta nos jovens

Pioneiro do futebol profissional na URSS, o Dniepre, com qual o Benfica vai discutir a continuidade na Taça dos Campeões Europeus, destacou-se ainda no panorama desportivo e social do seu país ao constituir a primeira formação futebolística a ser recebida no Vaticano por João Paulo II.

Com dinheiro nos cofres, auferido com o lucro da transferência de três jogadores (que rendeu 300 mil contos), e interesses em fábricas de equipamento desportivo aos campeões da União Soviética em 1988 e vice-campeões em 1989 tudo tem corrido bem no clube ucraniano.

As exhibições em Espanha e (ultimamente) na América Latina, mostram um Dniepre bem preparado física, técnica e psicologicamente, pelo que

o Benfica terá de se acautelar com o opositor que o espera.

A política seguida pelo clube na escolha de novos atletas, que substituíram os elementos vendidos a clubes ocidentais, parece ter dado excelentes resultados. Em vez de recrutar jogadores, o Dniepre optou por integrar nas suas fileiras jovens que actuavam nas formações secundárias, poupando dinheiro e dando oportunidade à revelação de novos talentos. O facto de vários elementos da equipa terem figurado na lista dos 33 melhores futebolistas da URSS, durante a temporada de 1989, deu razão ao técnico (Evgueni Kutcherovski), que pensa ser preferível empregar os meios financeiros de que dispõe no desenvolvimento de infra-estruturas e aquisição de equipamentos.

Futebol lá fora

Josimar: sucessão de escândalos

Josimar, o polémico defesa do Flamengo, protagonizou novo escândalo, ao ser detido num clube nocturno, por consumo de cocaína e agressão a um polícia: foi libertado sob fiança, ficando a aguardar julgamento.

Naturalmente que Sebastião Lazaroni não irá contar com o conflituoso futebolista para a selecção canarinho que, brevemente, iniciará a decisiva fase de preparação para o Mundial de Itália.

Recorde-se que o excelente futebolista do «Fla» já protagonizou diversos escândalos fora dos estádios, principalmente quando actuava no Botafogo, sendo o de maior repercussão o que ocorreu em Novembro de 1987, quando Josimar pagou apenas a quarta parte do prometido a três prostitutas que o acompanhava-

ram a um motel tendo agredido uma delas.

Bélgica:

Thys volta à selecção

O treinador da selecção de futebol belga, Walter Meeuws, foi demitido do cargo e substituído por Guy Thys, que levou a equipa às meias-finais do Mundial de Itália.

Recorde-se que a Bélgica não conseguiu ganhar qualquer dos quatro últimos jogos que disputou, empatando com a Suíça, Luxemburgo e Suécia, e perdendo (por 2-0) com a Grécia.

Walter Meeuws (38 anos) antigo defesa do Standard de Liège, foi adjunto de Thys durante um ano, antes de o substituir no início da temporada, quando Thys assumiu o cargo de coordenador das selecções nacionais.

assim vai o

totobola

Penalti: 12X 111 111 1212; O Jornal de Amarante: 1X1 111 111 1212; Jornal da Beira: 111 111 111 1X12; Algarve Desporto: XXX 121 21X 1X12; Ronda Desportiva: 1XX 11X 11X 1212; Correio de Coimbra: 1XX 111 111 1X12; Correio do Vouga: 121 111 111 1X22; A Defesa: 122 111 111 1X2X; Defesa de Espinho: 1X1 111 111 1XX2; O Diário: 1X1 111 111 1X1X; Diário de Lisboa: 121 11X 111 1212; Diário de Viseu: 1XX 111 111 1X12; Ecos de Cacia: 121 1X1 111 1X12; Eu Sei Tudo: 121 111 111 1212; O Jornal de Felgueiras: 121 111 111 1XX2; Jornal de Gaia: 1X2 11X 111 1X12; Rádio Guarda: 11X 1X1 XX1 2X12; Rádio Totobola: 1XX 111 111 1X1X; Linhas de Elvas: 121 1XX 111 1122; Litoral: 1X1 11X 111

2112; Maria da Fonte: 1X1 11X 111 111X; No Estúdio e no Estádio: 121 111 111 1X12; Notícias de Chaves: 121 1X1 111 1X12; Notícias de Felgueiras: 1X1 111 111 1XX2; Notícias de Gouveia: 122 1X1 111 1X22; Notícias de Guimarães: 121 11X 111 1112; Notícias de Viseu: 111 111 111 1112; Semanário da Região Bairrada: 1XX 111 111 1X12; Informação Desportiva/Rádio Alitude: 1X1 111 111 1X1X; Bom Dia: 122 112 111 1112; Tempo e Resultados: 12X 11X 111 1112; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 1X1 111 111 11X2; Tempo de Desporto: 111 11X 111 1112; A Voz do Domingo: 111 111 111 1X1X; Voz de Lamago: 12X 11X 111 1X22; Desporto/Rádio Guarda: 1XX 1X1 XX1 2XX2; Contac-

to/Rádio Guarda: 111 1X1 111 1X12; Encontro Com a Manhã: 2XX 122 222 1221; Meia Tarde: 112 1XX XXX 2XX2; Convidámos Para Lançar: XX1 211 111 111X; Sons da Madrugada: 121 112 111 1X21; Tarde Desportiva: 1X1 111 1X1 1X12; Livre e Directo: 121 111 111 1212; Um Caso Por Semana: 12X 11X 211 1X22; Foi Notícia: 1X2 2X1 1XX 1X21; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 211 2X2 111 1X12; Cultura e Recreio: 121 111 111 1X12; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 121 111 111 1X11; Diário de Coimbra: 1X1 111 111 122X; Nova Antena: 121 111 111 1XX1; Folha de Domingo: 221 111 111 1X21; Gazeta das Caldas: 1X1 111 111 1X12; O Jornal da Lixa: 1X1 1X1 111 111X; O Mensageiro:

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO
PARA O CONCURSO N.º 81/90 DE 7 DE MARÇO DE 1990

	RESUMO			BOLAS (")		
	1	X	2	1	X	2
1. Benfica - Dniepr	63	6	4	10	1	1
2. Malines - Milan	28	25	20	4	4	4
3. CSKA Sofia - Marselha	49	17	7	8	3	1
4. Bayern - PSV Eindhoven	57	12	4	9	2	1
5. Sampdoria - Grasshopper	63	8	2	10	1	1
6. Valhadolid - Morton	49	18	6	8	3	1
7. D. Bucarest - Partizan	48	20	5	8	3	1
8. Anderlecht - Admira	66	6	1	10	1	1
9. Fiorentina - Auxerre	63	8	2	10	1	1
10. Colónia - Antuérpia	56	11	6	10	1	1
11. F.C. Liège - W. Bremen	24	35	14	4	6	2
12. Hamburgo - Juventus	39	17	17	6	3	3
13. Sevilha - Real Madrid	12	16	45	2	3	7

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
111 111 111 1X12

1X1 21X 111 XX22; RR/Desporto: 11X 111 111 1XXX; Bola Branca: 1X1 111 111 1111; Frente Desportiva: 111 111 111 1X12; Jornal de Sintra: 111 111 111 1XX2; Disco & Daquilo: 11X 11X 11X 1222; O Comércio de Leixões: 121 11X 111 1X212; De Tudo

Um Pouco/O Comércio de Leixões: 1X1 111 111 1XX2; Jornal da Bracha: 1X1 22X 211 2XX2; Jornal de Notícias: 1XX 111 111 1222; Quadrante Norte: 111 111 111 1111; Resenha Desportiva: 1X1 111 111 1XX2; Panorama: 121 1X1 1X1 1X11; Placard Des-

portivo: X21 1X1 111 1X11; Alvo Desportivo: 1XX 11X 11X 11X; Rádio Alvo: 121 111 111 1111; Alvo: 112 1X1 1X1 1221; Alvo Suplemento: 111 11X 11X 1X12; A Voz dos Ridículos: 111 111 1X1 121X; Música e Desporto: 1X1 11X 211 2111.

AGENDA

I Série N.º 51
Dia 2 de Março
DIÁRIO DA REPÚBLICA
SUMÁRIO



Presidência do Conselho de Ministros

Declaração:

De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento de Encargos Gerais da Nação para o ano de 1989 no montante de 377 977 contos.

Ministério da Defesa Nacional, das Finanças e dos Negócios Estrangeiros

Portaria n.º 167/90:

Cria os cargos de adidos de defesa em Dacar e Conacry, Harare, Dar-es-Salaam e Longwe (Malawi), Libreville e Tunes, assegurados, em regime de acumulação, pelos adidos de defesa em Bissau, Maputo, São Tomé e Rabat.

Ministério das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 168/90:

Alarga o quadro de pessoal do Instituto de Qualidade Alimentar.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Decreto-Lei n.º 69/90:

Disciplina o regime jurídico dos planos municipais de ordenamento do território.

Decreto-Lei n.º 70/90:

Define o regime de bens do domínio público hídrico do Estado.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Portaria n.º 169/90:

Fixa o mapa do pessoal assalariado do Consulado Geral de Portugal em Luanda com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1990.

Aviso:

Torna público ter o Governo de Itália denunciado a Convenção para Regular os Conflitos de Leis e de Jurisdição em Matéria de Divórcio e de Separação de Pessoas.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 71/90:

Estabelece o regime das condições de utilização, registo, regras de operação e fiscalização das aeronaves ultraleves, bem como da formação e licenciamento dos respectivos pilotos.

Região Autónoma da Madeira

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 1/90/M:

Adapta à Região Autónoma da Madeira o Decreto-Lei n.º 184/89, de 2 de Junho, que estabelece princípios gerais de salários e gestão de pessoal da função pública.

Decreto Regulamentar Regional n.º 2/90/M:

Adapta à Região Autónoma da Madeira o Decreto-Lei n.º 427/89, de 7 de Dezembro, que define o regime de constituição, modificação e extinção de relação jurídica de emprego na Administração Pública.

Decreto Regulamentar Regional n.º 3/90/M:

Procede às adaptações necessárias à aplicação na Região Autónoma da Madeira do Regulamento Geral sobre o Ruído, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 251/87, de 24 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 292/89, de 2 de Setembro.

Assembleia Legislativa Regional

Resolução da Assembleia Legislativa Regional n.º 1/90/M:

Louva o trabalho de todos aqueles que, sem meios técnicos credíveis, trabalharam e trabalham na remoção da crude que atingiu a Região Autónoma da Madeira.

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: Céu pouco nublado ou limpo e vento moderado a forte de Nordeste, soprando com rajadas.

Regiões do Centro: Céu pouco nublado e vento de Nordeste moderado, soprando por vezes forte.

Regiões do Sul: Céu muito nublado e vento fraco a moderado do quadrante Norte, rodando para Sueste para o fim do dia. Poderão registar-se aguaceiros fracos para o fim do dia.

Em todo o território: Descida da temperatura, em especial nas regiões do interior.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado.

Mar cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal, períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã: Períodos de céu muito nublado e vento moderado a forte, sendo geralmente fraco na região do Funchal.

Depois de amanhã: Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado a forte, sendo geralmente fraco na região do Funchal. Aguaceiros fracos.

AÇORES

Grupos Ocidental: Céu geralmente muito nublado e vento Sul moderado. Períodos de chuva fraca. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

Grupos Central e Oriental: Céu geralmente muito nublado e vento Sueste fraco a moderado. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros.

Amanhã: Céu geralmente muito nublado nos grupos Ocidental e Central, com vento fraco a moderado de Sul e períodos de chuva fraca no Grupo Ocidental. Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco de Sueste no grupo Oriental.

Depois de amanhã: Períodos de céu muito nublado e vento fraco a moderado do quadrante Sul.

Amanhã

No Continente:

Regiões do Norte: Céu pouco nublado ou limpo, temporariamente muito nublado nas regiões do Sul, onde há possibilidade de aguaceiros fracos. Vento Nordeste moderado, por vezes forte. Pequena descida da temperatura.

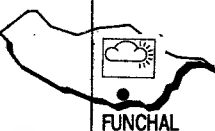
Depois

No continente:

Céu pouco nublado ou limpo, temporariamente muito nublado nas regiões do Sul com possibilidade de aguaceiros. Vento Nordeste moderado a forte.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

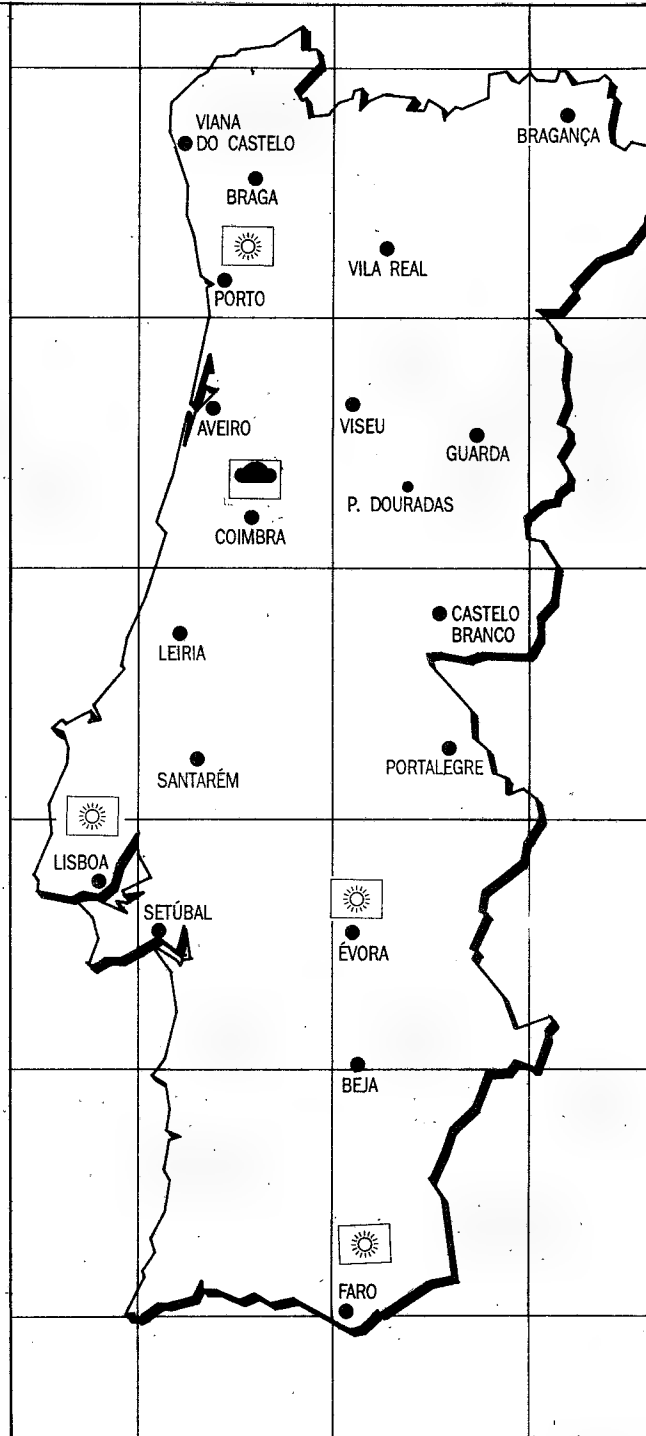
Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
06.20 3,7m	—
18.43 3,5m	12.05 0,9m

Amanhã

07.12 3,4m	00.3 21,0m
19.40 3,3m	12.59 1,2m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h Às 18 h	Máx.
Bragança.....	2	2	M. nub.
V. Castelo.....	8	8	Limpo
Vila Real.....	4	4	Limpo
Porto.....	6	7	Limpo
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	10	11	M. nub.
C. Carvoeiro.....	12	13	M. nub.
C. Branco.....	8	8	Encoberto
Portalegre.....	9	9	P. nub.
Lisboa.....	11	12	Limpo
Évora.....	8	8	Limpo
Beja.....	7	8	Nebulosa
Sines.....	9	9	M. nub.
Faro.....	8	9	Limpo
Sagres.....	11	12	P. nub.
P. Delgada.....	12	13	M. nub.
Horta.....	13	14	P. nub.
Funchal.....	12	15	Encoberto

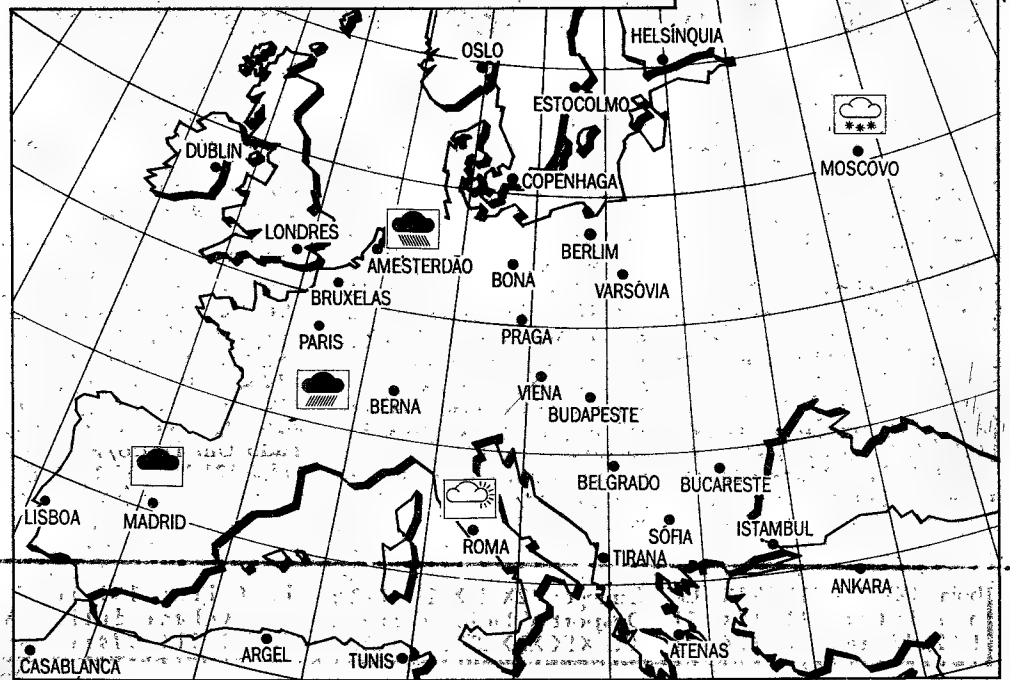
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 16; Porto, 16; Faro, 17; P. Delgada, 16; Funchal, 20.

EUROPA

	Min.	T. 6 h Às 18 h	Máx.
Madrid.....	6	6	M. nub.
Londres.....	0	0	Limpo
Paris.....	1	2	M. nub.
Bruxelas.....	0	0	Ag. de neve
Amsterdão.....	1	1	Ag. de neve
Genebra.....	1	1	P. nub.
Roma.....	6	10	M. nub.
Oslo.....	-1	0	P. nub.
Copenhaga.....	-1	-1	Ag. de neve
Estocolmo.....	-3	-2	M. nub.
Berlim.....	1	1	P. nub.
Viena.....	2	2	P. nub.
Varsóvia.....	1	1	P. nub.
Atenas.....	11	12	P. nub.
Moscovo.....	1	1	Neve

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	-4	7	Limpo
Houston.....	4	15	Aguaceiros
Los Angeles.....	13	18	Chuva
Montreal.....	-6	0	Limpo
Nova Iorque.....	5	14	P. nub.
S. Francisco.....	12	16	Chuva
Toronto.....	-2	5	Limpo
Vancouver.....	2	12	Encoberto
Washington.....	4	13	Chuva
Hong Kong.....	12	20	Chuva
Melbourne.....	14	22	V. forte
Pequim.....	-5	4	Neveiro
Perth.....	22	36	Limpo
Singapura.....	22	33	Limpo
Sydney.....	20	27	Aguaceiros
Tóquio.....	5	10	Aguaceiros
Wellington.....	15	22	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Areeiro - Praça de Londres; João XXI, Av. João XXI, 16-A, Tel. 886462; **Boa Hora**: Sepel, Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel. 3631958; **Campo de Ourique**: Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A, Tel. 686176; **Castelo**: Silva, Calçada Santo André, 16, Tel. 862074; **Chile**: Aliança, Av. Almirante Reis, 145 B-C, Tel. 570487; **Entre Sete Rios e 2.ª Circular**: Da Luz, Estrada da Luz, 124-A, Tel. 7263179; **Feira Popular**: Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A, Tel. 763016; **Graça**: Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; **Lumiar**: Central Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 254-B, Tel. 7588063; **Marquês Pombal**: Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Rato - Príncipe Real**: Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Xabregas - Madre Deus**: Conceição, Calçada D. Gaspar, 30-32, Tel. 381279; **Carnaxide**: Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide**: Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2512241; **Odivelas**: Maceira, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 981139; **Pontinha**: Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Alcântara: Proibidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; **Alvalade - Estados Unidos**: Rio Janeiro, 4-C, Tel. 881409; **Baixa**: Simões Pires, Rua da Prata, 115, Tel. 3462350.

Benfica: União, Estrada Benfca, 592-594; Tel. 700092; **Camões - Santa Catarina**: Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique**: Lobel, Rua Infantaria, 16, 98-B, Tel. 688807; **Marquês Fronteira**: Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; **Olivais Sul**: Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris - Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira**: Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Saldanha**: Dalva, Av. Duque d'Ávila, 125, Tel. 545225; **Sapadores - Paiva Couceiro**: Europa, Av. General Roçadas, 27 A-B, Tel. 8143880; **Brandosa - Amadora**: Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Buraca - Amadora**: Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto**: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha**: Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires**: Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche**: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo**: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcav**:

elos: Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana**: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra**: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras**: Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Paredes**: Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **S. João do Estoril**: Das Areias, Urb. Areias. Até às 22 h; **Sas-soeiros**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre**: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna**: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira**: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais**: Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira, Tel. 4953424. Permanente; **Confiança**, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Damaia**: Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22 h; **Queluz**: Gil, Av. Miguel Bombarda, 28, Tel. 4350117. Permanente; **Albergaria**, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém**: Central, R. Elias

Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Mem Martins**: Químia, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa**: Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 25, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra**: Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares**: Abreja, Tel. 9290088; **Loures**: Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 Abril, 9, Tel. 2768030. Permanente; **Cova da Piedade**: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica**: Guerreiro, Lote 31 - Il. Moimho, Tel. 2950727. Até às 22 h; **Costa de Caparica**: Chai, P. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro**: Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Lavradio**: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra**: Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro**: Ferreira & Pilar, Av. República, 1, Tel. 2073023. Permanente; **Baixa da Banheira**: Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios**: Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora**: Nova Amorense, E.N. 10, Bloco A - Paivas, Tel. 2216824. Permanente; **Aldeia Paio Pires**: Central, Est. Nacional, 9, Tel. 2210365. Até às 22 h; **Montijo**: União Mutualista, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035.

HÁ 20 ANOS



O Cinema na primeira linha

O Cinema situa-se na primeira linha dos espetáculos preferidos da grande maioria dos portugueses. No jogo dos impostos é aquele que maiores receitas proporciona ao Estado. Em comparação, na perspectiva do tesouro nacional, o futebol é pouco rentável. Tudo isto (e mais) se infere da série que hoje começamos a publicar sob a designação «Como se divertem os portugueses».

EUA: manifestações provocam a ira de Pompidou

Depois de ter estado seriamente decidido a partir para Paris, o presidente Georges Pompidou, muito zangado, decidiu, ontem à noite, manter a intenção de visitar Nova York. Fontes afirmam que Pompidou esteve na iminência de interromper a sua visita aos Estados Unidos em consequência da recepção hostil com que depa-rou, sábado, em Chicago: apupos de mais de dez mil pessoas.

Vitória dos socialistas na Áustria

Pela primeira vez na História da II República austríaca, os socialistas alcançaram a maioria nas eleições legislativas. Assim, facto inédito desde 1945, a Áustria vai ter um chanceler socialista, provavelmente Bruno Kreisky, de 59 anos, que foi ministro dos Negócios Estrangeiros de 1959 a 1966.

EFEMÉRIDES

1956

• A França reconhece a independência de Marrocos.

1972

• É lançada a nave espacial norte-americana «Pioneer-10», cuja missão consiste em analisar o meio ambiente do planeta Júpiter.

1975

• Um atentado terrorista perpetrado num autocarro em Nairobi (Quênia) mata 27 pessoas e fere cerca de 100.

1978

• O primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, e três dirigentes negros anunciam a criação de um Governo provisório para preparar, até ao fim do ano, um Governo de maioria negra.

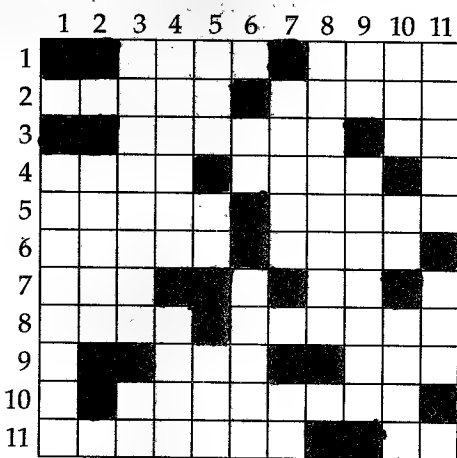
1983

• O Papa João Paulo II efectua em Lisboa uma escala técnica de 106 minutos, a caminho da sua viagem - a décima sétima do seu pontificado - a oito países da América Central. João Paulo II pisa solo português pela segunda vez em meados de um ano.

1987

• Morre o guitarrista Freddie Green, durante muito tempo membro da Orquestra de Count Basie.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17869

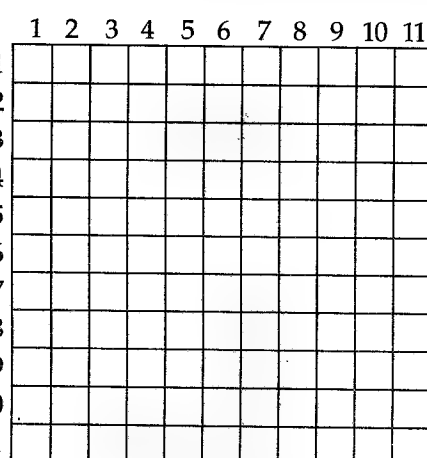
HORIZONTAIS:

- 1 - Preposição. Aquele que.
- 2 - Levanta. Jumenta.
- 3 - Divergi. Átomo.
- 4 - Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Doença que dificulta a respiração.
- 5 - Socorre. Quadros.
- 6 - Deslumbrou (fig.).
- 7 - Roupas de camponês.
- 8 - Altar cristão. Autores.
- 9 - Reino da Federação Indochinesa.
- 10 - Fede. Conceder.
- 11 - Deram urros.

VERTICAIS:

- 1 - Tempo do verbo ser. Azorrague com que, no Brasil, se castigavam os escravos.
- 2 - Afia.
- 3 - Freguesia do concelho de Penamacor. Clima.
- 4 - Despachado. Caruma.
- 5 - Chefe etíope. Európio (s.q.). Coragem.
- 6 - Basta! Concelho do distrito do Huambo.
- 7 - Barra de vestido. Antes do meio-dia.
- 8 - Fantasias.
- 9 - Pátria de Abraão. Cidade de Espanha.
- 10 - Estava. Nesse lugar. Planta de fibras têxteis em Angola.
- 11 - Assassinas. Mágica.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16679

HORIZONTAIS:

- 1 - Cidade da China. Cidade da URSS.
- 2 - Cidade da antiga Fenícia, fundada pelos Sidónios. Icar.
- 3 - Rates. Maior. Centiare.
- 4 - Rosados.
- 5 - Charruas.
- 6 - Háfnio (s.q.). Instrumento para atirar setas. Dogura.
- 7 - Magala. Volte.
- 8 - De Roma. Em as.
- 9 - Joeira. Composição poética. Gosta muito de.
- 10 - O lado do vento. Prender.
- 11 - Avareza. Querida.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade dos Países Baixos. Porto da Finlândia, no golfo de Bótnia.
- 2 - Curso de água natural e abundante. Saciados.
- 3 - Nome de planeta. Rate.
- 4 - Mamífero americano a fim da corça. Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suíça.
- 5 - Papelão.
- 6 - Cidade da URSS.
- 7 - Cidadã da Nigéria. Britânica. Vestuário de homem, espécie de meia túnica.
- 8 - Cidade da Roménia. Antes do meio-dia.
- 9 - Cidade da antiga Caldeia. Subjugaram.
- 10 - Costuraram.
- 11 - Mesturas de aves. Molestara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 868

HORIZONTAIS: 1 - OLHAR. PARA. 2 - Ias. Pó. 3 - Ami. Iacás. 4 - Atentaram. 5 - Uri. Oatú. Dia. 6 - VA. Cv. Trova. 7 - Assoamos. 8 - Ária. Osa. 9 - Nadasses. Eu. 10 IL SC. ED. 11 - Ocasão. Seu. VERTICAIS: 1 - A. UVA. NÃO. 2 - Limaras. 3 - Haiti. Sadia. 4 - As. Corais. 5 - Ino. vaís. 6 - MATA. Massa. 7 - Cauto. Eco. 8 - Apar. Rs. 9 - Rosado. És. 10 - A. MIV. SEDE. 11 - Pt. Aarau.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 678

HORIZONTAIS: 1 - Salamanca. 2 - Avelãs. Milo. 3 - Ligaram. Rim. 4 - Isara. Osa. 5 - Sãs. Saras. 6 - Br. Amargar. 7 - Adore. Sor. 8 - Reli. Arc. Mo. 9 - Gr. Uta. Mad. 10 - Oatú. Use. 11 - Salamina. VERTICAIS: 1 - Salisburgo. 2 - Avisar. Eras. 3 - Legas. Al. -Ua. 4 - Alar. Adia. 5 - Marasmo. Tua. 6 - Asa. Aarau. 7 - Morrer. Si. 8 - Cm. Ag. 9 - Airosas. Mua. 10 - Lis. Romãs. 11 - Roman. Rodes.

PROVÉRBIO:
OLHAR PARA
A UVA, NÃO
MATA A SEDE.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496

CORAÇÕES DE AÇO

Filme de Brian de Palma, c/Michael J. Fox e Sean Penn

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

NASCIDO A 4 DE JULHO

Filme de Oliver Stone

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Filme de Steve Kloves

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

CLUBE DOS POETAS MORTOS

Filme de Peter Weir c/Robin Williams

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa

Telef. 691275

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos

Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos

Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7

ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA

Maiores de 12 anos

Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A

Telef. 763319

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10

Telef. 776098

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15

Telef. 324194

APACHE BRANCO

Filme de Vincent Dawn

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer

LISA, SEXO FATAL

Hard-core-1º escalão (porno)

Maiores de 18 anos

Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27

Telef. 573407

FUROR SEXUAL

DE VANESSA

Hard-core-1º escalão (porno)

Maiores de 18 anos.

Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37

Telef. 533253

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

LINHAS TROCADAS

Com Kathleen Turner e Burt Reynolds

Maiores de 18 anos

Às 24.00 horas

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef.

546085

O ARREPENDIDO

Filme de Jacques Tourneur, às

18.30 horas.

O DIABÓLICO DR. MABUSE

Filme de Fritz Lang, às 21.30

horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34

Telef. 549999

NOVE SEMANAS E MEIA

Filme de Adrian Lyne

Maires de 16 anos

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2

Telef. 322523

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Filme de Sidney Lumet

Maiores de 12 anos



QUE FIZ EU PARA MERECEER ISTO?

Em exibição

SALA 4

Quarteto

PUB
M/16 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35

Telef. 555134

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F

Telef. 8487255

DOIS DETECTIVES

EM APUROS!

Com Lorin Dreyfuss

Maiores de 12 anos

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503

Tel 7145088

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo

Telef. 541037

AUDITÓRIO 1

O BANDO DAS QUATRO

Filme de Jacques Rivette

Maiores de 12 anos

Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2

O PROCESSO DO REI

Filme de qualidade de João Mário Grilo

Maiores de 12 anos



«O Bando das Quatro», em exibição no Auditório 1 do Forum Picoas

NOVIDADES
LEGATTEAUX

CABELEIRAS PARA
SENHORA E HOMEM

E POSTIÇOS
EM CABELO E FIBRA



ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Rua Pedro Nunes, 2, r/c — Lisboa 1000

Telefone 53 92 69

VISITE-NOS

KING TRIPLEX 2

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara

Telf. 3631162

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

OS FABULOSOS IRMÃOS

BACKER

Maiores de 12 anos

Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A

Telef. 801313

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening

Maiores de 16 anos

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão

Telef. 538743

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2

ASSASSINATO

SOB CUSTÓDIA

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

teatro da Cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)



«Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — Jornal de Letras

«uma autêntica explosão lúdica» — Diário de Notícias

«um momento de teatro divertido e despretenso» — O Jornal

«Uma salada para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — Semanário

«uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir connosco e consigo própria» — Expresso

«o que nós nos rimos?...? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — Independente

«um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — Fim de Semana

«É sensacional... um espectáculo fascinante, capaz de agradar a todos os públicos» — O. Lisboa

«lamentável, morto, sem graça [...] o pior espectáculo da Cornucópia de sempre» — Capital

5.ª a Sáb. — às 21.30H — Dom. e Feriados — 16H;

3.ª e 4.ªs-Feiras — Matinées para escolas

TEATRO DO BAIRRO ALTO

Rua Tenente Raul Casais, 1-A

1200 LISBOA Telef. 66 15 15/66 92 05

CARTAZ

MUNDIAL 3
QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O POLICIA DE MIAMI
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
COMPETIÇÃO SEXUAL
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
ARIEL
Filme de Aki Kaurismaki
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
UM MUNDO À PARTE
Filme de Chris Menges, c/
Barbara Hershey
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
GENTE GIRA É OUTRA
COISA
Maiores de 6 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
OS REIS DA NOITE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade, 9
Telef. 3468446
SHOKER-CEM MIL VOLTS
DE TERROR
Maiores de 18 anos
Sessões às 12.00, 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O CONDE DE DRÁCULA
NA BAVIERA
Maiores de 18 anos
Hoje e amanhã às 23.30

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
SANGUE E ARENA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.

SALA 2
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

OEIRAS
ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS
MIRAMAR 1
Telef. 2841744
NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA
ACADEMIA
ALMADENSE
Telef. 2752127
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO LISBOA

A BARRACA
CINEARTE
Largo de Santos, nº 2 -
Telef. 665360 / 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e
Dom. às 16 horas
MARGARIDA
DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

TEATRO
DE CARNIDE
Azinhaga das Freiras -
Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30
horas
DIVINAS PALAVRAS
De Ramón del Valle-
Inclán.

TEATRO
DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.
Dom. às 17.00 horas,
descanso à 4ªFeira
SALA NOVA
PÉCORA de Natália
Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00
e 21.30. Domingo às 16

horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo
O Bando.
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24
horas.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24
- Telef. 607299
De 3ª a Dom. às 22.00 horas
E O ZÉ QUE ZÉ
Textos de Mário Cesariny
de Vasconcelos, Fernando
Pessoa, José Manuel
Ribeiro, Lauzier e Stig
Dagerman. Encenação de
José Carretes.
(Última exibição no dia 6).

TEATRO
DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-
A - Telef. 661515 / 669205
De 5ª a Sáb. às 21.30. Dom.
e Feriados às 16.00 horas
SALADA
De Tristan Rémy.

RITZ CLUBE
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 5ª a Sábado às 21.30.
Sábado e Domingo às 16.00
horas
O REGRESSO
DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário
Viegas.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e
22.45. Domingos e Feriados
às 16 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/
Camilo de Oliveira, Miguel
Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telef. 778898
De 5ª a Sábado às 21.30
horas. Domingos às 16
horas
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt
Brecht
(Em cena até dia 4 de
Março).



I.A.T.A.



I.A.T.A.



I.A.T.A.

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Alvará do Ministério da Educação e credenciado pelo
Ministério do Emprego e Segurança Social

CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

DE 4 A 20 MESES

ÁREA DE INFORMÁTICA

ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES NAS LINGUAGENS - C - COBOL - BASIC - RPGII - PASCAL -
LOTUS 123 - dBASE III - IV
MICROPROCESSADORES - ANÁLISE DE SISTEMAS - TELEPROCESSAMENTO

ÁREA DE GESTÃO

ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
CONTABILIDADE GERAL ou ANALÍTICA - GESTÃO ORÇAMENTAL - INFORMÁTICA APLICADA À CON-
TABILIDADE - IRS/IRC - FISCALIDADE - ANÁLISE DE PROJECTOS E INVESTIMENTOS - CÁLCULO
FINANCEIRO - GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - GESTÃO DE STOCKS - GESTÃO FINAN-
CEIRA - GESTÃO COMERCIAL MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS - GESTÃO DE PRODUÇÃO -
GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

DIVERSOS

COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, JORNALISMO E PUBLICIDADE
HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS - ASSISTENTES DE RECEPÇÃO - SECRETARIADO DE DIRECÇÃO
DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL - CAD (Desenho Assistido por Computador)
DESENHADOR DE MÁQUINAS - TOPOGRAFIA - MEDIDOR ORÇAMENTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES

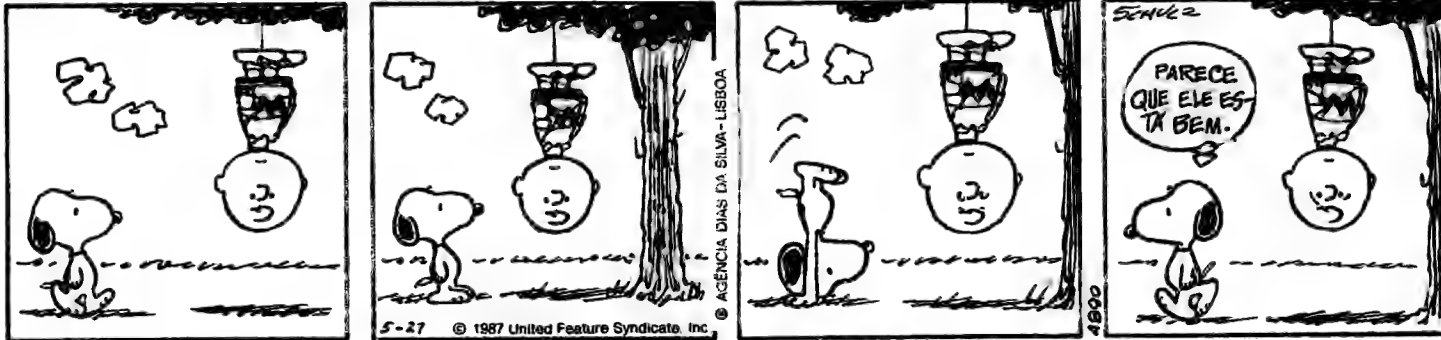
PROFISSÃO - ACTUALIZAÇÃO - VALORIZAÇÃO - ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS AINDA EXISTENTES

CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO - INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Paço dos Duques de Bragança - Rua Vitor Cordon, 45 - 1200 LISBOA - Telef. 371032 - 325577
Telefax 43331 - Telefax 371032 - Informações das 9.30 às 19.30 h. ininterruptamente

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
- ENCENAÇÃO GEMAL DE JOÃO MOTA... UM GRANDE MOMENTO DESTA FESTIVAL...
UMA PAZÁGI - P.R. - LE QUOTIDIAN - FRANÇA - MOV. 88
SEGUNDA A SÁBADO - 21.30 - DOMINGO - 17h - DESCANSO 4.ª-FEIRA
ESPECTÁCULO DE QUALIDADE - D.G.E./D.A.
TEXTO NATÁLIA CORREIA
ENCENAÇÃO JOÃO MOTA
MUSICA JOSÉ MARIO BRANCO
A PECORA
«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»
APOIOS - PUBLICAÇÕES D. QUIZOTE - FRAC - CAMÉLIDORE CITY - RÁDIO COMERCIAL - ARZENA DE
- JORNAL DE NOTÍCIAS -
PRACA DE ESPANHA - BARÇAIS TEL. 726 08 18
Inclán - Textos de Ramón del Valle e Inclán e Fernando Pessoa
NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO * SÁBADOS ÀS 24h
FESTIVAL
DA OTITE!

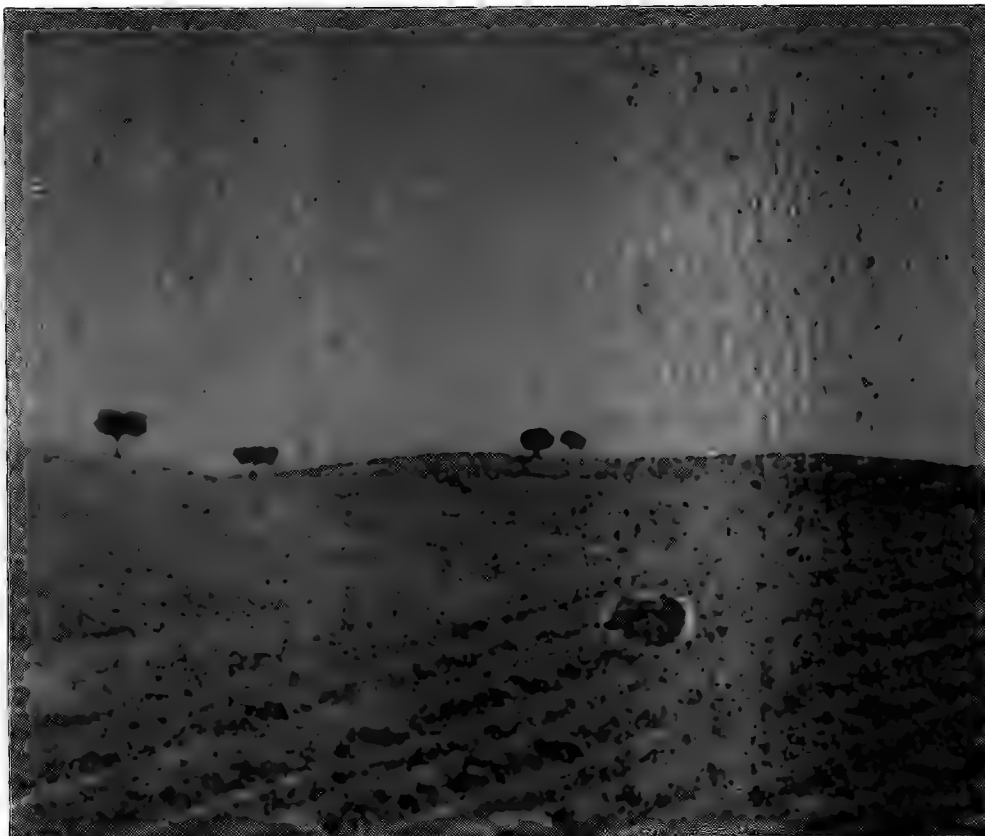
SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE
RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
117º episódio
- 17.25 - BRINCA BRINCANDO
- 18.30 - RUA SÊSAMO
84º episódio
- 19.00 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
61º episódio
- 21.10 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
9º programa: "O Canto Alentejano", realização de Francisco Manso com texto de Miguel Faria. As fainas rurais e o canto alentejano. O canto coral alentejano nasceu num meio ambiente fortemente caracterizado: o "continente alentejano". Um itinerário em que predomina a relação do ser humano com a vastidão e isolamento das planícies do Baixo Alentejo, num quotidiano pautado pelos trabalhos rurais. Na noite alentejana, o ambiente típico das tascas, onde o canto acontece, espontâneo. Um retrato do Alentejo interior: de Cuba a Serpa.
- 21.30 - GALA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS
- 23.00 - CHEFE, MAS POUCO...
- 23.30 - 24 HORAS
- 24.00 - REMATE
- 00.10 - PELA NOITE DENTRO
"Um Pequeno Crime", um filme de Steve Hilliard Stern, com Jean Simmons, Ed Asner, Mathew Faison e Kent Williams. Telefilme policial e bem humorado, "Um Pequeno Crime" acaba por ser uma curiosa história de amor entre dois seres solitários, um velho polícia endurecido e uma velha socióloga voluntariosa, cujo romance floresce no meio do lixo e dos desperdícios de uma grande cidade e de um ritmo de vida alucinante onde



No 1º Canal às 21.10, "O Canto Alentejano" de Francisco Manso e Miguel Faria em "Mobil nos Caminhos de Portugal"

afinal ainda há tempo para redescobrir o amor mesmo no meio de uma situação literalmente pouco limpa e claramente muito sórdida.

RTP-2

- 16.50 - 3, 2, 1 CONTACTO
- 17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MÚSICAIS
6º episódio:
Para muita gente, a harpa é a rainha da orquestra. Hoje teremos neste programa a oportunidade de conhecer a pequena harpa utilizada na música "folk". Vamos ouvir alguns trechos escritos para este instrumento e seguiremos a sua evolução ao longo de cerca de cinco mil anos.



"Dona Beija" no 2º Canal, a partir das 21.30

- 17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
52º episódio
- 18.25 - HAJA MÚSICA
- 19.30 - MAX FOLLIES
- 19.40 - CLÁSSICOS NA TV
12º episódio de «Estrada 66»
- 20.30 - AS CIDADES E AS TERRAS
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - DONA BEIJA
24º episódio
- 23.00 - ACERTO DE CONTAS
- 23.40 - ROTAÇÕES

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS

AMANHÃ
RTP-1

- 09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
- 12.15 - SINFONIETA
- 13.00 - NOTÍCIAS
- 13.10 - OITO É BASTA
- 14.00 - PARLAMENTO
- 14.30 - CRIME, DISSE ELA
- 15.15 - SESSÃO DA TARDE
"Finais Felizes"
- 16.50 - DESENHOS ANIMADOS
- 17.25 - VIVAMÚSICA
- 18.15 - RICARDINA E MARTA
- 19.15 - SETE FOLHAS
- 19.45 - TOTOLOTO
- 20.00 - JORNAL DE SÁBADO
- 21.15 - O TEMPO
- 21.20 - CONTO DE HOLLYWOOD
- 22.25 - GENESIS
- 23.25 - CINEMA DA MEIA-NOITE
"Companheiros do Pesadelo"

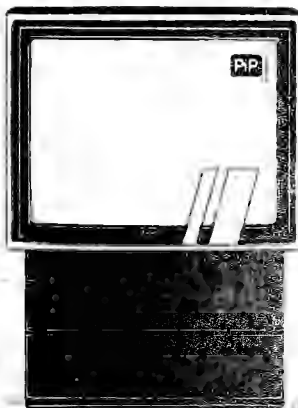
RTP-2

- 09.01 - UNIVERSIDADE ABERTA
- 10.00 - CIRCO CIRCO
- 10.20 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
Compacto
- 12.50 - A ILHA DAS CRIANÇAS
- 13.20 - UM SOLAR ALFACINHA
- 14.10 - UM LONGO CAMINHO
- 15.00 - ESTÁDIO
- 19.00 - MUSIC BOX ESPECIAL
- 20.00 - O MEU IRMÃO TOM
- 20.45 - UM BILHETE PARA O MUNDO
- 21.15 - ESTÁDIO
Edição da noite, com futebol (Penafiel-Benfica), atletismo e basquetebol

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de mapas veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida). Móveis - sala e quarto (por medida). Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 70-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 2ª exposição)



SEXTA-FEIRA, 2 MARÇO 1990

«São ainda muitas as queixas que chegam aos responsáveis da Administração, relativas ao modo de atendimento, ao tempo de espera nas respostas e à falta de informação esclarecida e fiável»

Cavaco Silva, «Jornal de Notícias», 01.03.90

A PERGUNTA DO DIA



Correia de Jesus
secretário de Estado
das Comunidades
Portuguesas

Por que é que não é reaberto o Consulado Português na Corunha (Espanha) reclamado pelos mais de 4 mil portugueses aí residentes?

«O encerramento deste Consulado enquadra-se num plano de reestruturação da rede consular em Espanha, que levou à recente criação de um posto de carreira em Salamanca e à recente criação de um posto de carreira em Salamanca e à reactivação do consulado Honorário em León.

Acrescente-se que aquele Consulado foi desactivado por decisão unilateral do seu titular, o cidadão espanhol José Fernandez Abelenda que, alegando dificuldades financeiras, reclamou a concessão de um subsídio que a legislação vigente não consente, uma vez que se trata de um posto gerido por um estrangeiro.

Quer a embaixada em Madrid, quer o Consulado em Vigo, consideraram aceitável o encerramento, formalizado em Abril de 1989, tendo em consideração, nomeadamente o facto de os contactos com o Governo da Galiza ocorrerem através do Consulado em Vigo e o reconhecimento da sua capacidade para assegurar a cobertura consular na área de jurisdição do ex-consulado na Corunha, cidade com a qual, aliás, existem comunicações fáceis.»

Segunda-feira no

Diário de Lisboa

«Real, Real,
por um ministro
de Portugal»
- a crónica
de Artur Portela

A violência
na família
em Grande Angular
Sondagem
Euroteste/«DL»

O DL SUGERE

a Mendes Bota

Vá à FEIRA DO LIVRO DE POESIA que a Livraria Assírio & Alvim promove em Lisboa. A feira é acompanhada de debates, conferências e recitais a pretexto da poesia. «Marcia» foi o título genérico escolhido para estas iniciativas, pois é em Março se mostram as folhas e começa a Primavera. Para o deputado europeu, que já se tornou conhecido pelo seu jeito poético, é uma oportunidade que não deve perder. Actualize as suas leituras e leve as suas quadras, que pode ser que encontre editor para elas...

a Narana Coissoró

Não perca a QUINZENA DA LAMPREIA que termina no próximo domingo. Organizada pelo Casino do Estoril e pelo Hotel do Guincho, em colaboração com gastrónomos do Alto Minho, é uma mostra que tem promovido diversas especialidades regionais, do arroz de Lampreia à Monçanense à Lampreia à Bordalessa. Depois há os famosos vinhos verdes para regar tamanhos petiscos. Ou seja, condições necessárias e suficientes para satisfazer um confesso amante dos prazeres da mesa, como é o caso deste parlamentar centrista.



a Luís Pereira de Sousa

Leia QUERES FAZER O FAVOR DE TE CALARES?, um livro de Raymond Carver, nome grande do chamado *dirty realism* americano. É uma antologia de contos cativante, escrita por um cronista do quotidiano particularmente seco e melancólico. Não é, por certo, o caso deste especialista em concursos insólitos, reaparecido há poucos dias na RTP para comentar o Carnaval brasileiro. Por pouco, a sua voz quase substituiu o samba! Dos comentários nem vale a pena falar... Leia Carver que vale a pena, nem que seja como acto de contrição...

a José Lello

Vá ver A SEVERA, um espectáculo musical em palco no Teatro Maria Matos, em Lisboa. É um texto de Júlio Dantas, encenado por Nicolau Breyner e com a adaptação musical de Rosa Lobato Faria. Para o empresário Sérgio de Azevedo é mais uma aventura, para o deputado socialista pode ser mais uma possibilidade de diversão, tão do seu agrado. Não é a primeira vez que da sua pena saem severas e divertidas canções. Desta vez pode aproveitar para se familiarizar com outros fados, talvez mais doces que aqueles com que tem brindado os políticos do seu descontentamento...

Teatro Municipal **MARIA MATOS**
Telef. 87 02 17 - 89 94 00 (Av. Roma) Junto ao Hotel Lusitânia
- Agência ABEP - Restauradores
SÉRGIO DE AZEVEDO
apresenta

A SEVERA

Um musical popular português
O ÉXITO QUE LISBOA FALA!

UM ESPECTÁCULO EMPOLGANTE
EXCELENTE INTERPRETAÇÃO
UM ACONTECIMENTO DE RELEVÂNCIA
NO TEATRO POPULAR PORTUGUÊS!

Grupo de trabalho
de política nacional

**O SISTEMA PARTIDÁRIO
PORTUGUÊS**

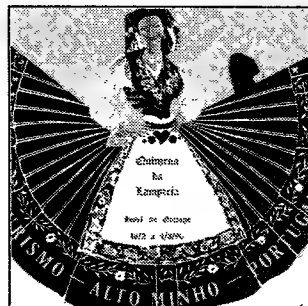
Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA



FEIRA DO LIVRO
DE POESIA

1 a 30 de MARÇO



meteorologia

Campus

Paisagem ondulada, irregular de perfil, de múltiplos verdes, ampla mas fechada em si num vale relativamente suave; paisagem como que à espera da tépida brisa vinda do «mar de palha», a seus pés, ou então de um cineasta de fora que aproveitasse numa lenta panorâmica o sol estilhaçado através dos pequenos bosques, como pintados. Algo de familiar e simultaneamente de surpreendente irradia desse cenário; algo de bravio e amável respira-se aqui.

A meio da tarde passeio pelo Alto da Ajuda, cinquenta ou mais hectares de área entre Monsanto (que está de costas, com toda a sua vida esquisita) e o Tejo cintilante nesse momento, pelo lado sul. Prossigo no terreno e com os olhos de amanhã antevejo o futuro complexo da Universidade Técnica, o *campus* universitário, essa zona do mundo jovem, instituição que julgo necessária e que conhecemos mais dos filmes americanos do que da realidade portuguesa.

Fico ainda um pouco até que se percam as referências realistas no crepúsculo: a branca torre da Igreja da Ajuda, na direcção oposta, o moinho em ruínas, enquanto o rebanho de cabras recolhe sozinho. Mas antes que a vovagem do tempo e da noite tomasse conta do presente, sinto um estado de euforia: daqui a poucos anos haverá um *campus* habitado e vivido por muitos milhares de estudantes de várias ciências e técnicas, e eles, circulando com naturalidade entre Institutos, livrarias, espelhos de água, pavilhões gimnodesportivos, lares, cafés, cantinas do século XXI, não se lembrarão que aqui houve uma paisagem erma, um vazio, com um transeunte do acaso que os *pre-vira*.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO

62 531

105 000 CONTOS

2.º PRÉMIO

53 084

15 000 CONTOS

3.º PRÉMIO

64 461

4 000 CONTOS

Mais dois prémios Grandes

109 000 contos

Vendidos hoje

aos BALCÕES da

CASA DA SORTE

LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

Entradas de Lotaria

Sai sempre
Experimente

**CASA VIOLA — A sorte que
«Toca»**

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
2 DE MARÇO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA



O CORPO DISFARÇADO



Cada um procura-se a si mesmo como pode. Interrogando e transformando o seu corpo, ou, por exemplo, desfigurando-o. Já vem de longe a multidão dos mutilados pintados ou descritos: estropiados desenhados por Bosch; cegos de Breughel; torturados e estropiados de Callot. Num quadro de Goya, Saturno arranca e devora a cabeça de uma criança. Édipo vaza os olhos e, nas igrejas barrocas, Santa Ágata oferece os seios (cortados pelos carrascos) numa bandeja.



Nos dias de hoje, com a generalização do «travesti», trata-se de «corrigir um pouco a natureza», de pautá-la pela bitola do desejo e do sonho. Ninguém nasce determinado, e a liberdade reside toda em ter muitos desejos e muitos meios de satisfazê-los.

À deux vitesses...

Sexta, dia 23

Ricos e pobres ou «la société à deux vitesses», como — sempre eufemísticos — dizem agora os franceses. Por cá, as «duas velocidades» são assim, Governo dixit e confessa: por um lado, há «o progresso económico que o país registou nos últimos anos», por outro (nem se percebe porque) há pobres tantos que o Conselho de Ministros se vê obrigado a criar dois comissariados para a pobreza.

Pelo meio, mesmo se não se sabe se há fogo, são os fumos da corrupção, e se o Governo já tinha o seu Taveira, teme-se agora que Belém possua também o seu Melancia. O «DL» sobre Macau faz editorial a que chama «O ovo podre» e «o Independente» com «Mon ami Melancia» faz manchete é Soares lado a lado com o governador de Macau.

Quem diz Macau diz Oriente, cuja fundação precisa (para quê?) apenas de 100 milhões (de contos, claro) até 1999, a última teta do Império é assim: uma farturinha...

O resto é o trivial: não há verbas para os Jerónimos, cumprem-se prazos para a Torre do Tombo, não se cumprem para o Centro Cultural de Belém (que pena...), protestam por causa da Tv os bispos, anda a nau do Vilar à deriva na polémica (e nos milhares) dos Descobrimientos, descobre-se uma ermida gótica nas escavações da Mouraria, apanha com 130 contos de multa (vá lá, saiu barato) a predadora das cegonhas brancas de Coruche e, a leste de tudo isto,

reflecte-se na Gulbenkian sobre os bons velhos anos 60.

Nem de propósito faz hoje três anos que morreu o Zeca Afonso, parece que foi há três séculos que numa madrugada se ouviu «Grândola, Vila Morena».

Sábado, dia 24

E lá vamos «à deux vitesses», desta vez é o «Semanário» a fonte: parece que o Estado anda eufórico e a sociedade deprimida, este ano para estradas é o que se queira, habitação é que nem vê-la, casas há mas é para investimentos estrangeiros mais para escritórios de luxo.

Ao luxo dos pacotes laborais é que não há como nós: ainda bem não avíamos um, logo sonhamos com outro, já aí está o novo a caminho, por que diabo não fazemos um que diga só assim e pronto: quem quiser trabalhar, pague e não bufe.

Bom, à parte isto, há, por assim dizer, o costume: canta-se ópera em S. Carlos, pensa-se a arquitectura em S. Carlos, pensa-se a arquitectura em S. Carlos, pelos cinemas desaparecidos, o «Expresso» revela que os assassinos de Humberto Delgado já podem voltar na boa (não se esqueçam das pensõeszinhas de reforma) e, como se não bastasse o de todo o ano, temos hoje o Carnaval.

Domingo, dia 25

Não fosse Agustina e dir-se-ia que apenas a capital se alheia deste Entrudo todo que por aí vai país fora. Mas ela, nortenha, solidariza-se com a sulista e mazomba Lisboa e no «DN» escreve (sobre Buñuel ou o que nos der na gana): «Tudo está em ordem; os sentimentos

ocupam o lugar do precipício onde, possivelmente, nada existe senão o vácuo».

Segunda, dia 26

E lá vamos cantando e rindo, a «duas velocidades» sempre, com a corrupção a compasso, os fumos da dita é como o outro que diz «primeiro estranha-se, depois entranha-se», hoje é o «DP» a revelar que em Custóias, na PJ e mais nalgumas clínicas nortenhas há gente sob suspeita.

Quanto a andar, andamos assim: em S. Miguel os campónios não têm electricidade, por cá a tropa para «defesa» precisa de mais 10 milhões de contos, upa upa se a G3 for substituída por outra metralhadora qualquer.

O povinho não usa G3, usa (e abusa) da pistola, a Lusa diz que a Polícia em média apanha uma ilegal por dia, estamos a mudar, é o que é, qualquer dia a caminho do Far West vai um povo aos trambolhões.

Mas nem tudo é mau, caramba: a Câmara de Sintra suspendeu a demolição do edifício da antiga cadeia, para nós já bastam os que a banca implantou na Estefânia, mesmo á entrada da vila.

Terça, dia 27

E bibó o Porto, carago! Perdeu com o Tirsense em casa, foi borda fora da Taça, mas alinhou como um valente na melhor partida de Carnaval.

A outra pregaram-na à SEC os trabalhadores dos museus. Ai, agora, também há trabalho aos feriados? Então, para já, hoje há greve. E houve.

A lida não faz greve, sabe (como a Agustina) que «uns têm sorte, outros têm paciência». E ela tem paciência. Ei-la, é

para o «Blitz» a melhor mensagem da semana: «Chico, quando te conheci, no Visage, fiquei doida por ti, mas tu agora tens namorada! Eu sei esperar! lida, a irmã da namorada do Victor, o russo».

Quarta, dia 28

Enterrado o Carnaval, é um vê que te avias: assalta-se um banco no Saldanha, explode um camião Molotov em Santa Apolónia, são presos dois polícias no Porto acusados de tráfico de heroína, tem ordem de despejo a União Musical e Escolar de Oeiras, abatem-se flamingos no Tejo e Cândido Ferreira vê negado o subsídio pedido à SEC para montar «Os Passos em Volta» de Herberto Helder.

É tudo uma questão de património. Sobre ele, o «DP» entrevista o novo director do IPPC. Prioridade: a defesa dos monumentos de interesse mundial. Se os de interesse mundial é o que se sabe, imagine-se o destino dos outros...

Quinta, dia 1

Reabre o Maria Vitória, comemoram-se em Coimbra os 700 anos da Universidade, mas o dia é de poesia. Na Assírio & Alvim fala-se de Pascoas e de Sophia, na SPA de Natália Correia e no Centro Nacional de Cultura a novidade é um livro inédito de Carlos Queiroz. Morreu há 50 anos o poeta amável e inquieto que um dia escreveu: «Sempre que leio nos jornais: / 'de casa de seus pais desparceu... / Embora sejam outros os sinais / Suponho sempre que sou eu' (...) «Eu, que pudesse, enfim, ser eu! / — Livre o instinto, em vez de coagido. / 'De casa de seus pais desparceu... / Eu, o feliz desparceido!».

Rodrigues da Silva

A culpa é do imperialismo

Basta de bater no ceguinho! O «povo de esquerda» já não aguenta mais! Depois da derrocada a Leste, perderam nesta semana quase todos os argumentos que lhes restavam para enfrentar a Direita no café. O glorioso comandante Daniel, o pequeno David contra o Golias yankee, foi desancado nas urnas por uma lacaia do imperialismo que dá pelo nome de Dofia Violeta. Depois de terem baixado todos os índices - mortalidade infantil, analfabetismo, nível de vida, produção agrícola - os sandinistas pareciam incrédulos com a incompreensão do «seu» povo. Até a imperialista CBS lhes tinha dado a vitória. Agora a culpa, claro está, foi do imperialismo yankee.

Todos viram - Jimmy Carter, Baena Soares, Bianca Jagger - que a campanha foi limpa. De burguesa a eleição não teve nada. Os média estavam todos sandinistas. Ortega, numa magnífica interpretação dos deveres do candidato no Estado-Espectáculo, transformou-se numa espécie de cantor romântico porto-riquenho de langorosos olhares revolucionários. Ainda por cima, tinha a seu favor a imagem ridícula da adversária a arrastar-se penosamente de muletas para os palanques da contra-revolução.

À socapa os nicaraguenses iam dizendo aos institutos de sondagem que si señor, «Sandino Vive», «Pátria o Muerte», «No Pasarán», «Nicaragua, Nicaragua».



Bush todo contente: Violeta ganhou as eleições

guita». Quando entraram nas cabines de voto, olharam em volta e votaram no imperialismo, porque revolução sim, mas não tanto, e uma boa mini-série norte-americana, com Rudolfo Valentino e Greta Garbo em papéis - secundários - porém - marcantes, faz falta ao serão

de qualquer lar.

Agora fica a saudade das boas noites passadas a ouvir Mercedes Sosa e a discutir se a próxima revolução ia ser em El Salvador ou na Colômbia. Com as barbas de molho, Fidel faz discursos de cinco horas para o retrato de Che e

relembra os seus tempos de guerrilheiro estudando no mapa da ilha os pontos exactos para afundá-la no dia em que os gringos mandarem observadores para as suas eleições.

Não muito longe dali, na URSS, Gorbachev, num impulso auto-destrutivo, decidiu que o Presidente soviético do futuro só usa sufrágio universal. Mas como o único nome de que os manifestantes se lembravam (e mesmo assim só por causa da visita a Moscovo de Václav Havel) era o de Alexander Soljenitsine, o astuto Gorby disse que o povo precisa de reflectir melhor até 1994, aproveitando para reforçar os poderes. Ai então haverá eleições das boas, com observadores e tudo.

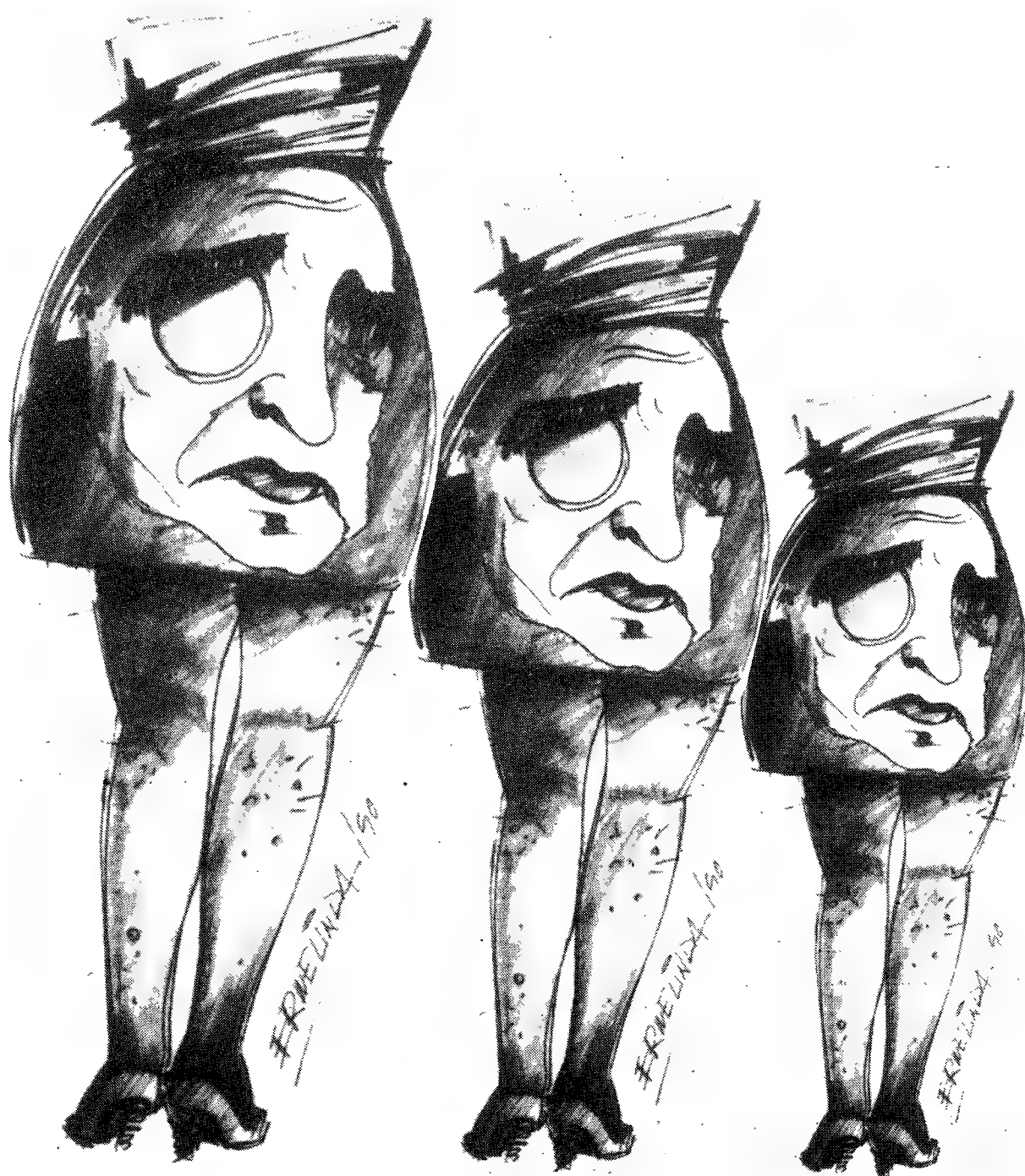
Mas que ninguém pense que a luta de classes acabou. Só que afinal o tio Marx tinha razão em tudo! É nos países europeus mais desenvolvidos que a revolução avança. A prová-lo estão os acontecimentos do Baile de Carnaval da Ópera de Viena, quando as forças do proletariado austríaco atacaram perigosos elementos da burguesia como o ex-nazi Kurt Waldheim e Carolina do Mónaco. Parece que o motivo do descontentamento foi a decisão de festejar o Carnaval, em vez de ficar em casa a ver o desfile das Escolas de Samba cariocas na televisão como toda a gente. Duarte Calvão

O MEU BAIRRO ESTÁ NA «VANGUARDA» DA MODA NÃO É ASSIM QUE SE DIZ

Na sexta-feira passada contei o que aconteceu à minha prima Eulália que está com ataques de «consumismo agudo» e que anda a comprar coisas que nem sabe o que são para depois as pôr no cesto dos ovos que está com muito espaço porque desde que os ovos estão a 200\$00 o cesto anda muito vazio olá se anda e disse também que ela tinha escondido a saia e que só saia com ela na quinta-feira que foi ontem como toda a gente sabe ora hoje vou contar o que aconteceu quando ela saiu com a tal saiasita às 11 horas da manhã primeiro no Largo da Graça e depois numas outras ruas e vou contar isto porque sei sim porque como eu sabia que ela ia sair fui espreitá-la logo de manhã para não perder nada sim porque estas coisas são muito importantes para a gente saber como o progresso social está a ganhar terreno neste País e a mudar o carácter às pessoas mais dia menos dia Lisboa é uma Londresita pequeninita ou um Parisito de trazer por casa enfim passo a contar a história para que todos saibam que o progresso já chegou à Graça como se prova pela minha prima Eulália ter comprado uma saiasita curta nesse templo do progresso arquitectónico que é as Amoreiras e de ter saído com ela toda corajosa para ir às compras e para ir ver as montras do bairro ora as coisas passaram-se assim logo de manhã eu escondi-me atrás da árvore que fica em frente da igreja — não estou a falar da árvore em que o meu pai faz chi-chi quando vem dos copos mas sim da árvore em que o leiteiro põe o leite da menina Georgette costureira — e esperei que ela saísse de casa devo dizer que esperei muito tempo mesmo muito tempo porque ela só saiu lá para as onze da manhã que é uma hora perigosa no Largo da Graça porque já anda muita gente na rua enfim ela saiu de casa com dois penos rápidos na perna esquerda e um penso feito de algodão colado com adesivo na perna direita de maneira que percebi logo que a Gillette tinha andado a trabalhar mas que ela ainda não tem muito prática a rapar os pelos das pernas mas o melhor é contar o que se passou ela saiu toda lampeira e começou a subir a rua até à loja do sr. Simoes que é um que vende batatas nabos e cenouras ao preço de ouro e de prata e vai quando chegou à loja do sr. Simoes entrou e pediu um quilo de batatas foi como se tivesse rebentado uma bomba atómica ou caído a Torre de Belém ou morrido um jogador do Benfica ficou toda a gente calada a olhar para ela e vai o sr. Simoes perguntou «Quer um quilo de batatas?» e ela disse que sim e ele perguntou outra vez «Vem comprar um quilo de batatas?» ela respondeu outra vez que sim e o senhor Simoes ainda quiz perceber melhor «De batatas?» e ela respondeu «De batatas pois de que é que havia de ser?» e o sr. Simoes saiu de trás do balcão sem tirar os olhos das pernitas rechonchudas dela e avançou vagarosamente para o saco das batatas e disse «A menina já viu que tem as batatas à mostra?» e ela espantada perguntou «Tenho as batatas à mostra?» e vai ele explicou-se melhor «O que eu quero dizer não é batatas é nalgas» e ela teve uma fúria e gritou «O que é que o senhor tem a ver com as minhas nalgas diga lá vá diga lá!» o pobre do homem nem pesou as batatas meteu para aí dois ou três quilos num saco e deu-lho e ela nem pagou também era preciso que fosse parva para pagar saiu da loja e continuou a subir a rua com o sr. Simoes e a mulher à porta a seguirem-na com os olhos ambos de boca aberta e com caras de parvos o vendedor de jornais que ia a sair da tasca do Leopoldo depois de ter bebido o bagaço das onze parou quando ela passou e ficou também de boca aberta a olhar para ela como se nunca tivesse visto uma mulher e o sacristão que ia a sair da igreja benzeu-se e tapou os olhos com as mãos mais acima a minha prima Eulália entrou no talho e foi a mesma coisa ficou toda a gente calada a olhar para as pernas dela e vai o sr. Costa que é o dono do talho fez um grande sorriso e

disse «Ô minha querida menina se eu tivesse umas costeletas como as suas para vender ficava rico de um dia para o outro!» a minha prima Eulália muito ríspida disse-lhe «Faça o favor de me dar duas iscas fininhas» e vai ele inclinou-se todo besuntado em cima do balcão e disse-lhe «Não me quer oferecer as suas costeletas? olhe que eu tratava-as bem palavra que as tratava bem...» e depois começou a cortar as iscas mas parou no meio e disse para o empregado «O Eglantino chega ali ao lugar da hortaliça e compra dois tomates para esta menina pôr em cima das costeletas» desatou toda a gente a rir e a minha prima não esperou pelas iscas saiu da loja toda danada a gritar «Porcaria de bairro são todos velhos que culpa tenho eu de viver neste bairro!» mas nessa altura já havia gente à porta das lojas e já havia um magote de gente à es-

pera dela na rua de maneira que a partir daí ela foi a comandar um cortejo até ao largo com toda a gente a rir menos eu que ia no meio deles todos mas que não queria que me conhecessem quando chegámos ao largo o motorista do taxi que estava na paragem e que ia a sair do carro caiu no chão com um estrondo danado e partiu uma perna mas ninguém lhe ligou toda a gente tinha os olhos nas pernitas da minha prima Eulália e no mais que ela estava a mostrar comecei a ver muita gente e a ouvir muito barulho e resolvi pisgar-me antes de haver sarilho contei esta história para mostrar que o progresso já chegou à Graça e que as modas das Amoreiras não tem nada a ensinar-nos mas não posso esquecer-me amanhã de dizer à minha prima para não sair outra vez com aquela saia sem mudar de calcinhas porque uma saia verde não dá com calcinhas cor-de-rosa e chama muito a atenção.



Canal DA Crítica

A M O S C A

MÁRIO CASTRIM

Reportagem no Carnaval de Torres Vedras. Encarregado dele, Luís Pereira de Sousa. Acho bem a escolha. Era Carnaval...

A certa altura, mostram-nos o carro da Alemanha, já que o enredo era dedicado à CEE. No carro via-se o muro a ruir. Do lado de cá uma Alemanha, outra do lado de lá. E o repórter:

— Talvez para o ano já a Alemanha de Leste esteja incluída na Alemanha Federal...

Se o Bush pensa isso, quem é o Luís para pensar outra coisa.

Polícia. E o revólver?

A televisão tem dedicado muita atenção à iniciativa da Polícia de Segurança Pública com o fim de melhorar a sua imagem pública.

Eu acho bem, note-se. Acho até muito interessante o princípio de base que esteve na iniciativa: a educação das crianças. A Polícia editou um livro com desenhos para as crianças colorirem. Colorindo, aprende-se. Está certo.

Diz a locutora que a PSP procura alertar as crianças para os perigos que podem encontrar ao virar de cada esquina. Enfim, se não se podem tirar as esquinas, se não se destroem os perigos, pois então que a PSP alerte, divulgue, ensine.

Quanto à imagem, bem. Aqui julgo que, para melhorá-la o primeiro passo seria a política de desarmamento. O agente deixaria de trazer o coldre pesado, ameaçador.

Exagerado. Quem vir um agente da PSP há-de pensar que está num país de facínoras, sanguinários, terroristas. Havia que educar os agentes para outra forma de actuação que dependesse mais da sua educação física, do seu equilíbrio psicológico, da sua inteligência, do seu sentido de serviço público, da sua integração na comunidade. O agente que tem no revólver a sua defesa mais cómoda e expedita, acaba recorrer a ele por excesso de facilidade. Todos os dias — ou quase — temos notícia da utilização abusiva da arma. Um agente é tanto mais inseguro quanto mais dela depende.

A Polícia entrou, pois, em contacto com as crianças. Bom seria, agora, que as crianças entrassem em contacto com os polícias. Eles teriam certamente muito para aprender.

— Um, Dois, Três voltou igual a si próprio, embora falte ainda acertar uns pormenores. Mas há tempo. Muitos meses se perfilam no horizonte.

Carlos Cruz também cada vez mais igual a si próprio. Mais solto. Com pormenores de ácido sulfúrico que só surpreendem quem não conhece a veia satírica de Carlos Cruz.

Só este exemplo, no diálogo entre ele e um concorrente:

C. Cruz — Já veio à Televisão?

Conc. — Já!

C. Cruz — Já apresentou o Tele-jornal?...

Algumas faces dentro da Televisão empalideceram...

Mas o humor é isto: acertar fingindo que não quer atingir.

Decorria a transmissão em directo, no segundo canal, do voleibol entre a Roménia e Portugal.

Diz um jovem atleta português:

— É triste que os árbitros, sendo portugueses, nos compliquem tanto a vida. Haviam de ir lá fora para verem como tratam a gente.

Não ponho o nome do jovem. Terá falado sem pensar, ou será que se trata de um pensamento generalizado? Não seria antes motivo para ter orgulho nestes árbitros que põem a justiça acima do patriotismo?

Os relatores, logo a seguir, enalteceram o trabalho dos árbitros. Fizeram bem. Seria terrível se «a televisão» se tivesse calado.

Governador civil de Faro, entrevistado por João Soares Ferreira. Momento talvez precioso para saber umas lascas sobre o Algarve, uma região onde os problemas se acumulam, embora o senhor governador diga que não, que não é tanto assim. Mas finalmente...

Finalmente, o Soares Ferreira faz uma pausa. Grave. Agora, sim, agora vinha a questão momentosa, polémica, agressiva. E veio. Assim:

— Em todo o país, quando se chega a esta época, aparecem os actores de telenovela brasileira. Por que é que o Algarve, que tem tradições de Carnaval, não convida também um actor ou uma actriz para rei de Carnaval?

Com esta é que o senhor governador não esperava. Tome, que é para aprender como é contudente o jornalismo na RTP. O senhor governador já leva para contar á família!

Longa entrevista no **Jornal de Domingo** com o ministro da Saúde. Ao serviço, J.E. Moniz.

O ministro disse uma verdade notável: «Esta lei tem por objectivo curar o doente».

Disse mais que... «todos não somos demais para tratar de um assunto tão delicado.»

«Todos não somos demais...» Deus, Deus, como há palavras que soam tão mal...

No final, Moniz lançou para a mesa um problema difícil: **o estilo faz a política, ou a política é que faz o destino».**

A questão tem implicações filosóficas, aliás, antigas. Durante séculos, em Bizâncio, os pensadores discutiam, perante a morte de uma pessoa, se o tijolo caiu quando o homem passava, ou se o homem passava quando o tijolo caiu.

Não chegaram a acordo porque, nesse tempo, ainda não vivia o dr. Arlindo de Carvalho, Manuela Moura Guedes e Paulo Nogueira, alternadamente, no **Jornal das Nove**, território só com duas estações: o verão e o inverno.

O verão, às vezes, com aquele ar fingidamente sonso, tem das boas. Por exemplo, a notícia da ópera de Viena em que um lugar a pé custava a módica quantia de 30 contos. Ela, muito séria, a fazer a mudança para as citações: «Pois, mas se não fossem as pessoas, ricas, o que seria das Bolsas?...

Outras vezes tem-se a impressão de que ela fala, mas não se ouve. Por exemplo: diz que Abel Salazar nasceu em Aveiro — mas logo a seguir o repórter dá-o como natural de Guimarães.

Calou-se muito bem calada. Nenhuma rectificação. Se calhar já nem se lembrava do que tinha dito...

Ai estas cabecinhas.

Casino: os pontos de contacto.

1 — A mediocridade não perdoa a Herman José pela simples razão de que Herman José não perdoa aos mediocres. Pagam-se na mesma moeda. Só que em Portugal os mediocres são muitos. E alguns até acham que «fica bem» dizer que o **Casino Royal** é mau.

2 — Deixemos esses, voltemo-nos para outro sector que se desgosta com o

Casino porque Herman José «não é o que costumava ser». É perigoso e injusto comparar alguém com alguém, mesmo que este alguém seja ele próprio.

3 — Apenas poderemos falar do **Casino Royal** em termos de verificar se o projecto vale nos seus vários componentes — a representação, a realização, a invenção do humor.

4 — Aqui o humor joga-se em vários territórios de que nem sempre Herman José não detém o monopólio. Há maior participação, maior jogo de equipa. Com duas revelações — se assim se pode dizer: Rita Blanco (uma actriz com recursos excepcionais) e o Nuno Melo, tão bem integrado na equipa de Herman José. Trata-se de um programa onde não há pontos fracos — esses pontos fracos que liquidam algumas boas ideias na RTP.

5 — A realização de Nuno Teixeira trouxe-nos a certeza de que na RTP é possível não confundir simplicidade com pelintrace e foleirice.

6 — Ana Bola uma vez mais assume a polémica. Na Teixeira da Cunha atingia as senhoras «bem» que povoam as revistas mundanas. Agora, fala-nos das novas-ricas que cresceram em dinheiro mas não em educação. Esta Celeste é tão verdadeira... que nem parece uma caricatura.

7 — No **Casino**, Herman José não criou uma galeria de personalidades, como alguns exigiriam. Mas, para já, há uma figura que, de quase nada, se transformou e conquistou o público: o Crispim, o mendigo envergonhado de viver, por vezes construído com uma comovente dimensão política.

Fora isso, há que estar atento ao trabalho de Herman como actor. Toda a cena do telefone até à chegada do Trafaria (ai está, a injustiça de esquecer Vítor de Sousa...) é notável de simplicidade e dificuldade.

8 — Os anos quarenta são um pretexto? Digamos que são uma referência. No discurso do **Casino**, através dos anos quarenta chegamos a estes anos oitenta. Então decobre-se como são muitos os pontos de contacto...

9 — Pois é, meninos. Digam mal, digam. Mas quando o **Casino** fechar, há-de ver o buraco que fica nas segundas-feiras...

P.S. Fantástico! Na sua emissão de terça-feira, dia 27, **Telejornal** bateu o **record** negativo de tempo concedido á informação nacional não desportiva.

Vejamos: **Jornal de Domingo** — 2 e 40; segunda-feira — 2 e 59; terça-feira — 51 segundos!

Parabéns, RTP! Lugar no **Guinness** ninguém te tira! — M.C.

O estranho mundo da aviação — eis do que nos falou «Sinais dos Tempos», nesta emissão comandada por José Mensurado.

Mundo que a nós, bichos terrenos, nos passa tão alto...

Por exemplo. Há companhias americanas que compram agora, por 4 milhões de dólares aviões que, há duas dezenas custavam 22 milhões. Porquê? Porque os novos custam 1000 milhões. Além dos vinte anos em cima, cada um desses aviões ainda funciona durante dez anos. Após o que, uns são para sucata outros são vendidos a países do terceiro mundo...

Não sei bem porque lhes estou a contar isto. Não será para lhes falar da aviação propriamente dito. A razão será outra. Será! Vou ver melhor o que escrevi, a ver se entendo.

Assim, não

A televisão possui uma tal grandeza que se confunde com a grandeza do país. Não pode claudicar. Não pode confundir. Não pode ser trapalhona. Não pode ser leviana.

Quando ela se diminui, diminui-nos a todos. Pois é.

Ela não pode anunciar a «caixa que

mudou o mundo» e depois descobrir que legalmente não o pode fazer.

Não pode anunciar um jogo de futebol e depois descobrir que não pode transmiti-lo.

Não pode faltar constantemente ao cumprimento dos seus horários. O **Elogio da Leitura** com Agustina começou oito minutos antes! O Churchill começou dois minutos mais tarde. O **Remate** de quinta-feira principiou 33 minutos depois. Etc. etc. Quem (e já vão sendo muitos) dispõe de gravador e o utiliza quando não pode ver logo, passa tormentos e roga pragas diárias à RTP.

RTP: uma alma tão degradada por gente tão pequena.

Cenas de tv

1 A informação na RTP está inçada de gente nova.

A estes camaradas (atirados para a fofalha talvez demasiado cedo e sem o apoio suficiente) quero lembrar a necessidade de uma expressão correcta e natural.

A repórter atende à intervenção de uma personalidade. E depois: «Além disso — disse...»

Outro logo a seguir: «Falou então da realização desta sessão...»

Outro: «... sete categorias a que **ca-berão** x prémios...»

Um conselho: revejam nos vídeos as suas participações. E não se esqueçam de ler as críticas.

2 Graça Moura, o secretário-geral do PSD, teve uma descoberta genial.

Nem mais nem menos descobriu que o PS mostra a sua fraqueza ao não apresentar candidato próprio às presidenciais...

Parece que nestas circunstâncias é hábito comentar: ò santa ingenuidade!

3 Estava um pouco distraído, deito futebol pelos olhos, e quase já não reajo quando oigo falar de futebol. Espevitei perante algumas palavras estranhas, estranhas:

— **Portugal é o país da Europa onde a média de espectadores nos estádios é maior.**

Depois disto, ainda há quem diga que em Portugal há pouco interesse pelas artes.

4 Aquele passeio até ao café Martinho da Arcada, depois do restauro que finalmente teve. Muito bem. Referência a Fernando Pessoa, como não podia deixar de ser.

Depois, a comentadora, a Lúcia, disse que... Desculpem, eu vou confirmar pela gravação.

Exactamente. Ela afirmou: «Diz-se até que Ofélia, a sua (sua de Fernando Pessoa) platónica paixão dos anos vinte teria sido escrita sobre estas mesas agora restauradas».

Lúcia, eu acho que é pecado mortal não conhecer Fernando Pessoa. Mas pronto, quem sou eu para condenar. De modo que, Lúcia, de modo que você no início de uma carreira jornalística, tão espinhosos; há-de primeiro informar-se o bastante para não dar barraca.

Siga o conselho de quem sabe como dar barraca é dor que nunca passa...

5 Coibra. Fados. Santa Cruz, capa e batina, sabem como é?

E como não podia deixar de ser, o Penedo da Saudade, um cemitério genuinamente português. E o texto: «... onde os estudantes vão deixando as suas lápides, e desta forma eternizam a sua passagem por Coimbra. Diz a lenda que também D. Pedro I aqui vinha frequentemente desafogar a sua mágoa e chorar a sua amada e saudosa Inês.

Desato a rir, na solidão da minha toca, talvez por imaginar o rei cruel, de preto, gargarejando, a desafogar, enquanto, junto a uma lápide, dois corações resfolegam na poção de vinha d'alhos.

Texto de
Jorge Silva Melo

Com cinco pedras na mão

E porque chegámos cedo à Gare de Lyon, esta manhã em que partimos em «tournée» o André convida-me a ir tomar e porque não um Bloody Mary se já passa lá subimos as escadas e arranjámos mesa no bar do **Train Bleu**.

Podia pensar na Duse, em Diaghilev ou Gordon Craig.

Nos casacos de pele, «foulards», malas, guarda-pós.

Isadora Duncan despedindo-se de um amante. Escritor de preferência.

Picasso partindo para o Sul.

Ou em Monet.

Ou em Hemingway à procura de um copo altas horas da manhã e porque não na companhia de Ava Gardner e um toureiro?

Ou no meu tão querido Rui Diniz para quem este bar, este Bloody Mary, este saco pousado no chão seriam apenas maneiras de evocar a desconhecida Dinamarca das atrizes, o absinto dos poetas, o amor das mulheres (leiam: **Ossuário**, edições & etc).

Ou o sol de Arles, lá em baixo neste ano em que todos procuram um actor para fazer de Van Gogh.

Mas não.

Nesta meia hora de silêncio em que, mal acordados, caímos, quem vejo à minha frente neste restaurante por onde paira a mais pura poeira da poesia, é Françoise Lebrun, é Jean Pierre Léaud nessa cena de jantar lágrimas do **La Maman et La Putain** de Jean Eustache aqui filmada. O cinema que depois da guerra saiu dos estúdios trouxe isto de novo: inventou as ficções dos locais.

Pelas ruas, nas praças, nos jardins inventou sentimentos, contrastes, discussões, travelingles, paixões.

Todos os domingos em que vou aos Campos Elíseos comprar discos ao Virgin Megastore é como se visse, para sempre visse, de um lado do passeio Jean Seberg e Belmondo (**New York Herald Tribune**) do outro Fred Astaire e Audrey Hepburn (I'm going down the Champs Elysées, Bonjour Paris de **Funny Face** de Stanley Donen).

Não posso passar por Versaillies e o seu parque sem ver as folhas de Outono sob os passos de Glenn Ford e Ingrid Thulin nos **Quatro Cavaleiros do Apocalipse** de Minelli. Nem ver as pé-niches ali do Canal Saint Martin sem pensar na **Atalante** de Jean Vigo.

Nice e a promenade des Anglais para sempre filmadas por Vigo. Brooklyn Bridge de Kazan e Fuller. A catedral e os eléctricos de Milão são Visconti do **Rocco**. Como os grandes escritórios ao cair da tarde são Ermano Olmi de **Il Porto**.

O metro aéreo para sempre filmado por Preminger (**Carmen Jones**), ou Godard, os telhados de Paris? Feuillade, Franju, Rivette. Os cafés de Pigalle? Não é a Juliet Berto quem ali sentada, chora ouvindo uma cantiga do Aznavour como antes a Karina.

Não posso entrar na Via Appia sem pensar no **Quo Vadis**. Mas ao ver as Fosse Adreatini e o olhar para o céu de Aldo Fabrizzi no final de **Roma Cidade Aberta**. E terei que chorar de amor (não é difícil) se conduzir um automóvel pelo meio da trãnsito funerário de Nápoles (ah! **Viagem em Itália**).

O cinema tem isto com a velha litera-

tura: as suas ficções colam-se aos locais, nascem deles, habitam-nos para sempre.

Ulisses que para nós interpretou o dádalo do Mediterrâneo. E séculos mais tarde as ruas de Dublin.

Diríamos então (e connosco Aristóteles): a adequação da intriga, da aventura com o local, daí nasce o mito.

E é apenas isso a «mise-en-scène»: os fantasmas que se movem nos locais e se vão colando a eles.

É isso o cinema.

Percebi-o há muitos anos, quando, turista, tomei um comboio na gare de Alexanderplatz em Berlim nessa altura Berlim-Leste. Já lá tinha estado, eu que nunca lá estivera. E era **A Cidade**.

E vi o princípio da **Aurora** de Murnau.

Filmado na América. Reconstruído em estúdio. E é sem ser igual mas a mesma estação, a mesma cidade, como os lagos e o mar são os lagos obscuros do romantismo alemão perdidos entre as fronteiras de Berlim.

Tenho então para mim que o cinema é isto, e é só isto: — a procura, o encontro de um lugar.

Lugar de pôr a câmara, tripode objecto pesado que pica a terra e tem uma pequena bolha para nela podermos ver o equilíbrio, a adequação à terra.

Marcas no chão, carris, metros.

Como a poesia de outros tempos: nascido da terra, colado ao local.

Do maior cinema ao mais pequeno.

Do mais rasca (glorioso cinema rasca dos meus amores juvenis!) ao mais sofis-

ticado.

Mas há tantos anos que o cinema me não dá imagens dos locais, mitos terrestres.

A esquina de Times Square com a 42d — estará lá sempre a De Niro de blusão, táxi driver. Mas quem espera agora o autocarro numa paragem dos Restauradores (esperou-o para sempre e Julia Buisel no **Belarmine**)? Quem leva sapatos ao sapateiro numa cave da Avenida dos Estados Unidos da América, logo ali ao voltar do Vává? Embrulhada numa gabardina de plástico, para sempre Isabel Ruth. Quem se beija noite fora junto a um candeeiro da Ferreira Borges? À maravilhosa Zita Duarte e o João Mota de **O Mal Amado**.

Que se passou então?

Que inadequação se produziu?

Mesmo aquele parque Maria Luísa de Sevilha (o das pombas brancas) por onde este Verão li Cernuda e recitei as doces quadras de Becquer tendo nos olhos os amores de Alfonso XIII com Paquita Rico, que é dele?

Os filmes passam-se em casas, em boites patetas, em piscinas ricas.

Não mais Jean Gabin subirá umas escadas de Montmartre para encontrar uma lavadeira que é Françoise Arnoul e lhe falar do **plus beau métier du monde, le théâtre nesse French Cancan** de Jean Renoir que no outro dia espertei no quarto do hotel.

A nossa vida afastou-se da rua.

A rua deixou de ser local de mito mas apenas traço de união entre dois decó-

A rua serve apenas para arejar o filme, para os chatíssimos planos de ligação em que nada se passa a não ser entrar num carro, sair do carro, correr para não chatear.

E que é feito das ruas do Porto, essa cidade substancial?

Quando as vi pela última vez?

Não foi no **Alexandre e Rosa**, curta-metragem de João Botelho e Jorge Alves da Silva de que recordo saudosos os «travelings» sobre as fachadas (vistas de um táxi, era?)

Quem me fala de Alcântara de manhã?

Quem vê chegar os jornais às estações de comboio?

Quem me fala da Ria de Aveiro?

De Évora? Não há histórias para Évora?

Nem para Braga?

Não pude entrar no Teatro de Parma sem ver ao mesmo tempo Stendhal, Verdi e Bertolucci amando Adriana Asti no **Prima della Rivoluzione**.

Mas... no Teatro Circo de Braga? Nada se passa?

Ou nos seus cafés?

Não há rapazes que ao bilhar matem o tempo?

Raparigas que comprem a **Elle** e encomendam meia de leite?

A praia de Rimini manhãzinha e Claudia Cardinale?

Mas porque não Santo Amaro de Oeiras depois de uma noite branca? Ou talvez uma torrada?

Onde estamos que perdemos os sítios?

Eu bem queria hoje ver num filme alguém subir da baixa de Barcelona até aos bairros pobres de Montjuich como hoje leio numa poesia de Jaime Gil de Biedma (escreveu-me o Manuel: morreu um dia destes!)

Y yo subo despacio por las escalinatas sintiéndome observado, tropezando con las piedras en donde las higueras agarran sus raíces, mientras oigo a estos chavos nacidos en el Sur hablarse en catalan, y pienso, a un mismo tiempo, en mi pasado y en su porvenir. Sean ellos sin más preparación que su instinto de vida más fuertes que el patrón que les paga y que el salta-taulells que les deprecia: que la ciudad les pertenezca un día.

E chegámos a Lyon.

Onde há uma rua cujo simples nome me faz estremecer:

Rue du Premier Film.

Por causa dos irmãos Lumière, aqui inventando o cinema.

Mas só este nome!

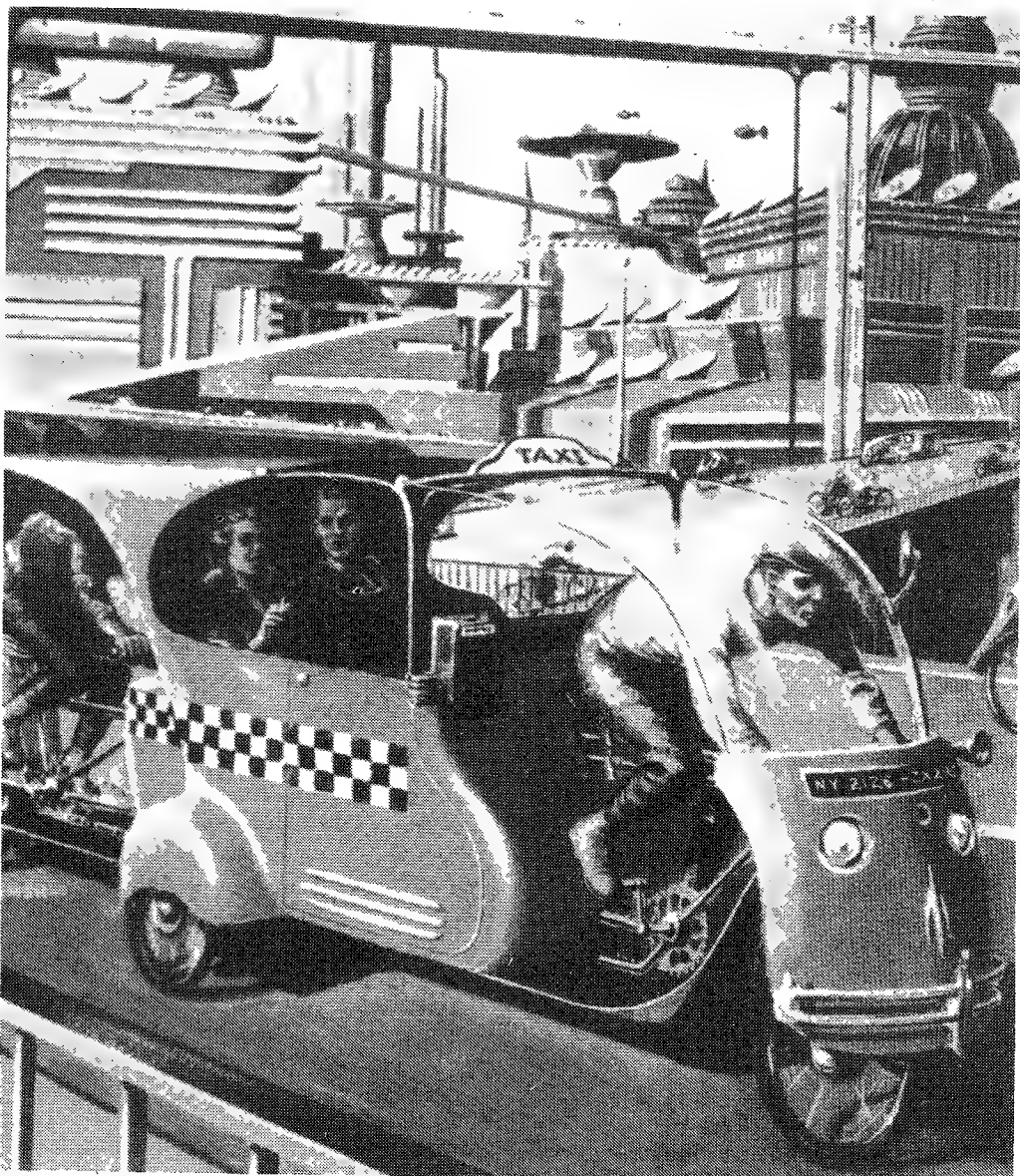
Primeiro Filme.

E Rua!

Mas não vou entristecer.

Vi o Pedro Hestnes e a Inês de Medeiros correr entre árvores no Ribatejo de madrugada do Pedro Costa (**O Sangue**).

E tudo o que é o cinema de novo nasce. Bentido sejas. Com o teu **instinto de vida**.



E há cada nome exótico

Há pessoas com nomes e apelidos pitorescos. Nomes inventados pelos pais ou combinações fonéticas de apelidos que resultam em cacófatos lamentáveis. As vezes também são apelidos de origem estrangeira que oportuguesando-se, transformam-se em verdadeiras aberrações exóticas.

São nomes que traumatizam a criança, com reflexos negativos que os miúdos têm de carregar por toda a vida, sendo motivo de escárnio dos colegas, com implicações na formação do carácter das pobres e inocentes vítimas.

Os brasileiros são, nesse assunto, de uma imaginação aberrante para colocar nos filhos nomes absolutamente insólitos e ridículos. O grande poeta Oswald de Andrade (cujo centenário de nascimento está a ser festejado no Brasil) era um contestador, e adorava chocar a emergente burguesia paulista, pedante e consumidora. Para tanto, não vacilou em dar aos seus dois filhos os surpreendentes nomes de Lança perfume Rodometálico de Andrade e Rolando Pela Escada Abaixo de Andrade.

O sociólogo pernambucano Mário Souto Maior, no livro de sua autoria, «Nomes Próprios Pouco Comuns», regista alguns desses nomes, como, por exemplo: Cassilandro do Nascimento Vermes; Cavalo António; Céu Azul do Céu Poente; Céu Infância Alves; Chile Acre; Chumangá Cobre da Guia; Cideci Cadema; Colapso Cardíaco da Silva; Coelho Gitirana Ratis; Cólica de Jesus; Comigo é Nove na Gitirana Ratis; Cólica de Jesus; Comigo é Nove na Garruncha Trouxada; Corizanda Brilhante Loureiro Curveiro; Crissopasso Compasso; Dever Bota Carvalho; Dezénio Fevereiro de Oitenta e Cinco; Dinossauro Carlos da Silva Rios; Discoro Aguiar; Doroteu Katisplaciano Silva; Dourado Peitudo; e Dorodhovie dos Anjos. Fiquemos por aqui, agora. Depois voltaremos à pesquisa de Souto Maior.

Passemos agora ao livro de Raimundo Magalhães Júnior, «Como Você se Chama?», onde o autor comenta a origem do nome do sr. Américo Mineiro de Baependi: «Certamente, devia tratar-se de pessoa aparentada com o cientista Vital Brasil, cujo nome completo foi Vital Brasil Mineiro da Campanha, pois em sua família ficara entranhado tal hábito (o hábito de abraçar os nomes). Ele



próprio daria à filha mais velha o nome de Linda Flor do Vale de Sapucaí e outra de suas parentas teve o nome de Elvira de Castro Mineira da Campanha, até que, pelo casamento, se tornou Elvira de Castro Guerra. Garcia Redondo, na conferência Nomes e Sobrenomes, além de Vital Brasil, cita o nome João Ataulpa Americano do Brasil e outros aproximados. Entre estes, Ataulpa Atabalipa Inca Vidigal, Filogénio Lopes Utinguacu, Juca Acaiaba Dendém Paraguaçu, Grato Ladislau Bus Caramuru e, ainda, o «nome de légua e meia» de Benedito Frôscolo Jovino de Almeida Aimberê Militao de Sousa Baruel de Itaparica Boré Fomi de Tucunduva».

Informa a folclorista Alice Inês Silva Merheb, de Ponta Grossa, Minas Gerais, que há em Juiz de Fora, uma família cujos filhos se chamam Pais Soares, Pátria Soares, Céu Azul Soares e Oceano Soares. Também em Belém do Pará, onde Alice Inês morou quando criança, corria a estória sobre uma família da ilha do Marajó, onde um fazendeiro pôs nos filhos nomes terminados em Baldo: Ubaldo, Vilebaldo. E, como eram muitos, o pai decidiu que aquele que estava por nascer seria o último, razão pela qual foi baptizado Parabaldo. Como no

ano seguinte houve outra gravidez, o jeito que teve foi chamar o menino de Seguebaldo. Um dos rebentos, nascido no ano em que muitos habitantes da ilha foram atacados de impaludismo, foi registado como Impalubaldo. Numa das gestações a mãe sofreu uma séria infecção, cujo tratamento custou muito dinheiro, foi o bastante para que o menino fosse baptizado como Carobaldo.

Ainda no Pará, outra família notabilizou-se, a Campos, cujos filhos receberam os nomes do Prólogo, Soneto, Ementa e, por acreditar que fosse o último, Epílogo de Campos, que chegou a ser deputado federal nos anos 60/70. Porém nasceu, tempora, uma menina, que foi baptizada como Errata.

Jerónimo Rosado Maia era um português de Vila do Conde que se mandou para o Brasil, estabeleceu-se em Mossoró, Rio Grande do Norte, onde criou grande fortuna e constituiu vasta prole.

21, para sermos exactos. Aos 15 constituiu vasta prole. 21, para sermos exactos. Aos 15 primeiros deu nomes numerais latino: Primus, Secundus, Tercius, etc. Daí para a frente foi tudo em francês, Seize, Dixsept, Dixhuit e por aí em frente até Vingtan Rosado Maia. Foi uma família que deu grande nomes à política do Estado, governador, senador, deputados federais e prefeitos da cidade que, ainda hoje, é feudo dos Rosado Maia.

O Instituto Nacional da Previdência Social, o equivalente brasileiro da Caixa Geral de Depósitos, distribuiu uma lista de nomes dos seus contribuintes, que são muito engraçados. Eis alguns: Tropicção de Almeida; Magnésia Bisurada do Patrocínio; Dezessêncio Feverêncio de Oitenta e Cinco; Graciosa Rodela; Inocência Coitadinho Sossegado de Oliveira; João Cara de José; João da Mesma Data; José Casou de Calças Curtas; Manuel da Hora Pontual; Marcelina Teresinha Capitulina de Jesus do Amor Divino; Maria Passa Cantando; Mário de Seu Pereira; Restos Mortais de Caterina; Último Vaqueiro; Um Dois Três de Oliveira Quatro; Victoria Carne e Osso; António Manso de Oliveira Sossegado; António Treze de Junho de Mil Novecentos e De-

sassete; António Noites e Dias; Benedito Autor da Purificação; Ernesto Segundo da Família Lima; João Passa Bem; Napoleão Estado de Pernambuco; Pedrinha Bonitinha de Jesus; Olinda Barba de Jesus; Universo Cândido; Veneza Americana do Recife; irmã de São Sebastião do Rio de Janeiro; Darcília Abraços de Carvalho Santinho; Alma de Vera; Remédio Amargo; Caphiaspirina da Silva; Capote Valente Marimbondo da Trindade; Náida Navinda Navolta Pereira; Rolando Caio da Rocha e outros, muitos outros mais.

Em Crateus, Ceará, um casal depois de longos anos de casamento conseguiu ter uma filha. Registou-a no cartório com o nome de Formosura Perfeita Ideal do Nascimento. A menina cresceu, mirrada e triste, e era justamente o contrário de uma formosura mesmo imperfeita. Na cidade a conheciam por «Feira Perfeita».

Em Alagoas, conta José Sousa Alencar, jornalista no Recife, ter conhecido gêmeas com os nomes de Difuntina e Finadina, e eram primas de uma certa Filosofia.

Em Pernambuco, há um cidadão chamado Gueyglysaydy Brasileiro Neto — três gerações, portanto — irmão de Gylglaskony, Greydary, Grayny, Gueythyly e Gylrryhar, esta irmã.

O casal pernambucano Nivaldo e Hilma Landim deu às filhas os seguintes nomes: Hydia, Hevylida, Henylida e Helylida. Já o filho era apenas Nivaldo Júnior.

PROBLEMAS CIVIS

Na obra jurídica «O Nome Civil e seus Problemas», Nelson Martins Ferreira cita o nome de Nacional Futuro da Pátria Provisória, oficial administrativo da Rede de Viação Cearense. Ainda no Ceará, Martins Ferreira descobriu um certo Raimundo Raio da Estrada de Ferro Brasileira. Em Getulina, a família José Carlos de Faria possui os seguintes membros: Waldir, Walterizio, Walfrigio, Walnerívio, Walgarino e Walkiria. Em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, descobriu um fulano chamado Himeneu Casamentício das Dores Conjugais.

Já uma família amante da ópera deu aos filhos os nomes de Traviata, Trovador, Rigoletto e Crepúsculo dos Deuses.

Duas irmãs paulistas, ambas professoras, atendem pelos nomes de Clara e Gema, respectivamente.

Tive como colegas de ginásio os irmãos Araken Tabajara e Arapacem Tupiniquim, ambos do Nascimento e um outro que se chamava Talma de Benévolo de Benévolo de Mil Novecentos e Trinta e Dois. Havia também Achulkader Louis Achulkader, que era conhecido pela alcunha de «dízima periódica».

E que tal esse nome Squerquerimer de Tal?

EXPOR AO RIDÍCULO

Para impedir que os pais ponham nomes exóticos nos seus filhos, o senador Rui Santos, da Bahia, apresentou um projecto proibindo aos oficiais dos Registos Civis de registar nomes susceptíveis de expor ao ridículo ou criar constrangimentos aos seus portadores. E o senador acrescenta ainda mais alguns nomes como exemplo: Oceano Pacífico Linhares e seu irmão Oceano Atlântico

Texto de
João Alfacinha da Silva

Herman sem hipótese

Linhares, César de Almeida Cento e Três; Francisco Filho de Chinelo Erminio; Camilo Cadê o Negócio; Delfino Rodeio do Curral; Ocaso Khimantoforte e um poético Prodamor Conjugal de Marimé e Maricha, que é a forma apocopada de Produto do Amor Conjugal de Maria Amélia e Mariano Chagas.

Na justificativa do projecto, o senador conta um caso ocorrido em sua cidade e ao qual testemunhou como padrinho. Ao baptizar a criança, o padre perguntou o nome ao pai:

- Indep.
- Indep, como?
- Indep...
- Onde você encontrou esse nome?
- No Almanaque Bristol...
- Não é possível! Em que dia nasceu esse menino?

- No dia sete de Setembro...

Estava explicado. Era o dia da Independência do Brasil, abreviado.

Aliás, Circuncisão do Senhor, além de uma data religiosa, acabou sendo nome próprio. E tudo por culpa da folhinha. Afinal, era nela que se buscava o nome do santo do dia para baptizar o recém-nascido.

Tem também o caso de um pai, no Maranhão, que impressionado com o primeiro holofote que viu em sua vida, quis dar à filha o nome de Holofotina. Holofotina, convenhamos, é demasiado.

E foi na base desse projecto que o cartório da 7.ª Circunscrição Civil, do Rio de Janeiro, livrou o futuro de um menino cujos pais queriam registá-lo como Racional Único.

MAIS PÉROLAS

Mas voltemos ao sempre presente Mário Souto Maior e recolhamos mais algumas pérolas do seu inesgotável repertório: Abrilina Décima Nona Caçapava Piratininga de Almeida; Azaria Califrouchon Borches Neuplides Panteon; Sindulfo Cafalange Catolé Assunção Santiago; Francisco Facada Sargento da Cavalaria; Fausto Cacambo Caitetu Cirari Maciel; Tristão Tibiriçá Mucury Pirajema de Orembal; Orlando Coimbra de Montezuma Casanção de Sinimbu; e Flávio Cavalcanti Rei da Televisão Brasileira.

Façamos um parêntese. Maria de Jesus Galisa, 21 anos, solteira, habitante da cidade maranhense de Timon, teve um filho, a quem deu o nome de Skylab, Marcos Skylab Galisa, em homenagem ao laboratório espacial norte-americano que caiu no exacto dia do nascimento do menino. Pobre, Maria de Jesus queria que a NASA ajudasse a criar a criança e escreveu uma carta nesse sentido às autoridades do Centro Espacial dos EUA. Ele explicou: «Tenho esperança de que os gringos sejam mais responsáveis que o pai dele». Fechemos o parêntese.

E terminemos novamente com Mário Souto Maior: «Registar uma criança com o nome de um grande homem é colocar uma montanha na cabeça de um pigmeu. É correr o risco de que uma criatura humana se sinta mais tarde complexada, frustrada, revoltada. E que dizer daqueles que carregam toda a vida nomes como Anclotinato, Ubsclendes, Duntalme etc.? Por que não imitar a sabedoria milenar dos «cora» — tribo mexicana que vive na serra Madre Ocidental — que só permite baptizar os descendentes após os quinze anos de idade, numa solenidade que é iniciada pelo sacerdote com a pergunta: «Como você quer se chamar, meu filho?».

Ao contrário de inúmeros compatriotas não estou à beirinha do suicídio. À cautela comprometi-me já com data e sítio do «nefasto evento», enviando em tempo ao Instituto Português do Livro (que ma pedia) uma bibliografia para uma deles antologia (olá, tia) com o ano 2010 e um querido sítio a sul por quando e onde acabar os «meus dias». Espero que os literários catalogadores aceitem história do futuro, pois, pacata e literalmente, a minha vida é minha, dela fazendo que quiser quando quiser, sem curar de Destino nem hesitar na afrontação do Tempo. (ai, faneca). Portanto, 2010 e acaba-se com isto. Mas até lá, daqui ninguém me tira. Adoro isto e em 20 anos, como diria o poeta, muita água irá correr sobe as pontes e, a acreditar nos persistentes indícios, maior gozo nas mentes.

Como quem não quer outra coisa peço em jornais recentes sentindo reforçada a profecia que, ainda o Muro se tinha em pé, ouvi dum turístico mafioso: «na Europa só há 3 países onde ainda se pode viver: Irlanda, Finlândia e Portugal.» Deus o oiça, que eu também ouvi.

De facto, há lá felicidade que se com-

mo *ayuntamineto*; à «possibilidade» de Rosa Mota se naturalizar americana ou japonesa (ó senhora, corra-lhe ou abanque, mas por favor, não mace).

E não se resiste, mas é que não se resiste, em excelsa, devota e extasiada boca aberta à beatitude, à gratitude e à sem-par alegritude de ver citado D. Fernando.

D. Fernand Campello Pinto Pereira de Sousa Montes. Em sua voz inteira: «decidi acabar de vez com o facto de não haverem senhoras na Ordem dos Templários e nomeei um grã-prior do sexo feminino (que por acaso é minha esposa, Maria Glória)».

Um aviso: é Portugal & Paraíso. Mais não é preciso.

pare ao assistir à mão-esponja estendida pelo ex-ministro Cadilhe ao quase ainda arquitecto Tomás; ao magno e grave concílio diocesano sobre o revolucionário salário para padres nas paróquias; à tampa sola e caída no Capítulo do Mosteiro dos Heterónimos; ao Monumental a renascer por milagre da peseta; aos parquímetros cascaenses que premonitoriamente e muito bem já *hablan* ao *bolsillo* dos munícipes no finérri-

Max Ernst,
o horóscopo
do rato

Max Ernst,
A seiva
sobe





A MOSCA DOS FILÓSOFOS



Richard Oelze, *A expectativa*

Pascal e o poder das moscas

O episódio da batalha das moscas contra as tropas portuguesas relatado por Montaigne nos seus Ensaíes, esclarece o fragmento algo enigmático que Pascal insere nos seus Pensamentos: «O poder das moscas: ganham batalhas, impedem a nossa alma actuar, comem o nosso corpo» (1). Se Pascal procura à semelhança de Montaigne, rebaixar o homem, encaminha-se no entanto para uma via diferente na medida em que não pretende apontar para a existência de uma inteligência animal, mas apenas para a debilidade e a fraqueza do homem.

A guerra, segundo Pascal, não é só a da armada: tem lugar, antes de mais, no próprio seio do indivíduo que, semelhante a um campo de batalha, se encontra partilhado entre as informações que recebe dos sentidos e o que lhe dita a razão. E esta «guerra que existe entre os sentidos e a razão» (2) conduz muito mais frequentemente o indivíduo ao erro do que à verdade.

A batalha desenrola-se no Plano da representação. Cada campo ilusiona o outro, apresentando-lhe vários «trompe-l'oeil»; assim, por um lado, «os sentidos abusam a razão com falsas aparências» e, por outro lado, as «paixões da alma perturbam os sentidos e dão-lhes falsas impressões» (3). Curiosamente, os sentidos e a razão produzem um efeito similar ao da mosca pintada no quadro, ocasionam uma representação enganadora. O erro, para Pascal,

está aliás ligado à questão da perspectiva. Como não podemos ver simultaneamente «todos os lados» de um coisa, olhamos para ela por um só lado que nos parece verdadeiro naquele momento, mas que se torna falso quando somos levados a considerar a coisa por um outro lado. No fundo, Pascal não faz mais senão mostrar-nos este outro lado, ou seja indicar a mosca posta no quadro do mundo e desvelar, deste modo, a nossa vida na sociedade, os valores, nos quais acreditamos, enquanto **trompe l'oeil**, ilusões que convêm à nossa vaidade. Vivemos não somente na representação, como também em representações: «queremos viver na mente dos outros uma vida imaginária, e por isso esforçamo-nos em parecer. Trabalhamos incessantemente para embelezar e conservar o nosso ser imaginário e negligenciamos o verdadeiro» (4). Porque não admite que o homem se transforme num trompe l'oeil, Pascal critica a representação na Pintura que já não é uma simples cópia e se tornou no próprio modelo da sociedade. O poder da mosca consiste em denunciar a burla do quadro: «Que vaidade, a pintura que atrai a admiração pela semelhança com coisas cujos originais se não admiram!» (5). Idêntico ao quadro, o homem vive uma vida ilusória, liga-se a valores fictícios, trabalha «todo o dia para bens reconhecidos enquanto imaginários», corre «atrás dos fumos» (6). Por outras palavras, estamos como que mortos enquan-

to vivemos, porque o nosso ser se resume a uma representação e que em vez de viver o presente, projectámo-nos no futuro: «assim, nunca vivemos, mas esperamos viver» (7). Pascal não esqueceu que o papel da mosca no quadro consiste ainda em sublinhar a vaidade das coisas terrestres destinadas a desaparecer. Ao lembrar que as moscas «comem o nosso corpo», Pascal evidencia a necessidade da morte corporal e convida-nos a viver o presente, isto é abandonar o quadro ou o teatro do mundo, a falsidade do divertimento, a representação que é uma forma da morte.

As moscas não detêm apenas um poder sobre o corpo como conseguem também vencer a nossa vontade, a nossa razão, ao impedir a nossa alma actuar. A fraqueza, a miséria, marcam o espírito. Até a mente de um personagem importante se vê facilmente perturbada por um ruído mínimo, não o barulho do canhão mas o de uma mosca que voa: «uma mosca zumbindo aos seus ouvidos; isto basta para o tornar incapaz de ter juízo. Se quiserem que ele consiga encontrar a verdade, afastem esse animal que sujeita a sua razão e perturba esta poderosa inteligência que governa cidades e reinos» (8).

Este fragmento convida a uma leitura mais subtil se tomarmos em conta o que Pascal afirma no que diz respeito ao juízo e à procura da verdade (9). para indicar a alguém que está enganado, é preciso apanhar o lado pelo qual ele

vê a coisa e mostra-lhe o seu erro por um outro lado. Com efeito, o homem não admite que seja enganado, isto irrita-o, mas não se zanga pelo facto de não poder «ver tudo». O lado pelo qual ele olha parece-lhe tão verdadeiro como as apreensões dos seus sentidos. Ora, o objectivo de Pascal consiste em demonstrar que a verdade no social e no político não existe, que ela é relativa, dependente das épocas e dos países (verdade para cá dos Pirenéus, erro para além...) ou ainda que ela se resume à força ou aos costumes. Por conseguinte, é rigorosamente impossível para o espírito do «soberano juiz do mundo» que governa as cidades atingir a verdade que só reside na esfera da transcendência. O discurso de Pascal aparece portanto enquanto discurso perturbante e, se tomarmos em consideração a crítica feita ao mundo social, definido como trompe l'oeil, e à atitude geral diante da vida e da morte, percebe-se então que o zumbido aos ouvidos do governador é, em última instância, o de Pascal.

Notas

(1) Pascal, **Pensamentos**, ed. Brunschwig, n.º 367.

(2) n.º 82

(3) **Ibid.**

(4) n.º 147

(5) n.º 134

(6) n.º 82

(7) n.º 172

(8) n.º 366

(9) n.º 9

Ernesto Sampaio

A especialidade literária da ficção científica consiste em utilizar a fantasia para estirar a realidade. Não só a estira, como a estoura, tornando o produto desagradavelmente gratuito.

Embora literatura, a ficção científica exige um mínimo de rigor científico para que as sugestões que propõe obtenham um efeito não fatalmente ridículo. Esta simbiose de ciência e fantasia é única, se bem que seja possível — e faz-se — escrever ficção política, mas neste caso é mínima a margem de afastamento em relação a situações da realidade corrente, o que determina um déficit de interesse por excesso de gratuitidade. Impossível, de facto, é a ficção burocrática: aqui, nem margem há para a gratuitidade, visto que neste aspecto a realidade ultrapassa a ficção. Também é difícil uma ficção jurídica: a certeza do direito dá sempre direito à certeza, sem lugar para fantasias.

Há montanhas de contos e romances de ficção científica. E também há muitos filmes. Uns e outros são esqueléticos, nunca conseguindo alcançar a adequada fusão dos seus elementos constitutivos, como uma maionese falhada. Na ficção científica mais comum, o jargão científico é espargido a «spray», a «explicação» é ambígua e as personagens são militarizadas e andam desastradamente às voltas com a responsabilidade do imprevisto.

Uma certa dose de ironia é absolutamente indispensável. Citemos, a título

Ficção científica

de exemplo, o caso de dois filmes: **A Guerra das Estrelas**, com as suas inverosimilhanças cósmicas e o seu infantilismo sem alibis, tomado de empréstimo às histórias aos quadradinhos, é uma fita divertida, de boa ficção científica; **Encontros Imediatos do Terceiro Grau**, tresandando a misticismo e seriedade, edificante ao invés, uma xaropada que provoca bocejos. À **Guerra das Estrelas** perdoa-se muito; aos **Encontros** não se perdoa nada. Em geral, é este o tema de toda a ficção científica: fazer-se perdoar. Só é boa quando o consegue.

O género ficção científica é terrivelmente complicado, não só por causa do conteúdo, mas por obrigar quem se lhe dedica a mostrar o seu nível em diversos planos. A empresa torna-se árdua quando se abandona o arquipélago dos contos e se avança pelo mar aberto do romance, onde género e estilo devem tornar-se instrumento de mais ambiciosos objectivos, perdendo as referências rígidas de uma engenharia pedante, para dar lugar a sugestões cuidadosamente colocadas entre o natural e o sobrenatural.

Geralmente, o conto breve, se contiver uma ideia fulgurante, dispensa demasiados pormenores técnicos e consegue criar situações que fascinam o leitor. E, nesse aspecto, muito mais eficaz do que a novela e o romance. Poucas ideias, tratadas com sapiência e ironia num relato curto, concentram a atenção do leitor; essas ideias, mesmo fortes e sugestivas, dilatadas em centenas de páginas, têm de contar com as suas boas maneiras.

A fronteira entre ficção científica e literatura fantástica é um tanto incerta e talvez não valha a pena determiná-la com

rigor. A literatura fantástica também pode ser considerada ficção científica do homem, seja porque se coloca no futuro, seja por atingir um qualquer incomunicável presente ou fantástico passado. Em qualquer dos casos, o género restringe-se sempre por razões de comodidade, recorrendo imoderadamente a pormenores técnicos que acabam por inflacionar a economia da narrativa, e essa é uma grave limitação que afasta os leitores de bons livros. Nem alguns «flashes» de autêntica poesia, que por vezes aparecem nas histórias mais estritamente cingidas aos cânones do género, conseguem resgatar a ficção científica.

Até aqui, temos falado apenas de literatura, mas se encararmos as coisas na vertente ciência, tudo se deprime ainda mais. Costuma-se dizer que Júlio Verne e H.G. Wells anteciparam muitas descobertas posteriores. Não é bem assim: não se têm visto marcianos nem selenitas e o Nautilus actual não corresponde ao modelo do que foi comandado pelo capitão Nemo. É absolutamente gratuito sustentar que as fantasias dos escritores antecipem fatalmente as invenções futuras, correspondendo essa ideia apenas à confusão estabelecida entre o pensável e o possível. Levou-se o equívoco ao ponto de encontrar nos resultados da ciência a confirmação de desejos do

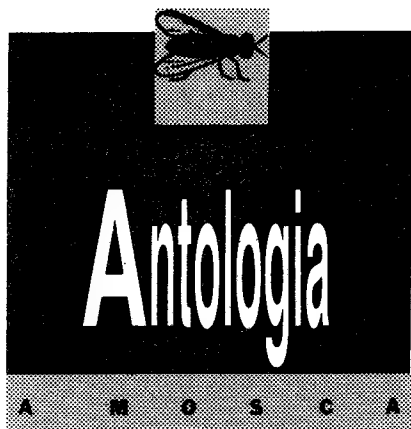


passado, chegando-se a reconhecer a presença esplendente da pedra filosofal nas reacções das transmutações nucleares. Por isso, não falta quem espere ultrapassar de astronave a velocidade da luz ou passar de foguete à quarta dimensão espacial.

Onde se força a técnica sem afectar os grandes princípios, obtêm-se resultados plausíveis. Onde se forçam os princípios (relatividade, segundo princípio da termodinâmica) tudo descamba na gratuitidade, sem qualquer estímulo para o interesse científico. Com efeito, na maior parte dos casos, o aspecto científico é penoso, e tanto mais quanto o autor pretende torná-lo plausível através de uma explicação minuciosa do problema. Mesmo que nas coisas ditas só haja uma aldrabice em cem, o leitor imprevisto não sabe distingui-la, e portanto ou pensa que é tudo mentira ou que é tudo verdade, pelo menos no domínio das possibilidades.

Há quem afirme que uma ficção científica eficaz e bem feita pode contribuir para melhorar a «cultura de massas». Ninguém consegue, no entanto, determinar com rigor o que seja semelhante «cultura», para além de simples produção e consumo de literatura de evasão.

Por outro lado, existem pelo menos duas maneiras de considerar a ciência, mesmo em matéria de ficção. Uma consiste em avaliar-lhe a verdade em função da utilidade. A outra, pelo contrário, tem-na por útil porque é verdadeira. É uma diferença muito importante.



Eça de Queiroz

Brasil e Portugal

Bristol, 14 de Dezembro de 1880.

Meu caro Pinheiro Chagas

Recebi o número do **Atlântico** contendo o seu excelente artigo — **Brasil e Portugal**. — Como hoje é domingo, chove, e eu não posso ir passear para debaixo das belas árvores do Severn, conversarei consigo um momento, aqui ao canto do meu lume.

Evidentemente, porém, o homem que lhe escreve não é aquele que você há meses abraçava, inteiro e intacto, à esquina sagrada da Casa Havaneza; esse demoliu-o você, desmantelou-o com as três pesadas colunas do **Atlântico**, brandidas às mãos ambas num esforço entumecido de Sansão. Não conheço realmente, na história ou na legenda, exemplo de uma ferocidade igual, a não ser talvez a daquele centurião muito bárbaro, que nas litografias do Martírio de Santo Estêvão está arremessando com os dentes arreganhados um penedo horrível sobre o crânio aureolado do desventurado confessor...

Assim você me esmaga sob pedregulhos desproporcionados: — é a crítica histórica, a teoria científica do Meio, o Reverendo Bernardo de Brito, a revolta do Maranhão, o General Madeira, a Casa Havaneza e o seu tabaco, as Molucas (pois todas as Molucas, Pinheiro Chagas?), Lord Weillesley, **raja**s da Índia um a um, a Holanda e as suas colônias, Cochim e Cananor, o cadáver de Lord Mayo, a **emissão** de Newton, sinais algébricos, operações cabalísticas, a regra de três, os climas, as raças que são iguais a N, Pernambuco e o Universo!

E tudo isto arrojado sobre a minha miserável carcaça — com arte, com eloquência, com luxos de atitude, com as elegâncias sábias de belo atleta!

Porque a hediondez da sua ferocidade não exclui, meu caro Pinheiro Chagas, a excelência do seu talento. Mas, sinceramente, você foi excessivo. Desde que recebi o seu **Brasil e Portugal**, de chofre, tenho estado ocupado em apanhar laboriosamente aqui e além, pelo chão, os pedaços de mim mesmo.

Tão violentamente, porém, me despedaçou você, que não consigo reconstruir-me: não sei por exemplo onde pára a minha perna direita; falta-me todo um pedaço do fígado; e é apenas com dois dedos e meio que estou traçando estas regras...

Toda essa indignação, meu caro Chagas, foi provocada ao que parece (porque o caso é obscuro) por ter eu, segundo você proclama, «injuriado e descomposto Portugal».

De que modo pérfido e vilão? — Com duas frases que intercalei de comentário a um artigo do **Times** sobre o Brasil, traduzido na minha correspondência para a **Gazeta de Notícias** do Rio de Janeiro.

Essas duas frases eram apenas duas afirmações históricas: a primeira — «que, nos fins do século passado e começo deste, Portugal se tinha tornado como uma colônia do Brasil»; a segunda — «que o nosso império do Oriente fora um monumento de ignomínia...»

De onde você conclui que eu insultei a minha pátria!

De onde eu concluo, meu caro Chagas, que você, apesar de habitar a Lisboa, que você, apanha de 1880, é realmente um velho personagem do século XVIII, com mais de 145 anos de idade, pintado por fora duma cor natural de vida moderna, mas ressequido e pulverulento por dentro, que, tendo escapado milagrosamente aos anos e às revolu-



ções, anda agora entre nós representando os modos de pensar e de falar que caracterizaram a sociedade portuguesa do tempo da Senhora D. Marial.

Você ainda se lembra que, nessas épocas piedosas, **criticar** era sinónimo de **injuriar**; em literatura só se admitia a Epístola Laudatória; e como comentário às coisas públicas, só se tolerava a Cantata. Quando o seu contemporâneo e amigo, o padre Macedo, achava mau um verso de Boacage — Bocage, como você de certo se recorda de lho ter ouvido no Nicola, declarava o padre Macedo um **bêbado**. E note que eu vou logo aos dois grandes homens do tempo; porque, nas camadas subalternas da plebe do Parnasso, o poeta-astro atacado no seu estro ia fazer uma denúncia à Intendência da Polícia.

A crítica histórica não corria tais perigos. Não existia então entre nós. Mas se, nos belos tempos do senhor Intendente Pina Manique, tivesse aparecido um historiador como o sr. Alexandre Herculano ou o sr. Oliveira Martins — você (que tantas vezes cavaqueou com o grande Indentente pelos pátios dos conventos, e lhe conhecia bem a energia e a fibra) sabe perfeitamente que o sr. Martins ou o sr. Herculano teriam ido apodrecer para uma masmorra. E porquê? Justamente por terem «descomposto o país e insultado a pátria». Por isso, você, antigo amigo de Manique, seu colega de noventa, acusa-me diante da opinião, exactamente com as mesmas palavras e justamente pelos mesmos motivos, com que teria formulado em 1801 contra um historiador um libelo da Intendência da Polícia!... Ah, meu caro Pinheiro Chagas, com o seu espírito e com

a sua **verve**, como deve ser interessante, por uma noite de Inverno, ouvi-lo contar os casos desse tempo, da Lisboa, do século XVIII, em que você floresceu — os celestiais encantos da **grade**, as comédias do Pátio-das-Arcas, os gorjeios da Caffarelli, as merendas, as procissões, e os dias gloriosos em que vocês entre açafatas e frades, de súcia com a negrinha anã D. Rosa e o senhor Arcebispo de Tessalónica, acompanhava a corte que ia caçar a Salvaterra!...

Olhe, isso que você publicou no **Atlântico** tinha-o você já dito na véspera, à noite. Sabe aonde? Num sarau, em casa do senhor Marquês de Marialva — naquele sarau do tempo da Senhora D. Maria I, que tão admiravelmente descreve o sr. Oliveira Martins no seu belo monumento, a **História de Portugal**. Se eu sei até com quem você entrou! Foi com o Senhor Conde de Vila Nova; tinham vindo ambos de acompanhar o Viático com as suas opas vermelhas.

Apenas no salão, você, meu caro Chagas, com o sapato de fivela em passo de minuete, foi saudar uma das meninas, **sécia** galante da época — e comparou-lhe os olhos negros a **duas figas de Cupido**. Isto foi julgado em redor lindamente mavioso. Mas você não pôde prosseguir — porque já o Policarpo, castrado da capela real, estava cantando ao cravo...

Depois a senhora Marquesa, batendo com o leque na mesa de xarão a seu lado, exclamou no silêncio:

— Lá vai **motel**!

E logo o nosso Chagas a glosar! E com que ternura, com que langor, o recompensaram dos requintes floridos do seu estro os dois belos olhos negros, as **duas figas de Cupido**!

Começou então o voltarete do senhor Marquês. Você não foi admitido à partida do fidalgo: fez apenas um gamão subalterno com um monsenhor da Patriarcal. E pela sala, no entanto, iam sussurrando as conversações.

Discutia-se o processo duma linda mulher de Alfama que comia crianças em salada: um desembargador aconselhou, para curar quartãs, pérolas que tivesse usado a Rainha, moídas em pó: falou-se da escandalosa aparição de Belzebu no convento do Sacramento de Alcântara: e uma dama contou do judeu que dera uma dentada na perna do Senhor dos Passos da Graça!...

Isto arrepiou de horror. E foi então que você, Pinheiro Chagas, disse, depois de se pitadear com gozo:



— Mas há pior! Há pior!...
— Pior que a dentada? Não, ninguém podia acreditar que houvesse pior!

E você, pausado e grave, narrou o meu nefando caso: um herege, um jacobino, um traidor comprado pelo ouro do Brasil, tinha escrito que Portugal fora uma colônia brasileira, e que houvera horrores na nossa dominação da Índia...

Fez-se na sala um silêncio trágico. As séculas apavoradas encolheram-se contra os mosenhores. De comovido, o herdeiro ilustre da casa de Angeja perdeu a vaza. E os morrões das tochas pareceram mais tristes...

O sr. prior de São Julião, esgazeando o seu olho de coruja, exclamou a tremer:

— E o monstro ainda não está no Santo Ofício?

— Trago-o de olho, meu reverendo, disse você, severo. E hei-de ir falar ao Manique...

Ciciou então pelo sarau um suspiro de alívio. A sociedade estava salva! Chagas velava.

Já em baixo tilintavam os guizos das liteiras. Saiu-se. E foi você que, chegando-se ao senhor arcebispo de Tessalônica, e querendo resumir numa palavra todo o mundo de palavras e de ideias, que se agitara nesse sarau, o esplendor intelectual que aí brilhava e para que você concorrera — disse respeitosamente ao prelado:

— Portugal é pequenino, mas é um torrãozinho de açúcar.

E sua eminência replicou, depois de arrotar:

— Tem você razão, brigadeiro Chagas.

Brigadeiro, sim! Brigadeiro do tempo da senhora D. Maria I! O último brigadeiro patriota!

Você lembra-se do tipo? Eram aparatosos e formidáveis; tinham estado no Roussillon; nas festas de família, noivado ou dia de anos, eram eles que se erguiam à sobremesa e com uma lágrima no bigode, batendo sobre o coração, falavam do **velho Portugal!** Possuíam opiniões; e não compreendiam que o Estado fizesse outra coisa senão espalhar os louros de Arzila, nem que o pensamento passasse além das maravilhas da **Nova Castro**. Decrépitos, comandando três veteranos num forte, ainda todas as manhãs depois da sua genebra, batiam furiosamente com a bengala nas lajes, e queriam tragar o Mundo. Excelentes almas! Deixavam sempre dinheiro a uma sobrinha, e sabiam deitar fundilhos nuns calções. Odiavam o pedreiro livre: atribuíam-lhe todos os males da Pátria; e, para eles, fazer a crítica histórica do passado era ofender as glórias da Nação! — Você é o último desta nobre raça.

Bem sei, bem sei o que o meu caro Chagas me vai dizer: «E os meus livros? Os meus trabalhos? As minhas opiniões liberais? A minha democracia?...»

Eh, meu caro Pinheiro Chagas, os seus livros ninguém os admira mais do que eu! E folgo dizê-lo aqui. Vejo-o há mais de dez anos na brecha, lutando forjando violentamente o romance, o drama, o verso, a crítica, a história — e enche-me de respeito uma vida moça, agitada assim dum vasto labor intelectual. Talvez eu ache, com as minhas » detestáveis teorias», como você diz, que, nessa produção rica e exuberante, a parte artística (que não é menos valiosa) esteja um

pouco concebida fora da realidade e da experiência social. Mas isso é um detalhe. A verdade é que toda a sua obra vai atravessada por um forte e harmonioso sopro de eloquência e que a veia que ali corre é larga, límpida, e bela. A sua verve fumegante, a sua imaginação delicada e engenhosa, deram-lhe já um grande, um nobre lugar, na história literária de Portugal; e o seu saber a sua palavra de orador, que acende e revolve, destinam-no a ter em breve um lugar, maior ainda, na sua história política. Mas isto, meu caro amigo, não impede que você, como patriota, seja um brigadeiro.

E o curioso é que você tomou-se brigadeiro (ninguém o nasce) com as intenções mais belas e mais generosas. Como todo o espírito activo e ambicioso, quando você começou a sua carreira desejou distinguir-se e destacar da geração sua contemporânea por uma originalidade forte. Isto é nobilíssimo: nada mais miserável do que sair da escola e ir logo tomar um lugar servil na fila balante dos carneiros de Panurgo. Por isso você, para se orientar, olhou em redor. E que viu? Um espectáculo triste: uma mocinha arrasada e céptica, descrente de si mesma e do País, ignorando a tradição e es-

carneando as instituições, queixando-se da falta de tudo e não tratando de se prover de coisa nenhuma, odiando o solo em que nascera, a língua que falava, a educação que recebera, amuada dentro desse ódio estéril, como um mocho dentro do seu buraco, e de facto tão alheia à Pátria e ao seu génio como se tivesse sido importada de França, em caixotes, pelo paquete do Havrel Isto era suficiente para indignar um coração elevado como o seu. Mas, além disso, você imediatamente compreendeu que no meio de tal geração, de tal mocidade, de tal literatura, a alta originalidade, o grande relevo estaria nisto — **ser patriota**. Desde esse momento você possuía a sua especialidade, a sua nota individual, o seu campo próprio a cultivar — **o patriotismo**. E com que sofreguidão, meu caro Chagas, você se apoderou dessa mina de ouro! Pudera! É que o **patriotismo** seria daí por diante para si não só uma doutrina, mas um **assunto**! Assunto para drama, para ode, para folhetim, para discurso, para grito, para solução! Enfim, o **patriotismo** era a sua magnífica carreira.

Carreira original — e para que você se preparou com uma sinceridade, um labor, uma dedicação que o honram.



Outro qualquer ter-se-ia contentado em folhear um livro de História para colher aqui e ali datas ou nomes de batalhas. Você, não. Você encerrou-se dentro da História, como Carlos Magno, revolvendo o pó dos antepassados, procurando penetrar-se da nobre fé que os fez grandiosos, dormindo com as facanhas do condestável Nun' Álvares Pereira debaixo do travesseiro, para surpreender e poder imitar as palpações daquele puro coração do herói, **Infantes**, códices, manuscritos, memórias, forais, crônicas — tudo você absorveu. Mil vezes você passou e repassou, como diz Michelet, **o sombrio rio dos mortos**. Dia a dia, reviveu todo o passado épico. E enfim, uma hora chegou em que você decerto se considerou digno de ter recebido em Sagres, nalguma véspera de partida de caravelas, as confidências sublimes do Infante D. Henrique.

Então você abriu de par em par as portas do santuário em que até aí se encerrara: e adiantando-se para o público, com a mão sobre o peito, soltou o seu grito patriótico!

Mas, é surpresa quando você, eu, todos imaginávamos que o público ia erguer-se arrebatado, gritar numa aclamação — **Eis um grande patriota!** — o público deixou-se ficar sentado e disse simplesmente — **Eis um belo brigadeiro!**

É um desastre medonho, bem sei, e ninguém o lamenta mais do que eu. Mas confessemos, meu caro Chagas, que a coisa em prevista. Quanto nesta nossa idade, que marcha para o futuro com a faiscante velocidade dum expresso, nesta idade em que o feito da véspera fica logo tão para trás como a queda de Tróia, e em que o herói de ontem, apenas morto, se torna logo tão vago como o mesmo Ajax — um homem que nos venha falar de Cochim e de Cananor, que reproduza as basófias honrosas, mas obsoletas do patriotismo de Jacinto Freire de Andrade, que nos agarre pelas abas da sobrecasaca para que fiquemos a chorar com ele o desastre de Alcácer Quibir — um tal original, no meio de uma sociedade que o não compreende, termina por parecer alguma coisa de defunto, de arcaico, de encerrado, um verdadeiro brigadeiro do tempo da senhora D. Maria I, que a morte esqueceu e que erra por entre nós aturdido, como uma coruja na luz.

O seu plano de ser patriota, caro Chagas, era sublime e fecundo. Sabe qual foi o seu erro? Que em lugar de apoiar o seu patriotismo nas forças vivas da Nação, inspirando-se delas, para a ajudar a dirigir, você foi apoiá-lo sobre o pó dos heróis mortos, tornando-o assim desde logo seco.

O seu patriotismo, em vez de ser de utilidade pública, era apenas de curiosidade arqueológica. Você não estivera tirando da História uma forte lição de moral; recortara lá simplesmente pitorescos casos de guerra e de armada. Não trazia um programa para o movimento social das gerações futuras — apenas uma recapitulação sonora de façanhas vetustas. Esperava-se um revelador de verdade, apareceu um cronista de mosteiro.

Por isso o público exclamou: — **Eis um belo brigadeiro!** E não foi bastante severo. Deveria ter dito: — **Eis um bonito sebastianista!** (in *Notas Contemporâneas*)

Texto de
Sandra Moutinho

o Baptismo das ruas

Imagine tudo que o poderia fazer feliz. Imagine todos esses sonhos realizados e você, leitor, a viver na completa bem-aventurança. Pois bem, tente a resposta geográfica: dirija-se à Rua do Paraíso («Quem lá vai é bem servido e sai sempre com um sorriso»).

Contra o mau-humor, aliás, a toponímia da cidade tem o remédio certo. Que tal uma viagem à Rua da Alegria? Com certeza será muito mais fácil dizer «bom dia». Mas, senão, a Rua dos Bons Dias tratará disso.

Deslocar-se pelas ruas vai-lhe fazer muito bem. Irá sentir-se como um anjo. E até há uma rua com o seu nome: a Rua dos Anjos.

É claro, nem tudo são rosas como na Rua das Flores. Mas tenha alto astral e evite passar pela Rua das Necessidades, não vá lembrar-se do imprevisto que ainda não pagou, e que não é tão simples como dizem. Vá antes até à Rua da Paz, e sorria — a sua guerra, felizmente, é só com as Finanças.

Se depois de passar na Rua da Emenda ainda não estiver bem disposto, dê uma última hipótese à Rua da Graça. Achou piada? Então, não se vá embora, as ruas de Lisboa querem-lhe contar uma história: a do seu País. Pronto para uma viagem no tempo?

Mal sabia D. Afonso Henriques que, oito séculos e meio depois da Batalha de Ourique, duas ruas iriam lembrar o rei conquistador: Alameda D. Afonso Henriques, freguesia de S. Jorge de Arroios, Rua Campo de Ourique, freguesia de Santa Isabel.

Pois é, oitocentos e cinquenta anos de história deixam marcas muito profundas. Sejam os brandos costumes, a saudade ou o fado, tudo é Portugal e se não nos denunciássemos, fa-lo-iam as ruas da capital. Praças, avenidas, ruas, contam a história deste «jardim à beira-mar plantado». Nomes e episódios que fazem parte da História de Portugal — e que são topónimos.

Já que falámos no primeiro rei, vamos saber o que aconteceu depois? É só olhar as placas toponímicas:

A agricultura sempre foi uma grande riqueza e cedo os reis se aperceberam que o futuro do País estava no aproveitamento das terras. Distinguiu-se neste aspecto o rei D. Dinis. Até lhe chamavam o Lavrador (Rua D. Dinis, freguesia de Santa Isabel).

Em 1383, à morte de D. Fernando, cuja filha casara com o rei de Castela, o povo revoltou-se, e deu o trono a D. João, Mestre de Avis, que viria a casar com Dona Filipa de Lencastre (Praça Rainha Dona Filipa de Lencastre, freguesia do Lumiar). Para a proclamação deste rei, João das Regras, procurador do povo, teve um papel determinante (Rua João das Regras, freguesia de Santa Justa).

D. João e seus filhos lançaram Portugal na expansão ultramarina (Avenida das Descobertas, freguesia de São Francisco Xavier).

A conquista de Ceuta dá-se em 1415 (Avenida de Ceuta, freguesia de Alcântara) e o movimento expansionista é

continuado pelo Infante D. Henrique (Avenida Infante D. Henrique, freguesia da Madalena).

Em 1434, Gil Eanes passa o Cabo Bojador (Rua Gil Eanes, freguesia de São Francisco Xavier).

Enquanto continuavam as descobertas e a colonização de novos territórios asseguraram o trono D. Duarte, D. Afonso V, D. João II e é D. Manuel quem vai ficar com a fama de ter o seu nome ligado à primeira viagem por mar à Índia (Rua D. Duarte, freguesia de Santa Justa; Av. D. João II, freguesia do Lumiar; Praça D. Manuel I, freguesia de Santa Maria de Belém).

Realizara-se, entretanto, a viagem de circum-navegação (Rua Fernão de Magalhães, freguesia de Santa Engrácia) e Lisboa ia-se tornando na capital do comércio mundial. Os Descobrimentos deram a Portugal um destaque de soberania em relação ao resto do Mundo. Tal como cantou Camões (Rua Luís de Camões, freguesia de Alcântara): «Demos novos mundos ao Mundo». Foi a grande obra de um povo de navegantes (Rua dos Navegantes, freguesia da Lapa) que os grandes monumentos como os

Jerónimos (Rua dos Jerónimos, freguesia de Santa Maria de Belém) recordam.

A partir de 1580, Portugal ficou unido a Espanha em regime de monarquia dual, o que não agradava ao povo que aclamou rei D. António, Prior do Crato (Rua Prior do Crato, freguesia dos Prazeres), embora este nunca tenha chegado a exercer o cargo.

No dia 1 de Dezembro de 1640 (Rua 1.º de Dezembro, freguesia do Sacramento) uma revolução restaura a independência (Praça dos Restauradores, freguesia de Santa Justa), colocando no trono D. João IV, Duque de Bragança (Rua dos Duques de Bragança, freguesia da Encarnação).

No século XVIII, D. João V (Rua D. João V, freguesia de Santa Isabel), graças às riquezas vindas do Brasil, ergueu monumentos grandiosos, mas deixou o País em estado de decadência. Seu filho, D. José, através do Marquês de Pombal, governou o País despoticamente (Praça Marquês de Pombal, freguesia do Coração de Jesus). Sucedeu-lhe D. Maria I (Rua D. Maria I, freguesia de Benfica), que permitiu um desenvolvimento da cultura portuguesa e, ao mesmo tempo,

perseguir todos aqueles que eram adeptos dos ideais revolucionários, através da sua Polícia, chefiada pelo célebre Intendente-Geral Pina Manique (Largo do Intendente Pina Manique, freguesia dos Anjos).

As tropas francesas invadem Portugal em 1807 e a Corte refugiou-se no Brasil, de onde regressou em 1821, obrigada pelo povo, farto das condições que se faziam sentir na metrópole.

Em 1822, D. João VI publica a 1.ª Constituição Portuguesa. Para apaziguar os portugueses divididos entre absolutistas e liberais, D. Pedro IV substitui a Constituição pela Carta Constitucional de 1826 (Praça D. Pedro IV, freguesia de São Nicolau). Após um período de guerra civil, em que o Duque da Terceira, político liberal, invadiu Lisboa (Praça Duque da Terceira, freguesia de São Paulo), em 1834 termina a guerra com a vitória dos liberais.

Entre os políticos liberais destacam-se o Duque de Palmela (Rua Duque de Palmela, freguesia do Coração de Jesus) e o Duque de Saldanha (Praça Duque de Saldanha, freguesia de São Jorge de Arroios).

Um dos ministros de D. Pedro V (Rua D. Pedro V, freguesia de São Nicolau) vai desenvolver os transportes e as comunicações. Tratava-se de Fontes Pereira de Melo (Avenida Fontes Pereira de Melo, freguesia do Coração de Jesus).

Nesta época de prosperidade, também se deram revoltas, sobretudo para reclamar contra o peso dos impostos sobre o povo. São casos a revolta de 24 de Janeiro (Rua 24 de Janeiro, F. Benfica) e as revoltas no Norte do País, nas quais se salientou uma mulher (Rua Maria da Fonte, F. Anjos).

Seguem-se os reinados de D. Luís I, F. S. Paulo) e de D. Carlos (Av. D. Carlos I, F. S. Paulo) o qual viria a ser assassinado.

A República é proclamada em Cinco de Outubro de 1910 (Av. 5 de Outubro, F. S. Jorge de Arroios). O primeiro presidente da República eleito é Manuel de Arriaga (Rua Presidente Arriaga, F. Prazeres).

Esta República teria vida curta, embora agitada. No dia 28 de Maio de 1926 é instaurado um regime autoritário (Av. 28 de Maio) que seria, mais tarde, protagonizado na pessoa de Oliveira Salazar (Ponte Salazar), e que se mantém como último império colonial (Praça das Colónias, F. Anjos). Viveram-se 48 anos de uma das ditaduras mais prolongadas da Europa. No dia 25 de Abril de 1974 dá-se um golpe militar e é reposta a democracia em Portugal (Av. 25 de Abril, F. Carnaxide). Os regimes mudam, e as pontes também. Se actualizam. A antiga Ponte Salazar é dado o nome do movimento de Abril — Ponte 25 de Abril. O país dá independência às colónias. E a Praça das Colónias muda para das Novas Nações, depois de já ter passado por das Províncias Ultramarinas.

Olhando para trás, temos a consciência que somos um povo conquistador. Melhor dizendo, aventureiro. Tão pequenino, o nosso país foi metrópole de grandes territórios. E se hoje temos apenas o tamanho que temos, a toponímia consola-nos com passadas grandezas. Em Lisboa damos a volta ao Mundo. Temos cinquenta e quatro ruas, três avenidas e uma praça que têm como topónimos países, cidades e arquipélagos: A Rua de Angola na Freguesia dos Anjos, a Praça de Espanha na Freguesia de S. Sebastião da Pedreira, a Rua de Belém na Freguesia de Santa Maria de Belém, e muitas, muitas outras.

Ambiciosos? Sempre. E ainda não sabemos o que o futuro nos aguarda. Por enquanto, desde o 25 de Abril, Sá Car-



Fotos de José Tavares

Rua das Flores



Rua da Emenda

neiro, Adelino Amaro da Costa e Humberto Delgado, deram nomes a duas praças e um largo. Qual será o próximo acontecimento motivo de homenagem? Não se esqueça que pode ser aquele em que está tão empenhado, caríssimo leitor. Não seja modesto, olhe que há topônimos de todos os gostos e feitios. Até há a Rua dos Contrabandistas, quem sabe com que subentendidos, na Freguesia dos Prazeres. Enfim, uma profissão como qualquer outra — e várias foram as que deram nome a ruas...

Na cidade de Lisboa existem seis ruas e duas avenidas que indicam antigas profissões: Rua dos Bacalhoeiros, Rua dos Cordoeiros, Rua dos Correeiros, Rua dos Douradores, Rua dos Sapateiros, Rua dos Sapadores, Av. Empregados Armazéns Grandela, Av. Enfermeiras da Grande Guerra, mas há muitas outras em que há menções profissionais num total de cento e vinte e oito entre actores, engenheiros, professores, maestros, etc.

As Forças Armadas dão nome a 65 ruas, com os respectivos postos — desde cabos a generais.

Os títulos da nobreza também são topônimos. Em Lisboa, 32 ruas têm sangue azul: Barões, Condes, Duques, Marqueses e Viscondes, Os ilustres nobres, já falecidos não tiveram oportunidade de foto na Revista «Olá», mas, pelo menos, deram nomes a ruas.

Porque nem só de guerra e títulos vive o homem, homenagens são também feitas aos nossos Santos e Santas que, assim, se vêem nas placas toponímicas 55 vezes. Quarenta e seis vezes elas, nove eles. Desigualdade sexual? Ou menor santidade das mulheres?

Os animais dão nome a algumas ruas de Lisboa, bem como flores e rios. Ruas com nomes próprios, de alguns dos quais se desconhece origem e obra, são 677. Os números do 1 ao 30, são nomes em cento e cinquenta e sete ruas.

Algumas ruas mudam de nome. Qual a reacção das primeiras pessoas que viram a praça do Areeiro mudar para Praça Francisco Sá Carneiro? Espanto, porque os novos nomes custam a habituar no seu uso. Com certeza aconteceu a essas pessoas perguntarem-se sobre a origem da decisão de mudar esse ou outro nome. Quem é que baptiza as ruas?

Imagine, leitor, que existe uma Comissão

de Toponímia na Câmara Municipal de Lisboa. É uma secção responsável pelo estudo dos topônimos existentes e escolha de futuros nomes ou substituição de outros. É a esta comissão que se pode dirigir caso se sinta incomodado com o nome da sua rua

Mas como se dá o processo de selecção? O Presidente da Câmara delega num vereador e este escolhe as pessoas com quem vai trabalhar na escolha dos topônimos. As sugestões partem da Comissão de alguns responsáveis por municípios ou ainda por pessoas que gostariam de ver homenageada determinada individualidade ou acontecimento.

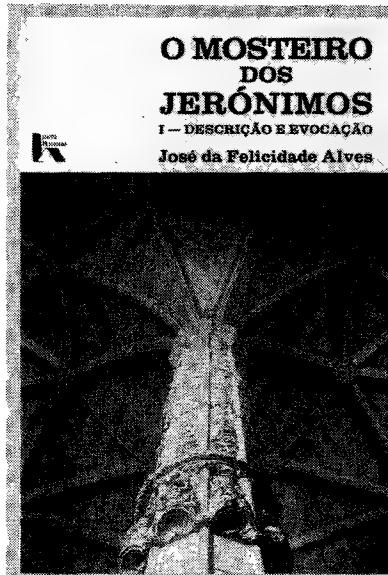
Após a escolha dos topônimos, as placas são feitas pelos serviços da Câmara.

Uma vez com nome, fralda mudada, vida sempre igual para as ruas de Lisboa. Os alfacinhas encarregam-se de justificar ou não os seus nomes. Afinal, talvez a vista da Rua da Bela Vista não seja tão bela, assim, nem a Rua das Maravilhas seja tão maravilhosa, mas o que podemos nós fazer senão chamar as ruas pelos seus nomes?



Rua da Alegria

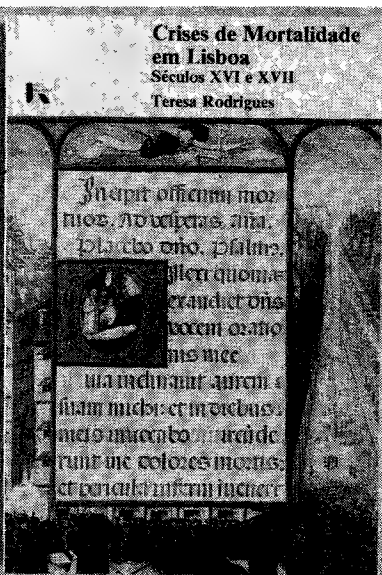
AO RITMO DE UMA NOVIDADE POR MÊS L I S B O A OU A BIBLIOTECA SOBRE A CIDADE



1. LISBOA SETECENTISTA VISTA POR ESTRANGEIROS
P. Santos, T. Rodrigues e M. Nogueira
2. LISBOA EM 1551 — SUMÁRIO
Cristóvão Rodrigues de Oliveira
3. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE LISBOA
Damião de Góis



4. CONQUISTA DE LISBOA AOS MOUROS 1147
Carta de um Cruzado Inglês
5. LISBOA — ARQUITECTURA & PATRIMÓNIO
José Manuel Fernandes, arq.
6. PENSAR LISBOA
J. P. Martins Barata

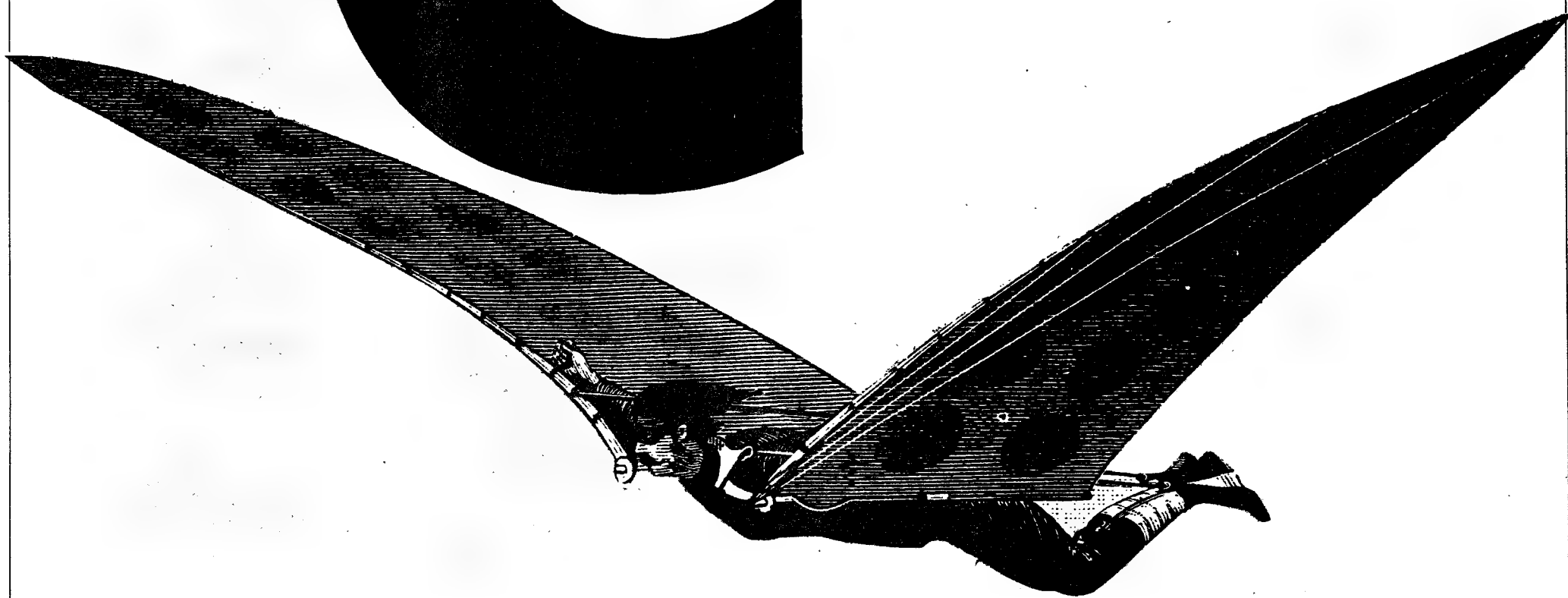


7. O MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS — DESCRIÇÃO E EVOCACÃO — José da Felicidade Alves
8. A ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE LISBOA Durante a 1.ª Dinastia — Marcelo Caetano
9. CRISES DE MORTALIDADE EM LISBOA Séculos XVI e XVII — Teresa Rodrigues

EDIÇÃO LIVROS HORIZONTE
DIFUSÃO DIGLIVRO/MOVLIVRO

O REI VAI NU

Cucucurrrrrruptos Cucucurrrrrruptozinhos Cucucurrrrrruptozões



Metidos em qualquer farpela, de gravata ou lacinho, com mais ou menos adereços e outros sinais exteriores de prosperidade, os **Cucucurrrrrruptos** constituem uma ampla e diversificada família de especímenes, hierarquicamente organizados em CAFRARIAS (de Cafre) e com graus de sofisticação variáveis, segundo as bem determinadas zonas de actuação. Tendo-se desenvolvido e proliferado em diversos «habitats», encontraram neste pôdre Reino, condições de expansão, praticamente insuperáveis. Capazes de enfrentar com rapidez e decisão (conforme o preço) os mais inesperadamente bicudos e contrariantes problemas, que assaltam diariamente o comum dos INCAUTOS (ingênuos, românticos, idealistas, altruistas e criminosos do género), os **Cucucurrrrrruptos**, não deixam os seus créditos por mãos alheias, solucionando prontamente o que houver para solucionar, independentemente do grau de dificuldade, surgindo sempre no momento exacto, no local exacto, qual «anjos da guarda», «enviados especiais», dos mais cinicamente sádicos «Deuses».

Bravos defensores dos mais obscuros interesses, os **Cucucurrrrrruptos**, formam hoje um «valeroso exército», prestando uma inestimável assistência à «patriótica missão para a defesa da merdocracia nacional», garantindo privilégios arduamente conquistados, em longas batalhas com os «agentes do mal».

O que seria dos INCAUTOS, quando obrigados a requerer certidões, certificados, licenças e todos aqueles importantíssimos papéis, cartas e cartões, indispensáveis ao «catálogo da ordem e

disciplina» perpetuador da «estabilidade» do Reino? Que seria do INCAUTO, se ao dirigir-se mansamente para o «Arquivo de Indentificação», não fosse assaltado pelo batalhão de **Cucucurrrrrruptozinhos**, que «ajudam» a preencher impressos, para obtenção de outros impressos, a troco de módicas extorsões «standard», sob o olhar atento de «funcionários» e «vigilantes» e claro está, com a «segurança» que lhe dá a proximidade de «D. JUDITE», na «residência» da esquina. Naturalmente, senhora de porte fino, habituada a propiciar esmerados exemplos sociais (arrependidos, informadores, cabeças de turco, pombo correio, bufos, etc...) e possuidora de indesmentíveis dotes culinários (interrogatórios cozinhados, frangos no churrasco, etc...).

O que seria do manso INCAUTO, se não fosse «prontamente» auxiliado pelos **Cucucurrrrrruptos** de 2.ª, que estrategicamente colocados nas inúmeras «Repartições Públicas», garantem o «surrealismo burrocrático» dos serviços «públicos» e que de geração em geração tem, genialmente, assegurado o abandonmentamento nacional... Nuvens de **Cucucurrrrrruptão**, meticulosamente produzidas pelos enxames de **Cucucurrrrrruptos**, **Cucucurrrrrruptozinhos** e **Cucucurrrrrruptozões**, estendendo-se de Norte a Sul, desafiando bairrismos, chauvinismos e a colecção completa de «ismos», apesar da «insensata» resistência de meia dúzia de INCAUTOS, atingiu inexoravelmente as mais variadas camadas sociais em diversos sectores da vida «pública» e «privada», criando um «sentir» **Cucucurrrrr**

rupcional generalizado-paralelo-à-sublime-alienação-induzida-pelo-«brilhanismo»-do-«nacional-patriotismo». O mais «humilde», atento e obrigado porteiro sempre na mira do «record» das chapeladas e apertos de mão em concha, a empregada de mesa ou balcão de hiper mini-saia e decote revelador no esquema do baixa-levanta, mostra um pouco e um pouco mais (próximo do fato de Caxemira), a secretária para todo o serviço e quaisquer horas extraordinárias, os escribas dos passquins e os «papagaios» às ordens nas rádios e TV de línguas «polidas» de tantas botas lambe, os críticos a favor; os queridos e «ricos» críticos, capazes de fazerem corar de vergonha as mais profissionais «Belles de jour et nuit» da Avenida, etc..., etc..., etc..., etc...

De entre todos estes e os outros todos, após breves «fervidelas», foi saindo a «nata» deste Reino. «Creme» dos «cremes», batido a preceito, obteve-se o «Chantilly» **Cucucurrrrrrupcional**: Diligentes, Directores, Sudirectores Gerais e «Específicos», Secretários, Subsecretários, Ministros e Subministros a barerem os bolos que ninguém vê nem come (a não ser eles), acompanhados de «vistasas» e pirosas saladas de frutas (Laranjas, bananas, Melancias e frutos tropicais) adocicados com «licores raros» Orientais e Ocidentais, sobremesas permanentes em internacionais banquetes. Estes super **Cucucurrrrrruptos**, habitando «barracas» com piscina, ar condicionado e garagem, com mais assoalhadas que ocupantes, deslocando-se em «económicos» veículos de quatro rodas, uns blindados por mor do «Cli-

ma» outros «velozes» pelo «Tempo», alimentando-se em «tascas» de 5 estrelas, representantes «eleitos» de nobre causa **Cucucurrrrrrupcional**, zelam dia e noite (muitos, sobretudo à noite) pela estabilidade e progresso da mesma, sacrificando e «expondo» a sua «virtuosa» vida privada, a troco de irrisórias compensações: uns tostõezitos, pataquitas, dolaritos, territas, quintitas, prediozitos, bairrozitos, automoveizitos, yachtzidos e insignificanciazitas semelhantes, enquanto os malandros dos INCAUTOS (só para dar nas vistas) trabalham à doida, vivem em enormes prédios com montões de gente, ou «palácios» de uma assoalhada, pagando rendas altíssimas (a mania das grandezas) deslocando-se nos confortáveis e eficientes transportes públicos (por vezes, vários em cada deslocação, só para armar). Ao domingo convidam os amigos e a família para um passeio no automóvel comprado no Stand da esquina por cinco vezes o seu valor (o luxo do investimento em antiguidades) e para divulgar entre as gentes do bairro, tal magnanimidade põe o pessoal a empurrar o dito veículo para que se veja como é espectacular um carro a pegar de empurrão.

Tais malandrecos, não merecem os desvelos e sacrifícios dos «eleitos» **Cucucurrrrrruptos** e não fora estes, possuírem um elevado sentido do dever, já teriam certamente abandonado os «ingratos» que não os merecem, à sua sorte. Porém, «noblesse oblige» os «corações de ouro» dos «eleitos» palpitam a um ritmo «aurífico». É que o chamamento, é muito forte e enquanto houver INCAUTOS... olhinhos fechados... o Rei bem pode ir todo nu.

PERCURSOS



Fotografias de
Bárbara Cabral



Quando ando pela rua
Toda a gente olha para mim
Parece que me querem comer
E esta merda nunca mais tem fim
E quando ligo a televisão
Todos falam de problemas nacionais
Nada conseguem resolver
São uns animais, são uns animais

Todos querem subir na vida
Para serem ricos e poderosos
Estão-te sempre a querer roubar
Nem que por isso tenham que matar

E quando conseguem chegar ao topo
Continuam a querer mais e mais
Nunca conseguem ficar contentes
São uns animais, são uns animais

Eles estão sempre a mentir
As pessoas prometem melhorar
Para poderem governar

E conseguem sempre lá ficar
Assim as coisas continuam iguais
Enquanto as pessoas nunca entenderem
Que o mundo está a ser manipulado
Por animais, por animais

Letra dos «Censurados»

D eambu



As Travessas enfi

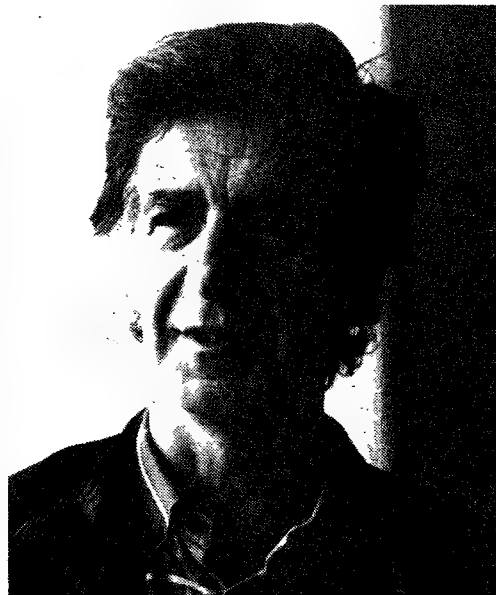
populações



fiadas do Combro

Gil Teixeira Guerra

Jorge Fallorca



Caixa de Pandora

Produção dos últimos
dois anos,
na exposição
que Victor Belém
organizou
para a Galeria
S. Mamede
reafirmam-se
as preocupações
em fazer coexistir
o caos e a geometria
apreendidos com
Almada Negreiros

"Conheci o Almada durante a exposição Jardim 59, que eu e Jorge Marcel, o Carlos Teixeira e mais não sei quem, fizemos em Cascais. Como o Almada tinha uma casa em Bicesse decidimos convidá-lo. Ele foi bastante simpático, e estabeleceu-se uma relação de amizade, sobretudo por causa da filha, Ana Paula. Como sabes ela tinha um problema vocal que lhe criava grandes dificuldades em comunicar com as pessoas, e talvez porque vencemos essa dificuldade, muitas vezes era o próprio Almada que me convidava a visitá-lo. Apanhei uma carga de relação 9/10 que nem dá para imaginar".

"D.L." - Ele terá influenciado essa linha de tensão que ainda hoje manténs na tua pintura?

"Estive sempre muito consciente da maneira como ele defendia determinado tipo de valores. Mais tarde, quando percebi a relação 9/10 (agora já não percebo outra vez), aquela procura do Cânon, compreendi que nos últimos 30 anos, ele não queria pintar porque andava à procura do "número sagrado". Isso fascinava-me muito, e levou-me a tentar na altura, a procurar uma certa humanização da geometria. Para mim, o Almada foi mesmo um Mestre".

"D.L." - Sobretudo durante os anos 70, perseguiste bastante a pintura objectual e a instalação....

"E continuo, só que comigo as coisas passam-se um bocado em planos paralelos. Presentemente, volto a ocupar-me dos objectos. São ciclos. Abandono, ou melhor, tenho necessidade de fazer uma pausa quando a coisa se torna demasiado fácil. Quando não posso equacionar esse problema, volto sempre ao jogo do mistério das caixas".

"D.L." - São caixas de Pandora?

"De certa maneira são, na medida em que é possível acontecer tudo. No fundo o que me fascina é um gajo estar vivo e o que é que isso quer dizer. O quotidiano e o que o ultrapassa, onde é que ele se situa em relação ao espaço dessa caixa".

"D.L." - Fiz um *flash back*, porque esta pintura é menos agitada, do que a série *Arqueologias*, que mostraste há dois anos na Galeria Tempo.

"De há três anos para cá tenho andado a fazer escavações mentais. O que terá acontecido agora, é que desenterei os objectos e decidi confrontá-los com uma paisagem ou uma linearidade. Ao mesmo tempo, esses objectos comportam uma capacidade transformadora. Nesta pintura, há uma componente gestual que tento coisificar posteriormente".

"D.L." - Por exemplo, num dos quadros, o traço gestual aproxima-se de

uma raiz humanizada. Suponho que isso também resulta de um contraste de planos, ao fim e ao cabo, volumetrias.

"No fundo continua a ser um jogo entre o caos e a geometria, onde o caos se coisifica. Determinados valores, que remetem para paisagens, ou o que se quiser, com figuras ou sem elas, antigas cidades..."

"D.L." - Arqueologias, portanto. Nessa linha, há cerca de um ano falaste-me de um projecto que se prendia com a obra e a personalidade de Santa Rita Pintor.

"Isso está pronto, só que eu não posso fazer tudo sozinho. Eu acho que o Santa Rita foi o único futurista assumido, no sentido em que defendia que a sua obra terminava com ele. Qua não haveria posteridade. Ao contrário do Marinetti, que foi um académico, e todos os outros, a decisão de ele pedir ao irmão para queimar as coisas, e ao mesmo tempo a sua consciência de que tinha feito uma obra que prevaleceria, é uma proposta que me parece muito interessante. Ao fim e ao cabo o artista é a obra e a obra é o artista".

"D.L." - Nesse trabalho, a identificação com o Santa Rita Pintor envolve figurinos, etc.

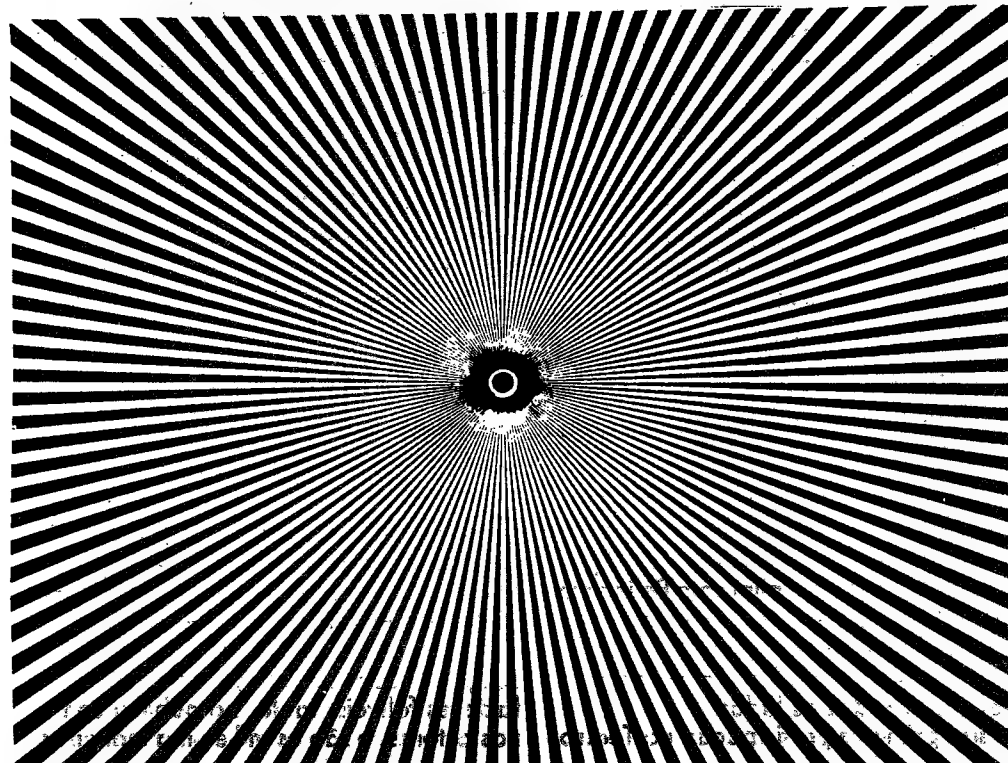
"Houve um dispendio grande, com vista a uma posterior passagem na televisão, uma vez que o cinema está fora de causa. Depois dos trabalhos sobre o Mário Sá Carneiro e o Fernando Pessoa, a este sobre o Santa Rita, seguir-se-ia um outro sobre o Almada. Encerrava-se assim, um ciclo sobre os modernistas. Um nega a obra, outro deixa-a no báu, outro ainda nega-se a si próprio. É uma tentativa de perceber o que eles perseguiram à distância durante meio século, quem eram os seus amigos, o que se dizia deles, etc. É uma recolha das opiniões desapaixonadas de quem conviveu com eles. É, se quizeres, uma espécie de reportagem póstuma".

"D.L." - Imagino que se trata de uma produção cara.

"Por isso é que tive de parar, e estou a tentar encontrar um produtor".

"D.L." - Pelo facto de seres funcionário da SEC, não podes candidatar-te a qualquer subsídio.

"É evidente, e eu compreendo que deva existir uma certa moralidade. Embora haja pessoas que até se aproveitam disso, eu não estou interessado".



RETRATOS NO TEATRO

Luísa Cruz

Tem um ar tímido, e diz-se insegura. Quando se olha para ela, vê-se uma mulher bonita, de traços delicados e ao mesmo tempo comum não sei quê de poderoso e brutal. Ao falar de si dá parte de grande inquietação, de grande procura no seu trabalho de actriz. De demorar muito a sentir-se satisfeita, e mesmo aí continuar a procurar, a procurar sempre. No palco, quem a viu sabe a que ponto se transforma em personagens tão diferentes de si mesmo, o que é afinal aquilo que o teatro pede sempre aos actores, mas que nem todos conseguem. Com alguns anos de carreira, Luísa Cruz é já uma das mais notáveis actrizes portuguesas da geração.

Passou a infância e os primeiros tempos de juventude em Almada, Sendo o seu pai tipógrafo e a mãe, doméstica, nada houve à partida que a sensibilizasse em especial para a música ou para ao teatro, áreas que viria a abordar por atracção e intuição próprias. Lembra-se apenas de gostar, em pequenina, de imitar vozes de animais e de pessoas, e pouco mais. No entanto, havia algumas tradições artísticas na família: um tio-avô que tinha sido compositor e músico na orquestra do Coliseu, um bisavô que fez teatro amador já ninguém se lembra, bem onde, um tio também músico...mas tudo pessoas com quem não teve nenhum contacto directo.

Aos quinze anos, começou a trabalhar no Centro Cultural de Almada, em assuntos ligados à música, e também a estudar música, sobretudo flauta e também um pouco de clarinete, embora neste caso sem grandes consequências. Fez também ginástica o que, embora de orientação contrária ao tipo de trabalho de corpo que se faz em teatro lhe viria a ser extremamente útil mais tarde, dando-lhe uma preparação física de grande maleabilidade. Chegou a pensar tirar um curso de Letras, mas rapidamente mudou de ideias, ligada que começava a estar à música. De facto, as suas actividades dentro do Centro Cultural de Almada levaram-na a conhecer a Brigada Vítor Jara, com a qual viria a trabalhar alguns anos. Inscreveu-se entretanto num curso de expressão corporal dramática que a alemã Eva Winkler deu na Gulbenkian, depois continuado por Águeda Sena, curso que muito a interessou e que embora não tocasse de perto a interpretação foi, a seu ver, aquilo que a despertou verdadeiramente para o teatro.

Depois, continuando a sua actividade com a Brigada Vítor Jara ainda algum tempo, dando espectáculos em vários locais e deslocando-se repetidamente a

Coimbra, onde era a sede do grupo, decidiu inscrever-se no Conservatório de Teatro, embora não totalmente convencida do que estava a fazer. Mas o curso acabou por lhe agradar e no fim do 2.º ano decidiu assumi-lo com mais força, e encarar mesmo a carreira teatral sem mais hesitações. Do ano final do curso, guarda óptimas recordações dos trabalhos que fez. Lembra-se da montagem de «Sonho de uma noite de verão», de Shakespeare, de como ela e os seus colegas esvaziaram um espaço que até então servia para arrumações, uma espécie de túnel meio escuro entre duas salas, e o transformaram na floresta da peça, enchendo-o de quilos e quilos de flores de papel que compraram ao desbarato no Braz e Braz...o espectáculo passava-se nesse espaço e noutra sala com mais luz, para as restantes cenas. Interpretou, em travesti, o papel de chefe dos cómicos, desdobrando-se também numa das fadas da rainha Titânia...foi um trabalho que todos entusiasmou e do qual já outros seus colegas me falaram. Outro trabalho a peça «X+Y=Z», escrita pelo seu colega Fernando Azevedo, punha em cena três loucos de três tipos muito diferentes, fechados numa sala nua, estando o público sentado ao longo de uma parede, como que numa sala de espera. Luísa acha que a peça era extremamente bem escrita e lamenta não ter visto esse seu colega continuar a escrever teatro.

A sua primeira experiência como profissional foi difícil. Foi convidada a participar em Píladés, de Pasolini, no Centro de Arte Moderna, com encenação de Mário Feliciano. Conta-me que a produção desse espectáculo decorreu com muitas dificuldades de funcionamento e que ela e Alexandre Lencastre, ambas estreantes, chegaram quase a vésperas de estreia com uma total insegurança, sofrendo por falta de orientação, não tendo suficientes dados nos quais se apoiar. Foi então muito importante para ela uma noite, a o poucos dias da estreia, em que Manuela de Freitas, que também entrava na peça, se pôs a trabalhar horas a fio com ambas, tornando o seu papel mais sólido. Acha que se lembrará sempre de algumas coisas que Manuela de Freitas lhe disse nessa noite.

Depois, viria a participar em outros trabalhos também em Acarte, como por exemplo «Dom Perlimplim com Beliza em seu jardim», de Lorca, encenado por Nuno Carinhas, espectáculo de boa memória e que transparecia entusiasmo e beleza por todos os lados.

A sua primeira participação no Teatro



da Cornucópia, onde agora se encontra, foi em «Três irmãs» de Tchekov, encenado por Rui Mendes, e o papel (uma das irmãs) que aí interpretou, fê-lo com uma enorme sensibilidade.

Tinha anteriormente participado em «Calderon» de Pasolini, outra encenação de Mário Feliciano. Seguiu-se uma temporada no Teatro da Malaposta, após a qual regressou à Cornucópia em «O Público» de Lorca. Aí, dos dois papéis que intepretava, o de Julieta e o de Arlequim, o segundo foi talvez que tudo o que fez até agora uma das coisas que mais a marcaram. Era um papel cheio de contradições, que muito a angustiou. A uma grande maleabilidade física tinha que se acrescentar por fora uma aparência de doçura a qual tinha por sua vez que mostrar que de dentro vinha uma grande maldade e uma grande traição, mascaradas com essa doçura. Foi um papel que muito a angustiou e que acabou por lhe frazer, mais tarde, muita satisfação. Depois de muitas voltas lhe ter dado, chegou à estreia com a sensação de que estava tudo errado. Surpreendeu-a o público ao gostar da sua interpretação, mas mesmo assim foi preciso muitos dias até conseguir ultrapassar a insegurança. Depois começou a saborear duplamente o resultado de tudo isso, e acha que foi uma das coisas mais difíceis que fez.

Acha-se justamente muito insegura e quando prepara um papel há sempre uma zona de procura em que tem dificuldade em contracenar com os outros actores. A partir daí, depende também deles, mas já não é tão difícil. Fala-me de fenómenos estranhos que o teatro lhe traz. Por outro lado, acontece-lhe ao começar a preparar uma ideia, ela vir a tomar corpo de um modo totalmente diferente da imagem que tinha. Aí, mesmo que o público goste, fica com uma espécie de contrariedade por não entender muito bem como é que uma imagem se transformou noutra. O público é para si muito importante. De certo modo, tem sempre razão. Há sempre uma série de factores falíveis, tanto no público como nos actores, e são as mil e uma maneiras

como se conjugam, de espectáculo para espectáculo, que fazem ou não com que as coisas corram bem. É ter consciência disso, cada vez que um espectáculo começa, que a faz tremer tanto.

No entanto, quem a tem visto representar, sabe a que ponto todos estes medos escapam ao espectador. Actualmente, na peça «Salada», no Teatro da Cornucópia, Luísa Cruz interpreta, em travesti, um maluquíssimo palhaço barbudo e magricelas, todo desengonçado, e que volta e meia, entre dois disparates, toca umas notas num clarinete. É um papel de uma frescura e simplicidade extremas, e no entanto Luísa explica-me que para lá chegar foi preciso introduzir algumas normas rigorosas, tanto para ela como para os seus colegas, porque personagens assim, que à partida não têm uma profundidade dramática definida, correm o risco de se tornar dispersos e inconsistentes sem essas normas rigorosas para cada um. E o resultado é precisamente a aparência de que esse rigor não existe.

Luísa Cruz está já a preparar com a Cornucópia o próximo espectáculo em que participará, um conjunto de textos de Manuel de Figueiredo, com encenação de Luís Miguel Cintra. Vai também fazer um trabalho para a televisão, o que a encheu de curiosidade pois será uma experiência diferente.

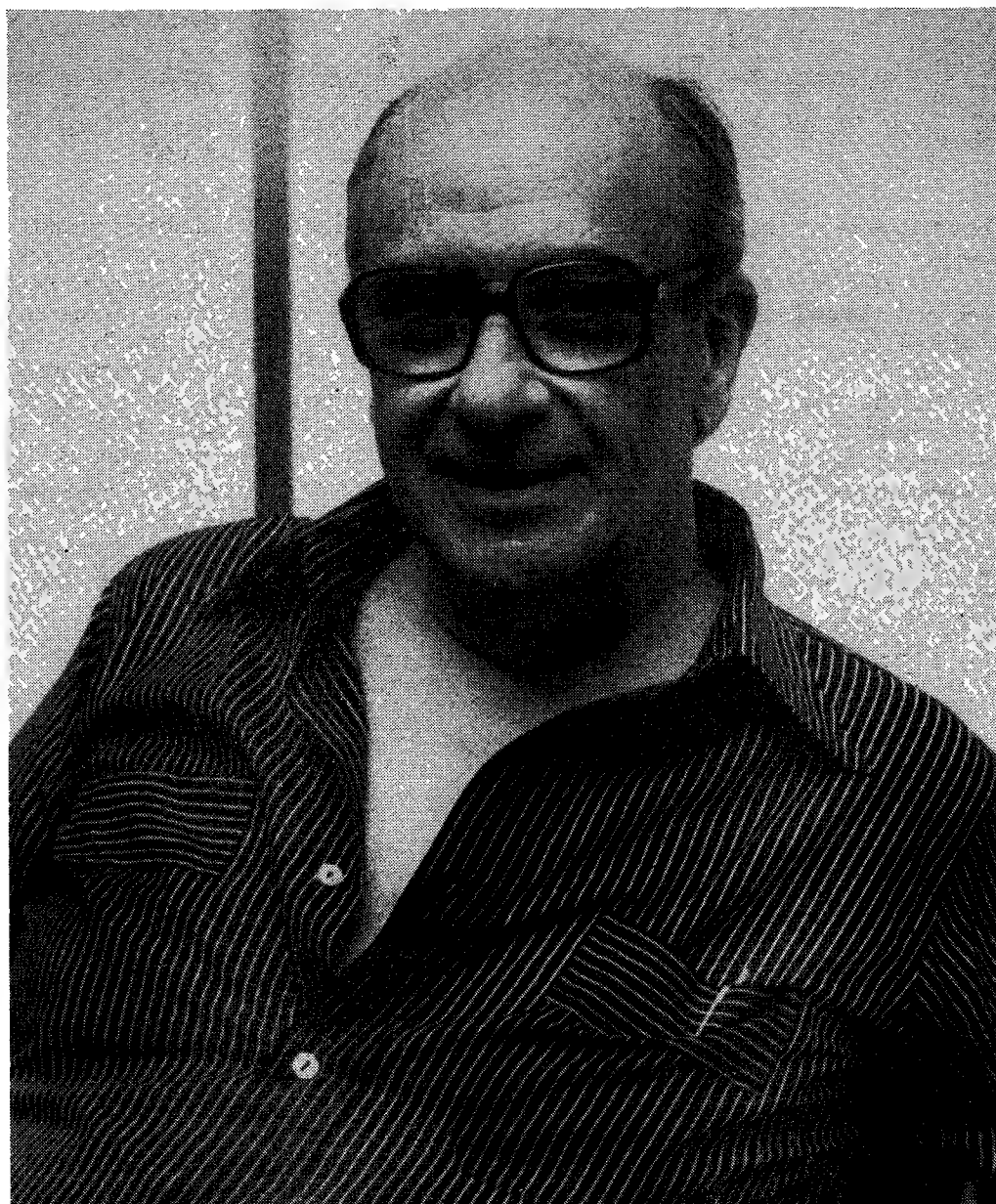
Quando lhe pergunto se gostaria de fazer outras coisas, das que nunca fez, dá-me dois exemplos: gostaria de partir num veleiro, sentir mais a fundo essa sensação de voar que só de leve experimentou, e também de praticar montanhismo. Duas coisas que entram em contradição com a vida agitada do teatro, da cidade. Da qual se resguarda como pode, reservando para si alguns momentos de tranquilidade. Quando toma um banho, ao fim da tarde, por exemplo. Tentando lavar o corpo e o espírito de todas as tensões, para depois, certamente, tornar a concentrar a energia, tornar a vestir a outra pele, a pôr o pé no palco e logo entusiasmar aqueles que a ela assistem sem a poder reconhecer.



CARLOS PORTO

1990
ANO
TCHEKHOV

Costa Ferreira



Já referimos aqui («DL»/Mosca — 9-02-90) a participação do actor, enenador, dramaturgo, professor de teatro, António Costa Ferreira, no que se refere à passagem de Anton Tchekhov pelo teatro português. Essa contribuição coincidiu com o início da carreira de Costa Ferreira, quando da fundação de «Os Companheiros do Pátio das Comédias», iniciativa de António Pedro com Jorge de Faria, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Luiz Francisco Rebello, José Blanc Portugal e José-Augusto França, aos quais se juntaram o próprio Costa Ferreira, Tomaz Ribas, Armando Ventura Ferreira, Fernando Gusmão, Humberto d'Ávila, entre outros.

Para sabermos um pouco mais do que se passou, nada como recorrer às fontes: neste caso ao livro de memórias co-

mo nunca se escreveu outro em Portugal, nesse domínio, uma obra-prima. A pág. 241 do seu livro, Costa Ferreira refere a frieza com que foi recebida a peça de Tchekhov, como anteriormente **O Casamento**, de Gogol.

De acordo com Costa Ferreira, **O Canto do Cisne**, a peça de Tchekhov em questão, foi representada juntamente com outras peças em um acto de autores portugueses, como referimos, no Clube Estefânia (1948), que teve certa importância na história do teatro português, com cenário do escultor Joaquim Correia, iluminação de Júlio Bivar Salgado (fotógrafo amador), interpretação, além de Costa Ferreira, de Simbolino da Cunha. O autor desta versão de **O Canto do Cisne** foi Pedro Seródio, pseudónimo de Avelino Cunhal, escritor,

dramaturgo, crítico de teatro, pintor, como se sabe, pai de Álvaro Cunhal. Aliás, surgiram alguns problemas pelo facto de não ter sido pedida autorização para a utilização desse trabalho, problemas que foram imediatamente sanados pelo dr. Avelino Cunhal que autorizou Costa Ferreira a interpretar a peça sempre que quisesse. Foi precisamente com este texto que Costa Ferreira se apresentou a exame no Conservatório Nacional.

Resta acrescentar, com palavras do autor das Memórias: **No final (da representação de O Canto do Cisne) recebi uma das maiores ovações da minha vida.**

A história das relações de Costa Ferreira com Tchekhov não ficaram por aqui. Longe disso, como veremos.

te» mas às verbas atribuídas ao Teatro de S. Carlos, à Companhia Nacional de Dança e ao Teatro Nacional...»

Quem ainda se recorda da gestão de Vasco Pulido Valente na SEC, lembrará a sua acção em relação à (então) florescente actividade teatral assim como a célebre «teoria da fome» para que, assim, o artista melhor criasse...

Embora com a mesma orientação, a mira de Vasco Pulido Valente vai agora noutra direcção... Na sua, os «famigerados grupos de teatro independente» já devem estar liquidados, e um bom cristão não bate em mortos...

João de Melo Alvim

«Diário de Notícias»*/27-02-1990

Num dos últimos **Flash-Back** da TSF, a propósito do desabamento parcelar da cobertura da Sala do Capítulo do Mosteiro dos Jerónimos, o deputado da maioria, Pacheco Pereira, perguntava a José Magalhães (PCP), onde queria ele que o Governo fosse buscar verbas para implementar (?) uma política de defesa do Património, «aos grupos de teatro independente?»

Vasco Pulido Valente, outro dos intervenientes, fez uma oratória que não resisto a passar ao papel, não integral, porque infelizmente não a registei, mas as linhas gerais do «conteúdo» com algum discurso directo. Pulido Valente dizia: não se deve tirar verbas «aos famigerados grupos de teatro independente»

DOCUMENTOS

Carta de Cândido Ferreira: o Não em volta

A carta de Cândido Ferreira, que transcrevemos na íntegra, é um documento que dispensa comentários. É esta a situação do teatro em Portugal.

«Recebi com surpresa e indignação a notícia de que a S.E.C. não me atribuiu subsídio para a montagem da obra 'Os passos em volta', de Herberto Helder. Nada, a não ser o receio de incompetência e perversidade, me fazia prever esta vil decisão.

Em 1987, após mais de uma dúzia de anos de trabalho em companhia dos apoiados pela S.E.C., foram-me atribuídos 900 contos (que era então a quota mais baixa) para levar à cena a obra de Luiz Pacheco **Comunidade**, que teve imensos elogios da crítica e do público, e a que a própria S.E.C. atribuiu o prémio Garrett, para o melhor actor de 1988, tendo também sido citada para os prémios para o melhor texto de autor português e de melhor produção com texto de autor português. Enfim, um texto consagrado de um autor português vivo foi à cena e resultou muito bem. Resta acrescentar que cumpro substancialmente as minhas obrigações para com a S.E.C., 90 representações em vez de 30, relatórios bem feitos e a tempo e horas, etc.

Passados mais de dois anos, pareceu-me de grande interesse pôr em cena 'Os passos em volta'. Para trabalhar comigo voltei a convidar o João Brites (cenografia), o Luís Pedro Faro (música) e para encenar o Antonino Solmer. Os actores que comigo representarão a peça, não os convidei formalmente, não fosse o diabo tecê-las e eu sentir-me co-responsável das dificuldades de lares alheios, como se me não chegasse já os do meu.

Entretanto, a S.E.C. deu-me uma declaração em que se reconhece o **manifesto interesse cultural do projecto**. Procurei em empresas a sua veia mecénica, mas encontrei-a estrangulada. Fomos trabalhando. A encenação ficou apontada, assim como a parte que me cabe na representação. As maquetas do cenário e da música estão prontas. Exasperei-me por a mudança de secretariado de Estado ter adiado as decisões em mais de um mês. E finalmente a resposta. Ilógica e imoral. É repugnante a ideia de termos sido preteridos em favor de não sei quantos porquinhos vindos do outro lado do oceano.

A todos aqueles que alicieei para comigo concretizarem este projecto, peço desculpas e um pouco mais de tempo. Porque com ou sem a S.E.C., farei os possíveis e os impossíveis para levar à cena 'Os passos em volta'. Não para já, claro. Mais tarde. Talvez só quando certas pessoas já tiveram transitado para outros ministérios.

Resta-nos protestar contra esta política aniquiladora e perversa e não desesperar. Bem vistas as coisas, completamo-nos: nós construímos e a S.E.C. tenta destruir-nos.»

(Cândido Ferreira-23-02-90)

FALAS



Apartes da geral

A beleza das histórias que as histórias tecem. Estávamos a ler nos Bastidores do João de Melo Alvim (agora todas as terças-feiras no «DN») quando deparamos com a notícia do próximo espectáculo de O Bando, com o título «A Terceira Margem do Rio». O articulista do «DN» não acrescentava mais nada sobre o assunto a não ser a promessa de voltar ao assunto.

Ora, andávamos então (2002-90) a ler alguns textos incluídos no estimulante volume especial Europe — Le Théâtre, Ailleurs, Autrement (Out. 89). Do conjunto de textos faz parte um estudo de Eugene Barba, o conhecido homem de teatro e antropólogo, precisamente intitulado «A Terceira Margem do Rio». Veja-se uma passagem desse artigo:

...Aconteceu-me recentemente no Brasil, para mim que gosto muito de histórias, Luís Octávio

Burnier e Paulo Dourado contaram-me A terceira margem do rio. Um velho vivia com a família perto de um rio. Um dia pediu o seu barco, meteu-o à água, remou até ao centro onde a corrente era mais forte e aí ficou a remar. Não voltou a terra. Todos os dias, o filho levava-lhe comida e pedia-lhe para regressar a casa. O pai teimoso continuava a remar. Assim continuou, dia após dia, ano após ano, até à noite da sua morte. Ao amanhecer, o filho subiu a um barco e dirigiu-se para o centro do rio para remar contra a corrente.

Como diz Barba, esta história é da autoria de João Guimarães Rosa. Era preciso descobri-la. Apesar da admiração

que aqui na Geral dedicamos ao grande escritor brasileiro, não tínhamos presente o livro a que a história pertencia. Recorremos por isso a um amigo portuense que conhece mais literatura brasileira do que muitos especialistas. Dois minutos depois, sabíamos que o conto faz parte do volume de João Guimarães Rosa «Primeiras Estórias...». Pouco depois, tínhamos em nosso poder o volume. Portanto, será esta a história que João Brites vai adaptar para o próximo espectáculo de O Bando. Supomos... e neste supor é que está o ganho!

Da história de Guimarães Rosa transcrevemos o último parágrafo para o leitor apreciar o que um escritor de génio pode fazer com a nossa língua:

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não

foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras; e eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

Não se pense que a história fique por aqui. Tal como prometera, João de Melo Alvim volta ao assunto do «DN» de 27-02-90. Mas, culpa própria ou alheia, escreve que **A Terceira Margem do Rio** é de João Magalhães Rosa, actor brasileiro... Não tem importância: é só uma maneira de prolongar a circulação desta história de histórias — **rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.**

TABELA

★ Previsto para 25 de Março o fim da carreira do espectáculo do Teatro da Cornucópia, **Palhaços**.

★ Entretanto, o grupo de Luís Miguel Cintra prepara um novo espectáculo a partir de textos dramáticos de Manuel Figueiredo, um trabalho de Manuel João Gomes. Vamos descobrir, e vai ser uma revelação, um dramaturgo português do século XVIII!

★ Ano shakesperiano para Carlos Avilez. Nada menos do que o **Rei Lear**, no TEC, e **Senhos de uma Noite de Verão**, de nos Encontros ACARTE.

★ Para breve a estreia da peça de Ostravski, inédita em Portugal, **Floresta**. Encenação de José Peixoto com o CDIAG.

★ «Os Papa-Léguas» têm em cena o es-

pectáculo **Hoje Sou Rei... Amanhã Não Sei...** Este grupo vai iniciar na sua Oficina de Artes, situada em Benfca, e durante o mês de Abril, quatro cursos para adultos: Tecelagem, Joalharia Criativa, Danças Populares Internacionais e Azulejaria.

★ Em cena outros espectáculos para crianças: **Feliz Aniversário**, de Fernando Gomes, no Teatro Infantil de Lisboa; **A Tarantela Vermelha**, de Salvatore Cuffaro, pelo CDIAG (Olival Basto).

★ Os Bonecos de Santo Aleixo no Algarve: hoje, sexta-feira, em Lagos; sábado em Vila do Bispo; domingo em Loulé; segunda, em Portimão; terça em Faro.

★ A Câmara Municipal de Santarém recuperou o velho cineteatro Sá da Bandeira, no qual o grupo Veto-Teatro Oficina está a apresentar o espectáculo **O**

Baile, o conhecido guião de Hélder Costa.

★ Adelaide João vai trabalhar com o Bando.

★ Se estão correctas as informações de que dispomos, vamos ter em breve em Portugal duas encenações de **A Ilusão Cómica**, a célebre peça de Corneille. Uma de Mário Barradas com o Centro Dramático de Évora, a outra de Luís Miguel Cintra com o Teatro da Cornucópia. Nada contra a duplicação, pelo contrário. Será fascinante ver duas leituras, necessariamente diferentes, da obra-prima do clássico francês.

★ João Perry e Mário Viegas, dirigidos por João Lourenço: podia ser o sonho de um espectador. Vai ser realidade: trata-se do próximo espectáculo do Novo Grupo com a peça de Bernard-Marie Koltès, **A Solidão dos Campos de Algodão**.

★ O Cineteatro Luísa Todi, de Setúbal, mudou de nome (pena!): chama-se agora Forum Luísa Todi. Adquirido pela câmara municipal, o espaço vai estar ao serviço da cidade. Espectáculo inaugural: a revista **A Coca**, de Carlos César e Fernando Guerreiro, música do maestro José Azóia, com o Teatro Animação de Setúbal.

★ Castro Guedes, fundador e ex-director do TEAR, já iniciou as suas funções de assessor para o Teatro junto da direcção da RTP/Canal 2.

★ Júlia Leitão de Barros autora de **Os Night Clubs de Lisboa dos anos 20**, Publicação de Lúçifer Edições.

★ Ferreira de Brito, da Faculdade de Letras do Porto, enriquece a sua bibliografia dedicada ao teatro com o volume **Nas Origens do Teatro Francês em Portugal**, edição do Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto.

SEMANADA

Baixa no cartaz lisboeta: **Happy End**, de Dorothy Lane/Brecht, encenação de João Lourenço com o Novo Grupo (Teatro Aberto), últimas este fim-de-semana. E em viagem para o Porto onde se apresenta no Auditório Carlos Alberto onde termina a sua breve carreira o espectáculo de Os Comediantes com a peça de Arthur Schnitzler **Dança de Roda**, encenação de João Paulo Costa.

Outro espectáculo em viagem: a revista do Villaret, agora em últimas, **Or Bate, Batm'ansol**, no Teatro Sá da Bandeira, também no Porto, a partir de 7.

Estreia finalmente de uma nova revista, **Vitória, Vitória** e do novo Maria Vitória...

Continuam: **Euzéczé?**, encenação de José Carretas, na Casa da Comédia; **Margarida do Monte**, de Marcelino Mesquita/Hélder Costa com a Barraca (Cinearte); **A Pécora**, de Natália Correia, encenação de João Mota com a Comuna; outro espectáculo da Comuna, aos fins-de-semana, **Festival da Otite**; **O Regresso de Bucha e Estica**, espectáculo de Mário Viegas, no Ritz Club; **A Pregação**, espectáculo de O Bando, na sala 2 da Comuna; **Salada**, criação colectiva da Cornucópia



De Lisboa para o Porto: Happy End, de Dorothy Lane/Brecht/Weill deixa o Teatro Aberto e vai para o Carlos Alberto, no Porto

(Teatro do Bairro Alto); **D. João e a Máscara** de António Patrício, encenação de Mário Feliciano, no Teatro da Politécnica; **What Happened to Madalena Iglésias?**, texto e encenação de Filipe La Féria com a Casa da Comédia (Casino do Estoril).

Em Carnide, **Divinas Palavras**, de

Valle-Inclán, encenação de Bento Martins com o Teatro de Carnide.

Outros espectáculo em cena: **Ail Ca-vaquinhos!**, a revista do ABC; **Meninos à Roda da Mamã**, a comédia do Variedades.

Na segunda-feira, dia 5, às 21.30, a

RTP/2 propõe um espectáculo cinematográfico que interessa à gente de teatro. Trata-se de um filme mudo de Samuel Beckett, com realização de Alan Schneider e interpretação de Buster Keaton, entre outros. Como sempre, como Beckett, uma história da solidão que não é apenas uma história da solidão.



O JAZZ NA MUNDANIDADE

Coisas da «Mood Music»

Os puristas da América dizem que o defeito foi introduzido pelos europeus, consequência nefasta do Pós-Guerra que, se permitiu a exportação do jazz para além das fronteiras «yankees», dando forma a uma indústria e promovendo o género à condição de matéria «pedagogizável», nada pôde contra a sua transformação segundo o espírito peculiar dos habitantes do Velho Continente. Até se podia reconhecer a verdade da consideração, se não tivessem sido os americanos, eles mesmos, quem acabou por instituir a «mood music» que cada vez mais o jazz tende a ser. O que pareceu ser um acidente de percurso surge afinal como uma via: talvez porque o jazz-jazz umbilical só o Novo Mundo agora diz seu.

Senão o que pensar de «Reunion», um longa-duração acabadinho de chegar ao mercado especializado português e primeiro da área já com a data do carimbo fixada em 1990, o exemplo acabado, americaníssimo, do disco de jazz para experiência dos chamados «estados de espírito»? O título veio da cabeça de um honrado professor da Berklee School of Music, instituição de renome no sistema de ensino norte-americano e garante de que o velho jazz dos bordéis de Nova Orleães, o jazz tocado em tempos nas espeluncas do Harlem de Nova Iorque ou nos clubes de frequência esquerdista nos tempos dos «civil rights» e dos Black Panthers seja hoje uma música «nacional». Gary Burton, autor de uma obra-prima («A Genuine Tong Funeral») mas também de muitas edições banalizadas e equivalentes entre si na desimportância dos conteúdos, desde sempre se propôs tal fórmula encantatória, «estética», consumível entre «drinks» e conversação social.

Pois bem, «Reunion» (GRP Records, comercializado pela Dargil), um disco bonito, bem produzido, com belos solos de vibrafone e guitarra, tem como «guest star» neste último instrumento um antigo companheiro de Burton com quem o líder da sessão não se encontrava há treze anos, Pat Metheny. Não se trata só de um reencontro entre um mestre e o seu pupilo: Metheny levou a proporções inéditas aquilo que aprendeu no Gary Burton Quintet, e voltou quando o vibrafonista, revendo-se nele, se achou finalmente o vencedor de uma parada já longa no tempo, constatando as consequências herdadas dos seus actos. As coisas fazem sentido suficiente para perceber que este é um título de vitória: a «mood music» substitui o que havia ainda de jazz ou, para não ir tão longe, o jazz é mais do que nunca uma «mood music».

A receita coube aqui inteirinha: um ou outro «cheiro» latino, que está na moda no outro lado do Atlântico (graças, dizem as más línguas, à perseverança de estrelas mundanas da música como David Byrne e Arto Lindsay) e influenciou Burton no convite a Polo Orti e Vince Mendonza para que compusessem alguns dos temas que ouvimos. Uma cuidada construção tímbrica, mais interessada na coloração exterior do que no concreto das exposições musicais, a criação de ambiências «soft», perfeitamente equilibradas e sem surpresas, para conseguir uma audibilidade razoável em qualquer «vernissage» sem incorrer no risco de protagonizar demasiadas atenções. Mas também múltiplos efeitos harmónicos e impressionistas e uma sólida arquitectura do conjunto, fazendo passar a complexidade necessária a uma música como esta pela maior das simplicidades discursivas e

orquestrais, com o primado do arranjo, redescoberto pelo jazz, a impor lei.

Em suma: se Gary Burton desempenhava manhosamente estas artes, Pat Metheny, um guitarrista iluminado pela alta tecnologia, tem requintes de minúcia. É a diferença determinada por treze anos de intervalo e pela hereditariedade musical (digam o que disserem os pós-modernos, a História aparece continuamente em quaisquer considerações que façamos sobre a música contemporânea). Nunca se foi tão longe, e se calhar por isso é que o vibrafonista confessa ao jornalista Neil Tesser, segundo as notas que constam na contracapa, o seguinte: «Este é o disco mais satisfatório que eu fiz em anos - talvez o mais satisfatório de sempre.» Não se trata, pois, apenas de uma reunião, mas de um retorno a casa: ou o novo jazz americano é mais europeu do que o jazz europeu, se quisermos ser fiéis ao entendimento dominante, ou há que concluir que na América as conversões culturais são mais significativas do que tendemos a pensar.

E no entanto nem Gary Burton nem Pat Metheny chegaram alguma vez a «teorizar» o que fazem. Nem seria de esperar, aliás, porque se exceptuarmos o citado «A Genuine Tong Funeral», do primeiro (juntamente com Carla Bley: há coisas que não acontecem por acaso), ou a colaboração do segundo com Ornette Coleman em «Song X» ou com Steve Reich em «Electric Counterpoint», a fundamentação dos percursos de ambos não possibilita grandes extrapolações, para além da confirmação dos seus excepcionais dotes técnicos. Já o fazem estes outros dois americanos que conseguem ser mais europeus que os ditos: Dave Liebman e Richard Beirach, que com Ron McClure e Billy Higgins

formam o quarteto Quest. Ouça-se o seu último trabalho conhecido em Portugal, «Natural Selection» (de 1988, com selo Pathfinder, importado recentemente pela Nébula), e registre-se a sua subtilidade, a introsversão, o balanço interior que transporta a música que tocam, como seria de esperar um jazz «mainstream» sem concessões mas muito artificio.

«Não podemos falar separadamente de harmonia, melodia e ritmo, o que se produz é uma atmosfera, um clima, uma cor criada pelo conjunto dos detalhes. Gosto muito do termo francês «ambiance», que esclarece bem do que se trata», disse Liebman muito a propósito numa entrevista. O que verdadeiramente conta, desta feita na ideia de Beirach, é «o «feeling», a força, a paixão». Estamos longíssimo da música entendida como um enunciado mais ou menos abstracto, valendo por si própria, pela qualidade das suas soluções ou pelo sucesso das fórmulas usadas. O que importa, realmente, são os resultados, ou seja, e para nos centrarmos objectivamente no tema desta prosa, o estado de espírito intencionado e conseguido.

Mas é óbvio que tal previsibilidade do jazz impressionista enquanto «mood music» por excelência tem de se basear na facultação do reconhecimento imediato, senão da linguagem pelo menos do estilo. O que Gary Burton, Pat Metheny, o saxofonista Dave Liebman ou o pianista Richie Beirach subscrevem é o que esperamos sempre que eles façam, sem se desviarem um centímetro. Não é uma questão de ortodoxia mas, precisamente, «de estilo»: «No outro dia o Ron perguntava-nos como é que sabíamos que ele tinha terminado o seu solo numa certa peça: é impossível dizer, o solo é diferente de cada vez que

o toca, mas há uma lógica interna que se pressente», testemunhou um dos elementos do projecto Quest a uma revista internacional de jazz. O segredo reside na familiaridade dos sons, único recurso para manter uma audição passiva.

«Natural Selection» é um disco mais admissível, se quisermos ser rigorosos, do que «Reunion», mas ouvi-lo nada acrescenta a tudo o que os instrumentistas que nele participam fizeram antes, nem soma pontos às aquisições da História da Música. É verdade que a isso não eram obrigados e que em tempos de pequenez conceptual nem é de cultivar tais veleidades, mas quer-se dizer com este argumento que se trata somente de um produto vulgarizador (e vulgarizado), sem outro interesse que não o do consumo superficial, rápido e leviano de qualquer música de ocasião. Tudo bem, porque o que lhe fica mal é outra coisa, é o pretenciosismo dos seus temas, o enfoque, a produção «arty», estampados tal e qual no cinzento da capa, mascarada de classicismo e alta cultura. Mas pior, muito pior do que isto é «Duets», um ECM de 88 (distribuição Dargill) que coloca frente a frente quem, mais saudavelmente, costuma estar lado a lado: Carla Bley e Steve Swallow, este o mais deslumbrante, por mais cabeçadas que dê, dos baixistas eléctricos.

É a Carla Bley pianista, e não a compositora, que mais encontramos no título, e sabe-se como a senhora não é particularmente versada no manejo das teclas: um factor contra, portanto. Outro: Swallow não se sobrepõe, com o seu génio, às demasiado evidentes limitações da sua parceira, e controlando-se como no caso percebemos o músico dá menos do que sabe. O disco podia ser uma demonstração de dinâmica equilibrada e de virtuosismo, se se tivesse preferido avançar com os dotes únicos de Carla na composição e no arranjo, justificadores noutras obras mais felizes de uma maior sinceridade improvisacional por parte das quatro cordas: como não é por aí que segue o que temos é um trabalho destinado à acomodação dos humores, à propensão da melancolia, à meditação.

Swallow reivindica «a simplicidade plena da sensibilidade», considerando mesmo que os baixistas que não partilhem da vantagem deverão tornar-se saxofonistas ou violinistas. E é assim que devemos tomar em conta uma característica curiosa: a «mood music» é habitualmente uma música de encontros individuais, de contas por saldar, de compromissos históricos e alianças vinícolas. Aconteceu em «Reunion» entre Burton e Metheny (o disco imediatamente anterior, «Times Like These», colocou o vibrafonista diante de outro ex-guitarrista seu, John Scofield, e o princípio era o mesmo), os Quest de «Natural Selection» consistem na sua essência numa velha e rara empatia musical entre Liebman e Beirach, que conheceu altos e baixos, como tudo o resto, mas alimenta-se de si própria. Este «Duets» não foge à regra, antes pronuncia-a: é uma «estória» de amor. Pena foi que se quisesse mostrar o que deveria ter permanecido um assunto íntimo - a fama dos dois apaixonados merecia melhor,

mas não há dúvida que a «mood music» dispensa as excelências, é uma espécie de conformação musical, de licenciabilidade que se sabe à partida perdoada.

Há quem diga que Carla Bley e Steve Swallow são «europeus», uma forma de lhes criticar o vínculo com a etiqueta de Manfred Eicher, a alemã ECM. Um engano: a ECM é apreciadíssima nos States, os críticos americanos já não lhe apontam a «frieza» e o «calculismo» que lhe notaram no passado, e agora é difícil entender no que é que mais influencia quem, nos cruzamentos que atravessam o mundo. Os ingleses First House, que no ano passado lançaram mais um trabalho no mercado, «Cantilena» (também ECM), são disso pleno exemplo. Resultado dos empenhos partilhados (mais uma vez, claro!) de Ken Stub-

bs e Django Bates, coisa que não se pode dizer, impunemente, é que este é um disco de «jazz europeu». É, sem dúvida, um jazz lírico e feito de impressões, talvez um pouco mais cru que o dos Quest, o que baralha um bocado os termos, mas não é a linhagem «garbarekiana» (segundo o som saxofonístico de Jan Garbarek, que se convencionou representar a europeidade do jazz) aquela que é relatada ao longo das faixas.

Os First House, britânicos, jovens, repetem simplesmente um módulo que lhes chega da América. Talvez o «mood jazz» que na terra dos índios foi instituído tivesse absorvido alguma coisa dos jeitos particulares manifestados pelos jazzistas europeus mais dedicados à introspecção e ao ambientalismo, numa atitude meio intelectual e meio «social»,

mas a verdade é que a tradição americana já tinha as munições suficientes com a «cocktail music», a «muzak», os Sinatras e os Gershwins, os Coles e os Armstrongs. E em tempos de sucesso, havia afinal que apresentar o jazz, até o mais sério, como uma música vocacionalmente ligeira, comercializável, fácil, popular, garantindo a sua ambiguidade o toque de elegância, de sofisticação, de snobismo indispensáveis para «parecer bem» numa «party» da classe média.

E o que é, de facto, uma chatice, é descobrirmos que resulta optimamente: é uma sensação excelente esta de ouvir Gary Burton ou First House entre vozes e olhares. Bingo.



A MOSCA



Invernos cálidos exigem roupa leve

PASARELA CIBELES EM MADRID

O ritual da anúncio da moda repetiu-se, com algum empalidecimento do fulgor habitual, no palco da Pasarela Cibeles. Foram revelados os signos, decodificadas as mensagens dos criadores que nela participaram. O vestir é a arte da simulação, da retórica do corpo exposto sobre um espaço simbólico. Através da roupa comunica-se, diz-se aos outros quem somos, afirma-se a personalidade. Mas, como sublinhou Joaquim Leguifia, presidente da Comunidad de Madrid, «a iniciativa representa muito mais do que aparenta», pois, para além do lado cultural que comporta, há ainda a considerar o aspecto económico. Compreende-se, portanto, que o governo espanhol tenha gasto, na montagem daquela operação publicitária, 132 milhões de pesetas. Não se trata de esbanjar dinheiro à toa, corresponde a um investimento devidamente ponderado, cujo resultado se avaliará no futuro.

As propostas para a próximo Inverno assentam na ideia de que não vale a pena usar roupa quente porque os invernos já não são o que eram. Daí que muitos dos autores utilizassem, nas suas colecções, tecidos ligeiros e refrescantes, prescindindo mesmo dos abafos de lã.

Jesus del Pozo, que como sempre emocionou o público, não se afastou do mundo suntuoso das sedas "sauvages", dos brocados e dos veludos, os seus materiais eleitos. Concebeu uma colecção perfeita para mulheres serenas que parecem saídas dos palácios de Veneza ou de uma ópera. Diáfanos e etéreos são portadores de uma beleza espiritual, nem parecem de carne e osso. Estabelecem distância, embora possuam uma sensualidade contida. Afeiçoado à geometria, desta vez fixou-se nos triângulos, sem no entanto se desprender das influências do seu mestre, Cristóbal Balenciaga. Essa homenagem ou citação, como quisermos chamar-lhe, está presente nas longas echarpes, nos volumes desapegados do corpo, nas mangas a três quartos dos casacos e vestidos.

A colecção de Jesus del Pozo, baseada num fabuloso jogo de cores, organiza-se em torno de linhas envolventes. O tecido, que o artista não poupa, cai escoregado a partir da cintura, produzindo

do uma sensação de fluidez e de leveza. Princesas e figuras bizantinas, com mantos bordados a ouro, caminham suavemente. No estrado combinam-se os vermelhos escuros, os corais, os negros pardos, os azuis acinzentados, constituindo um mosaico oriental, semelhante aos que cobrem o pavimento da igreja de Santa Sofia, em Istambul.

Todavia, este homem de supremo bom gosto não gosta da palavra criar porque segundo diz, «só Deus pode criar, eu trabalho com coisas que já estão criadas». Prefere o termo fazer, e quando faz não se sujeita às tendências da moda. Odeia as senhoras excessivamente pintadas, não suporta a provocação gratuita, manifesta-se adepto da estética depurada.

A exaltação do sexy

Nos antípodas desta maneira de en-

carar a moda, encontra-se Manuel Piña que continua a debater-se com a tese do Bem e do Mal. Da mãe e da amante, da fada e da feiticeira. As suas mulheres, perversas e fatais, vêm vestidas para matar. Perdão: seduzir. Evoca as heroínas da banda desenhada, as gladiadoras, as guerreiras, as protagonistas de cenas sado-masoquistas. Insiste no cabedal negro, na rede do macramé sobre o corpo nu, nas botas até ao meio da coxa, nos saltos altíssimos, nas linhas aerodinâmicas. Na exaltação do sexy, na estética acanalhante. Como espectáculo é insuperável mas, no aspecto prático, persegue o impossível. As suas roupas dificilmente serão vestíveis. No final apoteótico do desfile mostrou-nos uma noiva cujos gestos de *stripper* dessacralizaram a imagem da decência que a função exige. Manuel Piña não resiste à tentação de irritar as mentalidades puritanas.



Uma gladiadora de Manuela Piña

O momento mais vibrante da Pasarela Cibeles aconteceu com Francis Montesinos, o mais espanhol dos quinze desenhadores que se submeteram à apreciação da assistência que encheu o Palácio dos Congressos, edifício situado na zona próspera de Madrid, onde se destaca pela altura e o arrojo arquitectónico, a famosa torre Picasso. Com um infalível sentido de humor, o estilista mais delirante de todos, reforçou a tónica que tem vindo a desenvolver nos últimos tempos. As referências mediterrânicas, o gosto do barroco, o mergulho nas tradições, a manipulação do folclore transformado em vanguarda. Vitalista, contagiava-nos com a sua alegria, despertava-nos o apetite de sermos felizes.

Roupa divertida

Montesinos brinca com a moda, retira-lhe qualquer veleidade metafísica. «Está para a moda como a zarzuela está para a ópera», sublinha Lola Gavarrón, autora de um livro sobre a moda. Inventava uma roupa divertida, pícara, popular e incrivelmente louca. Veste os homens e as mulheres de igual, as suas peças tanto se destinam ao feminino como ao masculino. Imaginem-se homens de pernas ao léu, envergando calções de musseline negra e

negligés transparentes debruados a plumas. Recusa as discriminações. Para ele não existem diferenças de idade, de classe, nem de sexo. Só há pessoas, seres humanos destituídos de preconceitos. Gente de uma espanholidade genuína, goyescas e toureiros, a que aderimos de imediato. Dá vontade de saltar para o palco e juntarmo-nos à festa. Entre os temas abordados por Montesinos sobressaem "Las cosas do querer", "El exilio", "El regreso", "Ramillete de estrellas" e "Viva la pluma". Com isto tudo, aproveita para homenagear Picasso, Rosa Chacel, Buñel, Rafael Alberti, Maria Zambrano, Berlanga, Fernando Rey, Miguel Bosé, Lola Flores, Martirio, Camaron, Francisco Rabal e Pedro Almodovar. Um delicioso cocktail onde entram os ingredientes cinema, pintura, literatura e música. O mais espanhol da cultura espanhola. Olá, Montesinos!

No que respeita à qualidade de desenho e a refinamento de estilo, para além de Jesus del Pozo, impressionou-me a colecção de Devoto y Lomba, dois jovens que laboram em conjunto. Com efeito, levaram à Pasarela Cibeles uma série de peças invulgares, dentro dos tons discretos, com um ou outro detalhe muito oportuno. Caso dos enormes botões de madrepérola, da franja de xales funcionando como ornamento. É a aposta numa linha internacional, sem alusões a regionalismos ou a nacionalismos, dirigida aos anos 90. A confirma-



Ainda o mito de Carmen



ção do triunfo já esboçado nas épocas anteriores.

A XII edição da Pasarela Cibeles terminou com a colecção dos sevillanos Victorio & Luchino, também bastante virada para as raízes do folclore. Capas, drapeados, mantilhas. Rendas, veludos, tules, bordados. Mulheres "salerosas" e sofisticadas, a insinuar a sensualidade andaluza. Nesta promoção da moda espanhola intervieram ainda Adolfo Dominguez, cada vez mais banal, Roberto Verino, que apesar da qualidade dos tecidos e da confecção não foi entusiasmante, Nacho Ruiz que se distingue pelo bom corte dos tailleurs e Loewe, o costureiro preferido da *jet-set*.

Vestida para conquistar

Rodrigues da Silva

Água mole em pedra dura... o resto do provérbio toda a gente o sabe, serve o dito para nos alegrarmos hoje um pouco com o que esta semana aconteceu no circuito comercial. Um filme de Rivette, claro, mas também um outro de um país (a Finlândia) salvo erro totalmente desconhecido para nós em termos cinematográficos. Mesmo se o filme finlandês não é grande coisa (já lá iremos), antes ele, pela novidade, do que muita coisa velha e relha que por aí passa. E quanto ao de Rivette, mesmo se chega com dois anos de atraso, não nos esqueçamos que o anterior («O Amor de Rastos») chegou com quatro e dos restantes... vimos um por junto («A Religiosa»).

Claro que a periférica Finlândia só por si não representa todas as periferias cinematográficas que desconhecemos ou conhecemos mal; claro que «O Bando das Quatro» de Rivette nos aparece graças a Paulo Branco e à sua Atalanta Filmes mais ao Forum Picoas, mas das engrenagens e dos pausinhos que nelas se metem também se faz a história do cinema que vemos e não vemos, água mole em pedra dura... vemos hoje mais do que víamos há uns anos, o menu é mais variado, antes assim, alegremo-nos.

☆

Se a história do que vamos vendo é feita assim um pouco a pulso e contra acasos de ventos e marés, a história de «O Bando das Quatro» essa é um tanto diferente. Há cerca de um ano, no «DL», Inês de Medeiros contava como foi (ou foi a parte dela nessa história). Assim: Até certo ponto, a personagem foi criada por mim. Isso faz parte dos métodos de Rivette, quer que os personagens inventem os seus papéis (...). Havia uma ideia inicial e o Rivette pediu-nos a todas para irmos para casa pensar nas nossas personagens, dar-lhes um passado, por que razão estavam em Paris a estudar numa escola cara. Eu então pensei que era melhor ser portuguesa e o mais divertido era ser uma menina de boas famílias nortenhãs, que foge ao casamento (o casamento inventei-o a meias com o Rivette). E para fugir ao escândalo de ter desistido do casamento vou estudar para Paris... estudar Literatura, paga pela família. Mas então minto, deixo a Literatura e o que vou é estudar teatro (...). Como eu sou uma personagem misteriosa, que vive sempre na mentira, o veneno tem isso e tem o outro lado um bocado realista. O Rivette gosta sempre de misturar as coisas..

A citação é longa mas vale a pena, porque diz bem dos métodos do cineasta de «O Bando das Quatro» e já agora da sua obra. Uma obra que, sob a aparência de um certo improviso, surge como que controlada à distância. É controlada com soberana inteligência.

A inteligência, tanto como esse aparente improviso, são aliás duas das linhas de força deste cinema que funciona como se a vida a si própria se revisse no jogo de espelhos de uma qualquer dramatização.

O teatro? Sem dúvida. Mas não se pense que este cinema — que se do teatro se alimenta — é teatro filmado. Nada disso.

A câmara de Rivette é sempre como

Rivette e os outros

se fora, ela própria, uma personagem e a mais móvel, a mais inquieta, apetece dizer a que mais inteligentemente procura atingir esse zénite que é a verdade, a verdade inalcançável porque «representar não é mentir, é procurar a verdade» e este cinema é um jogo em que o palco e a vida se confundem. Se confundem não porque corram paralelos, mas porque os actores (neste caso as actrizes), esses heróis frágeis se vão a si próprios construindo e desconstruindo à medida e à mercê da construção-desconstrução das suas próprias personagens.

Que história conta este filme? Em rigor, nenhuma, mas se quisermos, sob a capa de uma vaga intriga, ele conta das nossas vidas a história. Uma história vista através das transparências de um espelho a que aqui e além se fosse rompendo a folha de estanho, uma história subentendida na alegoria de um jogo, o jogo teatral.

A vida para Rivette é assim a sua encenação tanto como a encenação é a vida, equilíbrio de contrários, alquimia em que o real e a fantasia se misturam e confundem. Não há lógica nenhuma, ou toda a lógica é esta e apenas esta: filmar a vida — mesmo se encenada — é filmar também (fundamentalmente?) esse espaço maravilhoso do humano que para o poeta era um abismo, a alma.

Rivette, o seu cinema, é isto e é também uma fabulosa direcção de actores capaz de apostar até no controlo do

improviso. Mas o cinema de Rivette é também a nossa disponibilidade de fruirmos não a lógica de uma história, mas a lógica de uma câmara sublime, ao serviço do primado da inteligência. E estarmos nós disponíveis para este fruir é mais difícil do que parece, porque este não é um cinema de consumo corrente, este não é um cinema que os disponha ou indisponha, antes nos convida a vê-lo quase como uma abstracção aparentemente figurativa. E para isso falta-nos talvez já a inocência, colonizados como estamos pelo comércio das imagens.

☆

Comércio das imagens... Querem um exemplo? Ele aí vai: «Querida, Eu Encolhi os Miúdos», o caso acabado de uma história que poderia ter interesse e que o comércio das imagens totalmente estragou. Não só ele, também a inabilidade de um realizador que nem capaz se mostra de gerir aquilo que a América já produz com uma perna às costas: os efeitos especiais.

E se o filme poderia ter interesse. Se... Se deixasse correr à rédea solta a ideia principal que tem mais implicações filosóficas do que pode parecer. Até que ponto dominamos a ciência ou a ciência nos domina? O que é o real visto numa outra escala? Qual é o nosso futuro como espécie sujeita a experimentalismos vários? Levantar estas in-

terrogações pode parecer um sacrilégio vendo este filme que em vez de explorar o que sugere, disso apenas se serve para construir uma das comédias mais parvas saídas ultimamente dos estúdios americanos.

Não se sabe porquê o filme (cá como em todo o lado, assim foi expedido pelos States) passa antecedido por uma nova história de Roger Rabbit. Trata-se de uma curta-metragem da Walt Disney Productions que literalmente se sentou à sombra da bananeira. A bananeira, este caso, é «Quem Tramou Roger Rabbit?», mas entre o filme de Zemckis e isto há toda uma diferença. A diferença que vai entre a criatividade e a perguça de baralhar e tornar a dar, em versão reduzida, a ver se pega. Não pega, esqueça-se.

☆

Ser esquecido é o risco que, por mão pesada do realizador, corre «Ariel», o filme finlandês acabado de estreiar em Lisboa. Mas, pesada que seja a mão de quem o fez, seria injusto esquecer «Ariel». É verdade que este filme carece de ritmo, dir-se-ia que, em vez de montagem, há um coser de planos e sequências, a elipse aqui não funciona como um elemento dramático mas como uma sucessão de saltos e hiatos.

De qualquer modo, algo seduz neste filme: o autismo das personagens, mais bem construídas que o filme ele próprio. Personagens que atravessam o filme imbuindo-o de uma solidão de tal modo profunda e assumida que nem se questiona. É assim porque assim houve de ser — dir-se-ia desta gente, proletários atirados para as margens da cidade e da vida, o amor e o crime surgem tão naturalmente como a fuga e a respiração, não há dor, alegria ou arrependimento, poucos filmes como este nos dão a vida tão desprovida de éticas ou morais.

«Ariel» passa antecedido de uma curta-metragem de seis minutos que é um tratado de bem filmar e simultaneamente um saboroso momento de humor absurdo. O filme, realizado em 1986 por Jim Jarmusel, chama-se «Café e Cigarros» e só por si vale a deslocação.

☆

Poderia ficar por aqui a crónica de cinema desta semana. Mas não fica. E não fica para que se possa denunciar uma vergonha: uma coisa chamada «Hanna D.» que passa no Império. «Hard» no que respeita à droga, «soft» no que respeita ao sexo, «Hanna D.» como cinema é ignóbil, esteticamente sem classificação possível. O mal não é isso. Produtos iguais ou piores correm por aí, quanto mais não seja em vídeos vagamente «pornos». O mal é atirar-se com isto para o Império. O comércio deveria ter, apesar de tudo, uma ética, que as salas têm, também elas, uma memória. Aquela que foi a catedral do cinema da Lisboa dos anos 60 devia ser poupada a humilhações assim que não dignificam quem as pratica. É certo que o Império é uma sala supostamente condenada. Mas então executem-na depressa. É que, francamente, antes a morte que tal sorte...

☆

Na crónica da semana passada, para além de outros dislates, saíram coisas como esta: «Cem Mil Voltas de Terror», em vez de «Cem Mil Volts de Terror» e, pior ainda, o filme de Rivette, na crónica e noutro texto de «A Mosca», surgiu intitulado «A Banda das Quatro». As óbvias desculpas por este bando de gralhas.



Bülle Ogier em «O Bando das Quatro», de Jacques Rivette



Truffaut dirigindo Fanny Ardant: «Finalmente Domingo» (1983), quinta-feira à noite, na Cinemateca

MARÇO NA CINEMATECA

Um mês de se lhe tirar o chapéu

Março na Cinemateca vai ser um mês em cheio. Se começou bem (ontem, com o fim do ciclo Rivette) acaba, por assim dizer melhor, com um sábado, dia 31, de se lhe perder o fôlego: Fassbinder, Tarkovski e John Huston. Mas que dizer do que por todo o mês vai passar pela sala da Barata Salgueiro? Apenas isto: do bom e do melhor sob ciclos e homenagens diversas.

Sem entrar em pormenores (que semana a semana se irão revelando), diga-se, desde já, que em homenagem a

Ava Gardner passarão «A Condessa Descalça» e «Pandora», de Pasolini veremos «Saló ou Os 120 Dias de Sodoma», haverá um Buster Keaton de 1929, «A Condessa de Hong-Kong», o derradeiro Chaplin: «O Emissário de Richelieu» de Victor Sjöström, «The Saga of Anathan», de Josef von Sternberg; «Lola Montés», de Max Ophüls, «Il Messia» e «A Tomada do Poder por Luís XIV», de Rossellini; o derradeiro filme de Ray, «We Can't Go Home Again»; «Tabu» de Murnau, «Louisiana Story», de Flaherty, «Gertru-

A VER

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesses, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «O Bando das Quatro», Jacques Rivette (1988)
- «Um Mundo à Parte», Chris Menges (1988)
- «O Processo do Rei», João Mário Grilo (1988)
- «Que Fiz eu para Merecer Isto?», Pedro Almodóvar (1984)
- «Corrupção na Cidade», Karel Reiz (1990)
- «Valmont», Milos Forman (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Entre Primos», Joel Schumacher (1989)
- «Verdicto Final», Joseph Ruben (1988)
- «Regresso ao Futuro. Parte II», Robert Zemeckins (1989)
- «Lar, Doce Lar... às Vezes», Ron Howard (1989)
- «Corações de Aço», Brian de Palma (1989)
- «Os Reis da Noite», Eddie Murphy (1989)
- «Assassinato sob Custódia», Euzhan Palcy (1989)
- «Ariel», Aki Kaurismäki (1988)
- «Querida Eu Encolhi os Miúdos», Joe Johnston (1989)
- «Cem Mil Volts de Terror», Wes Craven (1989)
- «Chuva Negra», Ridley Scott (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos II», Jamie Uys (1989)
- «Hanna D.», Axel Berger (1987)

R. da S.

des», de Dreyer, «O Poema do Mar», de Dovjenco, filmes sobre Welles e Renoir filmando, «História do Vento», com que Joris Ivens se despediu do cinema; o último filme de Jacques Becker («Le Trou») realizado em 1960 e nunca exibido em Portugal, mais obras de Ozu, Griffith, Buñuel, Hawks, Minnelli, etc., etc., etc.

Todo este menu não inclui os sete próximos dias que hoje começam com filmes de Tourneur e Fritz Lang. Do programa de amanhã, destaquem-se o filme de Mizoguchi e o de Giuseppe de Santis, este o célebre «Arroz Amargo» com que praticamente Silvana Mangano se estreou no cinema.

Na segunda-feira Silvana Mangano aparecerá já muito diferente, passaram-se 25 anos, é «Violência e Paixão» de Visconti.

No mesmo dia, haverá o último filme de Hitchcock, seguindo-se na terça um filme de Fritz Lang de 1952 com Barbara Stanwyck e no qual Marilyn surge num pequeno papel.

Na quarta, passará a obra-prima absoluta de Renoir «A Regra do Jogo» e no dia seguinte a França continuará a hegemonizar o programa com filmes de Jean Vigo, de Truffaut (deste o último que faria, «Finalmente Domingo», com Fanny Ardant em todo o seu esplendor).

A semana não se esgota na Cinemateca, chamando-se para tal a atenção do ciclo sobre a Revolução Francesa, em curso no Teatro da Malaposta. Esta semana passam duas versões de «Danton», uma ainda muda (de 1921), com Emil Jannings, que se espera seja melhor que a de Wajda realizada em 1982 e que também se exhibe.

O ABC prossegue o seu ciclo de inéditos franceses dos anos 80, haverá mais cinema francês no Instituto Franco-Português, mas a terminar realce-se o filme de Ivory que passa no dia 6 no Instituto Britânico.

Hoje, dia 2

ABC Cine Clube (às 18 e 30, na Sociedade Portuguesa de Autores): «La Triche», de Yannick Bellon. Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21.30): «Out of The Past», de Jacques Tourneur; e «O Diabólico dr. Mabuse», de Fritz Lang. Teatro da Malaposta (Olival Basto, às 21 e 30): «Danton», de Dimitri Buchowetzki.

Amanhã, dia 3

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «A Rua da Vergonha», de Kenji Mizoguchi; «Sete Mulheres», de John Ford; e «Arroz Amargo», de Giuseppe de Santis. Teatro da Malaposta (Olival Basto, às 21 e 30): «Danton», de Andrzej Wajda.

Depois de amanhã, dia 4

Teatro da Malaposta (Olival Basto, às 17): o mesmo programa do dia 3.

Segunda, dia 5

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Violência e Paixão», de Luchino Visconti; e «Intriga em Família», de Alfred Hitchcock.

Terça, dia 6

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Clash by Night», de Fritz Lang; e «No Man of Her Own», de Mitchell Leisen. Instituto Britânico (às 18): «The Europeans», de James Ivory.

Quarta, dia 7

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Cluny Brown», de Ernst Lubitsch; e «A Regra do Jogo», de Jean Renoir. Instituto Franco-Português (às 21): «Trop Tard Balthazar», de Philippe Lopes Curval.

Quinta, dia 8

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «L'Atalante», de Jean Vigo; e «Vivement Dimanche!», de François Truffaut.

R. da S.



Jean Renoir, intérprete do seu próprio filme: «A Regra do Jogo» (1939), quarta-feira à noite, na Cinemateca

Video rama

A M O S C A

Maria João Martins

Batalha pelo Planeta dos Macacos

Exibido na RTP, «Batalha pelo Planeta dos Macacos» é a história pouco convincente de um mundo dividido por homens e símios civilizados. Entre ambas as espécies persistem velhos ódios que remontam ao tempo em que os segundos eram escravizados pelos primeiros. A guerra nuclear tudo alterará, porém, mas nem por isso se encontrará a almejada tranquilidade. Nem mesmo entre macacos...

«Battle for The Planet of the Apes». Realização: J. Lee Thompson. (E.U.A - 1978). Intérpretes: Roddy Mc Dowall, Claude Akins, Natalie Trundy, Severn Darden. Cor. 96 minutos. Acção. Música de Leonard Rosenman. Para maiores de 12 anos.

Água na boca

Desde os tempos áureos de Hollywood até hoje, os imigrantes italianos nos Estados Unidos foram protagonistas de comédias de diversificada qualidade. Acontece, no entanto, que «Água na Boca», realizado por Anne Bancroft e supervisionado pelo marido desta (Mel Brooks), não está à altura de «O Feitiço da Lua», por exemplo.

Se este caricaturizava os latinos a partir do seu proverbial romantismo, «Água na Boca» fá-lo com base num aspecto muito mais brutal: a gula.

O protagonista é um homem que desde criança, encontra na comida toda a sua satisfação. Até ao dia em que o seu melhor conviva é mortalmente vitimado por uma alimentação desregrada, levando-o a reconsiderar a vida levada até então. Recheado de hamburgers, «dog-nuts» e outras americanices que tais...

«Fatso». Realização: Anne Bancroft. (E.U.A - 1980). Intérpretes: Dom DeLuise, Anne Bancroft, Ron Carey, Candice Azzara. Cor. 90 minutos. Comédia. Música de Joe Renzetti. Para maiores de 12 anos. Edição Publivideo / CBS Fox.



Uma Mulher de Sucesso

Um ano após a última sessão de Óscares, estão a ser editados em vídeo os filmes-vedeta dessa noite. No caso, estamos perante a comédia de Mike Nichols galardoada com o Óscar da melhor canção. No entanto, nem só de música vive o filme pois o elenco é de satisfazer o mais exigente. Harrison Ford, Sigourney Weaver e Melanie

Griffith estão aqui reunidos para constituir um explosivo triângulo amoroso mesmo no coração de Nova Iorque.

Working Girl. Realização: Mike Nichols. (E.U.A - 1988). Intérpretes: Harrison Ford, Sigourney Weaver, Melanie Griffith. Cor. 109 minutos. Comédia. Música de Carly Simon. Para maiores de 12 anos. Edição CBS Fox/Publivideo.

CLUBES DE VIDEO

ALUGUERES DESDE
100.00



AGORA TAMBÉM
EM
VENDA DIRECTA

- Loja 1 — R. Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
- Loja 2 — R. Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
- Loja 3 — C. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
- Loja 4 — Av. de Madrid, 14-B (ao Areeiro) • Tel.: 848 89 37 • LISBOA
- Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • Tel.: 758 18 51 • LISBOA
- Loja 6 — R. Nova (Pederneira) • Tel.: (062) 537 18 • NAZARÉ
- Loja 7 — R. Adolfo Coelho, 12 (Alto de S. João) • Tel.: 82 12 42 • LISBOA

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.ªS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

FILMES DA SEMANA

Cyborg
Batismo de Fogo
Caça ao Fantasma
Uma Mulher de Sucesso
Escorpião Vermelho
Academia de Polícia
Vietname em Fúria

Triângulos dinamitados

Todos os cinéfilos sabem da eterna paixão que o cinema norte-americano nutre pela competição entre personagens. Competição no trabalho, competição no jogo, competição nos amores. O cinema clássico delineava-o, o cinema contemporâneo acentuou-o.

«Uma Mulher de Sucesso» realizado por Mike Nichols em 1988 é a história de um triângulo duplamente dinamitado, onde Tess, a pobre, e Katherine, a rica lutam por um lugar ao sol numa empresa de Wall Street e, «last but not least», pelas atenções dum corretor da bolsa particularmente charmoso.

Como num conto de fadas, a menina pobre vê subitamente concretizadas todas as suas aspirações quando a patroa parte um pé e nela delega todos os seus poderes. E a eterna fábula da Cinderela acontece. Vestidos de luxo, carros ainda mais sofisticados, restaurantes muito «in» onde ela, com um sorriso doce, põe a cabeça de Harrison Ford a andar à volta quando declara: «Tenho cabeça para os negócios e corpo para pecar».

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. O palácio do príncipe cedeu lugar a Wall Street, mas as Cinderelas, essas, embora mais ousadas, continuam a dar que sonhar.



NOVO PLANO DE IMAGEM NOVO ESPAÇO DE SOM

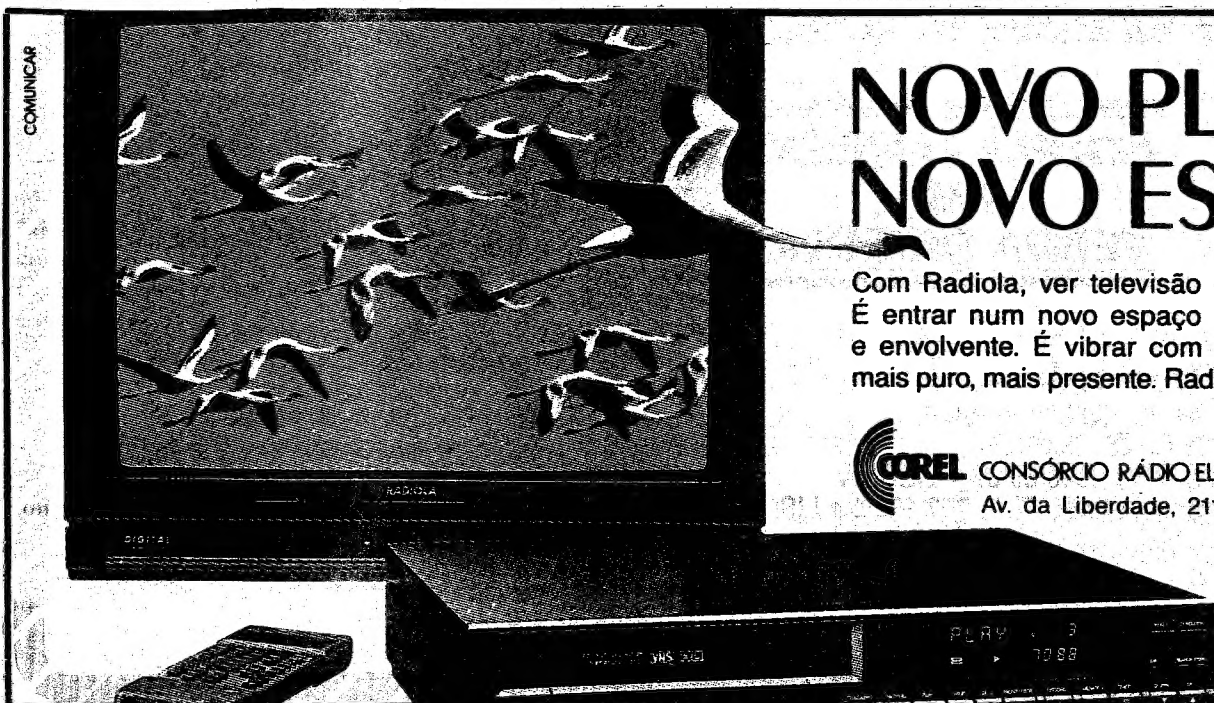
Com Radiola, ver televisão é mais do que olhar para o ecran. É entrar num novo espaço de imagem, mais real e envolvente. É vibrar com um novo plano de som, mais puro, mais presente. Radiola, um espectáculo constante.



COREL CONSÓRCIO RÁDIO ELÉCTRICO LDA
Av. da Liberdade, 211 — 2.º Esq. 1200 LISBOA



RADIOLA
TELEVISÃO · VIDEO



SÁBADO

RTP 1

- 09.00 - Juventude e Família**
«Cadichon», «Histórias da Nossa Terra»; «Teatro Jovem»: os alunos da Escola Preparatória Delfim Santos apresentam a peça «A Velha e o Lobo»; «Denver, o Último Dinossauuro»; «Sonhos de Rock»; «Transformers em Acção»; «Concurso de Cor e Salteado»; e «Olho Vivo»
- 12.00 - Sinfonieta**
- 13.00 - Notícias**
- 13.10 - Oito e Basta**
- 14.00 - Parlamento**
- 14.30 - Crime, Disse Ela!**
- 15.15 - Sessão da Tarde**
«Finais Felizes».
- 17.20 - Vivamúsica**
- 18.05 - Ricardina e Marta**
- 19.15 - Sete Folhas**
- 19.45 - Totoloto**
- 20.00 - Jornal de Sábado**
- 21.15 - O Tempo**
- 21.30 - Contos de Hollywood**
A história de hoje, centrada na luta travada por um escritor de meia-idade que nunca foi bem sucedido para poder voltar a trabalhar num estúdio cinematográfico, faz um paralelo com a própria vida de Fitzgerald e com as dificuldades que ele sentiu como escritor no mundo do cinema e dos estúdios.
- 22.30 - Genesis**
Programa sobre o grupo, onde interpretam canções do álbum «Invisible Touch» como «Turn it on Again», «Mamma», «Everybody Needs Somebody», «Satisfaction» e «Invisible Touch», entre outras.
- 23.30 - Cinema da Meia-Noite**
«Companheiros no Pesadelo».

RTP 2

- 09.00 - Universidade Aberta**
- 10.20 - Compacto «Meu Pé de Laranja Lima»**
- 12.45 - A Ilha das Crianças**
A descoberta de vegetação, frutos, um lago e pequenos animais fascina os jovens da ilha. Considerando-a um verdadeiro paraíso na terra, delcaram-na sua e dividem tarefas para a sua sobrevivência.
- 13.15 - Um Solar Alfacinha**
- 14.10 - Um Longo Caminho Silencioso**
A história da música
- 15.00 - Estádio**
- 19.00 - Music Box Especial**
- 20.00 - O Meu Irmão Tom**
- 21.30 - Estádio/Edição da Noite**
Inclui o jogo de futebol Penafiel/Benfica e o Campeonato da Europa de Atletismo em Pista Coberta.

DOMINGO

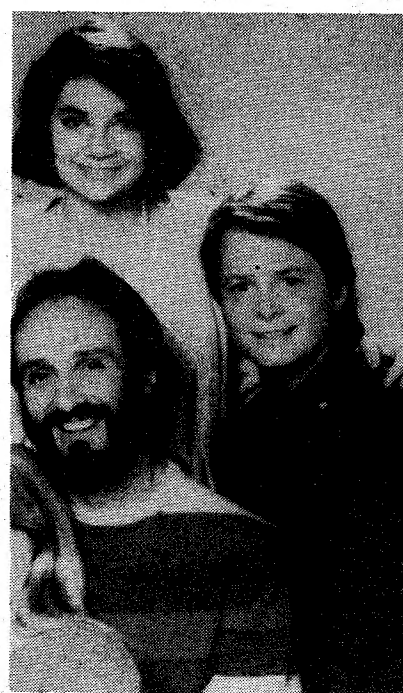
RTP 1

- 09.00 - Juventude e Família**
«O Meu Pequeno Pónei», «Brincar é Coisa Séria», dedicado ao tema 'livros e bibliotecas', e contando com a presença de Luísa Ducla Soares e «Isto é Cinema»
- 10.05 - TV Rural**
- 10.30 - 70 X 7**
- 11.00 - Eucaristia Dominical**
- 12.00 - Juventude e Família**
«Jerry Lewis Show»
- 12.30 - O Mar e a Terra**
- 13.00 - Notícias**
- 13.10 - Grandes Tormentos**
- 13.35 - Espaço 1999**
- 14.20 - O Posto**
- 15.00 - Primeira Matinée**
Esta é uma semana particularmente feliz para os apreciadores de cinema. Um oásis no deserto cinematográfico da RTP, poderia-se dizer. Já esta tarde, o filme «A Condessa Descalça», de Joseph L. Mankiewicz (EUA/Itália-1954), com interpretações de Ava Gardner, Humphrey Bogart, Edmond O'Brien, Marius Goring, Valentina Cortese, Rossano Brazzi, Elizabeth Sellars, Warren Stevens, Franco Interlenghi e Mari Aldon. Duração: 125 minutos.
«A Condessa Descalça», um dos mais míticos filmes de Ava Gardner, foi, na altura da sua estreia, recebido pela crítica americana como um dos mais imbecis filmes do ano. Mesmo na Europa, nomes sonantes recusaram-se a aceitar aquilo que apelidaram de tenebrosa e romanesca história. Só os «meninos rebeldes» dos Chiers o defenderam, com destaque para Truffaut e Chabrol. Hoje, 36 anos depois, o filme continua a suscitar paixões extremadas, mas definitivamente se poderá considerar tão mau como o pintaram, nem tão prodigioso como o imaginaram. SE Mankiewicz o escreveu e dirigiu com momentos de puro deslumbramento cinematográfico, também não deixou, aqui e ali, de cair no lugar comum. Mas Ava pôde nele revelar-se esplendorosa e assombrosa.
- 17.15 - Concurso 1, 2, 3**
- 19.00 - McGyver**
- 20.00 - Jornal de Domingo**
- 20.30 - O Tempo**
- 20.35 - Querido John**
- 21.05 - Vencer em Manhattan**
- 22.05 - Domingo Desportivo**



Ava Gardner, a «Condessa Descalça»

RTP 2



O humor norte-americano de «Quem Sai aos Seus...» continua na RTP2

- 09.00 - Music Box Especial**
- 10.00 - Troféu**
- 13.00 - Caminhos**
- 13.30 - Novos Horizontes**
- 13.55 - Troféu**
- 18.00 - Quem Sai aos Seus...**
- 18.25 - Imagem e Imagens**
- 18.55 - Programa Musical**
- 19.50 - Os Trintões**
- 20.40 - Artes e Letras**
«Toulouse Loutrec» é a estrela do programa de hoje, um dos melhores que a RTP ainda mantém. Uma exposição de litografias deste artista, realizada em 1988 na Academia Real de Londres foi o ponto de partida para a realização de um programa sobre uma das mais pitorescas figuras do mundo da arte do século XIX.
- 21.30 - Cineclube**
«El», de Luis Bunuel (México-1952), com interpretações de Arturo de Córdova, Delia Garcés, Luis Beristain, Aurora Walker, Manoel Donde, Ferando Casanova e Carlos Martinez Baena. Duração: 92 minutos.
Don Francisco, um rico proprietário bem parecido, solteiro e quarentão, conhece Gloria na igreja e fica seduzido. Mas descobre que ela está noiva de um velho amigo seu, Francisco. Gloria casa, mas as coisas correm mal, quando se tem um marido patologicamente doente.
«El» foi pela primeira e possivelmente a única vez exibido em Portugal em 1982, num ciclo da Cinemateca. Hoje considerado como um dos filmes mais importantes de Bunuel, «El» é um dos raros filmes de que o autor confessou gostar e chegou mesmo a considerar como um dos seus favoritos. Mas como é habitual nestas coisas, foi mal recebido a quando da sua estreia. «El» foi mesmo motivo de um complexo estudo sobre a parádia, da autoria do psicanalista Jacques Lacan.

SEGUNDA

RTP 1

- 09.00 - Bom Dia**
- 10.00 - Às Dez**
- 12.05 - Fera Radical**
- 13.00 - Jornal da Tarde**
- 13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)**
- 13.30 - Rota de Howard**
- 14.15 - Vila Faia**
- 15.05 - O Mundo Animal**
- 15.45 - Ponto por Ponto**
- 16.40 - Hospital Central**
- 17.25 - Brinca Brincando**
«Persil», «As Viagens de Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «Os Três Mosqueteiros»
- 18.30 - Rua Sésamo**
- 19.00 - Jogo de Cartas**
- 19.30 - Telejornal**
- 20.00 - Bolsa Dia a Dia**
- 20.05 - O Tempo**
- 20.15 - Vale Tudo**
- 21.10 - Clube dos Subscritores**
- 21.40 - Casino Royal**
- 22.40 - Quase Adultos**
- 23.30 - 24 Horas**
- 00.00 - Remate**

RTP 2

- 14.45 - Telecompra**
- 15.00 - Filhos e Filhas**
- 15.25 - Agora, Escolha!**
Bloco A: «Fama»; bloco B: «O Justiciero»
- 16.55 - Os Cinco**
- 17.20 - História dos Instrumentos Musicais**
- 17.50 - Meu Pé de Laranja Lima**
- 18.25 - O Irmão Mais Velho**
- 19.35 - Estrada 66**
- 20.30 - Elogio da Leitura**
- 21.00 - Jornal das Nove**
- 21.30 - Samuel Beckett**
Trata-se de um filme mudo de Samuel Beckett, que conta com a participação de actores como Buster Keaton, Nell Harrison, James Karen e Susan Reed: A obra é de 1965 e a realização é assinada por Alan Schneider.
A tragédia de um homem só é o tema central do filme, que conta a história de um idoso, com graves problemas de vista, que vive num apartamento muito pobre apenas na companhia de alguns animais domésticos. O isolamento do resto do mundo foi uma opção sua, e a única razão deve-se ao facto de não poder suportar a luz do dia, devido ao problema de visão.
- 21.50 - Teatro Estrangeiro**
Depois de Beckett, segue-se Beckett, desta vez com a peça «O Último Registo», um monólogo escrito em 1960. Irlandês, Samuel foi secretário de James Joyce. Em 1938 radica-se em Paris e a partir de 1947 passa a escrever quase exclusivamente em francês. Na sua obra espelha-se o absurdo de uma condição humana sem valores, sem Deus, abandonada a si própria porque os bons tempos já passaram, quando havia ainda uma possibilidade de felicidade. «O Último Registo» é o retrato acabado desta condição.
- 22.50 - Larry Carlton**



FADOS NO ATALAIA

Jante ou ceie connosco até às 2 horas da manhã ao som do fado com **ESMERALDA AMOEDO** e **AUGUSTO RAMOS** e os artistas convidados **MACIEL** e **BERTA FERNANDA** acompanhados por **LUÍS GONÇALVES** e **QUIM DE OLIVEIRA**.

EXPERIMENTE O NOSSO SERVIÇO ESPECIAL DE ALMOÇOS (DE 2.ª A 6.ª FEIRA)
APRECIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES: BACALHAU À ATALAIA, FONDUE À BOURGUIGNONE, ARROZ DE MARISCO.

ENCERRAMOS AO DOMINGO • RUA DA ATALAIA, 35-37 (AO BAIRRO ALTO) • TELEFONE 32 01 21
1200 LISBOA

TERÇA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto
13.30 - O Mundo Animal
13.55 - Vila Faia
14.55 - Automobilismo
«Rali de Portugal». Para os adeptos deste desporto, esta é uma semana em cheio: todos os dias, várias vezes, há notícias e imagens do acontecimento.
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
Após uma pequena interrupção, a interminável história regressa aos ecrãs da RTP.
17.25 - Brinca Brincando
«Persil»; «As Viagens do Albatroz»; «O Urso Bolke»; «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras de Puchi»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.15 - Primeira Página
22.05 - Crónica do Crime
23.00 - 24 Horas
23.30 - Remate

RTP 2

14.45 - Telecompra
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Alf» e «Diretor de Turma»; bloco B: «Caminho das Estrelas»
16.55 - Os Novos Caça-Fantasmas
Não é o caso da TV pirata de Bragança, mas de outra, que começa a emitir lançando personagens fantasmagóricas nas casas dos telespectadores desprevenidos. Não é um problema para as altas instâncias nacionais, não vai ser discutido na Assembleia da República num ponto de antes da ordem do dia, mas é um grande problema para os caça-fantasmas resolverem.
17.20 - História dos Instrumentos Musicais
A trompa atingiu o seu apogeu com a música barroca. Ludwig Guttler, o seu mais famoso intérprete, apresenta neste programa alguns exemplos de música dessa época e explica a técnica do instrumento.
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - Music Box - «Via Rápida»
18.50 - Especial Desporto
Jogo de futebol entre as equipas Anderlecht e Admica (Austria)
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Automobilismo
Rali de Portugal
21.45 - Cinemagazine
22.10 - Cinemadois
«Histórias n'América», de Chantal Akerman (França/Bélgica-1988), com interpretações de Mark Amittin, Eszter Balint, Stefan Balint, Kirk Baltz, George Bartenieff, Bill Bastiani, Isha Manna Beck, Jacob Becker, Max Brandt e Maurice Brenner. Duração: 95 minutos. São cerca de hora e meia de depoimentos feitos no vazio, de noite, directamente para a câmara em plano fixo recolhidos no East River de Nova Iorque. Homens e mulheres de várias idades que têm em comum o facto de serem judeus emigrados na América e que como se fossem interrogados por uma reportagem televisiva contam a sua «história» pessoal sobre a sua condição de judeus num admirável mundo novo que aos seus olhos nem sempre foi admirável nem novo.

QUARTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
11.05 - Missa do Aniversário da RTP
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - O Mundo Animal
14.10 - Kramer Contra Kramer
De Robert Benton (EUA-1979), com interpretações de Dustin Hoffman, Merly Streep, Jane Alexander, Justy Henry, Howard Duff. Duração: 90 minutos. Depois da passagem nas salas de cinema portuguesas, a possibilidade, agora, de assistir a este drama familiar agora na televisão. A história centra-se, no fundo, sobre quem deve ficar com a tutela do filho. De certa forma, desapercebido passa o drama da mulher, cansada da sua função de esposa e mãe e de uma vida vazia, em contraposição à realização profissional do marido. Joanna e Ted Kramer têm um filho de sete anos, Billy. Ted tem uma boa posição no campo da publicidade, mas Joanna sente que a sua vida não lhe pertence. Decide, então, abandonar o marido e o filho. Confrontado com a nova situação, Ted tem que tomar conta do filho e, ao mesmo tempo, garantir as suas múltiplas obrigações profissionais. Passados 15 meses, Joanna reaparece para conquistar o filho.
15.50 - TV Show
Com Carlos do Carmo
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
Especial Aniversário RTP
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.25 - Amália
23.00 - Lotação Esgotada
«Chorus Line», de Richard Attenborough (EUA-1985), com interpretações de Michael Douglas, Alyson Reed, Terence Mann, Michael Blevins, Yamil Borges, Jan Gan Boyd, Gregg Burge, Cameron English, Tony Fields, Nicole Fosse e Audrey Landers. Duração: 115 minutos. Num teatro da Broadway Zach, um conhecido encenador e coreógrafo, e o seu assistente, Larry, preparam-se para as audições a dançarinos. Só precisam de 16, entre as centenas de candidatos que se acotovelam na rua, mas Zach, antes de escolher os eleitos, quer conhecê-los. Assim, convidados a falarem deles próprios, os dançarinos reagem de maneira muito diferente. Cada um deles é um caso particular, bem como as suas relações com a dança.
01.25 - 24 Horas
01.55 - Remate

RTP 2

13.40 - Automobilismo
Rali de Portugal
14.45 - Telecompra
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «O Fugitivo»; bloco B: «Destino, Aventura»
16.55 - Os Campbells
17.20 - História dos Instrumentos Musicais
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - A Rota Marítima da Seda
19.35 - Estrada 66
20.30 - Lusitânia Expresso
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Automobilismo
Rali de Portugal
21.50 - O Submarino
Estreia
22.20 - Século XX - A Caminho da Guerra
Estreia

QUINTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Ivanhoe, o Vingador do Rei
Finalmente o anjo cansou-se e voltou para casa. Esperemos que a série que o substituiu seja melhor... o que não é difícil.
Trata-se de uma adaptação do célebre romance de Walter Scott, que relata a história de cavaleiros de várias facções, na Inglaterra medieval, se opõem numa luta fratricida pelo poder. Para alguns, como Ivanhoe, o essencial é garantir ao seu bem-amado rei o retorno ao trono que lhe foi usurpado.
15.15 - Com Pés e Cabeça
«Os melhores Momentos», anuncia a RTP. Houve alguns, perguntamos nós?
16.50 - Hospital Central
17.35 - Brinca Brincando
«Persil», «As Viagens do Albatroz», «Kate e Skubaneck», «Vem lá Filme», «Skooly Doo»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.15 - Winston Churchill - os Anos Agitados
«De Setembro de 1937 a Setembro de 1939»: Chamberlain é o novo primeiro-ministro, enquanto a Alemanha invade a Áustria e a Checoslováquia. Churchill viaja por toda a Inglaterra e o primeiro-ministro tenta ainda uma missão de paz, mas Hitler continua a avançar. Winston consegue um Ministério, mas não para ele próprio. Von Ribbentrop encontra-se com Estaline e Chamberlain convoca o Parlamento. Que preço pagará Churchill?
23.40 - 24 Horas
00.10 - Remate
00.30 - Cartas de Humor
Trata-se de uma estreia, mas sobre o programa nada sabemos: a RTP também não deve saber, pois não prestou quaisquer informações.

RTP 2

13.00 - Automobilismo
Rali de Portugal
14.00 - Especial Desporto
Resumo dos jogos de futebol das competições europeias
14.45 - Telecompra
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Fiscais»; bloco B: «Vingadores»
16.55 - Benji, Zax e o Príncipe Extraterrestre
17.20 - História dos Instrumentos Musicais
Durante centenas de anos a guitarra espanhola teve dificuldade em ser reconhecida como um instrumento musical sério, quer por compositores quer pelos próprios músicos. Uma «viagem» até Granada e Sevilha dá uma ideia das possibilidades de expressão deste instrumento.
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - Os Henderson
19.35 - Estrada 66
20.30 - Magazine Musical
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Automobilismo
Rali de Portugal
22.00 - Emoções
22.25 - Sinais do Tempo
23.25 - Quinta Dimensão
23.55 - Especial Desporto
Campeonato Mundial de Patinagem Artística

HOJE

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Gloss
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Televisão - a Caixa que Mudou o Mundo
A importância dos documentários e das séries documentais nos anos 50 e 60, que foram usados para tentar resolver grandes problemas sociais, e o tema do peisódio de hoje. Um dos exemplos apresentados pelo programa foi a transmissão, pela BBC, em 1952, da sua primeira série documental sobre os bairros pobres de Glasgow. A reacção dos telespectadores foi elucidativa: quase não acreditavam que fosse verdade. Desde essa época, este tipo de programa tem vindo a sofrer um declínio. Porquê?
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Um Olhar Sobre o Mundo», «O Fantocheiro Mágico» e «Fifteen».
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Chegar, Apostar e Vencer
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Mobil nos Caminhos de Portugal
21.25 - Gala dos Descobrimentos
23.00 - Chefe, mas Pouco
23.30 - 24 Horas
00.00 - Remate

00.10 - Pela Noite Dentro
«Um Pequeno Crime», de Steve Hilliard Stern (EUA-1983), com interpretações de Jean Simmons, Ed Asner, Matthew Faison e Kent Williams. Duração: 96 minutos. Nos contentores de lixo de uma grande cidade foi encontrado o corpo de Sadie, uma velha vagabunda assassinada brutalmente. Em princípio ninguém se interessaria pelo assassinato de uma mulher que andava ao «trapo». Mas a polícia sabia que ela andava também no negócio da cocaína por conta de uns traficantes e assim o caso ganhou outra dimensão. Um telefilme policial e bem humorado acaba por ser uma curiosa história de humor entre dois seres solitários, um velho polícia endurecido e uma velha socióloga voluntariosa. Um romance nascido entre o lixo e desperdícios de uma grande cidade.

RTP 2

14.45 - Telecompra
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
16.55 - 3, 2, 1 Contacto
17.20 - História dos Instrumentos Musicais
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - Haja Música
19.35 - Estrada 66
20.30 - As Cidades e as Terras
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Dona Beija
23.00 - Acerto de Contas
23.30 - Rotações



Rui Cartaxo

RDP

PROGRAMA 2

HISTÓRIA DA MÚSICA... E OUTRAS. Um programa de António Cartaxo — sábado, às 10.

A 10.^a sinfonia (inacabada) de Gustav Mahler é o tema da emissão.

R.C. FM ESTÉREO

ESPÍRITO SANTO D'ORELHA — Aos domingos, das 19 às 21; apresentação, e realização de António Santos.

Uma equipa de luxo — **Eduarda Ferreira**, autora criativa de textos, **Eduardo Guerra Carneiro** dominando o «meio» musical, e os (competentes) técnicos de som **José Moita de Deus** e **José Videira** — acompanha António Santos em mais um programa de prestígio, novamente patrocinado pela Crisal.

«Construção de paisagens. Recriação de ambientes bons para estar. A escuta...» são objectos ambiciosos. Esta semana, com o «tempo» como temática, a equipa está mais uma vez à prova.

ÁFRICA — Aos sábados, das 19 às 20; apresentação e realização de Teresa Mesquitela e Rui Neves.

Os sul-africanos **Dollar Brand** e **Joe Malinga**, o cantor angolano **Waldemar Bastos** e o último álbum dos **Tubarões**, grupo cabo-verdiano que completa agora 21 anos de vida, em destaque nesta emissão.

RIOS NEGROS — Aos domingos, das 21 às 22; apresentação e realização de Teresa Mesquitela e Rui Neves.

Esta emissão roda em torno dos últimos discos de dois promissores saxofo-

Ninguém ouça o coronel

Foi finalmente anunciada a abertura de concurso público para a atribuição de duas frequências radiofónicas regionais, que cobrem, no seu conjunto, todo o país.

A opção por duas frequências regionais, em vez de uma nacional, parece ser justificada pela forte densidade de coberturas nacionais — seis frequências da RDP e três da Renascença.

Este duopólio do Estado e da Igreja é injustificável e deveria ser alterado. Nove frequências radiofónicas parecem ser suficientes, mas a impossibilidade da iniciativa privada fazer ouvir a sua voz é um autêntico escândalo.

O facto do Governo do Bloco Central, e mais exactamente do socialista Anselmo Rodrigues, que atribuiu por despacho (!) as duas últimas frequências nacionais disponíveis (para além daquela que vai agora, «partida», a concurso) à RDP e à Igreja, podia ter sido corrigido pelos Governos de Cavaco Silva. Mas a política dos interesses...

Para já, este assunto merecerá forte polémica. A TSF e o CMR perfilam-se já no horizonte como os grandes candidatos à frequência que cobre a região Sul e o «combate» deverá ser renhido.

As duas partes estão já a preparar a sua candidatura e os

seus responsáveis já assumiram confiança na vitória.

É uma escolha lamentável a que vai ser feita. A única situação justa seria a atribuição a ambas as entidades de uma frequência nacional.

Mas isso é utópico e há que decidir. E se o mérito absoluto das duas estações é indiscutível, o mérito relativo leva-me a defender a atribuição da frequência à TSF.

Tal como para as frequências locais, justifico a minha opção por razões políticas. A TSF, na situação histórica particular que o país vive, de encruzilhada e desafio económico, tecnológico e social, é mais necessária que o CMR.

Os resultados persistentes da sondagens, que dão sempre à TSF uma audiência superior à do dobro do CMR, e em que a TSF aparece como a líder nos segmentos mais educados e informados da sociedade, não dão lugar a dúvidas.

A sobrançeria de Carlos Barbosa, referindo-se ao director da estação rival como «Coronel Rangel», e o deslante de Rui Pêgo, falando do seu auditório como «... a melhor gente de Lisboa», pecam por imodéstia e só desqualificam os responsáveis do CMR!

RUI CARTAXO

nistas britânicos: **Andy Sheppard** e **Courtney Pine**.

A ILHA DOS ENCANTOS — De 3.^a a sábado, da 1 às 3; apresentação e realização de Amílcar Fidelis.

Os **Invaders of the heart** rodam na rubrica «Os Tesouros da Ilha» na madrugada de 3.^a feira, às 2.15. À mesma hora no dia seguinte o destaque vai para a jovem revelação **Julee Cruise**.

CMR

ESPELHO D'ÁGUA — Aos sábados, das 13 às 15; edição e apresentação de Teresa Fernandes.

A voz cálida de **Teresa Fernandes** apresenta-nos **João Gilberto**, como ponto de partida para a descoberta de inúmeros cantores e cantoras brasileiras e portugueses. O autor da «A garota de

Ipanema» é confessadamente uma das eternas paixões de Teresa Fernandes, prometendo uma emissão cheia de «pequenos encantamentos».

MARIE CLAIRE — Aos sábados, das 11 às 13; apresentação e edição de Margarida Pinto Correia.

Com produção de **Cláudia Lobe** e colaboração de **Fernanda de Oliveira Ribeiro** e **Catarina Portas**, um programa de «follow-up» da revista com o mesmo nome.

A crónica semanal de **Ana Bola**, o consultório sexual a cargo do **Dr. António Gutierrez** e a antecipação do Dia Internacional da Mulher (8 de Março) são os pratos fortes desta 1.^a emissão.

CIRCUITO FECHADO — Aos domingos, das 0 às 2; edição e apresentação de José Mariño.

O disco «Floating into the night» da nova revelação britânica **Julee Cruise**

é «Helter Stupid» dos **Negative Land** são as estrelas deste «Círculo...».

SEGREDOS — Aos sábados, das 20 às 22; edição e apresentação de Margarida Guimarães.

O lendário «bluesman» **B.B. King** tocará acompanhado de **Rui Veloso** este mês em Portugal «Segredos» antecipa o sabor desse(s) concerto(s).

TSF

FLASH-BACK — Aos domingos, das 12 às 13.15; apresentação e realização de Emídio Rangel.

Polémica sã e aberta entre um independente de esquerda polémico e irreverente, **Vasco Pulido Valente**, um representante da direita inteligente (embora membro do clube da esquerda liberal) **Pacheco Pereira** e um provável futuro ex-(brilhante) comunista — **José Magalhães**.

CARTAZ DA MÚSICA

Clássica

Fundação Gulbenkian

Av. de Berna, 45
Dia 2, pelas 18.30h — O violoncelista **Janos Starker** realiza um concerto na qual interpreta peças de Bach, Casadé e Kodály.

Palácio Nacional da Ajuda

A Dia 3, pelas 21.00h — Concerto Nestlé pelo **Trio Da Vinci** composto por **Max Rabinovitsj** (violino), **Donald McCall** (violoncelo) e **Elizabeth Allen** (piano). Participação da meio soprano **Liliane Bizineche**. Obras de Schubert, Schumann, Debussy, e Brahms.

Teatro de S. Carlos

Dia 3, pelas 12.30h — Concerto ins-

trumental pelo **Contemporarte** composto por **António Saiote** (clarinete), **Irene Lima** (violoncelo) e **Olga Prats** (piano). Obras de Beethoven e Zemlinsky.

PORTO

Coliseu

Dia 4, pelas 20.30h — **Baile de Máscaras**, de Verdi, direcção musical de **Jan Latham-Koenig**, encenação de **Paolo Trevisi**, cenografia de **Ferruccio Villagrossi**. Elenco: **Natalia Troitskava**, **Florenza Cossotto**, **Ana Paula Russo**, **José Fardilha**, **Ivo Vinco**, **José de Freitas**, **João Queiróz**, **Taro Ichihara** e **Paolo Gavanelli**. Co-produção com a Régie Cooperativa Sinfónica. Participação do Coro e Orquestra do TNSC.

LIGEIRA

Centro de Arte Moderna

Dias 2 e 3 às 21.30 e dia 4 às 15.00h — Ciclo «Vozes do Mundo» com **Los Leones de la Sierra** (México), com **Guillermo Velazquez**, **Eusébio «Chebo» Mendez**, **Leonardo «Leor» Lara**, **J. Ines Suarez**, **Isabel Flores Solano** e **Benito Lara Rivera**.

Hot Clube de Portugal

Praça da Alegria, 39
Espectáculos às 23.00 e 00.30h.
Dias 2 e 3 — **Doug Jordan Quartet** com **Doug Jordan** (piano), **Edie Goltz** (guitarra), **Dave Gausden** (contrabaixo) e **Mark Hollen** (bateria).

Rock Rendez-Vous

Rua da Beneficência, 175
Dia 4, pelas 17.00h — **Flávio com F de Folhas** (S. Bartolomeu de Messines), **Lobo Meigo** (Carcavelos), e **Clandestinos** (Lisboa).

Teatro de S. Carlos

Largo de S. Carlos
Dia 2, à noite — Gala com a fadista **Amália Rodrigues**.

Bailado

Fundação Gulbenkian

Dias 7 e 8 (21.30 e 18.30, respectivamente) — **O Ballet Gulbenkian** dirigido por **Jorge Salavisa** apresenta as coreografias «Exultate Jubilate», de **Vasco Wellenkamp**, e «Jardim Cerrado», de **Nacho Duato**.